

Um grande amor. Uma tragédia. Um milagre. Um recomeço.
Apaixone-se, perca o fôlego, emocione-se.



A Luz do seu *Olhar*

LARA SMITHE



PERIGOSAS

LARA SMITHE

A Luz
do
Seu Olhar

Primeira edição

Salvador

Brasil

2018

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capa: Joice S. Dias

Revisão: Lucilene Vieira e Ludmila
Fukunaga

Diagramação: Lara Smithe

*Todos os direitos reservados. Proibidos a
reprodução, o armazenamento ou a
transmissão, no todo ou em parte.*

*Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é
entreter as pessoas. Nomes, personagens,
lugares e acontecimentos descritos são
produtos da imaginação da autora. Qualquer
semelhança com nomes, datas e
acontecimentos reais é mera coincidência.*

Título original: A Luz do seu Olhar

Todos os Direitos reservados

Copyright © 2018 by Lara Smithe

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

A LUZ DO SEU OLHAR



NACIONAIS - ACHERON

Índice

[Índice](#)

[PlayList](#)

[Agradecimentos](#)

[Mensagem](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Parte 1](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[17](#)

[18](#)

[Parte 2](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[Epílogo](#)

[Próxima História](#)

[Sensibilidade](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Outros Romances da Autora](#)

NACIONAIS - ACHERON

PlayList

Pela luz dos olhos teus – Tom Jobim e Miúcha

If You Could Read My Mind – Gordon Lightfoot

I'm a Mess – Ed Sheeran

Link direto: https://www.youtube.com/playlist?list=PLC5Jo6XPMRmHmEJJqz7fIP_slSCSoZdJ4

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Agradecimentos

Obrigada Deus! Tu és o meu alicerce, a força do meu amanhecer e o sopro das minhas inspirações.

Obrigada, minhas amigas leitoras por serem pacientes e esperarem o momento certo para a publicação do e-book, A Luz do seu Olhar.

Obrigada família, por entenderem que, às vezes, eu precisei dormir tarde, ausentar-me dos passeios dos finais de semanas para me dedicar a escrever esta maravilhosa história de amor.

Obrigada, minhas betas maravilhosas,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

*por suas análises críticas, vocês me ajudaram
muito com as opiniões e os conselhos.*



NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

Mensagem

Ausência

*Eu deixarei que morra em mim o desejo de
amar os teus olhos, que são doces.*

*Porque nada te poderei dar senão a mágoa
de me veres eternamente exausto.*

*No entanto a tua presença é qualquer coisa
como a luz e a vida, e eu sinto que em meu
gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua
voz.*

*Não te quero ter porque em meu ser tudo
estaria terminado.*

Quero só que surjas em mim como a fé nos

desesperados.

*Para que eu possa levar uma gota de
orvalho nesta terra amaldiçoada que ficou
sobre a minha carne como uma nódoa do
passado.*

*Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face
em outra face.*

*Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu
desabrocharás para a madrugada.*

*Mas tu não saberás que quem te colheu fui
eu, porque eu fui o grande íntimo da noite.*

*Porque eu encostei minha face na face da
noite e ouvi a tua fala amorosa.*

*Porque meus dedos enlaçaram os dedos da
névoa suspensos no espaço.*

*E eu trouxe até mim a misteriosa essência
do teu abandono desordenado.*

*Eu ficarei só como os veleiros nos pontos
silenciosos.*

*Mas eu te possuirei como ninguém, porque
poderei partir.*

*E todas as lamentações do mar, do vento,
do céu, das aves, das estrelas.*

*Serão a tua voz presente, a tua voz ausente,
a tua voz serenizada.*

(Vinicius de Moraes)



Sinopse



Uma doação de amor resume essa história. Preparem-se para viver sentimentos extremos.

Nada parece difícil para Alejandro Ortega: um empresário bem-sucedido que tem o mundo aos seus pés, cujo sucesso não se estende somente à sua vida profissional, mas também à sedução das mulheres mais belas do mundo, que não resistem à sua personalidade marcante, sedutora... e sincera. Ninguém entra na sua vida de olhos vendados, todas têm consciência que ele não está procurando um “*felizes para sempre*”. É apenas sexo; nada

mais.

Mas curiosamente, seu poder de sedução parece falhar quando ele encontra Isabelle Bianucci Disano, uma jovem com estrelas nos olhos e que se recusa firmemente a se deixar ser seduzida pelo atraente empresário, mas ele não medirá esforços para conquistá-la e fazê-la sua.

No entanto, Alejandro não espera que nesse jogo de sedução, o qual almeja sair vencedor, ele seja completamente dominado e vencido pela luz de um olhar que vai guiá-lo finalmente pelo caminho do amor. E nesse caminho ele aprenderá a amar e superar os sofrimentos que a vida vai lhe impor, até encontrar finalmente a felicidade.



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Prólogo



Alejandro

Alguns homens não gostam da vida que têm. Por diversas razões, alguns desejam ardentemente mulheres belas aos seus pés, outros, um bom emprego ou até mesmo serem donos dos seus próprios negócios. Há aqueles que querem ser agraciados com qualidades chamativas. Acham que, sendo assim, muitas portas se abrirão, inclusive as portas das mulheres ricas.

Sou Alejandro Ortega Martinez, tenho tudo
NACIONAIS - ACHERON

isso, e amo a minha vida. As mulheres caem aos meus pés, sou rico, dono do meu próprio negócio, tenho uma empresa no ramo de exportação e importação e sou acionista majoritário de dois grandes jornais e duas revistas. Além de tudo isso – modéstia à parte – sou um homem bonito, em todos os sentidos físicos.

Aos 38 anos, não posso reclamar da vida: consegui tudo o que tenho com os meus próprios esforços, muito embora saiba que para chegar até aqui, precisei de uma ajudazinha – aliás, uma ajuda e tanto – e é só esta parte da minha vida que tento esquecer.

Tento esconder que sou filho de um dos homens mais ricos e temidos da Colômbia, o que é impossível, por conta do meu sobrenome e da semelhança física com ele. Não dá para

passar despercebido.

Jeremiah Ortega. Meu pai.

Até hoje, ninguém conseguiu provar o seu envolvimento com vendas de armas e drogas. Só sabem que ele tem muitos inimigos de cartéis perigosos em toda a América do Sul e alguns países da América do Norte. Provar mesmo, nem o FBI, a CIA e a Polícia Federal do Brasil conseguiram até hoje.

O senhor Ortega nunca escondeu a sua posição, alguns acham que ele até gostava de ser conhecido como o dono da Colômbia. Ele era muito influente em seu país, tudo o que acontecia por lá passava primeiro por ele, para sua eventual aprovação.

Reza a lenda que Ortega foi, na juventude, um grande líder de um dos cartéis mais perigosos da região. Ele não perdoava os seus

concorrentes; se passassem à sua frente, uma hora depois a cabeça do seu opositor surgia em uma estrada qualquer, pendurada em uma estaca.

A vida de Ortega só mudou quando ele se apaixonou por Aline Martinez, minha mãe, filha única de um rico empresário brasileiro. Como sempre, o amor muda a vida de um homem, para o bem ou para o mal. No caso de Ortega, foi para o bem.

Ele passou a agir de acordo com as leis – pelo menos até onde ele queria que soubessem – firmou o seu império e o espalhou por diversos países. Só assim obteve permissão para se casar com a minha mãe.

Quem faz a cama tem que se deitar nela. Seus negócios mudaram, mas sua fama e seus inimigos, não. Com o meu nascimento, ele

resolveu mandar a família para longe dele. O lugar escolhido? Inglaterra. Minha mãe e eu passamos a residir lá. Meu pai nunca escondeu de mim suas origens, ele achava melhor que eu soubesse por ele mesmo quem era Jeremiah Ortega, e foi escolha do próprio Jeremiah me manter longe dos seus negócios. Ele transferiu a maior parte da sua fortuna para mamãe, sendo assim, ela seria sua herdeira, e quando a hora dela chegasse, tudo seria herdado por mim.

E foi assim que aconteceu. Eu já estava na faculdade de Administração, quando mamãe faleceu. Ela gostava muito de cavalos, e em uma tarde ensolarada de novembro, ela sofreu um acidente. O cavalo no qual estava galopando assustou-se com uma cobra, havia muitas na casa de campo. Ela foi jogada ao chão, sendo arremessada violentamente a

NACIONAIS - ACHERON

quase um metro de distância. A queda foi tão violenta que a matou instantaneamente. Ela quebrou o pescoço.

Foi uma fatalidade para todos da família, principalmente para meu pai, que após a morte dela se isolou do mundo. E foi a partir daí que ele mudou o seu ramo de negócio: vendeu grande parte das suas propriedades e comprou algumas fazendas. Hoje, ele vive do agronegócio. Sua única satisfação é passar alguns momentos comigo, quando isso é possível.

Hoje, reconheço o esforço do meu pai de me afastar dos rumores que cercavam a sua vida. Mas isso nem sempre é possível, muitas vezes tenho que dizer, em alto e bom tom que não sou Jeremiah Ortega e os seus negócios são completamente diferentes dos meus.

Contudo, até há pouco tempo, ser filho de Jeremiah Ortega não atrapalhava minha vida amorosa, pois nenhuma mulher com quem saí até hoje se importava com a origem do meu nome...

Até conhecê-la.

A moça de cabelos negros com os olhos de estrela. Teimosa, desaforada e, pior de tudo, ela não estava nem aí para mim. Minha fama de grande empresário não significava nada... Meu dinheiro e minha beleza impactante não lhe diziam nada, e o pior, ela queria distância do meu sobrenome.

Aquela linda moça, de olhos azuis, pequena e enfezada, estava me tirando o sono. Pela primeira vez em minha vida, uma mulher conseguiu despertar minha vontade de conquistar. Coisa que não havia

experimentado antes, aliás... *nunca*.

Mas o que eu não sabia era que essa moça, simples e desinteressada, iria mudar minha vida de uma forma radical.

Por causa dela, conheceria o céu e o inferno em um piscar de olhos. Iria conhecer a dor da perda e o desencanto com a vida. Contudo, em um espaço curto de tempo, tornaria a reencontrar o amor que pensei nunca mais sentir em meu peito e, junto com ele, o medo da perda novamente...



PERIGOSAS

Parte 1



NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

1



Isabelle

NACIONAIS - ACHERON

Março 2014

*H*oje acordei com os dois pés esquerdos, só pode ser. Primeiro derramei o café em minha blusa branca – a única que eu tenho – depois bati a porta do apartamento com a chave por dentro. Detalhe: perdi quase uma hora para chamar um chaveiro, mas, graças a Deus, fui salva.

Agora, essa bendita impressora emperra com o meu relatório sobre a entrevista com a esposa do prefeito.

— Hoje não é um bom dia, não é mesmo?

— Falando sozinha, Isa? Isso é o que dá, demorar muito tempo para “*dar*”... Fica assim, caduca.

Agora o meu dia está completo.

— Caduca é o que você tem entre suas

pernas.

Minha vontade é jogar a impressora bem nas “fuças” da Thereza, mas seria um desperdício de um objeto em bom funcionamento...

Thereza é minha melhor amiga, mas, às vezes, ela ultrapassa o meu limite da paciência.

— Eita! Coitada da minha perseguida, ela está sossegada já faz algum tempo...

— Sossegada até encontrar outra bengala — interrompo — Ou outras, depende da vontade da dona.

Ela me fita com os olhos apertados e me mostra o dedo do meio.

— Prefiro comer muitas bengalas do que morrer virgem! É o que vai acontecer com você, se não der logo essa coisa cheia de teia... Nossa Senhora! Para arrancar esse cabaço, só
NACIONAIS - ACHERON

com uma britadeira, tenho até pena do candidato...

Oh, vontade de jogar esse treco na cara dela. Olho para ela, tentando dominar meu ímpeto de lhe atirar não só a impressora, mas outras coisas que estão à minha vista.

— Não se preocupe, meu cabaço é problema meu.

Ela solta uma gargalhada. Hoje não é um bom dia para ela fazer gracinhas com minha gêmea do mal.

— Respira, Isa, respira... Lembra, chame o seu *eu* interior, *aum*, *aum*.

Ela inspira, fecha os olhos e ergue os braços lentamente para cima, fazendo um barulho insuportável.

— Quer parar, Teca? Hoje não estou para brincadeiras. Diga logo o que você quer!

PERIGOSAS

— Falo sério, respire fundo...

— Teca! — Ralho com ela.

— Ok, ok, depois não diga que eu não avisei... — Ela se senta na mesa e fica me observando — O chefe está chamando, e ele está com aquela cara que só orando por Deus!

— Poxa, Teca! E só agora você me avisa?! — Olho desanimada para a porcaria da impressora e depois para minha amiga da onça — E agora? — Aponto para o amontoado de papel engasgado na bendita — Ele está esperando por isso, o que eu faço?

Ela vem ao meu socorro, dando duas batidas na impressora, e logo a máquina faz um barulho rouco e cospe umas dez folhas de ofício, todas borradas.

— Agora lascou-se tudo... — digo, desanimada.

NACIONAIS - ACHERON

Meu telefone interno toca. Ela atende.

— É o chefe. — Sorri cinicamente para mim.
— É melhor correr.

Largo tudo e vou atender o senhor Pedro.

Bato na porta e entro na sala do editor chefe da revista *Todo Dia*. Trabalho aqui desde que fazia faculdade de publicidade, ou seja, minha vida toda.

Pode não parecer, mas a revista *Todo Dia* é a mais importante da cidade de Lagoas. Nossa cidade é a maior em desenvolvimento econômico da capital – somos importantes – por isso muitos empresários riquíssimos resolveram abrir negócios por aqui.

O senhor Pedro está olhando alguns papéis e, sem olhar para mim, me manda sentar. Demora alguns minutos, até que ele larga os papéis com impaciência e me encara com

aqueles olhos negros.

— Isabelle Disano... Isabelle Disano — Ele frisa o meu nome e fica me encarando. Não gosto daquele olhar. — Isabelle, você tem vestido de festa?

Como é que é?! Meu chefe comeu “caquinha”, só pode. Olho para ele com espanto.

— Vestido de festa? — Repito. — Aqueles vestidos cheios de frescuras? Tenho não. Tenho vestido para ir à balada, mas esse troço aí, tenho não...

— Então precisamos de um — Ele pega o telefone, disca um número e fala com alguém. — Selma, é o Pedro. Estou mandando uma funcionária aí. Serviço completo, ok?

Ele desliga e anota algo em um papel, me entregando em seguida. Leio o papel: “Loja NACIONAIS - ACHERON

Glamour”. Conheço essa boutique, chique demais para mim.

— Para que isso, senhor Pedro?

Ele limpa a garganta, se mexe na cadeira e inclina o corpo um pouco, apoiando os cotovelos na mesa.

— Hoje, o prefeito vai homenagear o grande empresário e nosso patrono, o senhor Alejandro Ortega Martinez. Será uma festa de gala, e eu preciso levar alguém da revista, e como você é a moça mais bonita daqui, foi a escolhida. O motorista vai buscá-la na loja Glamour às vinte horas...

— Pode parar. — Quase engasgando com as palavras, atropelo o discurso dele. Ele engole a última palavra e fica me olhando com olhos espantados. — Quem disse que eu quero ir, ou melhor, quem lhe disse que sou obrigada a ir?

E a sua esposa, não é bonita o suficiente para acompanhá-lo? Não vou à festa...

— Cale-se, mas que porcaria! Você, quando desanda a falar, parece uma metralhadora disparada. — Seu olhar furtivo corre pelo meu rosto — Minha esposa não trabalha aqui, você sim. E se você não quiser ser despedida, trate de levantar sua bunda da cadeira, correr para a Glamour e ficar bem bonita.

— Estou sendo obrigada a fazer algo que não quero, isso é despotismo, posso processar o senhor!

Dou o meu melhor olhar ameaçador.

— Vá em frente, não ligo.

— Senhor Pedro, por favor! Não me obrigue a vestir aqueles vestidos horrorosos, sapatos altos, um monte de “barangandãs” pendurados no meu pescoço e orelhas, e... e o mais terrível

PERIGOSAS

de tudo, maquiagem. Eu imploro, pelo amor de Deus, me libere. Leve a Teca, ela é linda! E adora andar toda enfeitada como uma indiana...

— Nem morto! A Teca vai flertar até com os garçons. Não passo por esse perrengue, nem que me paguem! Será você e pronto.

Caio de joelhos e junto as mãos, implorando.

— Abro mão do meu salário do mês que vem, pode ficar com ele, mas me libere desse mico, por favor, por favor.

— Até mais, Isa. Encontro com você no salão de festas da prefeitura. Outra coisa; o vestido não pode ser preto, qualquer cor, menos preto.

Olho para ele com ar triunfante por ele ter me dado, sem querer, uma ideia de me livrar

NACIONAIS - ACHERON

desse compromisso, e saio correndo porta afora. Só escuto os gritos do meu chefe nervosinho.

A revista é uma grande família, e Pedro é um paizão. Ele não é tão velho, tem uns 46 anos, casado, pai de duas pestes gêmeas, e o homem é muito bonito. Aqueles olhos de jabuticabas são hipnotizantes.

Corro para a minha sala. A Teca ainda está lá, tentando consertar minha impressora jurássica.

— Eu não sei como uma revista tão moderna ainda tem uma impressora tão antiga como essa. Quem é a anta que ainda não trocou essa tranqueira?

— Eu. — Respondo, com um riso debochado.

— Você! — Ela se levanta do chão, limpa a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

bunda e chuta a pobre da impressora — Vá se lascar, Isa. Eu aqui preocupada com você, e você é a única culpada dessa merda ainda existir.

— Esquece isso. Vem comigo que eu preciso de ajuda.

— Espera, mulher. Aonde vamos com tanta pressa?

— Explico no caminho.

Saio puxando a Teca, pego minha bolsa e passamos na sala dela para pegar a sua bolsa também.

Thereza não para de rir quando lhe conto o que aconteceu.

— Eu, em seu lugar, estaria dando pulinhos de alegria.

— Eu sei, bem que tentei convencer o chefe

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

a levar você, mas a sua fama de galinha espantou qualquer possibilidade de ser convidada.

— Galinha?! Não sou galinha, só gosto de namorar, há algum mal nisso?

— Há, sim, quando se namora vários ao mesmo tempo.

— Isso é preconceito ou inveja.

Entramos na loja.

— Boa tarde! Procuro a senhora Selma. —
Dirijo-me à recepcionista.

Ela vai até uma porta, e uma senhora loira volta com ela.

— Você é a funcionária do Pedro? Vem comigo, precisamos começar o mais rápido possível, já são dezessete e quinze, e temos muito o que fazer em você.

NACIONAIS - ACHERON

Thereza começa a rir quando vê minha cara de nojo. Ela sabe que detesto me arrumar para festas chiques que, por sinal, também não gosto.

Entramos em um grande salão cheio de roupas.

— Então, querida, fique à vontade para escolher o que quiser. Quando terminar, é só me chamar.

Ela sai, nos deixando sozinhas.

— Caramba! Isa, você pode escolher o que quiser.

— Sim, foi o que ela disse, então vamos lá.

Vou direto aos vestidos pretos e normais, nada de longos. O senhor Pedro terá uma surpresa.

Escolho um sem nenhum detalhe. Ele é

todo preto, justo, mangas compridas, decote canoa e um pouco acima dos meus joelhos. Saio do biombo e desfilo para Teca.

— E aí, ficou bom?

— Ficou maluca, foi? Isso é vestido para ir à missa, velório, chá de panela, ou algo assim, não para uma festa onde esse homem é o homenageado — ela me mostra o celular com a foto do senhor Ortega. — Esse homem merece você nua, não vestida desse jeito... — ela continua olhando para o celular — Olha essa modelo que está com ele, ela é a número dois do mundo. Que vestido, que corpo, que rosto! Deus do céu, a mulher é linda!

— Pois é, aposto que ela só ficou com ele uma noite.

— Não, passou o final de semana em Barcelona. Aqui, as fotos dos dois juntos. Olha

PERIGOSAS

a cara dela, de mulher bem fodida. Dizem que ele é bom “*pra cacete*” na foda... Ui, deu até calor!

— Ela deve ser boa de cama também, para ele passar dois dias com ela, geralmente ele só passa uma noite com a mesma mulher. Quero esse homem bem longe de mim. Deus me livre! O pau dele é mais usado do que assento de ônibus. Você sabe que eu tenho aversão a homens galinhas, para mim, esse Alejandro Ortega é o pior de todos. Ele só quer usar e descartar.

Thereza solta uma sonora gargalhada.

— Cruzes, Isa, você é muito fresca! Para que existe água e sabão? Lavou, está novo. Se esse homem desse uma rapidinha comigo em um banheiro público, eu me dava por satisfeita. Gostoso da mamãe, vem em mim, tesudo!

NACIONAIS - ACHERON

Quem ri agora sou eu.

— Se acontecesse isso, no outro dia você seria manchete de todos os jornais, revistas e redes sociais. “*A mais nova foda do grande empresário Alejandro Ortega*”. Deus a livre disso.

— Deus me ajude para que isso aconteça, ficou doida? E você acha que vou desperdiçar os meus quinze minutos de fama? Nem morta!

— Você é doida, Teca. Não tem nenhuma decência. Se valorize, mulher! E ande, me ajude aqui. Já que o vestido é simples, preciso de um par de sapatos um pouco mais vistoso.

Teca escolhe um sapato *Manolo Blahnik*, azul turquesa, salto agulha, com a frente toda rebordada em cristais. Eu poderia simplesmente só usar aqueles sapatos, pois ninguém observaria mais nada em mim.

Depois de vestida e calçada, não estou tão miserável assim, o conjunto da obra ficou muito bom. Fico decepcionada, pois a intenção era provocar terror.

— Caramba! Você está é gostosa. Olha essa bunda, essa cintura, essas pernas! Onde você esconde isso tudo, Isa? O que um vestido de grife e um par de sapatos caros não fazem por uma mulher!

— Está tão assim? — Bate a insegurança; o tiro saiu pela culatra. — Vou escolher outro.

— Não. Só estou zoando, está bem simples. Não era essa a sua intenção? Então você conseguiu.

— Tem certeza? — Fico na dúvida.

— Tenho, Isa. Você não vai chamar atenção. Ficou bonito, mas eu tenho certeza que, nessa tal festa, haverá mulheres chiquérrimas.

PERIGOSAS

— Também acho, afinal a festa é de gala, e esse vestido nunca será um. Pode chamar a Selma.

— Ficou doida, Isa?! Você não sabe a diferença entre um vestido de gala e um de festa? Você vai passar vergonha!

— Essa é a intenção. Ande, vá chamar a mulher.

Selma me olha, decepcionada. Mas vou logo dizendo que é este vestido e pronto. Ela até tenta me convencer do contrário, mas sem sucesso. Por fim, aceita e começa a me maquiar. Reluto nessa parte, mas deixo. Roubo alguns lenços demaquilantes, no carro eu vou tirar esta máscara da minha cara.

Escolho um brinco bem pequeno, um colar ponto de luz, um anel e uma pulseira com pedras de safiras.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Quando já estou na porta do carro, Selma vem com uma echarpe toda salpicada de cristais.

— Use isto, os cristais parecem estrelas, eles vão competir com os seus olhos.

Despeço-me de Thereza e lá vou, para o grande circo.



Isabelle

A Festa

*E*ntro no grande carro do senhor Pedro, o bicho é alto, quer dizer, não sei dizer ao certo se o carro é alto ou se sou pequena demais. Preciso da ajuda do motorista para poder chegar ao banco de trás.

Lagoas é bem bonita à noite, as luzes dos prédios e das praças dão um ar sofisticado à cidade. Aquele cheiro de mato verde, molhado pelo orvalho, e o ar fresco que vem da grande lagoa, que cerca a cidade, nos enche de alegria. É um lugar gostoso de viver e morar.

Aliso o meu vestido com as mãos, observando através das janelas do carro, enquanto os prédios da cidade passam diante dos meus olhos. A agitação dentro de mim, naquele momento, avisa que estou louca para ver a cara do meu chefe quando me ver

NACIONAIS - ACHERON

completamente fora dos padrões da festa do homenageado.

Por um momento, passa pela minha cabeça o que o tal Alejandro Ortega diria se me visse vestida desse jeito.

O motorista me olha através do retrovisor. Sorri e comenta, sem tirar os olhos de mim:

— A senhorita parece nervosa.

— Não. Estou curiosa para saber qual será a cara do nosso patrão, quando ele me ver vestida assim.

— Senhorita Isabelle, aprontou novamente.

— Acho que sim. — Admito, mas não consigo segurar a gargalhada. — Acho que ele vai querer me fuzilar em praça pública. — Gargalho novamente.

— A senhorita e o senhor Pedro vivem

batendo de frente, nunca vi isso entre patrão e empregado, se fosse outro já a teria despedido.

— Uhum!

Não considero o senhor Pedro um patrão. Ele é mais do que isso, é como um tio, o irmão mais velho do meu pai, e poderia ser, pois eles são grandes amigos, se conhecem há muito tempo.

Viramos a rua e vamos direto para a casa de festa, alugada pela prefeitura. Ela está toda iluminada, e uma multidão de pessoas já entra pela porta principal. Pego minha pequena carteira prateada. O carro diminui a velocidade até parar completamente. O motorista sai, abre a porta e me estende a mão.

— Eu acho que entendi a sua traquinagem, senhorita Isabelle — Ele me ajuda a sair, varrendo os olhos em volta da multidão,

depois voltando o olhar para mim. — E se prepare, lá vem o nosso patrão. — Ele indica com o olhar em direção às escadas.

Hora do show. Fico na ponta dos pés e estico o meu pescoço. Consigo vê-lo por cima do carro. Sorrio para o senhor Pedro. Ele ainda não pode me ver por inteira, pois o carro não permite.

Dou a volta no veículo. Ele para no caminho e me avalia dos pés à cabeça.

— Isabelle Disano! — Só não gritou porque a Marília, esposa dele, beliscou o seu braço. — Ai, Marília. — Ele olha para ela, alisando o braço, depois volta a atenção para mim. — Que porra de vestido é esse? Eu não lhe disse que seria uma festa de gala e não poderia ser na cor preta?!

Coloco minhas mãos na cintura, e com a

NACIONAIS - ACHERON

cara mais cínica, replico:

— O senhor me perguntou se eu tinha vestido de festa, e eu disse não, então eu pensei que poderia ser qualquer um... — ele junta as sobancelhas e me encara com aqueles olhos negros. — Senhor Pedro, esse é um vestido de festa, olhe, tem até echarpe cheia de brilho. E quanto a cor preta, desculpe, mas eu não escutei o senhor dizer nada sobre isso. — Minto desavergonhadamente.

— E agora? E agora, dona Isabelle, como a senhorita vai entrar na festa, diga-me?

Isso! Venci o primeiro round.

— Bem, se é regra, se está no convite traje a rigor e não pode ser na cor preta, acho melhor voltar para casa.

Já estou virando as costas para voltar para o carro, com um riso vitorioso no rosto, quando

escuto sua voz zangada atrás de mim.

— Pare onde está! — Volto meu rosto e o encaro com uma expressão desafiadora — Para toda regra há uma exceção. Já volto.

Ele vai até a recepção, demora alguns minutos, e volta com um sorriso vencedor nos lábios.

— Pronto, podemos ir.

Ele segura meu cotovelo. *Merda! O segundo round é dele.*

— O que o senhor disse à recepcionista? — Indago, curiosa.

— Disse que você acabou de chegar de uma viagem ao exterior e não teve tempo de comprar um vestido de noite, e você é a convidada da primeira dama.

— O senhor não disse isso! — Exclamo,

PERIGOSAS

horrorizada. Ele assente, sorrindo.

Subimos as escadas. Sinto-me a cereja do bolo. As mulheres, em seus vestidos longos, brilhantes e coloridos, me olham com olhos saltados, como se eu fosse um ser de outro planeta. *Terceiro round, dele.*

Levanto a cabeça e coloco um pé diante do outro. Estou consciente do meu vestido fora do padrão, e isso me dá uma certa insegurança. *Vacilei feio.* E, para completar, meus saltos agulha não ajudam em nada.

Graças a Deus, o senhor Pedro me segura pelo cotovelo, me guiando através do corredor lotado de pessoas, procurando os nossos nomes na mesa.

— A nossa é lá na frente.

Ele diz para a esposa, depois vira o rosto para mim e sorri. *Quarto round, dele.*

NACIONAIS - ACHERON

Chegamos à nossa mesa e nos sentamos.

— E o nosso homenageado, será que já chegou?

Pedro vira o rosto para mim e responde:

— O senhor Martinez não gosta de ser o primeiro a chegar em qualquer evento.

Sorrio com deboche.

— Mas é claro! E ele vai desperdiçar a chance de nos deixar ansiosos?

— É impressão minha ou você tem aversão ao senhor Martinez? Se for isso mesmo, será a primeira mulher a ter esse tipo de sentimento, porque...

— Todas as mulheres caem aos seus pés — interrompo e o fito, rindo. *Quinto round, meu.*

— Vocês dois querem parar de medir forças? Parecem duas crianças birrentas.

PERIGOSAS

Divirtam-se, isso aqui é uma festa! — Marília nos interrompe, e toda bronca vai direcionada para o marido.

Fico quieta. Ele também.

— Vou ao toalete. — Falo baixinho.

— Nem pensar, pode manter sua bunda colada nessa cadeira. — Pedro brada, entredentes.

— Ok, depois não se queixe quando uma poça amarela se formar em volta da minha cadeira e um fedor horrível de urina começar a exalar nesse salão.

Ele me fita com assombro. Se mexe na cadeira, impaciente.

— Eu juro que a demito se você for embora. Vá, vá!

Sexto round, meu.

NACIONAIS - ACHERON

Bem, minha intenção é passar a maior parte do evento no banheiro. Corro o mais rápido que posso com aqueles saltos, é o máximo que posso fazer.

Os cristais da minha echarpe engancham na renda da cortina, na minha pressa de chegar logo ao corredor que leva aos toaletes, só percebo a parede de músculos que freia os meus passos quando vou de encontro a ela.

Quase caio, só não vou ao chão porque braços fortes me seguram pela cintura.

— Você está cego? — Ergo a cabeça, seguindo o passo-a-passo: peito, ombros, queixo, boca e um par de olhos verdes.

E, para meu espanto, a parede de músculos é, nada mais, nada menos, do que o senhor Alejandro Ortega.

Fico pasmada, olhos fixos nos dele. Prendo

NACIONAIS - ACHERON

o ar nos pulmões, engulo o bolo que fica preso no meio da minha garganta.

— Cego eu fiquei agora, olhando para a luz do seu olhar. — Ele sorri, torto. Fita-me profundamente, aproximando os olhos dos meus. — Você tem duas estrelas nos olhos, nossa! Isso é lindo de se ver, moça.

Continuo hipnotizada com a beleza e a sensualidade daquele homem. Sinto os dedos dele alisarem a minha cintura, o que é o bastante para me acordar do torpor.

— Q-quer me soltar? — Falo, o empurrando. Ele se afasta, mas não me solta. — Solte-me, senhor. — O empurro novamente. Ele continua com as mãos em mim. — Se o senhor não me soltar, vou fazer xixi aqui mesmo, e nos seus sapatos caros. — Olho em direção aos seus pés.

Ele me solta.

— Iria adorar ver isso, mas não quero constrangê-la — Suas mãos ficam à frente do seu corpo e ele se afasta. — É melhor correr, antes que alguém tome sua frente.

Não penso duas vezes. Aquele homem me deixa tonta. Eu nunca o tinha visto pessoalmente, apesar de não gostar das atitudes dele com as mulheres e ser filho de quem é - um dos homens mais temido da Colômbia. Apesar de tudo, devo admitir que ele realmente é de tirar o chão de qualquer mulher. Corro o mais rápido que posso, tropeçando em minhas pernas.

Quando saio do banheiro, resolvo voltar para a mesa depois daquele encontro com o senhor Ortega. Não quero outra surpresa. Começo a ficar com saudade da minha casa, da minha cama. Sento-me na minha cadeira e fico

quieta.

— Já estava quase indo atrás de você. — O senhor Pedro aproxima um pouco a cabeça e diz...

Ele diz algo, mas não escuto nada. Olho para o homem loiro, alto, de olhos verdes, que me encara sem nenhuma cerimônia, a quatro metros depois da minha, bem em frente ao lugar em que eu estou sentada.

Alguém vai até ele e entrega um microfone. Ele beija o rosto da linda moça ao seu lado – decerto alguma modelo – anda alguns passos e para por alguns segundos, até ganhar a atenção de todos. O salão de festas fica completamente em silêncio. Então, o discurso é iniciado.

Não consigo prestar atenção em uma só palavra que ele diz, só consigo lembrar daquele

olhar penetrando em minha alma, o seu cheiro inebriando os meus sentidos, o roçar dos dedos dele na minha cintura...

— Preciso de ar. — digo rapidamente. Olho para o senhor Pedro. — Estou me sentindo sufocada, senhor Pedro. Eu preciso de ar, por favor. Preciso sair um pouco, ou então, vou sofrer um dano irreversível se continuar aqui dentro.

Nem o espero contestar nada; me levanto e saio às pressas. Algumas pessoas me observam, mas não estou nem aí para elas. Não sei por quanto tempo, mas eu sei que os olhos *dele* estão me seguindo.

Chego na saída da frente, dando de cara com os paparazzi. Não, não vou encarar essa e acordar amanhã como manchete da primeira página do jornal. “*Funcionária da revista*

Todo Dia vai para festa de gala da prefeitura fora dos padrões do convite”. Não vou pagar esse mico.

Dou a volta, viro o corredor e vou para os fundos, passando pela cozinha. Sairia pela porta de trás. Que se dane o senhor Pedro, se ele quiser me despedir, despeça-me.

Apresso os passos e, na minha pressa, um dos meus saltos engancha em algo. Só não caio porque já estou na porta dos fundos e me seguro na proteção da varanda. Levanto o pé e vejo que o salto quebrou. E agora? Só tem um jeito: quebrar o outro salto. Levanto o outro pé e retiro o sapato. Coloco o pé descalço por cima do outro pé e tento quebrá-lo, mas o bicho está dificultando as coisas, nada de quebrar.

— Merda! Merda! — Bato com o salto na

PERIGOSAS

viga de concreto. Nada de o salto quebrar. — Que merda! Quando não é para você quebrar, você quebra, quando é para quebrar, você não quebra! Isso é sacanagem com a minha pessoa...

— Falando sozinha?

Uma voz grave, quente, soa atrás das minhas costas, interrompendo meu monólogo. Gelo, e minhas pernas ficam trêmulas. Sinto a aproximação dele. Minha vontade é sair correndo, mas não posso. Ele para, tão próximo das minhas costas que eu posso sentir sua respiração.

É a segunda vez hoje que alguém me diz aquela frase.

— O salto do meu sapato quebrou, eu estava tentando quebrar o outro para poder ir embora. — Falo, quase murmurando.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele inclina o corpo para o lado e olha para os meus pés.

— Posso tentar? — Ele estende a mão, pedindo-me o sapato, que entrego sem contestar.

Ortega pega o sapato e, na primeira tentativa, o salto é separado do sapato.

— Poxa! Você faz parecer tão fácil, estou me sentindo uma inútil.

— Não se sinta. Minhas mãos são maiores e mais fortes, elas estão acostumadas a pegar pesos.

Ele dá um sorriso torto, do jeito que mexe com minha gênio do mal.

— Obrigada! — Pego o sapato, e os dedos dele roçam nos meus. Meu corpo se arrepia. — Acho melhor ir agora.

NACIONAIS - ACHERON

Jogo o sapato no chão e o calço.

Assim que coloco o pé na rampa, para descer e ir embora, acabo me desequilibrando. Só não me espatifo no chão porque duas mãos fortes são rápidas o bastante para me proteger da queda.

— Peguei você.

Ficamos frente a frente, olhares fixos, bocas entreabertas, em êxtase completo. A quentura das suas mãos passa para o meu corpo através do tecido do vestido. Meu entorpecimento é quebrado pelo som da sua voz.

— Você tem um cheiro bom — ele fecha os olhos e aproxima o rosto do meu pescoço, inspirando profundamente. — Ficaria respirando esse cheiro pelo resto da minha vida. Que perfume é esse?

Limpo a garganta, conseguindo voltar ao
NACIONAIS - ACHERON

normal.

— Você pode me soltar agora?

— Sim, sim, desculpe-me — ele me solta, mas mantém a proximidade. — Responda-me, qual a marca do seu perfume?

— Pretende comprá-lo para alguma namorada?

— Não, porque não tenho uma.

Ele ri de novo, daquele jeito. *Torto*.

— E aquela moça bonita que está com você?

— É minha amiga. — Ele ri outra vez.

— Costuma dormir com suas amigas? — Sou sarcástica.

— Com todas. — Ele foi pior. — Não me enrole. Qual a marca do seu perfume? Quero comprá-lo, para ficar sentindo o seu cheiro. — Diz, rindo presunçosamente.

— Não sei se você conhece a marca, humm!
— Faço mistério e sorrio levemente. — A marca é Phebo, e o nome é Alfazema, e você pode encontrar em qualquer farmácia, supermercado, até na quitanda da esquina.

Ele solta uma gargalhada gostosa, e fica muito mais lindo assim.

— Alfazema cheira tão bem assim? Perfume de bebê! Só podia, essa suavidade e delicadeza teria que vir da simplicidade de uma flor.

Fico envergonhada com tamanho elogio.

— Nunca usei outro perfume, acho que ele já impregnou na minha pele. — Nossos olhares se prendem outra vez. Os dele percorrem o meu rosto.

— Estou encantado com a luz do seu olhar
— Ele faz de novo. Inclina o rosto e encara os meus olhos. — Essas duas estrelas são dois

ímãs, elas me puxam para você.

Ele fica tão próximo à minha boca que sinto o cheiro gostoso do seu hálito. Mas não me deixo prender ao seu olhar, eu o empurro.

— Acho melhor você voltar para sua amiga, quanto a mim, vou voltar para casa.

Viro-me. Quando dou um passo, escorrego novamente. Ortega me segura ao mesmo tempo.

— Você não vai conseguir descer essa rampa com esses sapatos. Só tem uma solução: é melhor ficar descalça.

— Nem morta! — Sobressalto — só de pensar em pisar nesse chão, cheio de areia, fico toda arrepiada, olhe os meus braços — mostro os meus pelos eriçados — Já está me dando gastura. Não, não. — Ele fica me olhando sem entender nada. — Tenho um probleminha; não

fico descalça, passo mal, dá coceira, entro em pânico.

— Então, só resta outra alternativa... — Ele sorri torto outra vez. — Você aceitar os meus braços e minha carona. Meu carro está no estacionamento aqui atrás, venha...

Ele já ia me colocando em seus braços.

— Não. — Brado. Tento novamente descer a rampa, escorrego e ele me segura.

— Não vou morder você, só quero ajudá-la.

Santo, cheio de boas intenções...

Olho à minha volta, em direção à rua, e avisto um táxi. Aceno com a mão, e ele para bem em frente à saída.

— Ok. — Olho novamente para todos os lados. — Você me leva até o táxi.

Ele não reclama. Pega-me nos braços como

PERIGOSAS

se eu fosse uma pluma e me leva até o veículo. Sou colocada dentro do carro, e ele passa o cinto de segurança em meu corpo. Olha para o motorista e diz:

— Leve-a em segurança. — Entrega um cartão ao motorista, fecha a porta e espera o táxi desaparecer.



Isabelle

A conquista – Primeiro dia.

O ar está frio quando desço do táxi. Apresso os passos tanto quanto posso. Aqueles restos de sapatos não estão nada confortáveis, preciso urgentemente livrar-me deles. Abraço meu corpo com os braços, passando as mãos ligeiramente em meus ombros, tentando encontrar um pouco de calor.

O taxista não aceita o meu dinheiro. Diz que tem juízo o suficiente para não desafiar o filho do senhor Ortega.

Eu sei o que ele quis dizer. Todos conhecem a fama do pai de Alejandro Ortega Martinez. O senhor Ortega, apesar de estar vivendo isolado e ter mudado sua vida radicalmente, ainda é muito temido. Muitos sequer acreditam que ele mudou sua maneira de viver e os seus negócios, por isso ninguém queria dar a cara

PERIGOSAS

para bater, evitavam provocar sua raiva, contrariando-o.

Não sei se é gentileza ou medo de que algo pudesse me acontecer, e a fúria do filho do homem mais temido da Colômbia viesse com força até ele – se foi esse o motivo, não sei por que ele pensou dessa forma – o taxista me leva até a porta de entrada do meu prédio, ficando lá parado, esperando-me entrar e trancar a trava de segurança. Só depois de escutar o clique da fechadura, ele vira as costas e vai embora.

Subo as escadas sem pressa. Afinal, já estou em casa. Pego meu celular e envio uma mensagem para o meu chefe.

Isadora -> *chefe, o salto do meu sapato quebrou, por isso voltei para casa, o senhor não ia querer uma funcionária capenga, ou*

NACIONAIS - ACHERON

iria? Amanhã mostro a prova. Caso queira, pergunte ao senhor Ortega. Até amanhã. -<

Antes de entrar em casa, retiro os sapatos — ou os restos deles.

Respiro profundamente e me perco em pensamentos, enquanto me dispo de minhas roupas. Corro para o chuveiro e me banho rapidamente. Visto um pijama de algodão, jogando-me rapidamente em minha cama quentinha.

Minha mente me trai, e os *flashes* veem rapidamente. Alejandro Ortega Martinez. Aqueles olhos verdes fascinantes. Aquela boca tão bem desenhada. Aquelas, humm! Aquelas mãos quentes e firmes. Será que fui hipnotizada por ele? Será que um simples olhar e um simples toque daquele homem podem me desestruturar dessa forma?

O que há com você, Isabelle? Acorde! Aquele homem está fora de cogitação, fique bem longe dele. Entendeu? Bem longe.

Poucos minutos depois, adormeço.

Na manhã seguinte, acordo sem vontade de nada, o que eu quero é continuar dormindo. Espreguiço o corpo, tentando espantar a preguiça, mas não levanto da cama; fico lá, olhando para o teto e pensando na noite anterior. Sonhei com *ele* – sim, sonhei com o homem loiro de olhos verdes – aquela boca devorando a minha, suas mãos percorrendo todas as partes do meu corpo, deixando-me louca, louca para abrir as pernas e deixá-lo entrar em mim.

Isabelle, acorde. Será que você foi contaminada pelo mesmo vírus da Teca? Mal viu o homem e já está tendo sonhos eróticos

PERIGOSAS

com ele. Começo a achar que a Teca tem razão, estou precisando mesmo de uma “rapidinha” básica... ou... ou, não, não posso acreditar nesse pensamento. Será que estou atraída por ele? Não, meu Deus, o senhor não faria isso comigo, seria castigo demais...

Preciso me livrar das lembranças daquele homem. Resolvo pular da cama e mergulhar de cabeça na água fria. O melhor que tenho a fazer é mergulhar no trabalho, talvez assim eu consiga esquecer dos últimos acontecimentos.

Após o banho e um rápido café matinal, corro para a revista.

Chego em frente ao prédio onde trabalho uma hora mais tarde, estou uma bagunça e completamente fora de órbita. Entro na revista sem olhar para os lados. Quando levanto os olhos, me assusto.

NACIONAIS - ACHERON

Será que entrei no prédio errado?

Saio novamente e verifico o nome da empresa: *Revista Todo Dia*. Estou no lugar certo.

Thereza me vê e vem ao meu encontro.

— Alguém morreu? — Inquiro, curiosa. A sala está repleta de flores de todos os tipos.

— Eu que te pergunto — Ela me olha com desconfiança. — Mandaram lhe entregar a floricultura inteira. — Não gostei do meio sorriso dela. — O que você aprontou ontem à noite? Quem você pegou nos bastidores?

— Não me chamo Thereza, não me confunda.

Thereza é minha amiga, mas quando ela quer ser uma vaca, ela é.

— Infelizmente, você não é, porque se fosse

saberia quem me mandou a floricultura em peso.

Deixo-a falando sozinha e vou até o buquê de flores mais próximo. Estico a mão e alcanço o cartão, abrindo-o para ver o remetente.

— Então, quem mandou?

Ela iria continuar curiosa.

— Não sei, só tem o meu nome. — Mostro o cartão.

— Lá vem o entregador, é só você perguntar que ele deve saber.

Ela aponta para o homem barbudo que vem com um enorme buquê de rosas vermelhas, quase tomando toda a sua visão.

— A senhorita Isabelle Disano já chegou? — Ele pergunta, tentando sair de trás das rosas.

— Sim, ela está aqui. — Thereza responde

PERIGOSAS

em meu lugar, sorrindo de forma divertida e apontando o dedo para mim.

— Ele me pediu para entregar as rosas em mãos e este cartão.

Ele me entrega o cartão e põe as rosas no grande estofado verde do salão.

Leio o cartão. Minhas mãos tremem, minha cabeça gira. Thereza estica o pescoço para ver o que está escrito.

— Quem mandou? O que está escrito aí?

Amasso o papel com força e olho para o homem, que espera com impaciência a minha assinatura no recibo.

— Onde assino? — Ele me entrega um papel para assinar. Assino. — Agora o senhor pode levar todas essas flores de volta para a floricultura.

NACIONAIS - ACHERON

— Isa! — Os dois me olham com espanto. — Ficou maluca? Alguém lhe manda um jardim e você quer devolver?

— Não quero essas flores. Por favor, leve-as daqui. Ou o senhor as leva para sua floricultura ou vou jogá-las fora, o senhor escolhe.

Ele fica me olhando como se não acreditasse no que está escutando.

— A senhorita tem certeza disso?

— Tenho. — Respondo e viro as costas — Leve tudo, todas elas — vou caminhando para minha sala, Thereza na minha cola.

— Quem mandou, Isa? Quem foi o cara que te mandou essas flores?

— Alguém do qual eu quero distância.

Entro em minha sala, ligo o computador e começo a fingir que trabalho. Porém, a verdade

era só uma: não conseguia nem pensar direito.

Thereza continua de pé, na certa esperando uma resposta mais concreta.

— Thereza, eu preciso trabalhar. Por favor, me dê licença. — Falo rapidamente e volto minha atenção para o teclado do computador.

Graças a Deus, meus colegas de trabalho chegam com a alegria contagiante de sempre, conversando animadamente entre si, chamando a atenção de Thereza. Ela faz um muxoxo ao perceber que não adiantaria nada virar estátua na minha frente, pois não iria lhe contar nada. Ela gira sobre os calcanhares e vai embora.

Pensei que a manhã passaria sem incidentes, até às nove e quinze, quando o meu telefone toca. Atendo.

— Bom dia, Senhorita Disano! — Reconheço

a voz quase de imediato, e imediatamente desligo o telefone, sem ao menos lhe dizer uma só palavra.

O espero ligar de novo, mas não liga.

Vinte minutos depois, o telefone toca novamente. Atendo.

— Isabelle, bom dia! — Falo.

— Isabelle, sou eu, Alejandro. — Fico estagnada. Retiro o telefone da orelha e fico olhando para ele.

Desligo.

Ele tenta falar comigo mais duas vezes, através da recepcionista. Peço para que ela diga que não estou, ou melhor, que viajei para o Japão, sem data para voltar. Ela estranha, mas não diz nada.

Depois disso, as ligações param. Mais

tranquila, volto à minha rotina.

Aproveitando que todos foram almoçar, resolvo editar a entrevista que foi feita com a primeira dama. Tenho certeza que, assim que o senhor Pedro chegar, ele vai querer dar uma olhada, então começo a digitar aquela porcaria de entrevista.

Cabeça baixa, dedos rápidos no teclado, nem percebo que estou sendo observada, então escuto um pigarro, levanto os meus olhos e... lá está ele.

Lindo, bem vestido em seu terno cinza claro, de corte impecável, encostado na porta, mãos nos bolsos da calça, olhando-me fixamente, aquele riso debochado nos lábios. Eu não consigo nem piscar os olhos.

— Acho que agora a senhorita não poderá me evitar.

Meu coração dispara ao ouvir aquela voz, o que confirma os meus temores: aquele homem é um problema. Incapaz de emitir uma única palavra, fico o olhando feito uma imbecil.

— Se a montanha não atende o telefone, Maomé vem até a montanha. Conhece esse ditado?

Literalmente travo com aquelas palavras, minha língua se recusando a falar. Finalmente expulso o meu entorpecimento.

— O... o que você está fazendo aqui?

Levanto-me às pressas e o puxo para dentro da minha sala. Tranco a porta e começo a descer as persianas de todos os vidros das divisórias.

— O que você está fazendo?

Ele gira o corpo tentando me acompanhar, enquanto tento a todo custo escondê-lo.

PERIGOSAS

— Estou tentando evitar que o vejam aqui! Se alguém o ver, estou perdida. O falatório vai durar a minha vida inteira.

Ele fica ali, me encarando em silêncio por um momento, e então caminha lentamente até mim. Lanço-lhe um olhar furtivo.

— O que há com você? O que te fiz, para você querer me evitar desse jeito? Até ontem conversávamos como amigos, e hoje, nem minhas ligações você atende.

— Em primeiro lugar, não somos amigos. Em segundo lugar, não sou obrigada a atender as suas ligações...

— Por que devolveu as flores que te mandei? — Sou interrompida, e quando percebo, ele está com as mãos em meus ombros, olhando-me com aquele olhar que acelera o meu coração.

NACIONAIS - ACHERON

— Achei o presente exagerado demais. Se você tivesse convertido o valor do presente em espécie, depois doado para uma instituição de caridade, seria mais sensato.

— Quer dizer que você aceitaria se fosse dessa forma? — Assinto com a cabeça.

— O que você quer? Diga logo, estou cheia de trabalho, por isso não tenho tempo para conversas.

Ele me ignora, e sua mão alcança o meu queixo, que é erguido, e nossos olhares se encontram. Caramba! Minhas pernas tremem. Desvio o meu olhar do dele e me afasto, caminhando até minha mesa com movimentos hesitantes, e me sento.

Ficamos em silêncio, e aquilo me incomoda.
Demais.

— Quer jantar comigo hoje? — Ele pergunta.

Não acredito, o homem é convencido demais.

— Não. — Olho para ele. — Já tenho compromisso.

— Amanhã, então? — Insiste.

— Também não posso. Aliás, tenho compromisso para os próximos cinco anos, agenda lotada. — O encaro desafiadoramente.

— Então, só me resta ser paciente. Ligarei para você todos os dias, talvez alguém desista. Graças a Deus sou um homem paciente e persistente, não desistirei até que alguém ceda. Tenha uma boa tarde, senhorita Isabelle Disano.

Ele se vira, destrava a porta e, para minha infelicidade, dá de cara com o meu chefe. Pronto, o que já estava ruim ficou pior.

— Senhor Martinez! O que o senhor faz na sala da Isabelle?

O senhor Pedro me olha com perplexidade, logo avalia Alejandro dos pés à cabeça.

— Vim falar com o senhor. Como não tinha chegado, a senhorita Disano me convidou para esperá-lo em sua sala, mas já estava indo embora.

O senhor Pedro solta o ar, como se estivesse aliviado.

— Por que o senhor não ligou para o meu celular? Teria vindo imediatamente.

— Não quis incomodá-lo — Alejandro vira para mim. — Obrigado pela companhia, senhorita!

— Por nada, senhor Ortega. Se me dão licença, vou voltar para o trabalho. — Viro e volto para minha mesa.

Tenho certeza de que Alejandro me seguiu com os olhos.



No dia seguinte, a rotina foi a mesma, nada especial. O senhor Pedro correndo atrás de mim por causa da bendita entrevista com a primeira dama e, como sempre, eu me escondendo dele, pois não consegui chegar na metade da digitação.

— Isabelle, telefone para você na linha 2.

Olho diretamente para o meu telefone, tinha o retirado do gancho para poder me concentrar. Agradeço à recepcionista e atendo.

— Isabelle Disano, auxiliar de edição, bom dia!

— Quer jantar comigo hoje à noite?

Ele não desistiu. Essa é a pergunta que estive esperando escutar desde que cheguei à

revista, e a minha resposta sempre seria a mesma:

— Não. — Respondo.

— Ok, então. Amanhã tentarei novamente. Tenha um bom dia, senhorita Disano.

Ele desliga e me deixa ali, com cara de paisagem. A partir daí, não consigo fazer mais nada. E quem, em sã consciência, conseguiria?

Às treze horas, desço com a Thereza para almoçarmos. Nós duas éramos inseparáveis e almoçávamos sempre no mesmo lugar, um pequeno restaurante que fica do outro lado da rua, em frente ao prédio da revista. Atravessamos a rua, e já estávamos quase entrando no restaurante quando escuto o meu nome.

— Você escutou isso? — Pergunto à Thereza, olhando de um lado ao outro, procurando a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

fonte do som.

— Escutei o quê? — Thereza devolve a pergunta.

Fico atenta, então escuto, e vejo o que era. Um carro de som, circulando na avenida central. Aqueles carros de propaganda. A mensagem me deixa fula da vida.

“Isabelle Disano, jante comigo hoje à noite, por favor? Oh, Isabelle, não faça isso comigo, aceite o meu convite.”

Thereza escuta e me olha com os olhos arregalados.

— Isa do céu! Quem é o homem que caiu de quatro por você? Primeiro as flores, agora isso. O homem está apaixonado.

— Não, ele não está apaixonado. Ele só quer me foder. — Digo, furiosa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Viro-me em direção ao lado contrário do restaurante e começo a caminhar.

— Espera, Isa — Thereza grita de onde está
— Mulher, aonde você vai? — Começa a me seguir.

— Voltar para a revista. — Digo, com os dentes cerrados.

— E o nosso almoço... Isa! — Ela para de me seguir. — Poxa, Isa. Estou morrendo de fome.

— Perdi a fome, vá você — paro de andar e olho para ela. — É sério, Teca. Vá almoçar, meu apetite foi embora, junto com aquele carro de som. — Indico com o olhar o carro que continua anunciando o meu nome aos quatro cantos da rua.

— Eu não te entendo! Tem um homem louco por você em algum lugar por aí, e você faz *cu* doce.

NACIONAIS - ACHERON

— Já lhe disse, ele não está interessado em mim, só quer me foder, isso é tudo.

— Sim, e daí? Qual o problema de uma foda bem dada? Vai que o cara se apaixona.

— Esse cara não se apaixona, ele só fode e larga. Não estou a fim de ser brinquedo nem passatempo de homem nenhum.

Viro-me e continuo andando. Ela vem atrás de mim.

— Uma foda é uma foda, o sentimento vem depois, Isa. Você não acha que está sendo exigente demais, não? Se o cara valer a pena, aproveita e usa ele.

Paro. Já estou com um pé bem na entrada do prédio.

— Teca, não penso igual a você. Para mim, o sexo é muito mais do que uma foda, é um complemento de uma relação. Se não há

NACIONAIS - ACHERON

relação, não tem porque ter sexo. Agora, volte para o restaurante e vá almoçar. Tchau.

Deixo-a lá, plantada na frente do prédio. Não quero prolongar aquele papo sobre sexo versus relacionamento.

O resto da minha tarde é horrível, perdi a vontade de tudo. Só conseguia escutar o som da voz do homem anunciando aquela mensagem medonha com o meu nome. Todos os meus colegas de trabalho, que a escutaram, ficaram me encarando com curiosidade. Eles só não me perguntaram nada porque sabiam o tamanho do coice que levariam.

Já estou arrumando minhas coisas para ir embora, quando o meu telefone toca.

Impaciente, estico o braço e o atendo.

— Fala, Teca, não estou de...

— Quer jantar comigo? — É tudo que falta

para completar o final do meu dia!

— Não. — Respondo secamente — E pare de me perseguir, isso não vai adiantar em nada.

— Você ainda não viu nada. Eu posso ser bastante persuasivo quando quero. — Eu sei que ele está rindo daquele jeito *torto*. — Sou paciente e persistente, já lhe disse isso. Até amanhã, senhorita Disano. — Ele desliga, deixando-me com o telefone ao ouvido.

No dia seguinte, ele fez o inesperado: uma doação no valor de cinco mil reais para um orfanato e coloca uma nota em vários jornais.

Senhorita Isabelle Disano, esse valor doado seria de flores que compraria para você, mas, como me pediu para transformar o valor em doação, aqui está. Então, agora a senhorita aceita jantar comigo?

E desta vez, ele assinou, deixando as suas

NACIONAIS - ACHERON

iniciais: AM. Foi o maior burburinho na revista, todos queriam saber quem queria tanto jantar comigo. E foi assim durante quinze dias; quando não era o carro de som, eram flores, bombons. Já estou ficando com medo dele. Será que ele é um stalker?



Décimo sexto dia.

Desço do ônibus dois pontos antes do meu. Hoje o trânsito está uma rosca doce de padaria – os carros parecem moscas disputando um pedacinho do asfalto. Saio caminhando apressadamente entre a multidão. Estou próximo ao prédio da revista, quando percebo que várias pessoas estão olhando para o mesmo local, inclusive meus colegas de trabalho. Isso já foi o suficiente para me dar um frio na espinha.

Resolvo mirar os meus olhos no mesmo lugar onde todos estão olhando. E lá está o produto do deslumbramento, um outdoor enorme com os seguintes dizeres:

“Isabelle Bianucci Disano, você não está me dando alternativas, e agora preciso recorrer

à população de Lagoas. Espero que eles possam me ajudar a convencê-la a aceitar o meu convite para jantar. Assinado: AOM. ”

Procuro um buraco para enfiar minha cara. Os que sabem o meu nome olharam para mim e começaram a fazer piadinhas, tipo, “*aceita, vai, Isa, coitado do rapaz. ”*

Nem sei como não tropecei em minhas pernas, pois saio correndo porta adentro, nem tenho coragem de entrar no elevador, vou de escada mesmo, por quatro andares. Entro sorrateiramente na revista e me escondo em minha sala, de onde só pretendo sair no final da tarde.

Assim que coloco minha bolsa na cadeira, o telefone toca. Desanimada, atendo:

— Alô! — Sussurro.

— Quer jantar comigo hoje? — Filho da mãe

ordinário!

— NÃO. — Quase grito. — Como ousa me expor desse jeito?! Você é maluco, doido ou um Stalker? Será que vou precisar ir à polícia?

— Faça o que quiser, fique à vontade. Você ainda não viu nada. Na próxima vez, colocarei a sua foto e a minha. Bem, como já disse, sou paciente. Tenha um bom dia, senhorita Disano.

Como assim, “*tenha um bom dia*”? Como terei um bom dia com um perseguidor em minhas costas?

Passo a manhã inteira depressiva. Não consegui fazer nada, minha concentração evaporou. *Ele*, aquele homem com lindos olhos verdes, é o causador da minha falta de paz.

Meu almoço foi um pacote de biscoito e água. Não tive coragem de ir até o restaurante.

NACIONAIS - ACHERON

Thereza tentou entrar na minha sala, mas não destranquei a porta. Ela ficou parecendo uma louca, pulando e gesticulando por trás dos vidros das divisórias.

Às quinze horas, o meu chefe manda me chamar. Quase me arrastando, vou até a sua sala, e minha apreensão aumenta quando encaro o senhor Pedro de frente.

— Sente-se, Isabelle. — Diz ele, apontando para uma cadeira colocada bem diante de mim.

Continuo muda e de cabeça baixa. O silêncio é quebrado por ele.

— Isabelle, o que há com você? Há alguns dias você anda apática, sem motivação, não implica comigo, não bate de frente com as minhas ordens. Essa não é minha menina rebelde com a qual estou acostumado.

Aconteceu alguma coisa? Posso ajudar?

Minha boca se move sem fazer ruído. Olho aquela figura familiar, sentada atrás da mesa. Eu sei que posso confiar nele.

— Estou com problemas com uma pessoa — olho para ele com o olhar suplicante.

— Acho que posso imaginar quem seja. Tem a ver com os cartazes, flores e mensagens? Esse é o seu problema?

— Sim. Ele não me deixa em paz, e quanto mais eu lhe digo não mais ele insiste... — Baixo os meus olhos para as minhas mãos.

— Isabelle, o senhor Martinez nunca recebeu um não, ele está acostumado com mulheres que correm em sua direção, e não o contrário. Você é um desafio para ele.

Olho para ele com surpresa. Não me lembro de ter lhe dito o nome do meu *Stalker*. Como
NACIONAIS - ACHERON

ele sabe?

— Não lhe disse o nome do homem. Como... como o senhor sabe?

— Não sou bobo, Isabelle. O senhor Martinez é nosso sócio há dez anos, e nunca perguntou quantos funcionários nós temos, aí, de repente, ele quer saber tudo sobre você. E do nada, começam a surgir flores de todos os cantos e todas essas esquisitices que os homens fazem quando estão interessados por alguma mulher. Só fiz juntar as coisas.

Respiro profundamente com aquelas palavras. Certamente ele tinha razão, só um burro não veria a verdade.

— Pois é, e o senhor sabe o que vai acontecer se eu aceitar jantar com ele. — Tento espantar aqueles pensamentos da minha mente, mas era impossível. — Serei a notícia

da vez, sairei em todas as mídias em letras garrafais — faço um gesto com as mãos no ar — *Isabelle Disano, a próxima foda do grande empresário Alejandro Ortega Martinez*. Não quero isso para mim, Senhor Pedro. E o pior é que não posso fazer nada, pois se janto com ele ou não janto, serei notícia do mesmo jeito.

As lágrimas começam a descer por minha face. Não reajo muito bem quando fico com medo ou nervosa, tendo a ter reações inesperadas, como chorar.

O senhor Pedro se levanta da cadeira e vem até mim, sentando ao meu lado. Seu dedo indicador toca a ponta do meu queixo, empurrando o meu rosto para cima, fazendo-me fixar meu olhar ao dele.

— Isa, você conhece aquele ditado que diz que, quando não podemos com o inimigo, nos

juntamos a ele? O senhor Martinez só continua insistindo porque você continua dizendo não. Quando você disser “sim”, ele perderá o interesse.

Ele sorri e pisca um olho.

— Está me dizendo para eu aceitar o convite e servir de fofocas para todo mundo? Não, não...

— Isa, aceitar o convite não é necessariamente aceitar as condições dele. Você pode aceitar, mas pode impor as suas condições. Você escolhe quando e onde irão jantar...

Uma luz no fim do túnel é acesa. Abro um vasto sorriso.

— Como não pensei nisso?! — Levanto apressadamente da cadeira e beijo a cabeça do meu chefe lindo e salvador. — Chefinho, o

senhor é um gênio! O senhor Ortega que me aguarde, ele vai se surpreender... Ah, se vai!

Saio correndo da sala, meu chefe atrás de mim, gritando:

— Isabelle Disano, você não vai aprontar com o senhor Martinez, pelo amor de Deus! Isabelle, não faça nada que possa se arrepender depois! Fazer suas peraltices comigo é uma coisa, agora, com o senhor Martinez, é outra... — Ele para na porta da minha sala. — Maldita hora que fui lhe aconselhar! Isa... — Ele arrasta o “I” do meu nome longamente e me olha seriamente.

— Fica frio, chefinho. Só vou dar ao senhor Ortega o que ele merece, ele sairá vivo dessa. Confie em mim.

Ele continua me olhando com desconfiança.

— E tem outro jeito? — Balanço a cabeça,

negando — Então, seja o que Deus quiser. Outra coisa, não chame o senhor Martinez de Ortega, ele detesta. Certo?

— Vou tentar lembrar. — Sorrio para ele.

Meu chefe volta para sua sala, e eu volto a fazer o meu trabalho. Rezo para que o Stalker me ligue.

Às dezesseis horas, meu telefone toca.

— Isabelle Disano, auxiliar de edição, boa tarde!

— Aceita jantar comigo?

— Sim. — Respondo, quase de imediato.

— Como...? Você disse sim? Escutei isso mesmo?

— Qual é o seu problema? Você ficou me perseguindo por dezesseis dias, agora que aceito o seu convite, você fica gaguejando.

PERIGOSAS

— A que horas pego você e onde?

Ele se recupera rápido do susto.

— Devagar, garanhão. Não é bem assim, você não vai me pegar em lugar algum.

— Eu sabia que era pegadinha...

— Calma — interrompo o apressadinho — Anote o meu endereço, você vai jantar em meu apartamento. É pegar ou largar. — Digo. Daria um pedaço do meu cabelo só para ver a cara dele.

— Seu apartamento? — Respondo sim e digo o endereço para que ele anote. — A que horas devo ir?

— Às dezenove de hoje.

— Ok, às dezenove estarei lá.

— Calma, ainda não acabou. Vá de táxi, e com uma roupa bem discreta, de preferência

NACIONAIS - ACHERON

jeans e camisa de malha.

Fico imaginando como ele ficaria de jeans e uma camisa bem simples.

— Por que de táxi? — Ele interrompe meus pensamentos.

— Porque não quero que vejam um dos seus carros em frente à minha casa. — Rio baixinho.
— Você gosta de carne?

— Gosto. Preciso levar algo para beber? — Ele completa.

— Não. Até às dezenove horas, senhor Ortega.

Desligo, sem esperar a resposta.



Isabelle

O encontro

*U*m sorriso vitorioso surge em meus lábios. Alejandro Ortega não tem ideia do que vai acontecer com ele hoje à noite. Como tenho muito o que fazer até às dezenove horas, resolvo ir embora. Vou até a sala do senhor Pedro e explico tudo. Ele não fica muito animado, pois teme o que eu possa fazer com o *indefeso* Alejandro Ortega.

Chego em casa faltando vinte minutos para as dezoito horas. Retiro as almôndegas da embalagem, faço o molho de tomate, coloco as almôndegas para cozinhar no molho. Jogo a massa de espaguete na água fervente e, enquanto espero cozinhar, arrumo a mesa.

Dois pratos, talheres para dois, duas taças para cada um. Pronto.

Preparo o suco de uva, coloco bastante gelo

e levo ao freezer. Desempacoto rapidamente as taças da sobremesa e as levo à geladeira. Assim que a massa fica pronta, jogo-a no refratário, o molho com as almôndegas por cima, o queijo ralado depois, e levo ao forno para gratinar.

Agora banho. Olho para o relógio: faltam quinze minutos para as dezenove horas, então corro para o chuveiro.

Para vestir, escolho um vestido de algodão florido, bem simples. Se ele está pensando que vou me empetecar toda, vai se decepcionar. Prendo o cabelo no alto da cabeça, passo o meu perfume favorito, ajeito o vestido com as mãos e me olho no espelho para me certificar se está tudo bem. O vestido não é decotado, mas o corte em V favorece os meus seios. O corpo é justo e soltinho nos quadris, a saia ia até o meio das minhas coxas. Só falta uma

coisa.

Agacho-me e olho debaixo da cama. Achei! Minhas pantufas com carinha de gato. Já que não posso ter gatos, tenho pantufas.

Olho-me outra vez no espelho; está bom. Muito bom para o senhor Alejandro Ortega.

Retiro a massa do forno e a coloco na bancada da cozinha. Dou mais uma olhada na sala, decidindo que é melhor fechar as cortinas e ligar o ar condicionado. E também puxar a mesa para longe das janelas. Faço tudo isso, e quando já estou indo até a janela, para verificar algum sinal de um táxi, o interfone toca.

Corro para a janela e a abro, colocando a cabeça para fora. Lá está ele. Deus meu! O homem está lindo. Calça jeans, camisa polo preta.

Antes que ele me veja, fecho a janela. Vou até a cozinha e aperto o botão para destravar a porta. Corro até a porta e o espero. Não sei por que, mas o meu coração está a mil, minha respiração apressada e minhas pernas trêmulas.

Simplesmente fico paralisada quando ele surge no último degrau e fica frente a frente a mim. Ele me olha dos pés à cabeça, e um sorriso lento marca o canto de sua boca.

— Boa noite, senhorita Isabelle. Bonitos sapatos.

Seus olhos vão imediatamente para os meus pés. Sinto-me infantil, não sei por quê. A minha intenção era chocá-lo, mas não estou conseguindo deixar que isso me incomode.

Sorrio timidamente e percebo que ele está com uma das mãos para trás.

— O que está escondendo aí atrás? —
Curiosa, pergunto.

Ele ri daquele jeito... *torto*.

Sua mão sai de trás das suas costas, e nela está um buquê de flores de alfazema.

— Eu sei que *delas* – ele direciona o olhar para as flores – vem o seu perfume.

Esse homem está me surpreendendo. Aceito o buquê, e ao pegar as flores, nossos dedos se tocam sutilmente. Basta só isso para meu corpo todo se eriçar. *Mas o que está acontecendo comigo?*

Ele fica parado na porta, esperando meu convite para entrar.

— Você se incomoda de tirar os sapatos e deixá-los aí fora? — Digo, meio que sem graça. Exigir isso de uma pessoa como *ele* é um pouco constrangedor.

PERIGOSAS

Fico surpresa com o seu gesto. Nada diz, apenas retira os sapatos, ficando só de meias. Afasto o corpo e o deixo entrar. Ele avalia o ambiente rapidamente com o olhar, e seus olhos vão direto para as cortinas da janela.

— Por que as cortinas estão fechadas?

Escondo o riso com as mãos.

— Vai que algum paparazzo te seguiu e está pendurado em algum prédio, com aquelas câmeras de longa distância. É melhor não dar sorte para o azar.

Ele solta uma sonora gargalhada.

— Você tem sérios problemas com a mídia. Ou comigo.

Fico em silêncio por um momento, ponderando o que vou lhe dizer, em seguida, dou um suspiro e a resposta.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Com você. Meu problema é com você.

Ele me olha com as sobrancelhas arqueadas, e fica me observando atentamente. Algo me diz que não tinha sido a resposta que ele esperava.

— Será que você poderia me dizer o que há de errado comigo, para deixá-la com tanta aversão a mim assim?

Acho que peguei pesado. É melhor mudar de assunto, caso contrário, o jantar iria desandar.

— Podemos falar sobre isso depois. Estou com fome, você não?

— Morrendo. — Seu riso descontraído demonstra sinceridade.

— Sente-se onde quiser. — aponto para a mesa e vou buscar a travessa com a massa.

NACIONAIS - ACHERON

Coloco-a no centro da mesa, depois vou até o freezer. Seguro com firmeza a jarra do suco e a levo para a mesa.

— Espero que goste de suco de uva e... — faço suspense, segurando a tampa da travessa antes de abri-la — espaguete com almôndegas.

Ele fica olhando para o macarrão e para a jarra de suco, boquiaberto. Decerto o senhor Alejandro Ortega não está acostumado a refeições tão simples quanto essa. Se ele esperou algo bem sofisticado e uma bebida fina, quebrou a cara! Isso porque ele nem viu a sobremesa.

Após alguns segundos silenciosos, ele se manifesta. Uma risadinha surge em seus lábios.

— Você sabe há quanto tempo eu não como almôndegas? Nossa! Faz anos, acho que ainda

estava na faculdade! Salivei, agora. Posso? — Alejandro pega o garfo e aponta para o macarrão. Assinto com a cabeça e fico o olhando se servir.

— Está bom para você? — Me olha com o prato na mão, com um pouco de massa e almôndegas. Afirmo que sim com a cabeça.

Ele me entrega o prato e começa a se servir.

Fico ali olhando para ele, em seguida para o meu prato, completamente derrotada. Mais uma vez, o tiro saiu pela culatra.

— Não vai comer? — Ele pergunta, com a boca cheia. Começo a enrolar o espaguete no garfo. — Tem pão?

— O quê? — Ele só pode estar de brincadeira! O meu pai que tem essa mania de comer massa com pão.

— Pão. — Ele repetiu. — Adoro pão com
NACIONAIS - ACHERON

macarrão.

Levanto-me, arrasada comigo mesma. Vou até o armário e trago a cesta de pão. Alejandro não se intimida: pega um pão francês e o corta ao meio com a mão mesmo e o passa no molho, levando-o à boca em seguida. Ele come com tanto gosto que até eu fico com vontade de fazer o mesmo.

Ele serve o suco, primeiro o meu copo, depois o dele. Entre mortos e feridos, o Alejandro foi o único sobrevivente. Fico com vergonha de mim mesma. Fui má, queria constrangê-lo, e sou derrotada com a minha empáfia.

Alejandro repete dois pratos. Eu só consegui comer o pouco que ele me serviu.

— Nossa! Faz tempo que não como tanto e tão bem! Só me responde uma coisa — Ele me

olha e sorri. — Foi você quem fez tudo isso?

— Só o suco. As almôndegas comprei no supermercado e o molho também, foi só colocá-las no molho e pôr para cozinhar, depois só joguei sobre a massa, essa qualquer criança sabe fazer. Quer a sobremesa?

— Tem sobremesa também? — Assinto com a cabeça. — Então eu quero.

— É minha sobremesa favorita, espero que goste.

Vou até a geladeira, pego duas taças e as levo para a mesa.

— Gelatinas. — Ele diz, com surpresa.

— Amo mais que chocolate, troco gelatinas por qualquer sobremesa.

Ele sorri e fica me observando. Aqueles olhos verdes encantadores varrem o meu

rosto, deixando-me encabulada.

— Então, vamos à sobremesa. — Ele diz.

Comi mais do que ele; aliás, comi toda a gelatina.

Levanto para limpar a mesa e, por incrível que pareça, ele ainda me ajuda com a louça. Se ele queria me deixar sem graça, conseguiu.

Assim que terminamos com a louça, escuto um estrondo – um trovão. Segundos depois, a sala se ilumina com o relâmpago. Estávamos tão distraídos que nem percebemos que começou a chover, as janelas fechadas e as persianas abaixadas não nos deixaram perceber a chuvarada.

Corro para a janela, e o que vejo não é nada animador. Pelo estrago, já está chovendo há algum tempo, parecia que o céu ia desabar, nunca vi tanta água cair do céu como agora. A

PERIGOSAS

tempestade é tão forte que o rio transbordou, alagando toda a rua. Alejandro está observando o meu aparelho de som.

— Você quer a notícia boa ou a ruim primeiro?

Ele vira o rosto em minha direção.

— Caiu um poste no meio da rua? — Ele diz, voltando a observar um CD que está em suas mãos.

— Não. A notícia boa é que você fez bem em não vir de carro, caso contrário, ele teria perda total. A notícia ruim, é que você só poderá ir embora quando a água do rio baixar — olho timidamente para ele e sorrio — Estamos ilhados.

Ele larga o CD no móvel e vem até a janela. A rua está alagada. Ele só poderia sair se fosse de barco.

NACIONAIS - ACHERON

— Quando chove muito, o rio transborda e alaga a rua toda, por isso todas as casas aqui ficam no alto, justamente para a água não invadir. Sinto muito.

Assim que fecho a boca, outro trovão rasga o céu e ficamos no escuro.

— Droga, era só o que faltava! — Vou até a cozinha e pego algumas velas e uma lanterna. Alejandro me ajuda a acendê-las. As espalhamos pela casa, mas bem longe das cortinas.

Ele se senta em um sofá, fico no outro. Começo a explicar sobre o problema do rio, os motivos pelos quais ele transborda quando chove muito, como hoje. Está frio, então me deito no estofado e me encolho. Alejandro me faz uma pergunta, mas não entendo direito, minha mente está um pouco nublada. Só sinto um frio, e aos poucos minhas pálpebras vão ficando pesadas... pesadas...

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

Depois da Tempestade, vem o encanto.

*I*sabelle fica em silêncio. Estranho, pois ela fala pelos cotovelos. Levanto de onde estou e vou até ela. Para o seu tamanho, o sofá é apropriado, e ela está encolhida nele, as mãos entre as coxas e as pernas flexionadas. Corro rapidamente meus olhos por todo o seu corpo.

Ela não é pequena, deve ter um pouco mais de um metro e setenta. Estou de pé diante dela. Vista daqui de cima, parecia tão indefesa, inofensiva... Diferente de quando está acordada; ela sempre está de armas engatilhadas, pronta para atirar. *Em mim.*

Assim, dormindo, as armas desapareceram e ela está linda demais. Desnuda das máscaras, dos enfeites, dos adornos femininos... nua. A simplicidade do seu vestido de algodão florido,

os pés descalços, o rosto limpo e o seu cheiro de flor a tornam encantadora.

Agacho, ficando rente ao seu rosto. Meus olhos descem lentamente, como se quisessem gravar cada parte dela. A saia do vestido deixa à mostra um pedacinho da sua calcinha rosa. Rio; não lembro de ter visto alguma das minhas conquistas de calcinha rosa.

Baixo a saia do seu vestido, não é certo ficar olhando algo que não me pertence.... *ainda*. E, diga-se de passagem, já estou começando a ficar excitado. Aquelas pernas grossas e aquela boquinha em forma de coração estão fazendo minhas duas cabeças trabalharem rapidamente.

Quando baixo a pequena saia, meu dedo roça na pele macia da sua coxa. Parece um pêssigo. Dá vontade de escorregar os meus

PERIGOSAS

dedos por toda a perna e deixar minha mão no lugar das dela. *No meio das suas coxas grossas.*

Alejandro, comporte-se, se você a quer em sua cama, vá com calma.

Sim, irei com calma, mas isso não quer dizer que não posso aproveitar essa oportunidade. Minha boca toca a sua em um beijo leve, só um roçar de lábios. É então que percebo algo estranho. Toco o seu rosto com o dorso da mão e assusto-me.

Ela está gelada.

— Isabelle, Isabelle, acorde!

Ela não se mexe. Coloco meu braço por baixo da sua cabeça, minha outra mão vai até o seu rosto e o acaricia.

— Linda, acorde... não me assuste, acorde...

NACIONAIS - ACHERON

Ela murmura algo, abrindo os olhos lentamente.

— Estou com frio, muito frio. — Sussurra, quase delirando.

Ela fecha os olhos e se encolhe muito mais. Bate uma insegurança, nunca cuidei de ninguém, e pelo pouco que sei sobre ela, fico com medo.

— Linda, abra os olhos. Não faça isso comigo. Vamos, Isabelle. Me xingue, me bata, mas me mostre essas duas estrelas para mim... Isa.

Ela não se move. Seguro o seu corpo em meus braços e me levanto com ela. Cristo! Ela está tão fria, que a trago para mais perto do meu corpo. Ela junta o rosto ao meu peito, aconchegando-se nele.

Caminho lentamente para o quarto. Ela se
NACIONAIS - ACHERON

mexe, os olhos semicerrados olham para mim.

— Você é lindo! — Paro meus olhos em seu rosto e os mantenho lá por alguns segundos, percebendo que ela está semidesperta. — Cheira gostoso.

Isabelle sussurra, fecha os olhos e os abre preguiçosamente. Deitou a cabeça em meu peito e o cheirou, esfregando o pequeno nariz em minha camisa.

— Lindo, lindo — o som que sai da sua garganta é quase inaudível — Uhum, lindo, cheiro bom — encolhe o corpo um pouco mais em meus braços, esfregando o rosto em meu peito, então ela adormece novamente.

Não consigo me mover, estou parado diante da porta do quarto dela, observando aquela linda moça em meus braços, encolhida e sonolenta. Por que ela não pode ser assim o

tempo todo?

Crio coragem e dou mais alguns passos em direção à cama, onde a deito. Ajeito o seu vestido, que àquela altura já mostra toda a sua pequena calcinha rosa, com renda transparente e dois lacinhos em cada lado. Ela não se depila por completo, o tecido fino deixa à mostra os pelos escuros aparados, desenhando um pequeno retângulo. Minha língua coça. Se tem uma coisa que mais curto em uma transa, é o sexo oral, e aquela linda vulva está me deixando com água na boca. Meus dedos coçam para tocar o monte de vênus. Fecho meus olhos com força e baixo a sua saia.

Isabelle Disano, você é muito tentadora.

Toda essa visão só aumenta o meu tesão por ela.

Isabelle resmunga algo, mas não consigo entender. Toco em seu rosto; ela continua gelada.

Olho em volta do quarto. Ele se parece com ela: suave, alegre e aconchegante. Levanto e vou até o armário, encontrando, na parte de cima, vários edredons. Pego dois, cobrindo-a com eles. Ela se encolhe e resmunga.

— Frio, muito frio. — Sussurra, a voz quase sumindo.

Minha mãe me contava, quando era criança, que as pessoas que falam dormindo respondem todas as nossas perguntas. Resolvo arriscar. Inclino meu rosto até bem próximo do dela.

Com a voz em um tom baixo, pergunto:

— Isabelle, você sente tesão por mim?

Ela faz um muxoxo e vira de barriga para

NACIONAIS - ACHERON

cima, o que faz com que os nossos rostos fiquem muito próximos.

— Uhum! Sim, você é lindo e cheiroso... —
Se não estivesse tão próximo da sua boca, não teria entendido o que ela disse. Ri, vitorioso.

Já é um bom sinal. Não irá demorar muito.
Você será minha, mocinha.

O quarto fica escuro, as velas se apagam com o vento forte que entra através da cortina.

— Frio. — ela murmura.

Corro até a janela e a fecho. Olho a tempestade através do vidro. Chove forte, e ao longe posso ver os raios e os relâmpagos cortando o céu negro.

Volto a atenção para ela, que está toda encolhida. Retiro o cinto das minhas calças e abro o botão. Deito ao seu lado, puxando-a para o meu peito. Abraço aquele corpo trêmulo
NACIONAIS - ACHERON

e o aperto em meus braços.

— Pronto, senhorita Disano. De frio você não vai morrer, estou aqui para garantir isso. Só não garanto que sobreviverei a tanto tesão, meu companheiro lá embaixo está tão duro quanto os ferros da grade de sua cama.

Beijo o alto da sua cabeça. Mantenho meus olhos fechados, tentando dormir. Isabelle respira profundamente e se encolhe, dizendo algo que não entendo. Coloco a boca rente à sua orelha e pergunto:

— O que disse?

— Não me deixe... — Ela articula baixinho.

Sua respiração suave dá a certeza de que está dormindo levemente.

As horas se arrastam lentamente, e eu não consigo adormecer. *Hoje a noite será longa, Alejandro.*

Não sei explicar, mas estou adorando ficar ali com ela, em meus braços. A respiração lenta, o cheiro de flor, a pele macia, estão me encantando. É justamente essa a palavra: *encantamento*.

Acordo com o barulho de um trovão. Inclino o rosto para baixo, para verificá-la. Ela está bem, graças a Deus não se assustou. Confiro sua temperatura; está quentinha e dorme serenamente. Verifico as horas em meu relógio: eram quatro e quinze da manhã. Daí por diante, não consigo dormir mais.

Resolvo levantar, ficar abraçado àquele corpo quente e macio não está ajudando muito, meu membro já está começando a ficar duro outra vez. Sento na poltrona ao lado da cama e fico observando a linda moça que dorme tranquilamente.

Ela mexe comigo. Não tenho dúvidas quanto a isso. Parece que ela, mesmo com seu jeito arisco, está abrindo um caminho para chegar profundamente até mim, e fazendo isso, está fazendo surgir emoções novas, emoções essas que até agora eram desconhecidas por mim, só não sei se é para ajudar ou atrapalhar.

Ela é diferente de qualquer mulher que eu já conheci. Correr de mim não foi uma boa ideia. Se ela soubesse o quanto isso me deixou louco para conquistá-la, não o teria feito.

As luzes se acendem e o quarto fica todo iluminado. Levanto apressadamente, vou até o interruptor e apago todas as luzes. Olho ligeiramente para a cama, onde ela dorme lindamente.

É, Alejandro, o melhor que tem a fazer é

tomar um banho para acalmar suas duas cabeças.

É o que faço. Acho uma toalha no banheiro, e o cheiro de alfazema revela que é dela. Tomo um banho rápido, depois vou para a sala, ligo a TV e espero o dia amanhecer.



Estou preparando o café, quando percebo alguém me observando. Ergo minha cabeça em direção à porta da cozinha. Lá está ela, me olhando, curiosa, cabelos em desalinho, cara de sono, vestido amassado e duas pantufas horrorosas de gatos, nos pés.

Isabelle Bianucci Disano não para de me impressionar. Se fosse outra mulher, já sairia do quarto completamente produzida, com quilos de maquiagem no rosto, cabelos

penteados, roupa impecável e em cima dos saltos.

Ela resmunga algo, coça a cabeça e caminha em minha direção.

— O que você está fazendo? — Pergunta, cerrando os olhos.

— Café. — Respondo.

Estou cortando o pão quando ela passa ao meu lado e vai até a geladeira, pegando uma garrafa de água. Viro, ficando de frente para ela na minúscula cozinha. Aproximo-me, mas ela recua um passo, se chocando com a geladeira. Inclino o corpo, meu rosto ficando tão próximo ao dela que posso sentir o seu hálito.

— Você... — gagueja — pode me dar licença?

Sua mão aperta a pequena garrafa, fazendo aquele barulho irritante de plástico sendo

NACIONAIS - ACHERON

amassado. Sorrio para ela e olho para as minhas mãos, que seguram a cesta com os pães.

— Você poderia me ajudar com isso? — Pergunto, meu rosto bem próximo ao dela. — Leve-a até a mesa, enquanto pego o café.

Ela solta um suspiro. Puxa a cesta das minhas mãos e sai marchando até a mesa, posta por mim, para o café matinal. Fico a observando pôr a cesta no meio da mesa, apoiar as duas mãos no tampo de vidro, baixar a cabeça e ficar assim por um tempo.

Tempo suficiente para chegar até ela. Minhas mãos ficam sobre as suas, meu rosto encostado à sua nuca, minha boca colada à sua orelha.

— Café com leite, com açúcar ou adoçante? — Roço a ponta do meu nariz no lóbulo da sua

orelha. Ela encolhe a cabeça, juntando-a ao ombro.

— Três colheres de açúcar — diz, bem baixinho.

Meu corpo está bem colado ao dela, posso sentir sua respiração ofegante, e ela pode sentir o tamanho da minha excitação, que pulsa bem acima da sua bunda.

— Pronto, seu café está servido. — Isabelle se vira, nos deixando frente a frente. Sua cabeça inclina para trás e nosso olhar se fixa um no outro.

Aquelas duas estrelas brilham para mim, explodindo luzes azuis, enchendo-me de vontades, muitas vontades. Minha boca vai se aproximando da sua lentamente, e minhas mãos escorregam por seus braços, fazendo um caminho para cima. Nossos lábios se tocam.

Ela entreabre os dela, soltando um gemido suave.

Nunca um simples roçar de lábios causou tanto tesão como esse. Minha vontade é agarrá-la e jogá-la naquela mesa, entrar em seu corpo com força, com vontade, derrubando todas as suas barreiras, deixando-a de joelhos para mim.

Ela se afasta, olha em meus olhos por alguns instantes e então, rapidamente, olha para baixo.

— Olhe para mim, Isabelle. — Ela evita o meu olhar. — Isabelle, olhe em meus olhos. — Ela me dá um olhar breve, mas baixa os cílios outra vez. — Porra! — Afasto-me. Sento na cadeira, ela fez o mesmo. Ficamos em silêncio até terminarmos o café.

Ela quebra o silêncio.

PERIGOSAS

— Quando você sair, bata a porta. Vou tomar um banho. — Levanta da cadeira, arrastando-a no piso.

— Vou esperar você. — Levanto, junto a louça e a levo para a pia.

— Não precisa. Pode ir embora, o nosso acordo acabou ontem. — Ela vira as costas e entra no quarto, mas vou atrás dela.

— Você está me mandando embora? O que há com você, qual é o seu problema comigo?

Isabelle me olha dos pés à cabeça.

— Quer saber mesmo qual é o meu problema com você?

— Quero.

— Os holofotes que o seguem. Esse é o meu problema com você.

— Como é que é? Que porra de holofotes

NACIONAIS - ACHERON

você está falando?!

Em sua mão está uma toalha, que ela atira com força na cama e parte em minha direção, com o dedo apontado para o meu peito.

— Senhor Ortega, não pretendo e nem tenho a intenção de ser a garota da vez. Não quero meu nome escrito em letras garrafais nas mídias sociais, jornais e revistas com o seguinte trecho — ela faz um gesto com as mãos — *Isabelle Bianucci Disano, a mais nova foda do grande empresário Alejandro Ortega Martinez* — Seu dedo toca o meu peito com força, e ela o empurra. — Não quero 15 minutos de fama, não quero ser modelo, atriz, tampouco sair pelada em uma revista masculina, portanto, eu o quero bem longe de mim. O senhor queria jantar comigo... jantamos, agora já pode ir embora e me

esquecer.

Gira nos calcanhares. Ela já está próxima à porta do banheiro quando a intercepto, puxando-a pelo braço.

— Não, senhorita Disano. Não acabamos por aqui. Você ainda me deve um jantar, portanto, não é assim que a banda toca. Que eu saiba, a senhorita não jantou comigo, fui eu quem jantou com a senhorita e em seu apartamento. Não abrirei mão do meu jantar.

— Ordinário filho da mãe! — Ela puxa o braço, soltando-se da minha mão. — Vai me chantagear novamente, seu crápula filho do capeta?

Suas mãos começam a bater em meu peito. E doíam. Seguro-a por seus braços com força. Parando-a, agito o seu corpo, fazendo-a parar de espernear.

— Você vai jantar comigo ou não? — Fuzilo-a com o meu olhar.

— Ou o quê? Acontece o que, se não aceitar?
— Firma os seus olhos nos meus.

— Serei mil vezes mais determinado do que antes. E desta vez sem subterfúgios, mostrarei a minha cara e a sua.

— Filho da mãe, isso é chantagem! O que você quer ganhar com isso, hein? Acha mesmo que vai conseguir me foder? Porque é isso que você quer! Acha que conseguirá me seduzir e se meter no meio das minhas pernas?

— Não. Só quero jantar com você, só isso.

Ela solta uma gargalhada.

— Essa foi a grande piada do ano! —
Gargalha outra vez. — O grande senhor Ortega só quer jantar com a simples auxiliar de edição, só isso. — Ela me olha com desdém. —
NACIONAIS - ACHERON

Faça-me um favor, não sou idiota.

— Mas parece uma. E qual é o problema em querer fazer sexo? Eu sei que você sente tesão por mim. Sexo é saudável, principalmente quando os dois envolvidos querem.

— Querer e fazer são dois extremos bastante diferentes. Posso querer, mas não vou fazer.

— Ok, mas você vai jantar comigo, quer queira, quer não. — Ela se cala. A solto e caminho em direção à porta. Paro por um instante. — Então, vamos continuar com essa corrida de gato e rato? Porque, se for assim, tudo bem para mim, adoro desafios.

— Quando vamos jantar e onde? — Ela diz, com voz de quem perdeu a batalha.

— Ligarei para você, fique atenta. — Viro as costas e saio andando. — Tenha um bom dia, senhorita Disano.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Isabelle

Abril de 2014

Não vi nem falei com o senhor Ortega desde o jantar que ofereci para ele. Faz exatamente onze dias hoje. Não sei se estou triste, decepcionada ou feliz por ele não ter cumprido a promessa de me ligar para marcarmos o próximo jantar, desta vez oferecido por ele. Talvez esteja me sentindo dispensada. Sim, acho que a palavra certa é essa. Dispensada.

Estou me sentindo assim por causa de todas as manchetes vistas por mim, sobre as aventuras do garanhão ricoço.

No dia seguinte do nosso explosivo café da manhã, assim que cheguei aqui na revista, dei de cara com uma manchete, na coluna social de um site: *“O grande investidor e empresário Alejandro Ortega Martinez se encontra em*

PERIGOSAS

Ibiza, na Espanha. Ele foi flagrado ao lado de uma bela loira na Space, famoso Club noturno". Desço os olhos um pouco para baixo da matéria, visualizando uma foto dele, sorridente, segurando uma loira pela cintura. A mulher não é linda; ela é perfeita. E lá está ele, lindo e safado. Fico frustrada, pois pensei que receberia uma daquelas ligações persistentes, e em Ibiza ele não se daria ao trabalho de me ligar. Aliás, duvido muito que ele lembre de mim.

Os outros dias não foram diferentes.

Ortega ficou em Ibiza durante três dias, e em cada dia ficou com uma mulher diferente. Na semana seguinte, continuo acompanhando os seus passos. Foi para Portugal, e suas noites na terrinha foram muito animadas. Companhia feminina não faltou.

NACIONAIS - ACHERON

Agora estou aqui, em plena segunda-feira, fuçando outro site com colunas sociais, e o encontro. Aquele riso debochado estava sendo direcionado para uma linda ruiva, provavelmente, outra modelo. A matéria dizia o seguinte: *“Alejandro Ortega Martinez, o solteiro mais cobiçado do mundo, deixará saudades em Veneza, não resta dúvida. O grande empresário sabe se divertir, seu final de semana foi muito emocionante, em uma das cidades mais bonitas da Itália, ao lado de uma das modelos mais bem pagas de Paris, a linda Lorenza Avelar.”*

Quase o meu queixo cai. Retiro o pequeno espelho de dentro da minha bolsa e começo a me analisar. Olho para a foto da ruiva e olho para mim. Nem com duzentas plásticas e comendo alface todos os dias chegaria perto da estonteante Lorenza. A moça é um espetáculo

NACIONAIS - ACHERON

de linda.

Se restava alguma dúvida de que o senhor Ortega se cansou de brincar de correr atrás da assistente de edição, pobrinha e sem graça, vendo todas aquelas moças lindas, tinha certeza agora. Ele perdeu o interesse.

A vontade de chorar vem com tudo.

Espera um momento! Você pensou isso mesmo, Isabelle? Você quer chorar só porque o cretino, arrogante, filho da mãe, não quer mais você? *Enlouqueci, mandem me internar.*

Tudo bem; minha vida até a presente data não envolvia homens extraordinários, exceto alguns colegas; dois, para falar a verdade. Um da faculdade e um rapaz de uma revista concorrente. Esse só namorei para fazer pirraça para o meu chefe, quando ele ficou dizendo a todos os funcionários que não

permitia relacionamentos com colegas de trabalho, ou seja, nada de namorico com os colegas da *Todo Dia*, então arrumei um namorado com a concorrente. Quando ele ficou sabendo, desfez o comunicado. E, no mais, não estou focada em relacionamentos. Eu sei, quando menos esperar, a minha cara metade irá aparecer.

Então, por que estou tão incomodada com o fato de o senhor Ortega não ter me ligado, ou pior, de ele não se interessar mais por mim?

Eu nunca quis um relacionamento com ele, desde o começo eu sabia da fama do senhor Ortega e me nego a ser mais uma das suas conquistas, apesar de ele ter se mostrado um homem educado, simples, além de tão sexy que mexe comigo de uma forma totalmente nova.

Esquece isso, Isabelle, e volte a trabalhar, é

o melhor a fazer.

Meu dia hoje será agitado, a revista está fazendo a cobertura de um grande evento de moda, e, claro, sobra para quem digitar? Eu.

— Ei, psiu! Psiu!

Eu sei quem está me dando aquele assobio. Só não quero olhar na direção do barulho chato. O que eu quero mesmo é terminar aquelas quinze páginas de manuscritos enviadas pela redação, por isso me finjo de morta.

— Isa, porra! Quer abrir essa bendita porta?!

Ela perde a paciência, a senhorita esquentadinha não aguenta ser ignorada. *Olha quem fala!*

Olho em direção à parede de vidro e faço sinal com a mão para ela ir embora. Ela não vai

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e começa a bater com persistência no vidro. Indignada, me levanto e vou abrir a porta.

— Caramba, Isa! Custava levantar e vir me atender? Você, com o tempo, está ficando esquisita e mal-humorada. Olha, vou te falar uma coisa, se você pretende arrumar um homem, vai mudando o seu temperamento, pois homem não gosta de cobra. Cobra, eles já têm no meio das pernas, eles querem uma perereca alegre e saltitante, e de preferência saltitantes em cima do seu colo, com pernas abertas e sem calcinha, e que rebolem gostoso. Portanto, amiga, se não quer ficar com um companheiro vibrador para o resto da vida, trate de ser mais divertida. Eu, hein! Sua cara está horrível.

Para falar a verdade, nem estou escutando o blá, blá, blá dela. Continuo digitando.

NACIONAIS - ACHERON

— Isa. — Ela puxa a pasta que está no suporte de texto. Olho furiosa para ela. — Vamos almoçar, entrego isso para você na volta — Ela mostra a pasta.

Bufo de raiva, enchendo as bochechas de ar.

— Teca, não estou para brincadeiras. Estou abarrotada de trabalho e de mau humor. Faz um favor para você mesma, vá almoçar sozinha... ou melhor, vá almoçar com o cara do sétimo andar e depois vá dar uma rapidinha, ele será melhor companhia do que eu.

— Você está esquisita desde o dia das flores. É o cara misterioso que está te deixando assim? — Se ela descobrir que o “cara” é o Alejandro Ortega, vou estar bem ferrada. Ela fica me fitando, esperando a resposta. Como continuo digitando, ela persiste no assunto: — Isa, somos amigas ou não somos? Eu sei que

sou um pouco doida — fito-a com os olhos semicerrados — Está bem, tá bom... eu sou muito doida, mas sou sua amiga. — Ela me devolve a pasta e sorri. — Por que não se abre comigo? Talvez eu possa ajudar. Quem sabe até posso dar uma voadora nele, sabe que sou boa nisso.

Não resisto e sorrio. Teca é divertida. Está aí; se alguém estivesse com depressão, era só passar quinze minutos ao lado dela e toda a depressão iria embora.

— Você quer dizer, daria uma voadora direto no colo dele. Doida.

— E por que não? Você não quer o cara, joga ele no meu colo, que logo ele deixa de ser Stalker e vira minha vítima. É ele, não é?

— Não. Sou eu, mesmo. E se você não percebeu, ele parou de me perseguir. Agora vá

almoçar e quando voltar passe na lanchonete e me traga um sanduíche natural e um suco de laranja.

— Tem certeza de que está tudo bem? —
Assinto com a cabeça. — Então ok, vou indo...
Tchau!

Tenho vontade de me abrir com ela, contar sobre o Alejandro, sobre o que estou sentindo em relação a ele. São sentimentos novos e confusos, como saudade e ciúmes. Mas se a Teca souber, ao invés de tentar me afastar dele, vai me incentivar a sair com ele. E o que eu preciso nesse momento é de alguém para pôr um pouco de juízo em minha cabeça.

Ela se vai. Gosto muito da Teca, mas tem horas que só quero ficar sozinha, e a Teca é o tipo de pessoa que adora barulhos.

Às treze e trinta, ela traz meu sanduíche e o

meu suco. Conversamos um pouco enquanto eu como, depois ela volta para o seu departamento.

Passo a tarde sem pensar no Ortega, só lembro dele no final do expediente, quando vou desligar o computador. Não resisto e, antes de desligar a máquina, faço uma busca por ele no mecanismo de pesquisa. Dou de cara com a foto dele e da tal de Lorenza Avelar, então desço a página, só por curiosidade, e o coração fica a mil. Por quê? Não sei por que fui ler a meleca da notícia.

“Será que o solteirão mais cobiçado do mundo foi fígado? Tudo indica que sim. Segundo fontes seguras, o grande empresário está muito fascinado com a linda Lorenza Avelar”

Desligo rapidamente o computador. *É, Isa,*

acabou a brincadeira. O melhor a fazer é ir para casa e afogar as mágoas em uma panela de brigadeiro.

Desligo as luzes. Já estou com a chave na fechadura, quando o meu telefone toca. Corro para atender, meu chefe sempre esquece alguma coisa, devia ser ele.

— Isabelle Disano, assistente de edição, boa tarde!

— Estou a esperando aqui na garagem. Você tem cinco minutos para chegar, ou então, eu mesmo vou buscá-la.

Ele não precisa se anunciar, aquela voz rouca e sexy tinha o seu nome escrito. Alejandro Ortega.

— Já estou descendo. — Digo, sem piscar os olhos.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

*N*ão tenho tempo e nem quero relacionamentos. Por dois motivos: não gosto de cobranças e não quero criar laços afetivos. Não que eu tenha algo contra esses dois itens, mas estou muito bem comigo mesmo, posso ir e vir a hora que bem entender. Posso dormir hoje com uma loira e amanhã com uma morena, ou com as duas ao mesmo tempo. Para mim, isso é bastante satisfatório.

Sim, um dia penso em casar, ter filhos, e quando isso acontecer, será para valer. *Ela*, a mulher que conseguir domar o animal livre que vive dentro de mim, será a única, para todo o sempre. Mas, enquanto isso não acontece, sou bicho solto. Se passar por meu radar, olhar para mim e for interessante, eu *fodo*. O dia seguinte... ah! O dia seguinte é um novo dia, e ele só pertence a Deus, não a mim.

Contudo, há alguns dias, algo – para ser mais específico, uma moça com estrelas no olhar – está me tirando do sério. Não sou de ficar pensando em uma mulher. Vejo, desejo, fodo e dispenso no outro dia.

Essa eu vi, me interessei, mas... ela não me dá a mínima. Está se fazendo de difícil. Até que eu gostei do desafio, no início. Nunca precisei correr atrás de mulher alguma, só que, agora,

PERIGOSAS

não consigo tirá-la da cabeça – das duas cabeças. Passei onze dias fora do Brasil, só para parar de pensar na porra dessa mulher. Não adiantou.

Ela está despertando em mim algo antes nunca sentido: a vontade de vê-la no dia seguinte. Talvez seja por não a ter levado para a cama... *ainda*. Talvez, quando conseguir transar com ela, isso passe e a minha vida volte ao normal. E hoje, tirarei a prova dos nove. *Ou estarei muito ferrado.*

Acabei de ligar para ela, avisando-a que estou aqui, no estacionamento do prédio onde ela trabalha. Tenho certeza que ela ficou surpresa com a minha ligação, acho que pensou que não ligaria mais.

Já olhei o relógio umas cem vezes. Só não entendo por que estou tão nervoso.

NACIONAIS - ACHERON

Merda! Onde ela está? Já faz mais de cinco minutos que estou na porra do meu carro, esperando a porra da mulher que está me deixando duro quase três vezes ao dia. Basta pensar naquelas pernas grossas e o seu monte de vênus gorducho, que a porra do meu membro fica duro.

Você está parecendo um adolescente, Alejandro.

A porta do elevador se abre, e ela sai de dentro dele.

Cacete! Ela não precisa de roupa de grife, sapatos de saltos, maquiagem ou qualquer outra porcaria que as mulheres costumam usar para ficarem bonitas. Ela é linda do jeito que é, naturalmente linda.

— Destrave a porta do carro, Alfonso. —
Falo com o meu motorista.

Estico o braço e deixo a porta entreaberta. Ela chega perto e a abre, mas não entra; fica de pé, segurando a sua bolsa enorme nas mãos.

— Precisa de convite para entrar ou prefere que eu saia e a coloque aqui dentro?

Escuto sua respiração pesada. Ela se irrita. Seu corpo se inclina, e seus olhos lindos me fitam. Eles estão furiosos.

— Não vou entrar aí dentro, só me diga o endereço, que o encontro lá.

Ela está testando a minha paciência.

— Ou entra ou a coloco aqui dentro. — Brado, abrindo a porta do carro. Já estou com um dos meus pés fora do veículo, quando sinto um peso ao meu lado.

Ela entra, mas está uma fera. Sua respiração apressada dizia-me isso.

— Escute aqui, senhor Ortega — detesto quando ela me chama de Ortega — Será o nosso último encontro! Depois desse jantar, não quero nunca mais ver a sua cara.

Sorrio, debochado, meu riso torto de canto de boca.

— Impossível. Minha cara vive estampada em todas as partes.

— Não quero nunca mais ver a sua cara pessoalmente. Pronto, entendeu agora?

Fico a observando por alguns segundos. Ela, percebendo o meu olhar, vira o rosto para o sentido contrário.

— Podemos ir, senhor Martinez? — Alfonso pergunta. Viro meu rosto em direção ao meu motorista e respondo:

— Sim. — Volto a observá-la. Aproximo um pouco mais o meu corpo do dela, minha perna

NACIONAIS - ACHERON

quase encostando na sua. — Nós não podemos nem ser amigos?

— Não. — Ela responde rapidamente — Você costuma foder as suas amigas, não pretendo ser uma foda sua. — Ela vira o rosto para mim — Para onde você está me levando? Não é para um daqueles restaurantes chiques e cheios de paparazzi na porta, é?

Ela fica muito mais linda quando está irritada. Não consigo controlar o meu riso. Ela me fuzila com o olhar, quando vê o riso estampado em meu rosto.

— Não se preocupe, você vai adorar o lugar. — Faço uma pausa. Preciso quebrar esse gelo entre nós dois. Limpo a garganta e digo com suavidade na voz: — Você está linda!

Ela sorri levemente. Olha em meus olhos e diz:

— Não precisa mentir. Eu sei como estou hoje, não me comparo nem de perto com as mulheres com quem costuma sair, principalmente as modelos de Paris.

— Anda me vigiando, senhorita Disano? É impressão minha ou senti uma pontada de ciúmes no tom da sua voz? — Ela me envia um olhar fulminante. — Calma! — Estendo as mãos em frente ao corpo. — Não precisa tentar me matar, embora não concorde com a senhorita. As mulheres as quais se refere são lindas, sim, algumas são muito inteligentes, mas a beleza delas depende de artifícios. Elas são deslumbrantes até antes de dormir, depois se tornam normais. Você é linda a qualquer hora do dia.

Sou sincero. Aos meus olhos, ela é perfeita.

— Senhor Ortega, eu tenho espelho em casa,

e quando saí hoje cedo fiz uma longa avaliação em mim mesma. — Seus olhos lindos cruzam com os meus rapidamente. Ela mantém o olhar fixo por alguns segundos, depois baixa os cílios e continua: — Meu vestidinho simples — ela aponta para o vestido — minha sapatilha, minha bolsa grande e minha cara lavada, não se comparam a nenhuma mulher com as quais o senhor está acostumado, portanto, não gaste o seu vocabulário comigo, ele é desnecessário.

Ela abraça a bolsa e vira o rosto outra vez para o lado oposto do meu. Toco o seu queixo com a ponta do meu dedo indicador e viro o seu rosto para mim.

— Isabelle, não se desvalorize. Você é linda assim, do jeito que está — Ela tenta retirar o meu dedo do seu queixo, mas circulo a palma da mão em torno dele, mantendo-o firme. —

Isa, quando uma pessoa tem tanto dinheiro como eu tenho, e está acostumado ao luxo e ao glamour, chega uma certa hora em que começamos a dar valor às coisas mais simples da vida... — olho em seus olhos, bem lá no fundo. — Não troco sua beleza simples por nenhuma daquelas mulheres com quem você me viu nesses últimos dias, juro a você.

Ela baixa o olhar. Aproveito que ela baixa a guarda e lhe faço um carinho no rosto com o meu polegar. Pode parecer besteira o que vou dizer, mas aquele simples gesto, aquela simples carícia, foi o bastante para fazer o meu coração disparar.

— Chegamos, senhor Martinez.

O Alfonso quebra a magia, e a bruxinha volta com força total.

— Não pense que irá me seduzir com essas

suas palavras melosas, senhor Ortega. Será só um jantar e depois, adeus!

Ela nem me espera descer para abrir a porta do carro. Abre a porta ela mesma e sai do veículo, em um pulo. Até Alfonso fica espantado com a rapidez dela.

— Oh, sua maluca — desço do carro já aos berros, ela tinha o dom de me tirar do sério — você sabia que costume abrir a porta do automóvel para as mulheres descerem?

— Ai — ela põe as duas mãos na boca e ri, debochando de mim. — Desculpe-me, impedi o seu cavalheirismo. Foi mal, só um minuto. — Ela entra no carro novamente e fecha a porta. — Pronto, pode abrir. — Grita lá de dentro.

Essa doida não vai zombar de mim. Faço um gesto com a cabeça para Alfonso, mandando-o abrir a porta. Ele o faz, e ela me

PERIGOSAS

olha, decepcionada.

— Grosso! — Diz, em tom irritado.

Foi a minha vez de levar as mãos à boca e sorrir, imitando o mesmo gesto dela. Ela passa por mim quase levando o meu braço junto.

— Estamos quites. Sua estúpida! — Digo, alisando o meu braço.

Ela para, olhando à sua volta, depois segue para o lado direito.

— Para aonde você pensa que vai? — Chamo sua atenção.

— Para o elevador. Ou vamos de escadas? — Aponta para a saída de emergência.

— Elevador, mas não esse aí, venha. — Viro para o Alfonso. — Pode ir, Alfonso, quando for a hora, eu o chamo.

Ele entra no carro e parte.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Para onde ele foi? Como voltarei para casa?

— Ele vai voltar, e se não voltar, eu mesmo levo você. Agora vamos.

Aperto o botão do elevador privativo. Ela me olha com um olhar duvidoso.

— Esse é o prédio da sua empresa?

— Saberá quando chegarmos lá em cima.

Entramos na cabine e aperto o botão da cobertura. Ela me olha novamente com aquele olhar duvidoso.

— Só existem três prédios com trinta andares em Lagoas: dois são empresarias e um é residencial. Onde este se encaixa, senhor Ortega?

— Saberá daqui a pouco. — Deixo-a com duas rugas na testa.

NACIONAIS - ACHERON

A porta do elevador se abre. Deixo-a sair primeiro. Aperto o botão da chave, e a grande porta de madeira de lei é aberta. Isabelle me olha com aquele olhar lindo. Ela para, e mando-a seguir. Empurra a porta devagar, colocando a cabeça lentamente através dela.

Seus passos param ao entrar na grande sala. Ela me olha, seus olhos brilham de admiração.

— É o seu apartamento? — Assinto com a cabeça — Tudo aqui se parece com você. — Seus lábios sorriem timidamente. — Espaçoso — Ela ri com embaraço — confortável — ruboriza — aconchegante — baixa os olhos quando a fito com as sobrancelhas arqueadas — prático e luxuoso. Descrevi você só em avaliar o espaço em que vive. Espero não ter exagerado. Posso?

Ela aponta para a grande janela de vidro

verde. Aponto o caminho com a mão, e ela segue.

— Minha nossa! — Encosta a testa no vidro, olhando para baixo. — Você não sente medo em morar aqui?

— Não. Ao contrário, sinto-me seguro. Essa altura me dá a sensação de proteção, aqui ninguém poderá me tocar. — Ela se vira, seus olhos azuis avaliam tudo que alcançam. — Lá fica a suíte principal, ao lado esquerdo outro quarto e no direito outro quarto, que transformei em escritório, e ao lado dele um outro banheiro — Aponto para o longo corredor à frente dela. — Lá em cima é a piscina, sauna, sala de TV e o jardim. Quer ir conhecer?

— Não. Tenho certeza que é tão lindo quanto aqui.

PERIGOSAS

Ficamos em silêncio. Ela começa a ficar inquieta, movendo os dedos no encosto do grande estofado.

— Quer jantar agora? — quebro o gelo.

— O que vamos comer? Espero que não seja nada daquelas comidas que precisam de uma porção de talheres especiais, não sei usar aquilo não.

Solto uma gargalhada, jogando a cabeça levemente para trás. Ela sabe ser engraçada.

— Não, não é, mas vou logo avisando, não fui eu quem fiz, apesar de saber fazer algumas coisas. — Ela me fita com desconfiança. — Morei sozinho na Inglaterra por um bom tempo, precisava me virar. Sei fritar ovo, fazer arroz, café e bife, mas o que mandei fazer para o nosso jantar não é minha especialidade. Sente-se.

NACIONAIS - ACHERON

Puxo a cadeira para ela sentar, o que faz em seguida. Põe as mãos na mesa e começa a dedilhar no vidro. Ela está nervosa. Eu também.

Vou até a cozinha, abro o forno e tiro de dentro uma travessa de porcelana branca. A coloco na mesa, abro a tampa, e ela quase pula da cadeira.

— É o que estou pensando, é? — Seus olhos sorriem para mim. Ela olha para a travessa e para mim, com uma maravilhosa alegria no olhar.

— Acho que sim. Escondidinho de carne seca. Adoro isso, Isa. Conheci essa delícia quando fui passar uns dias no Recife. Nossa! Acho que comia isso, no mínimo, uma vez por dia. Você gosta, não é? Se não gostar, podemos pedir uma pizza.

PERIGOSAS

— Está de brincadeira?! Sabe há quanto tempo não como essa delícia? Nem me lembro! Salivei, senhor Ortega. É purê de aipim, não é?

— Assinto com a cabeça. — Cadê o prato?

Corro para a cozinha e pego dois pratos e talheres.

— Para beber, escolhi uma bebida perfeita. Como não sei se você faz uso de bebida alcoólica, comprei com e sem álcool.

Vou até a geladeira e pego três cervejas long neck.

— Nunca imaginei que você beberia cerveja. Sempre o imaginei com uma taça de champanhe ou um copo de whisky.

— Para o seu governo, gosto muito de cerveja, e bem gelada. Sou rico, mas não sou metido a besta.

Ela ri gostosamente.

NACIONAIS - ACHERON

— Quero a cerveja igual a sua. — Abro uma garrafa e a entrego para ela.

Raspamos a travessa do escondidinho. Não pensei que aquela coisinha pequena comesse tanto.

— Nossa! Comi tanto que fiquei triste.

Ela baixa a cabeça, encostando a testa na mesa.

— E a sobremesa, vai dispensar?

— Como assim, tem mais? — Ela levanta a cabeça rapidamente, olhando-me — É pudim de leite?

— Não. Quer descobrir o que é? Vá lá no refrigerador.

Aponto para a cozinha. Ela se levanta e vai até lá.

— Eu não acredito, não acredito nisso! Amo

PERIGOSAS

você, senhor Ortega! Acabou de me fazer a pessoa mais feliz do mundo.

Só escuto os gritos de felicidade dela. E antes que eu pisque os olhos, ela chega até a mesa com duas enormes taças cheias de gelatinas coloridas.

Seus olhos brilham. Como algo tão simples, como gelatina, pode fazer tamanha alegria? Para outra pessoa, talvez não, mas para aquela moça, com olhos de estrela, sim.

Ela come a gelatina da taça dela e da minha. E enquanto come, limpo a mesa e levo a louça para a cozinha. Quando volto para a sala, ela está sentada no sofá, lendo uma revista onde a manchete sou eu.

— Quer escutar uma música?

Ela fecha a revista e a joga com desdém na mesa de centro.

NACIONAIS - ACHERON

— Depende da música. — Aqueles olhos lindos fogem dos meus. Ela está incomodada com alguma coisa.

— Semana passada, estava na casa de um amigo, em Veneza, e escutei uma música, e ela me lembrou de você.

— Eu? — Aponta o dedo para si mesma.

— Uhum! Só um minuto, está em meu celular, vou conectá-lo.

Dois segundos depois, a música começa a tocar. É “*Pela luz dos olhos teus*, de Tom Jobim e Miúcha”.

— Quer dançar? — Estendo a mão, convidando-a. Fico com medo que ela não aceite.

Para minha surpresa, ela toca minha mão, aceitando.

Ficamos frente a frente. Minha mão segura a sua, e os nossos dedos se entrelaçam. Nossos corpos se juntam, olho no olho. Minha outra mão envolve sua cintura, e a palma da sua mão paira em meu peito, depois escorrega, indo até o meu pescoço.

Sua cabeça encosta em meu peito. O cheiro dela, de alfazema, que eu já conheço, chega até as minhas narinas. Deixo-me inebriar por aquele aroma enlouquecedor. Aspiro profundamente o seu cheiro. Ela também faz o mesmo. Sua cabeça se afasta do meu peito, e aqueles olhos lindos me fitam, as duas estrelas brilhando para mim.

Sem afastar o seu olhar do meu, ela sussurra:

— Você tem um cheiro bom.

É automático o que faço depois. Beijo sua

testa, em seguida, inclino o corpo e o meu rosto encosta no seu. A atmosfera em meu apartamento muda. Sinto uma energia boa nos cercando, e a vontade de abraçá-la mais apertado floresce, e é o que faço.

Puxo o seu corpo para mais perto do meu. Minha mão escorrega levemente para cima e para baixo em suas costas. Ela respira fundo, roçando o rosto no meu.

Viro o meu rosto, e minha boca toca a sua. Lábios colados, roçando-se um no outro...

— Humm! — Seu gemido atíça meu coração.

Que diabo está acontecendo comigo?

Seus lábios se entreabrem, e minha ousada língua escorrega para o calor da sua boca.

Nossas línguas colidem.

É uma sensação de felicidade dominante,

não consigo explicar o que sinto no momento, acho que a primeira expressão é a mais apropriada. Já beijei muitas mulheres, já senti muitas coisas com alguns beijos, mas aquela sensação, alojada em minha mente, se espalhando em meu corpo, nunca havia sentido antes.

E fica mais intenso, na medida que nossas línguas se enroscam uma na outra. Não consigo conter o meu *eu* voraz. Minha mão vai até a sua nuca, meus dedos a circulam, pressionando sua boca à minha. O beijo se torna mais dominante e ela solta um gemido baixo.

Não escuto mais a música. Aliás, não consigo escutar nada, a não ser os gemidos que escapam da garganta de Isabelle.

Meu corpo começa a se roçar ao dela, e o

desespero cresce em mim.

Minha outra mão desce por suas costas até chegar em sua bunda. Dedos ágeis a acariciam através do tecido do vestido.

— Oh, senhor Ortega... senh... eu, eu... Oh, meu Deus!

Escutar o delírio dela em minha boca é atordoante.

— Quero você. Quero muito você, Isabelle. Não consigo fazer mais nada, pois você ocupa o espaço total da minha mente. Deus do céu, estou quebrando paredes por sua causa!

Digo, sem soltar a sua boca. Mordo os seus lábios, sua língua, beijo-lhe o rosto por inteiro. E o meu corpo ganha vida, roçando-se involuntariamente ao corpo dela.

— Isabelle... — Mordo a ponta do seu queixo.

Minha boca desce por seu pescoço, ela inclina a cabeça para trás, oferecendo-me ele. Deslizo minha língua por ele até chegar na junção dos seus seios. Afasto-me um pouco, e posso ver que os seus mamilos estão eriçados sob o tecido fino do algodão do seu vestido. Lambo os lábios. Eu os quero entre os meus dentes. Não resisto; minha boca vai até lá. Mordo os bicos duros, um por um.

— Humm! Humm! Novamente, por favor, faz de novo...

Ela suplica, e obedeço à sua súplica. Mordo com mais força e ela aperta o corpo com mais ímpeto ao meu. Suspendo seu corpo e a levo até uma das cadeiras próximo à mesa. Sento-me e a coloco sentada em meu colo.

— Abra um pouco as pernas, Isa. — o tom da minha voz soa rouca, dissoluta, cheia de

tesão. Eu preciso tocá-la.

Tomo sua boca novamente, em um beijo possessivo. Um beijo alucinante. Ela agarra os meus cabelos e os puxa, mordendo os meus lábios.

— Senhor Ortega, eu... eu...

Ela não consegue completar a frase. Está delirante, ébria de tesão. O corpo dela queima; o meu também.

Isabelle faz o que peço, abre um pouco mais as pernas.

Minha mão massageia os seus seios e vai descendo por seu ventre. Passa por seu monte de vênus até chegar às suas coxas. Meus dedos fazem uma carícia lenta entre elas e sobem pausadamente até encontrarem seu sexo.

— Cacete! — Murmuro ao tocar lá — Você está pegando fogo, e tão, tão molhada. — Sua
NACIONAIS - ACHERON

calcinha está completamente encharcada.

Meus dedos se fecham em seu monte. Aperto e deslizo o dedo entre seus lábios, forçando o tecido fino da calcinha.

— Toque-me, Isa. Preciso do seu toque, me acaricie... — Olho para ela. Seus olhos estão fechados. Sem afastar minha boca da dela, articulo: — Isa, olhe para mim. Isa... — Ela abre os olhos. Puts! As duas estrelas estavam mais brilhantes do que nunca. — Toque-me, eu preciso do seu toque.

Ela morde o lábio. Fecha os olhos novamente e rouba minha boca, escorregando a língua para dentro. Chupo-a com força. Segundos depois, uma mãozinha indecisa acaricia o meu membro. Ela o aperta e esfrega a palma, e mesmo sendo por cima da calça, aqueles movimentos me deixam louco.

Meu dedo se torna mais ousado. Afasto o tecido da calcinha para um lado, e o outro dedo escorrega em suas dobras molhadas.

— Deus do céu, Isa! Você é pecado puro, tão quente, tão macia...

Suas pernas se abrem mais. Isabelle não se parece em nada com aquela moça arisca, respondona, malcriada, pirracenta... agora é uma mulher ardente, completamente em chamas. E por mim. Isso é o melhor de tudo.

Circulo sua cintura com um braço, junto seus seios ao meu peito, forçando o beijo um pouco mais.

— Senhor Ortega, quero... eu estou... humm... Cristo, quero você...

Finalmente ela consegue articular uma frase completa.

Aperto seu sexo com força entre os meus
NACIONAIS - ACHERON

dedos. Ergo o meu corpo, ficando de pé. Minha mão entre suas pernas, meus dedos encharcados por seus fluidos, meu membro sendo massageado por sua pequena mãozinha... Minha cabeça dá giros.

— Eu também quero você, Isa. — Solto sua boca para beijar todo seu rosto, depois volto para sua boca. — Desde que te conheci, não consigo parar de pensar em você. — Beijo a ponta do seu nariz, minha mão continua massageando seu sexo — você invadiu minha vida, em todos os sentidos. Até minha vida sexual, pois quando estava fodendo outra mulher, era você que eu via... era você quem eu queria foder...

Ela solta minha boca e sua mão solta o meu membro. Sou empurrado com força, e os nossos corpos se separam.

— O que foi, Isabelle? — Falo, aturdido.

Ela me olha com fúria nos olhos. Vira as costas e caminha em direção à porta de saída.

— Aonde pensa que vai, Isabelle?

— Não penso, senhor Ortega. Eu *vou* embora daqui.

— Mas que porra que eu fiz agora, que porra está acontecendo aqui?

Corro até ela e a puxo pelo braço. Ela vira rapidamente, livrando-se da minha mão. Aponta o dedo indicador em meu peito, empurrando-me para trás.

— Não me toque, seu idiota! — Ela respira fundo. Prende o ar, depois o solta de vez — Não serei fodida por você, não serei mais uma na sua cama. — Ela aponta para o meu quarto — Não serei seu passatempo. Não pense o senhor que vai me jogar ali — aponta outra vez

em direção ao quarto — Abrir minhas pernas e me foder a noite toda, e... e quando chegar amanhã pela manhã, sequer vai lembrar o meu nome. Não, senhor Ortega, não sou suas modelos e atrizes fúteis. Adeus!

Vira as costas outra vez e dá um passo em direção à porta.

Não, ela não iria embora assim. A seguro pelo braço e a trago para mim, com violência. Prendo os seus dois braços com minhas mãos e a sacolejo energicamente.

— Que porra você está dizendo? Quem você pensa que é para falar assim comigo?! Isabelle, somos adultos, não adolescentes. Estou morrendo de tesão por você, olhe para mim — Digo isso olhando para a frente das minhas calças. Meu pau está duro como uma barra de ferro — E você também está cheia de tesão. Por

que travar essa batalha, qual o problema em fazer sexo? Eu quero, você quer. Você é maluca, só pode ser!

— Sim, eu quero. Sim, estou cheia de tesão, só que minha vontade é diferente da sua. Você quer apenas uma foda, só isso. E eu quero algo que você nunca poderá me dar...

— O que você quer? — Interrompo — Diga-me, o que você quer?

— Quero algo que o seu dinheiro não pode comprar.

— Casamento? É isso?

— Não... — seus olhos baixam. Ela tenta escapar das minhas mãos, mas continuo segurando-a firme.

— O que quer, Isa? É só me dizer.

Ela me fita, e o seu olhar me atinge feito

uma flecha. É um olhar desolado.

— Não quero só uma boa foda, senhor Ortega. Quer saber mesmo o que eu quero? Quero ligar para você tarde da noite e dizer que estou com saudade, e você responder “já estou indo”. Quero que me ligue a qualquer hora e me diga “sinto a sua falta”. Quero dormir abraçada a você, sem precisarmos fazer sexo, só a simples presença um do outro será o bastante. Não precisa se casar comigo, só precisa estar presente a qualquer segundo das nossas vidas. É isso que eu quero. E você... você só quer me foder.

Fico sem ação. Não esperava por aquele bombardeio de palavras. Solto os seus braços e olho para o seu lindo rosto. Ela está chorando, e eu completamente atordoado.

— Creio que não lhe devo mais nada. O

senhor queria jantar comigo, jantamos. Agora, se o senhor quiser me chantagear para me levar para sua cama, vá em frente, faça o que quiser, não irei impedi-lo. Certo que precisarei pedir demissão do emprego e mudar de cidade, posso conviver com isso... mas ser fodida pelo senhor, não serei. — Não consigo falar nada, só olho para ela, só vejo o seu tremor labial. — Não quero nunca mais vê-lo nem escutar o som da sua voz. Adeus!

Isabelle se afasta e caminha lentamente até a porta.

Reaja, Alejandro. Reaja, homem! Vai ficar aí, parado, não fará nada?

Balanço a cabeça rapidamente, em seguida olho em direção à porta.

— Isabelle, pare. Por favor, você entendeu tudo errado.

— Adeus! — Ela abre a porta. Vou atrás dela.

— Isabelle, vamos conversar. — Ela aperta o botão do elevador, a porta se abre. — Isabelle, você vai me deixar assim? Olhe para mim, estou louco por você, Isa.

— Tome um banho frio que passa, se não passar, ligue para alguma das suas amigas, elas resolverão o seu problema. Adeus, Senhor Ortega!

As portas do elevador se fecham. Ainda tento impedi-la de ir, mas não consigo. Ela vai embora, me deixando tonto de tesão, de paixão e com a cabeça mais confusa do que antes. Fico esperando o elevador voltar.

Quando ele retorna vou atrás dela, mas era tarde demais; ela já tinha desaparecido. Volto para o meu apartamento, desolado, completamente acabado, com um grande vazio

PERIGOSAS

em meu peito. Nunca me senti tão sozinho, tão triste como estou me sentindo agora.

NACIONAIS - ACHERON



Isabelle

Graças a Deus! Pois assim que saio do edifício Solar Imperial, onde o senhor Ortega reside, dou de cara com um táxi. Entro no veículo em lágrimas, só consigo balbuciar o meu endereço.

O motorista, a todo momento, me olha pelo espelho interno do táxi. Não consigo deter minhas lágrimas, nem aquela dor em meu peito.

NACIONAIS - ACHERON

— Chegamos, senhorita — nem percebi que tínhamos chegado, para mim ainda estávamos em frente ao prédio do senhor Ortega.

Pego minha bolsa. Estou tão nervosa que não consigo achar minha carteira. *Respire, Isabelle, respire.*

Encontro-a e, junto dela, minhas chaves.

— A senhorita está bem? — Ele me olha, preocupado.

— Sim, não se preocupe, ficarei bem. — Digo, entre lágrimas.

— Há alguém em sua casa? Quer ligar para uma amiga? Eu posso esperar, não precisa pagar o tempo extra.

— Não, obrigada! Só preciso ficar sozinha e tentar dormir, mesmo assim, obrigada por sua preocupação. — Soluço.

— Ok. Ficarei aqui esperando a senhorita entrar no prédio. Se precisar sair outra vez, é só me ligar. — Ele me dá um cartão, desce do carro e me ajuda a ir até o portão.

— Obrigada por sua gentileza. — Digo-lhe. Ele sorri, fecha o portão e volta para o seu veículo.

Entro em meu apartamento aos prantos. Não entendo por que estou me sentindo daquele jeito — desolada, com um vazio imenso no peito. Alejandro Ortega Martinez, aquele cretino presunçoso, bagunçou minha cabeça.

Jogo-me na cama, enterrando o rosto no travesseiro. Como ele ousou me dizer tudo aquilo?!

Isabelle Bianucci Disano, você já sabia que ele só queria fodê-la, por que o espanto, por

que o chororô? O que esperar de um homem mulherengo, um ser arrogante como ele? Pare de se lamentar, pare de bancar a garota desiludida!

Viro-me de lado na cama e abraço meus joelhos.

O ouvi claramente dizer que eu não saía da cabeça dele. Por que ele me disse isso, porquê?

E por que, logo depois, me jogou na lama quando disse que fodeu outras mulheres, pensando em mim? Idiota, cretino! Ele só quer me pôr na lista das mulheres fodidas por ele.

Você é uma iludida, Isabelle.

Uma iludida e burra. Por que você foi dizer todas aquelas besteiras para ele? “Quando eu ligar para você, tarde da noite, dizendo estar com saudade, quero que me diga “já estou a caminho...” Idiota, que coisa ridícula! Ai, meu

Deus! Que vergonha! Ele, a essa hora, deve estar rindo de mim.

Quando essa dor vai passar, quando vou conseguir tirar esse homem da minha cabeça?

Não, não... Quando isso aconteceu, Isabelle? Quando foi que se apaixonou por ele, quando? *Isso não é possível, não posso me apaixonar pelo tipo de homem que mais odeio na vida!* Mulherengo, que transa sem compromisso.

Mesmo em meio à minha autocomiseração por estar atraída por um homem que só quer sexo casual, o cansaço me leva a adormecer.

Acordo febril e com o corpo todo dolorido. Minha cabeça lateja. Nem sei como consigo tomar banho e me vestir. Olho para o relógio pendurado na parede; ele marca nove e vinte.

Não posso ficar em casa. Mesmo que o meu

NACIONAIS - ACHERON

corpo peça cama, preciso distrair a mente, e o trabalho é a melhor distração.

Meu celular, cadê ele?

Vou até a sala, procuro minha bolsa, e a encontro jogada no sofá. Acho meu celular entre o amontoado de bugigangas.

Trinta e seis mensagens de voz. Verifico o número: desconhecido. Meu coração acelera, já sabendo de quem são as ligações. Não sei como ele conseguiu o meu número, mas já tenho certeza, são do senhor Ortega.

Minha razão me diz para não escutar, mas meu coração traidor implora para apertar o play. E eu faço a sua vontade.

“Isa, atenda, por favor, atenda a merda deste celular. Porra! Isa, você entendeu tudo errado. Não é só sexo, agora eu sei disso, é algo mais, só não sei explicar o que é, porra...”

porra... Isa, estou muito confuso, não nego, mas posso garantir que não é só uma foda. Vamos conversar, só conversar, preciso vê-la, preciso tocar em você novamente... Isa... Isabelle, eu quero você como nunca quis uma mulher em minha vida, acredite..."

Essa foi uma das mensagens que ele deixou em meu celular. Em algumas, ele me chama de teimosa, escorregadia, tempestuosa, mas a súplica é a mesma; ele quer me ver, quer conversar comigo.

Mas a pergunta é: eu estou pronta para ficar tão próxima dele? Por via das dúvidas, é melhor não arriscar. Ficar ao lado dele seria como colocar o fogo perto da pólvora.

Jogo meu celular de volta na bolsa. Ainda me sinto febril, mas, mesmo assim, o melhor a fazer é ir trabalhar. Pelo menos lá eu ficaria

ocupada, não pensaria em um homem lindo, alto, loiro, olhos verdes e com sorriso cafajeste. Sem falar no riso torto que faz minha alma tremer.

Chego à revista às dez e trinta. Todos estão ocupados demais com as suas obrigações para prestarem atenção em minha cara de sexta-feira treze ou de *Freddy Krueger*. Graças a Deus.

Entro em minha sala e me tranco lá. Cinco minutos depois, minha querida amiga Teca bate à minha porta. Não tenho alternativa; ou abro a porta ou ela chama a atenção de toda a revista. Thereza já entra com a corda toda.

— Pensei que não vinha hoje! Por que não atendeu minha ligação? Aconteceu alguma coisa, você está doente? Bem, doente eu sei que não está. — Levanto a cabeça e olho

fixamente para ela. — Cacilda! O que aconteceu, você anotou a placa do caminhão que atropelou você? Isa, você está horrível!

— Isabelle, o senhor Pedro está lhe chamando na sala dele, ele disse que é urgente.

Sou salva pela secretária do meu chefe. Levanto da cadeira e dou de ombros para a Teca.

— Sinto muito, mas as respostas ficarão para mais tarde. Agora preciso ver o que o nosso chefe quer.

Deixo-a com cara de paisagem.

A porta do escritório do Senhor Pedro está fechada. Estranho, pois ele nunca fecha a porta. Bato, escutando em seguida um sonoro *entre*.

— Bom dia! Chefinho, já vou me desculpando porque... — Minhas pernas
NACIONAIS - ACHERON

paralisam assim que abro a porta e vejo quem está na sala junto com meu chefe.

— Pedro, nos deixe sozinhos, por favor.

Não consigo falar, só escuto a voz grave do senhor Ortega.

— Senhor Martinez, não posso fazer isso, ela é minha funcionária e...

— E minha também, portanto, nos deixe sozinhos.

Ele se levanta e vem até mim. Segura-me pelo braço, tirando-me da frente da porta. Meu chefe se levanta e, um pouco reticente, sai da sala.

— Sente-se, Isabelle — Ele puxa uma cadeira, depois toca em meu cotovelo.

— Solte-me, não me toque! O que você quer? Quer me humilhar mais do que já me

humilhou?

Não consigo erguer os olhos. Eu sei que, se fizesse isso, se fitasse aquele rosto lindo, minhas muralhas cairiam por terra. Estou prestes a desabar, literalmente.

— Isa, pelo amor de Deus! Você entendeu tudo errado. Não quero me aproveitar de você.

— E o que o senhor quer comigo? O que quer com uma simples assistente de edição? Fazer uma caridade, prestar um favor? Fique sabendo que não preciso dos seus favores. Prefiro morrer virg... morrer só, do que ser usada por um homem arrogante e presunçoso como o senhor! Me esqueça, vá atrás das suas modelos e atrizes, elas precisam de uma escada, não eu!

Não o deixo falar; viro as costas e saio correndo da sala do meu chefe.

PERIGOSAS

— Isabelle, volte aqui... Merda!

Só escuto os palavrões. Passo entre as pessoas que estão na recepção, batendo nelas. Escuto o meu nome várias vezes, mas não olho para trás.

Desisto do elevador e resolvo descer as escadas. Quando dou por mim, estou na garagem. As lágrimas nublam os meus olhos. Perco completamente a noção de direção, não sei para onde ir. Fico vagando pelo estacionamento e quase sou atropelada por um carro.

Só sinto mãos fortes me pegarem e dois braços abraçarem o meu corpo. Sou puxada com força, meu rosto encosta em um peito robusto e muito cheiroso. Já havia sentido aquele cheiro bom antes, só não consigo lembrar de onde.

NACIONAIS - ACHERON

Não consigo raciocinar direito. A garagem abafada, o cheiro de gasolina, meus nervos e minhas lágrimas deixam-me tonta, e se não fosse aquele peito largo e aqueles braços protetores, eu teria despencado no chão.

Estou quase sem fôlego quando minhas costas sentem a maciez de um banco acolchoado, em seguida um frio gelado bate em minhas pernas e braços e algo circula o meu corpo.

— Shh! Já vamos sair daqui. Respire, Isa, respire fundo.

Aquela voz... eu conheço aquela voz. Tento erguer a cabeça, mas algo me prende. Só então percebo que estou deitada.

— Onde estou? Eu, eu... não me sinto bem...

— Já estamos saindo, Isa. Relaxe, feche os olhos, só feche os olhos...

De repente, sinto minhas pálpebras pesarem. Bate um frio, e começo a sentir minhas mãos suarem. Meus olhos vão se fechando e a voz vai ficando distante.



— Então, doutor, o que ela tem?

Acordo com vozes a distância. Tenho certeza que estão falando sobre mim. Não estou em minha cama, nem em meu quarto. Tento levantar a cabeça para observar melhor, mas não consigo; tudo gira e vem uma vontade de vomitar, sinto a bÍlis na garganta.

— Pelo o que o senhor me contou, ela sofreu um ataque de pânico. A febre vai ceder em algumas horas. Se persistir, é só aumentar a dose do remédio. Ela só precisa descansar e se sentir segura. Amanhã sua namorada estará melhor, senhor Martinez.

Namorada? Como assim, namorada?! Ele ficou doido?

Não escuto mais vozes.

Devo estar sonhando, é isso. Não há outra explicação.

Fecho meus olhos e me encolho naquela enorme cama macia. As fronhas têm o cheiro dele. O cheiro inebriante de Alejandro Ortega.

— Isabelle, acorde. Está na hora do seu remédio. Vamos, minha flor. Abra esses lindos olhos para mim, Isa.

Aquela voz ao meu ouvido, aquele cheiro gostoso. Não, não estou sonhando. É ele, o homem que está atormentado o meu juízo. Abro os olhos lentamente e encaro um rosto lindo e duas gemas de esmeraldas brilhantes.

— Oi, minha flor, como se sente? — ouvir o tom suave da sua voz, tão próximo ao meu

NACIONAIS - ACHERON

rosto, era tão bom — Você ainda está febril. Sente alguma dor?

Ele acaricia o meu rosto com tanta delicadeza que quase derreto com tanto carinho. Seus olhos avaliam todo o meu semblante, demonstrando preocupação. Fico confusa. Como uma pessoa, que só quer foder a outra, se comporta assim? Aquele olhar quente, preocupado, amoroso, não é de um homem que não se importa comigo.

— Senhor Ortega — balbucio — Onde estou? O que aconteceu?

— Você passou mal. A encontrei no estacionamento do prédio da revista. Como você estava sem sua bolsa, a trouxe para o meu apartamento. Não se preocupe, o Alfonso já pegou suas coisas, elas estão ali — ele aponta para o console — O médico já a examinou, você

só precisa tomar a medicação e descansar. — ele se cala. Sua mão continua em meu rosto, seu polegar agora acaricia meus lábios, e os nossos olhos se fixam.

Ele era o homem mais lindo do mundo, e, agindo assim, com tanta docilidade, fica difícil chutá-lo da minha vida. Não; eu não vou resistir a tanto carinho.

Fecho os meus olhos. É um convite para sua boca se juntar à minha, só espero que ele entenda.

Ele entendeu.

Seus lábios tocam os meus, tão sutilmente, que quase desmancho em sua boca. Sua língua toca a minha, ele é doce, uma mistura de menta com chocolate. Deus do céu! Estou perdida, perdidinha da Silva. Ele é tudo aquilo que as revistas dizem e muito mais. Esse

homem vai me seduzir; ele vencerá.

Gemo baixinho quando sua mão circula o meu pescoço e os seus dedos começam a acariciá-lo. Nossos corpos se colam um ao outro, o dele por cima do meu. Através dessa proximidade, sinto o seu membro pulsando em meu sexo. Meus braços circulam seus ombros.

— Não consigo... não consigo resistir... —
digo, sôfrega.

Sua outra mão cerca o meu seio, meu mamilo é pressionado e esticado. Ofego.

— Nem eu, nem eu, minha linda flor. Quero tanto você, tanto...

Arqueio o corpo quando sua mão toca o meu sexo, acariciando-o. Começo a me esfregar nele. Gemo, delirando, chamando por seu nome.

Ele solta meus lábios e se afasta, sua boca
NACIONAIS - ACHERON

agora descendo pelo meu corpo. Minha blusa é suspensa e os meus seios saem de dentro do sutiã. Dentes cercam meus mamilos, que recebem vários chupões em seguida.

— Deus do céu, é muito para mim! Mais... morda-me mais... — Não consigo acreditar no que estou falando, pedindo. Não sou eu. Não, não sou.

Ele morde mais forte. Depois seus lábios descem por meu ventre. Minha saia é levantada e minha calcinha puxada para o meio das minhas pernas. Uma boca quente mergulha em meu sexo e uma língua macia penetra em meus lábios vaginais. — Deus! — Digo, debatendo-me sobre os travesseiros.

Aquele homem sabe como enlouquecer uma mulher. Enquanto ele me chupa lá embaixo, uma de suas mãos brinca com os meus seios e

a outra era oferecida à minha boca, oferecendo-me um dos seus dedos para chupá-lo. Chupo com força, com vontade, como se aquele dedo fosse seu membro.

Quando sua boca suga o meu clitóris, não consigo segurar o grito de tesão. Gozo, minhas mãos pressionando sua cabeça em meu sexo. Grito de satisfação. Ele permanece me sugando, sorvendo tudo de mim. Só consigo escutar os seus gemidos roucos e a pressão da sua mão em meu seio.

— Eu quero, por favor, eu quero! Foda-me, senhor Ortega, foda-me logo, antes que o meu juízo volte e eu o mande à merda.

Sua boca larga meu sexo depois de beijos serem dados nele. E sua língua me lambe até chegar em minha boca.

Ele está lindo. Seu rosto todo lambuzado

dos meus fluidos, cabelo em desalinho e os olhos brilhando de tesão por mim. Sou beijada com paixão e fúria, sentindo meu gosto e meu cheiro em sua boca.

Enquanto me beija, sua mão esquerda veste minha calcinha.

— Não, não, eu quero você... — Tento retirar sua mão lá de baixo, tentando soltar sua boca da minha. Ele prende o seu corpo ao meu, mantendo-me cativa às suas vontades.

— Shhh! Isa, não posso fazer amor com você agora, não com você desse jeito.

Sua boca se afasta um pouco da minha, e o fito sem entender o que ele diz. Fazer amor? Ele disse isso mesmo?

— Só me foda, agora. Eu preciso disso! — Falo, quase entre lágrimas. Estou morrendo de vergonha por me sentir assim, tão puta.

— Shhh! Agora não. Amanhã, se você estiver bem, farei amor com você, mas agora você precisa tomar o seu remédio e descansar.

— Filho da mãe! Eu não quero que faça amor comigo, só quero que me foda como você fode as suas amigas, só isso!

Tento levantar, mas ele não deixa. Tento chutá-lo, porém ele prende minhas pernas com as suas. Peço para que me solte, digo-lhe que quero ir embora. Estou queimando, só não sei se é de tesão ou a febre que tinha voltado.

— Quieta, Isa. Eu também quero foder você, mas quero foder você com amor. Só que não agora, você está queimando em febre. Nesse momento só quero cuidar de você, só isso. Shh! Vou soltar você.

Estou morrendo de vergonha. Ele não me quer mais, passou a vontade de foder a

PERIGOSAS

assistente de edição. Que vergonha, meu Deus! Ele só queria mesmo experimentar como seria o gozo da moça mais idiota de Lagoas.

Fico quieta e o deixo cuidar de mim, é a única forma de ir embora dali.

Faço tudo que ele manda. Tomo o remédio, a sopa e depois deixo-me ser envolvida por seus braços, até que adormecemos.

Acordo não sei bem o horário. Retiro o braço dele de cima do meu corpo e levanto bem devagar. Escrevo um bilhete, deixando no mesmo local em que minha bolsa está. Fujo feito uma ladra: pé ante pé, na penumbra do apartamento. Não iria conseguir encarar o homem que só quer brincar comigo.

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

Acordo sobressaltado. Não sinto o cheiro dela.

Olho para o lado esquerdo da cama e vejo que ela não está lá. Ergo meu corpo, apoiando-me nos cotovelos, procurando Isabelle por todo o quarto, meus olhos avaliando cada espaço.

A luz do banheiro está apagada, então ela

não está lá. Merda!

Onde você se meteu, Isa?

Levanto-me e vou até a sala, a cozinha, e nada da Isabelle. Só havia uma explicação: ela foi embora.

Volto para o quarto, em busca do meu celular. Já estou digitando o número, quando vejo um papel dobrado no console do quarto. Vou até lá e o pego.

“Senhor Ortega, tudo o que aconteceu esses dias entre nós dois foi um grande erro. Não podemos levar isso adiante, o seu mundo é glamoroso e o meu é normal. Não sou o tipo de garota que gosta de holofotes, portanto, me deixe em paz. Não atenderei as suas ligações, por isso nem tente me ligar. Não me procure na revista nem em meu endereço, posso ficar

muito irritada com a sua insistência e recorrer à polícia. Não me subestime, posso perfeitamente fazer isso. Adeus.

Isabelle Disano.”

Amasso o papel com toda a força possível.

— Merda! Merda! Essa mulher vai me enlouquecer! Quem ela pensa que é para me ameaçar?

Pego o celular e disco o seu número. Ficarei o dia inteiro tentando, até ela atender. Isabelle, você não me conhece.

Na quinta tentativa, ela atende.

— Não desligue, só me escute... — respiro fundo. Já a conheço o suficiente para saber que ela é a pessoa mais teimosa e cabeçuda do planeta. — Isabelle, não duvide quando digo que estou mais confuso do que você. Não sei

que porra está acontecendo, e acho que fugir do problema não é a solução. Precisamos resolver isso juntos, vamos começar tudo novamente. Jante comigo hoje à noite, por favor.

O silêncio que vem depois é tenebroso, só escuto o ofegar da sua respiração. Minhas mãos estão suando, e já estou pronto para falar outra vez, quando ela resolve responder.

— Não, não quero jantar com o senhor, nem hoje, nem nunca mais. Não me procure mais, nunca mais. — Ela respira fundo — De homens como o senhor quero distância, fique longe de mim.

Ela desliga. Fico com o celular na mão, olhando atordoadado para ele. O jogo com força na cama.

— Filha da mãe! Puta merda! Que mulher

difícil dos infernos, casca grossa, cabeçuda! E que está me deixando louco!

Meu celular toca e corro para atender, talvez fosse ela.

— Senhor Martinez, o senhor se esqueceu do seu compromisso em Paris? O senhor precisa estar no evento às vinte horas, o jato já está à sua disposição.

Putá merda! Tinha me esquecido completamente da porra da campanha.

— Às treze horas estarei no aeroporto, pode agendar as reuniões... — faço uma pausa — José, só agende compromissos profissionais, não pretendo me demorar em Paris, entendeu?

— Entendi, senhor Martinez. A propósito, o seu pai reservou um horário na quinta-feira. O endereço do restaurante está em sua agenda. Boa viagem, senhor Martinez.

— Obrigado, José! — Desligo.

O que será que aconteceu para o meu pai agendar horário? Algo bom não é, ele só faz isso quando alguma coisa sai do controle.

Meu telefone toca novamente. Hoje é o dia, só espero que não sejam problemas, já os tenho demais.

— Alô. — Já estou no closet, separando meus ternos e camisas para a viagem.

— Senhor Martinez, bom dia! É o Pedro. Precisamos conversar. Desculpe-me, mas não posso ficar quieto depois do ocorrido ontem, a Isabelle é responsabilidade minha. O senhor poderia vir aqui na revista... — ele faz uma pausa — agora?

— Em trinta minutos estarei aí. — Desligo e vou para o banho.

Não tenho muita aproximação com Pedro
NACIONAIS - ACHERON

Salvador, ele é apenas o meu sócio. Quando resolvi investir na revista, ela já estava na bancarrota. Como não sou jornalista, e sim um investidor, resolvi comprar só sessenta por cento das ações, ele ficou com as quarenta restantes. Não me meto nos negócios, a não ser se começarem a dar prejuízo. Pedro é um excelente jornalista e muito competente. Só espero que não queira me dar alguma lição de moral.

Quando entro na revista, o primeiro lugar que olho é em direção à sala de Isabelle. Só aceitei o convite de Pedro porque queria vê-la, mas ela não está lá.

Decepcionado, vou direto encontrá-lo. Sua secretária me manda entrar assim que chego à sua sala.

Assim que ele me vê, aponta para a cadeira

em frente à sua mesa, onde me sento.

— Pedro, não posso demorar, embarco hoje para Paris.

— Não tomarei muito do seu tempo, senhor Martinez.

Ele está com uma caneta nas mãos e a gira repetidamente.

— Onde está a Isabelle? Percebi que não está em sua sala. Ela melhorou?

Na minha euforia de querer vê-la, esqueci de perguntar se havia melhorado.

— A Isabelle pediu uns dias de folga. — Seus olhos me avaliam demoradamente. — Senhor Martinez, não tenho nada com sua vida, mas me preocupo com a Isabelle.

— Seja direto, Pedro, não gosto de rodeios.
— Nunca gostei de chorumelas, gosto de

pessoas que vão direto ao ponto.

— Ok. Isabelle não é só uma simples funcionária, ela é filha do meu melhor amigo. E não se engane com aquela moça, ela é uma peste. Às vezes tenho vontade de lhe dar uns bons cascudos. Ela é pirracenta, teimosa, cabeça-dura, birrenta, mas é um doce de menina. Por mim, ela estaria em um cargo superior, no entanto, ela mesma quis começar como subordinada e galgar promoções de acordo com o seu desempenho. — Ele larga a caneta na mesa, se recosta na cadeira e cruza os braços na altura do peito. — A Isabelle é o tipo de moça que nasceu para casar, não é moça de joguetes. Se o senhor pretende brincar com os sentimentos dela, quero que saiba que não irei permitir, mesmo que corra o risco de amanhecer com a boca cheia de formiga.

NACIONAIS - ACHERON

Não consigo segurar a gargalhada.

— Desculpe-me, não consegui segurar. —
digo-lhe, entre risos. Ele me olha com espanto.
— Meu pai não vai mandar matá-lo porque
tentou me intimidar, ele não é um assassino. —
Seus ombros relaxam, e vejo quando respira
aliviado. — E para o seu governo, não quero
brincar com os sentimentos de ninguém,
nunca fiz isso com mulher alguma, Isabelle
não seria a primeira, e o que está acontecendo
entre mim e ela é assunto nosso, você não tem
nada com isso. — Levanto-me e ando em
direção à porta. — Se era esse o assunto que
queria discutir comigo, acabou aqui. Tenha um
bom dia, Pedro.

Não o deixo articular uma só palavra; fecho
a porta atrás de mim e vou embora.



Chego em Paris às dezessete horas, ainda tenho tempo de sobra antes de ir para o bendito evento. Estou com o celular nas mãos, sem saber o que fazer. Minha vontade é de ligar para ela, mas meu orgulho fala mais alto. Guardo o celular no bolso interno do paletó e resolvo descansar um pouco.

Evito ao máximo me expor para os paparazzi. Tiro algumas fotos ao lado de várias modelos e outras celebridades, mas nada que me comprometa. Um pouco mais depois das vinte três horas, saio à francesa do grande salão de eventos, indo direto para o hotel. Sozinho.

Estou puxando o edredom da enorme cama, na qual iria dormir só eu, quando alguém bate à porta. Não pedi serviço de quarto, quem seria uma hora daquela? Nem me preocupo em

vestir algo por baixo do roupão, abro a porta assim mesmo.

Não é o serviço de quarto. É Lorenza Avelar.

— Meu amor, procurei você por toda a festa! Por que não me chamou? Eu virei para cá com você.

A ruiva linda e gostosa — uma das modelos mais bem pagas do mundo — vem até mim e junta sua boca à minha, dando-me um beijo orgástico. Sua mão vai direto para o meu membro, massageando-o, e antes mesmo que eu feche a porta do quarto, ela já está de joelhos com ele na boca, chupando-o com euforia.

Vejo o meu membro traidor crescer na boca daquela mulher exuberante. Todo marcado de batom vermelho, em poucos segundos ele está pulsando. Fecho meus olhos. Cacete! A

imagem doce da Isabelle vem à minha mente. Olho para baixo e vejo dois olhos azuis me fitando com amor e tesão desvairado, do mesmo jeito da noite anterior, quando ela me pediu para fodê-la. Pedi não; me implorou. Mas estava preocupado demais com a sua saúde e não consegui atender ao seu pedido. Idiota!

— Lorenza — murmuro. Não sei ao certo se ela me escutou, pois continua sorvendo meu sexo em sua boca gulosa. — Lorenza... porra! LORENZA. — Esbravejo. Ela se assusta, retirando a boca do meu membro, mas o mantém seguro em suas mãos, o massageando.

— Já quer me foder antes das preliminares, amor? Está com tanta saudade assim de mim? — Ela sorri, um riso escroto.

— Levante-se, vamos. Levante-se. — Fica de

pé, mas não larga meu membro.

Eu o retiro das suas mãos e o coloco por trás do roupão.

— O que foi, amor? Fiz algo que não o agradou?

— Não, você não fez nada, só não estou no clima para foda. Vá embora, amanhã tenho uma agenda lotada, preciso dormir.

Vou até a porta e a abro, mostrando o caminho com a mão para ela.

— Amor, sou eu, sua Lorenza. Não sou as suas putinhas que você pega uma noite e dispensa no outro dia. Eu posso perfeitamente dormir com você sem precisarmos foder.

A expressão dela diz que não pretende ir embora.

— Até amanhã, Lorenza. Quero dormir

PERIGOSAS

sozinho hoje. Boa noite! — Ela não arreda o pé do lugar. — Porra, Lorenza! Vou precisar chamar os seguranças do hotel? Até amanhã.

Ela bufa, descontente. Passa por mim sem ao menos me olhar. A porta já está se fechando, quando uma mão a impede.

— Se eu descobrir que outra mulher veio dormir com você em meu lugar, juro que essa talzinha vai se arrepender.

— Até amanhã, Lorenza. — Fecho a porta sem esperar resposta.

Acordo saudosos. Que porra está acontecendo comigo?

A Isabelle não sai da minha cabeça. Seus lábios doces, seu cheiro inocente, a luz do seu olhar, aquele sorriso sincero, as curvas do seu corpo e a sua simplicidade encantadora estão me levando à loucura.

NACIONAIS - ACHERON

Sinceramente, não estou sabendo lidar com isso.

Estico o braço em direção à mesinha de cabeceira, pego meu celular e verifico as horas: onze e vinte. Merda! Meu pai marcou para almoçarmos ao meio-dia, e conhecendo o velho Ortega, ele é pontual *pra caralho*.

Em quinze minutos, já estou a caminho do restaurante. Por incrível que pareça, o velho Jeremiah Ortega já está sentado em uma confortável cadeira, me esperando. Assim que me vê, abre um vasto sorriso, levanta e abre os braços para me receber.

Retribuo o sorriso, abraçando-o com extremo carinho.

— Meu querido filho — sou beijado na face. O beijo também. — Saudade de você, Alejandro, como está? Como estão os seus

PERIGOSAS

negócios? E o coração, já foi físgado por alguma daquelas moças lindas?

Sua voz é tão acolhedora, e aquelas perguntas me remetem ao passado, quando estava morando na Inglaterra. Ele me ligava todos os dias, descrevia como foi todo o seu dia, depois ficava escutando eu lhe contar como foi o meu. Ele queria saber tudo, tudo mesmo. Meu pai nunca me obrigou a fazer nada, ele sempre me dizia: “Filho, isso pode ser ruim para mim, mas para você poderá ser bom. Você só saberá se o fizer, mas preciso alertá-lo: tudo o que fazemos tem consequências. Você estará pronto para elas? Pense nisso antes de se meter a fazer qualquer coisa, pense nos prós e nos contras.”

Se hoje sou um grande empresário, agradeço a ele.

NACIONAIS - ACHERON

— Estou bem, meus negócios estão ótimos...
— a resposta da última pergunta engasga. — E o coração está acelerado, mas prefiro ser cauteloso. Quando estiver certo do que quero, eu lhe digo.

Ele olha para mim. Segura o olhar em meu rosto por alguns segundos, depois solta uma gargalhada.

— Você está se parecendo comigo, quando conheci sua mãe. Coração acelerado e a cabeça uma bagunça. Vá por mim, filho, se ela está o deixando assim, ela é a mulher certa, escreva o que estou lhe dizendo.

Apesar da aparente alegria em me ver, ele parece preocupado. Conheço o meu pai, ele não sairia da Colômbia para Paris se não quisesse me falar algo urgente.

— Pai, o que está acontecendo? — Ele franze

a testa. Agora eu tenho certeza; algo muito sério está acontecendo.

Ele enfia a mão por dentro do paletó caro, sua mão buscando algo lá dentro.

— Recebi essa mensagem há dois dias. Tentei encontrar quem mandou, mas não consegui. Leia.

Pego o papel de suas mãos e começo a lê-lo.

“Como vai, Ortega? Vejo que vai muito bem e continua se metendo em meus negócios. Acha mesmo que vai conseguir me destruir? Tenha cuidado, Ortega, não se esqueça que conheço o seu querido filho. Sei todos os passos dele, se não puder chegar até você, tenha certeza: ele estará em minha mira. Lembre-se disso quando for negociar com o FBI.”

Meu pai puxa a respiração com força,
NACIONAIS - ACHERON

cobrindo a boca com os nós dos dedos. Aperta os olhos, depois me fita com preocupação.

— Eu preciso que você reforce sua segurança, não quero que ande só com um motorista. Filho, esse homem é muito perigoso. Consegui destruir o cartel, há anos estava lutando para destruí-lo. Você sabe o quanto isso me custou. Muitos pensavam que eu era um traficante, até hoje ainda pensam. Achei melhor que pensassem assim, pois, desta forma, você e sua mãe não seriam alvo fáceis, mas agora começo a perceber que a mira do canhão não está mais em mim, e sim em você, por isso eu preciso que tome cuidado. Não se preocupe, não será por muito tempo, o FBI já tem pistas do paradeiro desse bandido, logo nos livraremos dele, mas enquanto isso não acontecer, prometa-me que tomará cuidado e que reforçará sua segurança. Prometa-me.

NACIONAIS - ACHERON

Meu pai sempre foi exagerado e um paranoico em segurança. Antes mesmo de entrar no restaurante, já havia percebido dois carros parados nos lados opostos da rua, ambos pretos e com os vidros escuros. Dois homens, em cada esquina, fingindo ler uma revista. Mais dois na entrada do restaurante e três homens sentados a duas mesas da nossa. Eles levantavam os olhos cada vez que entra uma pessoa no restaurante.

Bem, eu não quero isso para mim, embora eu saiba que a preocupação do meu pai tem algum fundamento.

— Eu prometo, pai. Não se preocupe. Assim que voltar para o Brasil, contratarei mais dois seguranças, fique tranquilo.

— Filho, você é o melhor de mim e da sua mãe. Se algo lhe acontecer, nunca irei me

perdoar. Eu te amo muito.

— Eu também amo você — seguro sua mão e a levo para os lábios, beijando-a demoradamente. Ergo a cabeça e o fito com carinho — Ficarei bem, pai. Pode voltar tranquilo para a Colômbia.

Ele sorri, mas é um riso tímido. Entendo a sua preocupação. Não é fácil para ele ficar longe do seu único filho, só para manter os bandidos que ele perseguiu a sua vida inteira longe de mim.

— Assim espero. — Ele diz. Ergo o queixo e endireito os ombros — Vamos almoçar! Estou azul de fome.

Chamo o garçom para pedirmos nossas refeições. Temos um maravilhoso almoço, deixamos a preocupação de lado para desfrutarmos da companhia um do outro,

antes de meu pai voltar para a Colômbia na mesma tarde.

Volto para o hotel, e às dezoito horas vou para um evento. Desse não consigo escapar à francesa, fico até às três da manhã. Graças a Deus, a Lorenza está em outra região de Paris, não preciso encontrar desculpas para escapar das suas investidas.

Na sexta-feira, fico preso em uma reunião interminável com investidores locais. Só consigo escapar dos tubarões às quatorze horas. Meu assessor já tinha se encarregado de encerrar minha conta no hotel e despachar minha bagagem, sendo assim, vou direto para o aeroporto.

E já sabia qual seria a primeira coisa que faria quando chegasse ao Brasil.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

Quando chego ao Brasil, Alfonso já me aguarda no aeroporto com o motor do carro ligado, como pedi. Não quero perder tempo, minha cabeça está bagunçada demais para esperar algumas horas.

Não sou homem de aguardar, não deixo para amanhã o que posso fazer hoje. Portanto, Isabelle Disano era um assunto para ontem.

— Para aonde vamos, senhor Martinez?

Alfonso me olha através do espelho retrovisor.

— Para o meu apartamento, preciso pegar algumas coisas. Depois disso você está de folga, não irei precisar dos seus serviços até segunda-feira.

Ele segue para o meu apartamento. Chegando lá, sou rápido; jogo alguns pertences em uma sacola de couro, roupas casuais, objetos pessoais e pronto. Ligo para o serviço de táxi e peço um com urgência.

Quando chego ao saguão do prédio, o taxista já me aguarda fora do veículo. Entro, cumprimento o senhor de meia-idade e digo o endereço.

Ainda estou espantado com o tamanho da confusão que está girando em minha mente. Nunca, em toda minha vida, fiquei tão

atordoado. Isabelle Bianucci Disano entrou em minha cabeça de tal forma, que não consigo sequer pensar em algo que antes não seja ela primeiro.

— Chegamos, senhor. É aqui mesmo? —
Estou tão absorto que não percebo que tínhamos chegado.

— Sim, você poderia me esperar?

— Claro, senhor. — Ele responde.

Desço do carro. O táxi parou no lado oposto da casa de Isabelle. Atravesso a rua, olho para cima e percebo que a janela da sala está entreaberta.

— Isabelle. — brado — Isabelle, eu sei que você está me escutando. Abra o portão, por favor.

Seguro a respiração por alguns segundos. Pelo visto, ela não vai surgir na janela.

Teimosa como é, ela irá me deixar falar com o eco da minha voz, se não jogar um balde de água em minha cabeça antes.

— Isabelle! — aumento o tom da minha voz; ela ecoa. — Isabelle! — agora grito. — Isa, eu posso ficar aqui o resto da tarde e à noite também, posso ficar gritando por seu nome até um dos seus vizinhos resolver chamar a polícia, e você sabe quem virá junto com ela: repórteres! É isso o que quer? — Ela é teimosa, mas eu sou mais. — ISABELLE! Droga! Eu posso ser mais teimoso do que você.

Escuto o som do destrave do portão. Empurro-o para dentro e entro. Subo as escadas de dois em dois degraus. A porta já está aberta. Retiro meus sapatos e entro.

Ela está parada próximo à janela, estática, olhando em direção à porta. Meus olhos vão de

encontro aos seus, e a luz que emana através deles é como flechas mortais. Ela está possessa.

Meu olhar desliza por todo o seu rosto, examinando cada centímetro, até que os meus olhos se fixam outra vez aos seus. Não resisto; parto em sua direção e a tomo em meus braços, roubando sua boca em um beijo avassalador.

Ela tenta resistir, socando meu peito, chutando minhas pernas, empurrando meu peito com as mãos, mas não desisto. Uma das minhas mãos circula a sua nuca e pressiono sua cabeça, forçando o beijo.

Minha língua circula os seus lábios, forçando-os a se abrirem. Ela solta um suave gemido quando deixa minha língua escorregar por sua boca morna. Seu corpo esmorece

quando nossas línguas se tocam. É um beijo intenso, provocante, saudoso.

Afasto-me aos poucos. Estamos ofegantes e extasiados. Antes que ela diga qualquer palavra, dois dedos pressionam seus lábios.

— Shh! Não diga nada, só me escute. Só escute, Isabelle... Por favor, eu te peço, dê-me uma chance de argumentar sem interrupções, por favor.

Meus dedos continuam sobre os seus lábios, meu medo é que ela me mande embora. Nossos olhares continuam fixos, avaliando um ao outro.

— Por favor — articulo, quase implorando. Ela assente com a cabeça. Um pouco reticente, retiro os dedos dos seus lábios, lentamente.

Aliviado por ela ter ficado quieta, respiro fundo.

— Isa, você deve estar tão confusa quanto eu, e não negue, pois eu sei que está sentindo a mesma coisa... — Ela tenta argumentar, mas freio seu impulso. — Shh! Você prometeu me escutar. — Ela baixa os cílios, depois fixa os olhos outra vez em meu rosto.

— Você não sabe o inferno que eu passei nesses últimos dias, não conseguia trabalhar... Isa, não paro de pensar em você, só quero você — Olho seriamente para ela — Eu poderia ter ficado com uma mulher a cada noite que passei em Paris, mas não quis, e mais; fiquei fugindo dos paparazzi, morrendo de medo que algum deles me flagrasse com alguma modelo e publicasse coisas que realmente não aconteceram. Meu medo era que você lesse a fofoca e ficasse puta comigo. Caralho!

Passo as mãos nervosamente pelos cabelos.

PERIGOSAS

Estou a ponto de me ajoelhar. Não sei por que isso passou pela minha cabeça, só pode ser desespero.

— Sinceramente, Isa. Eu não sei o que está acontecendo, não sei que nome dar a tudo isso que está se passando dentro de mim! Muitos dizem que, quando estamos amando, nossos pés flutuam ou sentimos asas nas costas. Bem, não sinto nenhuma dessas coisas, mas posso lhe dizer que nunca senti nada parecido por ninguém. Se isto é amor, não posso dizer, pois não tenho como comparar, nunca ameí ninguém. Já gostei de algumas mulheres, mas nenhuma delas me deixou assim, nenhuma delas...

Aproximo-me, minhas duas mãos seguram seu lindo rosto. Aquelas duas estrelas ofuscam a minha visão.

NACIONAIS - ACHERON

Putá merda! É muito para mim, eu estou fodido.

— Nenhuma das mulheres que passaram por minha vida, até hoje, me deixou com essa vontade de eternizar cada momento que passei ao lado delas. Você é a única.

Ela baixa os olhos e respira fundo, junta as mãos e fica apertando o tecido da pequena saia.

— Isa, eu podia estar nesse momento em Paris e só retornar na segunda, mas não consegui, porque eu só quero estar ao seu lado. Eu só penso em seu cheiro, no gosto do seu beijo, no calor do seu corpo, porra! Às vezes, penso que vou enlouquecer.

Solto o seu rosto e dou alguns passos, distanciando-me do seu corpo. Esfrego minha nuca com uma das mãos. Fico de frente à

parede, encosto minha testa lá e respiro profundamente. Ela continua calada. Volto para perto dela e acaricio o seu rosto com as pontas dos dedos. Porra! Ela deixa, não tenta me evitar.

— Isa... você lembra que eu te disse que tenho dois lugares favoritos? — Aqueles olhos azuis lindos brilham para mim. Ela assente com a cabeça. — Pois eu vim convidar você para ir comigo lá, precisamos desse tempo juntos.

Ela dá um passo para trás, me olhando com assombro. *Será que disse algo tão ruim?*

— Venha comigo, vamos passar um final de semana só nós dois. Não se preocupe, lá não tem paparazzo, será só eu, você e alguns empregados. Eu juro, Isa. Juro que o que estou sentindo por você é mais forte do que eu, e não

vou chantageá-la, nem a forçar a ir comigo. Se você não quiser ir, eu prometo que saio por aquela porta — aponto com o dedo em direção à porta de saída — e nunca mais volto a olhar e a falar com você, nunca mais... — Engulo em seco, sinto um frio na espinha — Isa, eu prometo que nunca mais...

— O que preciso levar para essa viagem?

Paro de falar e olho para ela, incrédulo.

—O quê? O que disse?

— Eu preciso levar alguma roupa chique?

— Vo-você vai?

Não consigo assimilar as palavras dela, é como se estivesse em choque.

— Se estou lhe perguntando isso, é porque eu vou...

O impulso é instantâneo. Dou dois passos e

a puxo para mim, encontrando sua boca com meus lábios, e a beijo com tanta força que quase machuco sua boca.

— Calma! — Ela diz, sem fôlego, me empurrando um pouco, mas nossas testas ficam coladas. — Vá com calma, senhor afoito. Não sou de ferro, preciso respirar, sabia?

Ela me olha com aquele lindo brilho nos olhos.

— Desculpe-me, é que você me deixa assim, sem noção, tonto e louco de desejo. — A beijo outra vez, com mais suavidade desta vez — Estou louco por você, minha flor de alfazema.

— Você terá um final de semana inteiro para me provar isso, mas, por agora, fique aqui, quieto, enquanto vou arrumar minha bolsa, ok?

Puxo seu rosto com as duas mãos, juntando

NACIONAIS - ACHERON

nossas bocas, e a beijo diversas vezes. Ela sorri quando minha boca se separa da sua só um pouco, para logo depois se unir a dela novamente.

— Ok, prometo ficar quieto. Só não demore, não quero que perca nenhum detalhe da nossa viagem.

Ela se afasta e vai em direção ao quarto. O primeiro round foi vencido, mas será que eu conseguiria derrubar todas as suas barreiras?

Em vinte minutos, estamos a caminho do heliporto. O táxi para e a ajudo a descer. Ela para pôr um instante, seus olhos avaliando o local. O vento está forte e os seus cabelos revoltos impedem sua ampla visão. Ela aponta para o helicóptero que está sendo preparado para nós.

— É seu? — Sua pergunta é um pouco

ambígua.

Sorrio, fingindo não ter entendido o tom da sua pergunta.

— Não, aluguei. Poderíamos ir de carro, mas levaríamos cerca de três horas para chegarmos, de helicóptero é bem mais rápido. Vamos?

A viagem foi tranquila. Mostrei toda a região da cidade de Rio Alto. É uma cidade cortada por um rio que leva o mesmo nome, sua nascente fica no alto do morro, a uns dez quilômetros da cidade, e ele passa exatamente bem próximo da minha propriedade. Quando chove muito o rio transborda e ficamos ilhados, pois nossa única passagem é uma ponte onde o rio passa por baixo. Papai e mamãe nunca acharam problemas com esse fato, eles até gostavam, pois se sentiam donos

de uma pequena ilha só deles.

Contei esta história para Isa, e ela ficou encantada com a narrativa. Seus lindos olhos azuis nem piscavam enquanto me escutava.

Quando chegamos, Isabelle não para de olhar à sua volta. Realmente, a propriedade é muito bonita. Uma casa não muito grande, mas imponente, era o cartão postal. Cercada de vidros por todos os lados, muitos moradores da cidade, que prestam serviços para mim, a chamam de a “casa de vidro”. Ela é composta de um andar só, mas muito bem dividida: três quartos com suítes, um gabinete, uma sala de visitas ampla, a sala de TV, cozinha e, nos fundos, os cômodos dos empregados.

— Nossa mãe! Se isso aqui não é uma fazenda, é o que, então?

Ela olha para mim com espanto no olhar.

— Podemos dizer que é uma casa de campo.
Vamos!

Mostro o caminho para ela. Isabelle não para de olhar em volta. Além da casa, temos um belo jardim de rosas, de todas as cores. Um orquidário um pouco mais à frente, do lado direito da casa, e um cercado de gramas altas é o que separa o jardim da enorme piscina.

Uma empregada vem até nós, nos cumprimenta e pega nossas bagagens.

Isabelle se adianta alguns passos, encontrando minha árvore favorita, uma enorme mangueira, sentando em um dos bancos de ferro pintado de branco.

— E lá atrás, fica o quê? — Ela aponta para um caminho de pedras, ladeado de grama.

— Fica um minicampo de futebol, uma
NACIONAIS - ACHERON

quadra de tênis e as baias dos cavalos.

— Cavalos! — Vira o corpo em minha direção e segura uma das minhas mãos. Aquele simples gesto acelera meu coração.

— Sim — Sua pequena mão fica entre as minhas, e o meu polegar começa a acariciar o seu dorso. — Você sabe montar?

— Sei, adoro! Papai sempre me levava para montar em um haras quando era criança, teve um tempo que eu queria ser amazona.

— E por que não foi? — O vento sopra em seu rosto, e uma mecha de seu cabelo vai para sua boca. A retiro com carinho, colocando-a atrás da sua orelha.

— Porque era só um sonho estúpido de criança, passou logo, mas eu adoro montar.

— Amanhã vamos dar uma volta de cavalo e vou levá-la até o rio, onde tem uma pequena
NACIONAIS - ACHERON

cachoeira. Acredito que vai ficar encantada.

— Jura?! Estou começando a gostar de ter vindo — nossos olhos se encontram, ficamos presos através deles. — Você vinha muito aqui quando era criança?

Ela tenta soltar sua mão da minha, mas a mantenho lá, entre as minhas.

— Quando papai comprou esta propriedade, ela não era assim, ele a reformou por completo e deu de presente para mamãe. Ela tinha dois lugares favoritos: a fazenda na Colômbia, onde vivia com o papai e onde hoje ele mora, e o seu refúgio secreto. Aqui.

Aponto para todos os lados. Ela sorri e encosta a cabeça em meu ombro. Foi mágico aquilo. Muito mágico. Passo meu braço por volta dos seus ombros e a puxo para mais perto.

— Nossa! O seu pai devia amar muito a sua mãe.

Respiro fundo.

— Sim, até hoje ele nunca quis se casar novamente. Minha mãe era tudo para o meu pai... tudo.

Bate uma tristeza, uma saudade da minha querida mãe. Ela era uma mulher linda, meiga, delicada, tinha um sorriso leve. Sim, o papai nunca mais foi o mesmo depois que a mamãe morreu.

— Falando assim, nem parece que ele é aquilo tudo que falam dele... — ela se cala de repente.

— Um traficante, bandido perigoso, assassino... Pode completar, Isa. Eu sei de todos os adjetivos miseráveis sobre o meu pai. Pois fique sabendo que ele não foi e nunca será

isso que falam sobre ele. Jeremiah Ortega é o homem mais amável, honesto e bondoso que já conheci, acredite em mim. Não digo isso porque sou o filho dele, digo porque o conheço muito bem.

— Desculpe-me, mas escuto isso desde que comecei a estudar publicidade. E as revistas e os jornais enfatizam isso.

— Eu sei, mas nada disso é verdade. — Beijo sua testa. Sinto aquele cheiro delicioso, o cheiro de alfazema.

Ela faz aquele barulhinho de satisfação com a garganta, um ofego gostoso de escutar.

— Isa — meu queixo se apoia no alto da sua cabeça. — Estou feliz porque está aqui. — Ela olha para mim e eu para ela. É um olhar breve, mas intenso.

Ficamos de pé. Ela de frente para mim, não

NACIONAIS - ACHERON

muito longe, nem muito perto.

Dou um passo à frente e paio acima dela. Toco os dedos em seus braços e o corpo dela treme.

Eu sei que ela luta contra a vontade de ficar mais próximo. Como eu também sei que a sua batalha será vencida. Dou mais um passo, e meus dedos percorrem os seus braços para cima e para baixo. Ela puxa o ar para os pulmões, impaciente. Meus olhos percorrem aquele rosto lindo. *Será que já posso dizer que ele é meu?* Ri mentalmente com o meu pensamento.

As mãos dela vão direto para o meu peito. *Será que ela vai me afastar?* Minha dúvida é respondida quando seus dedos acariciam o tecido da camisa. Ela levanta os olhos, eu a estou observando com uma intensidade que

deixam os seus olhos fixos aos meus.

Ela não resiste quando pressiono meu corpo contra o seu e baixo minha cabeça para beijar os seus doces lábios.

É um beijo suave a princípio, apenas um leve roçar de nossas bocas e a brandura da ponta da minha língua sobre a carne macia. Ela ofega, geme baixinho.

— Ortega — preciso urgentemente mudar isso, quero vê-la me chamar pelo meu primeiro nome, e ainda seria hoje.

Minhas mãos buscam o seu rosto e eu a beijo com mais intensidade, minha boca tão colada à sua que mal consigo respirar. Ela solta gemidos ofegantes, e eu me roço em seu corpo, fazendo o meu membro acariciar aquele ventre, exibindo o meu desejo por ela. Ela me abraça com desespero.

— Ortega, leve-me daqui. Minhas pernas estão bambas... por favor... — ela geme em minha boca e mordo o seu lábio, arqueando o meu quadril com mais força.

— Minha flor, para você serei Alejandro. Me chame de Alejandro, meu amor, por favor.

— Eu quero você — Ela diz, ofegante, olhando fixamente para os meus olhos.

Já ia pegá-la em meus braços, quando escuto alguém me chamando. É a Maria. Olho para Isa e sorrio.

— Vamos ter que esperar um pouco mais. — Digo, com a voz carregada de desejo.



Isabelle

*E*stou vivendo em um sonho. Sabe, aqueles sonhos românticos de contos de fadas, onde a mocinha pobrinha, feinha e sem nenhuma autoestima de repente encontra o príncipe encantado, que a transforma em uma linda princesa. Essa sou eu.

Com uma diferença: *eu tenho autoestima*. Mas o restante é quase igual. Porque ficar ao lado de um homem como Alejandro Ortega, que tem toda atenção das estrelas, as mulheres

PERIGOSAS

com muita bala na agulha, como aquelas modelos internacionais, faziam qualquer garota simples se sentir em um conto de fadas, mesmo eu não podendo jamais me comparar àquelas beldades.

Escutar tudo aquilo do Alejandro, ver o brilho dos olhos dele ao me fixar, sentir o seu coração bater quando está próximo ao meu corpo, é o bastante para entender que ele não está querendo apenas me foder. Ele quer muito mais de mim, e esse muito mais eu posso dar a ele, *posso sim*.

Quando fiquei em seus braços, na noite do baile na prefeitura, e encarei aquele riso torto, foi imediata a reação do meu coração. Bum! *Me lasquei completamente*.

Meu coração traidor se entregou ao homem mais perigoso e abominável do planeta,

NACIONAIS - ACHERON

extremamente mulherengo. Mas já era tarde demais, fui pega, e mesmo lutando com todas as minhas forças, aqui estou. Completamente acorrentada por Alejandro Ortega, um dos homens mais cobiçados do planeta. Eu sou uma idiota, só posso ser.

Mas agora já foi, já me entreguei à sua avassaladora sensualidade. Vamos ver no que isso vai dar. Se ele será meu príncipe ou o meu sapo.

— Estamos aqui, Maria. — Uma mulher, aparentando uns 50 anos, surge entre as palmeiras.

Alejandro, assim que a vê, abre um sorriso. Ele não se afasta de mim, mas retira os braços do meu corpo.

— Eu não acreditei quando a Joana me disse que o senhor estava acompanhado. Deus

do céu! — Ela para, colocando as mãos na boca — Ela é uma princesa, meu filho, é a moça mais linda do mundo.

A senhora com sorriso bondoso e os cabelos loiros, muito bem penteados e presos em um coque, vem até mim, puxando-me para um abraço.

Fico sem jeito, pois não sei o que dizer ou o que fazer. A primeira impressão que tenho é que o Alejandro nunca trouxera uma mulher àquela casa. Aceito o abraço e retribuo os carinhos.

— Obrigada, Maria. Me chamo Isabelle, não sou nem a metade do que você pensa sobre mim. — Digo, completamente sem jeito.

— Vá por mim, moça bonita. Você é muito mais que isso para o senhor Martinez a trazer aqui. Você é uma joia muito valiosa e única.

Alejandro passa o braço em volta dos meus ombros, inclina sua boca até o meu rosto e o beija.

— Maria, minha futura esposa é linda, não é? Agora respondi aos seus questionamentos? Está aqui o motivo por não ter me casado antes. — Ele puxa meu queixo com a ponta do dedo. Meu rosto ruborizado fita o seu. Sua boca cola na minha em um beijo suave, mas expressivo. — Estava esperando por você — Ele diz, olhando-me no fundo dos meus olhos.

Ele acaba comigo. Quase caio de joelhos. Se não fosse os seus braços fortes, teria me esparramado ali mesmo.

Há tantas coisas que eu não sei sobre o Alejandro. Ele é um enigma, e isso está me deixando desorientada, pois não gosto de pisar em terreno no qual não conheço.

— Senhor Martinez, vamos entrar. Já está serenando, as moças da cidade não estão acostumadas a ficar no sereno, ela pode ficar doente. — Maria olha para mim, seus olhos escuros me avaliando. — Ela parece ser de porcelana, filho. Venha, vamos entrar.

Minha mão é segurada com carinho e somos puxados pela atenta senhora.

Alejandro não me solta, seu braço continua sobre os meus ombros.

Quando chegamos, Alejandro me mostra toda a casa. Os quartos – o dele era o principal – fica defronte ao jardim de rosas.

— Esse aqui será o seu, vou pedir a Maria para colocar suas coisas no armário.

Como assim, meu quarto? Não vou dormir com ele? O que perdi aqui?

Fico com vontade de perguntar, mas me

NACIONAIS - ACHERON

contenho. Se ele não quer dormir comigo, não serei eu a me oferecer.

Fico observando o meu futuro quarto, que fica bem ao lado do quarto do Alejandro. Percebo estar sozinha, não sinto a presença do corpo dele atrás de mim, então me viro em direção à porta.

Sou surpreendida ao encontrá-lo na entrada do quarto, me observando do jeito que costuma me observar, com o olhar penetrante atravessando a minha alma. Credo! Podia jurar que ele sabe o que estou pensando naquele instante.

— Algum problema, minha flor? — Ele ri, daquele jeito *torto*.

Bem, eu poderia lhe dizer que *sim*. Fico encafifada, porque ele me colocou em outro quarto e não no dele. Ele bem que poderia ter

dito, este aqui é o *nosso quarto*.

*Isabelle, você está parecendo a Thereza.
Fácil demais.*

— Não, está tudo bem. O quarto é lindo.
Adorei.

Ele vem até mim. Suas mãos se espalmam em meus ombros, escorregando para cima e para baixo, lentamente. Lábios macios encostam nos meus, uma língua quente e molhada desliza sobre eles. Meus lábios se entreabrem espontaneamente. Nossas línguas se encontram em um choque erótico, devasso.

Ele suga a minha com uma rapidez atordoante. Não dá tempo para pensar, pois uma mão já está apalpando o meu seio e a outra por baixo da minha saia.

— Cristo! — Digo, gemendo em sua boca logo em seguida.

Um dedo afasta a minha calcinha e outro se abriga entre meus lábios vaginais, escorregando suavemente para frente e para trás. Alejandro arqueia o quadril para frente, roçando sua rigidez em minha barriga.

— Quero você, flor. Quero muito você — sua boca colada na minha e o seu murmuro delirante quase me jogam na lona. — Toque-me, minha flor. Toque o que é seu, agora pertenço exclusivamente a você.

Não preciso de uma segunda ordem. Minha mão espalma lá, em seu sexo duro, aquele membro latejante e grosso. Aperto com força, friccionando a palma da minha mão nele. O tecido da calça jeans não ajuda muito, mas dá para sentir o latejar do músculo rígido.

— Abra o zíper, flor. Tire-o para fora, preciso do seu toque ou vou enlouquecer.

Enquanto ele fala, minha vagina é explorada por seu hábil dedo, meu clitóris acariciado. *Deus!*

Estou trêmula. Estamos de pé no meio do quarto, a porta aberta, eu de pernas abertas, deixando-o explorar o meu sexo com os seus dedos eróticos, e minha mão prestes a puxar o zíper da sua calça para baixo. O corpo dele roçando-se ao meu desesperadamente, e nossas bocas sendo devoradas uma pela outra.

Baixo o zíper e meto a mão lá dentro. Está tudo melecado e quente, o membro do Alejandro queima e pulsa em minha mão.

— Puxe-o para fora, minha flor. — Seu gemido soa alto quando espalmo a palma da mão em seu membro. — A-assim, humm! Isso, cacete! Que mãozinha quente...

Seu membro sai da sua cueca e calça,
NACIONAIS - ACHERON

vitorioso. A cabeça está toda melada, seu pré-ejaculatório só ajuda os movimentos precisos da minha mão. Era tão gostoso segurar aquele membro. Tão prazeroso.

Alejandro flexiona os joelhos e suspende minha saia. Sua mão solta o meu seio e pega o seu pênis da minha mão, o posicionando entre minhas pernas, sua outra mão afastando minha calcinha. Seu músculo rígido fica entre os meus lábios vaginais. Assim que se acomoda lá, os quadris dele começam a ir para frente e para trás.

— Quente, muito quente. Que porra é essa?!
— Alejandro delira em minha boca.

Duas mãos seguram minha bunda e a apertam. Levo várias palmadas em seguida, o som dos seus dedos estalando em minha carne ecoam no quarto. Não ligo se alguém pode

ouvir ou não, só quero aquele homem dentro da minha vagina.

— A-Ale-Alejandro eu vou cair... Deus do céu, me fode logo, pelo amor de Deus.

— Prenda-se ao meu pescoço com os braços
— Ele afasta a boca da minha, seus olhos se fixam aos meus. Ele sorri e me beija outra vez.
— Meu nome dito por sua boca fica lindo...

Ele acelera as estocadas entre os meus lábios vaginais. Deus do céu, aquilo era torturante e delicioso; estou indo à loucura.

— Cacete! Cacete! — Pragueja, furioso. Fita-me — Desculpe-me, minha flor, mas não tenho preservativo aqui, eu sinto muito — recebo um beijo na ponta do nariz e uma mordida no queixo, enquanto suas estocadas aumentam — Não vou poder parar, estou atravessando um inferno para não gozar.

PERIGOSAS

Ele afasta a parte de trás da minha calcinha, logo sinto um dedo em minha pele enrugada. Fico tensa.

— Relaxe, minha flor. Só quero que goze bem gostoso. — Alejandro retira o pênis das minhas dobras e o coloca entre as minhas pernas. — Aperte o meu pau com suas coxas, minha flor, vou gozar entre elas.

Ele penetra um dedo em minha abertura enrugada, e nem tenho tempo de protestar; um calor sobe junto com o fogo que me queima de baixo para cima. Uma onda de prazer cresce dentro de mim, meu corpo arrepia. Só escuto o som gutural de Alejandro, um grito abafado, e sinto o seu prazer escorrendo entre minhas coxas.

Ele me segura com cuidado, pois os seus espasmos são fortes, juntando-se aos meus.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Minhas pernas não são mais minhas, meu corpo não é mais meu. Estou lânguida e completamente acabada.

Uma mão empurra minha cabeça para seu peito duro. Escuto as batidas aceleradas do seu coração. Deus do céu! Ele parece sofrer taquicardia.

Tento ficar de pé, mas não consigo. Recebo vários beijos na testa, depois sua boca procura a minha.

— Venha, vou lhe dar um banho. Você está uma bagunça. Uma linda bagunça.

Juro que eu quero protestar. Banho, ele disse que vai me dar banho. Fico tão rubra que minhas bochechas ardem. Ainda tento falar, pedir para que me deixe tomar banho sozinha, mas uma boca quente me cala.

Quando vejo, já estou no banheiro e minha

NACIONAIS - ACHERON

roupa sendo retirada com cuidado. Olho para ele, completamente vestido, mas com o seu pênis para fora da calça, ainda ereto. Desvio o olhar daquela perdição.

Ele me deixa completamente nua e abre a ducha. Sou colocada debaixo da água morna, e ele me lava completamente. Não consigo encará-lo, a vergonha toma conta de mim. Ele percebe.

— Ei! Isa, olhe para mim. — Não consigo, estou muito envergonhada. — Isa, minha flor, você está com vergonha de mim? Hein, responda-me! Está? — Assinto com a cabeça — Isa, acabamos de fazer amor, toquei em seu corpo, gozei feito um adolescente em suas coxas, e você está envergonhada porque estou te vendo nua. — Ele me beija. — Acostume-se a isso, pois pretendo vê-la nua sempre.

Seu braço alcança um roupão e o meu corpo é coberto por ele. Sou colocada nos seus braços outra vez e levada para a cama.

Não estou acostumada a tantos mimos, mas ele não me dá alternativas: me enxuga, penteia meus cabelos, veste outro roupão em mim.

— Vou buscar suas coisas. Fique aí, quietinha. — Alejandro guarda o pênis na cueca, fecha o zíper e sai. Volta minutos depois, com minha bolsa nas mãos.

Ele escolhe minhas roupas, inclusive as íntimas.

— Você sabia que eu tenho duas mãos e posso perfeitamente fazer isso? — Digo a ele, fingindo descontentamento.

— Sim, eu sei, mas estou aqui e quero fazer isso. Posso?

— Desse jeito você vai me deixar mal-

NACIONAIS - ACHERON

acostumada.

— Essa é a minha intenção, deixar você bem dependente, a ponto de não conseguir mais viver sem mim.

Ele ri gostosamente, depois me olha daquele jeito. *Safado.*

— Depois não reclame, não venha me chamar de chata, grude... — Ele me agarra e sorri em minha boca.

— Minha garota chiclete, quero isso muito.
— Sou beijada com paixão. — Agora é a minha vez, preciso de um banho e mudar essa roupa. Volto logo, se quiser pode ir ficar com a Maria, ela vai adorar conversar com você.

Aceito a sugestão do Alejandro, vou à procura de Maria. Ela está na cozinha.

— Posso ficar aqui um pouco, com você? — Ela se assusta com minha chegada sorrateira.

— Ui! Nossa Senhora! Que susto, menina! — Ela ri, alisando levemente o peito com a palma da mão. — Sente-se aí — mostra uma cadeira que está próximo a ela. Puxo-a e me sento. — Onde está o senhor Martinez? — Pergunta, curiosa.

— Foi se banhar. — Sinto um cheiro gostoso quando ela suspende a tampa da panela. — Quer ajuda? Não sei o que está fazendo, mas se me explicar, posso ser útil.

Maria me fita com um olhar cheio de curiosidade e as sobrancelhas arqueadas.

— Você não conhece mesmo o senhor Martinez, não é mesmo?

Fico sem saber o que dizer, ou melhor, sei exatamente a resposta: “só o conheço através da mídia.” E, claro, o que ele me contou. Não o suficiente para dizer que o conheço.

— Só um pouco. — Não minto, mas também não sou sincera.

Apesar de que, na verdade, ninguém, por mais tempo que conviva com uma pessoa, nunca irá conhecê-la completamente. Meu pai gosta de dizer que, para o amor, não existe tempo, espaço e peso, o que importa é a recíproca do sentimento.

Maria fica me avaliando, esperando, na certa, que dissesse algo mais.

— O senhor Martinez nunca permitiria que a senhorita manipulasse qualquer objeto que possa lhe oferecer perigo. Vá se acostumando a isso, ele é protetor demais com as pessoas que ama. Ele é assim com o pai e foi assim com a mãe. Agora, imagine como ele será com a senhorita! — Maria está cortando alguns vegetais, para pôr um momento, me fita

longamente, depois continua: — Ele nunca trouxe uma moça aqui. Quando ele mandou me buscar para fazer um jantar, lá no apartamento dele, fiquei desconfiada. Então, quando descobri que era para uma mulher... — Agora ela separa algumas verduras e começa a cortá-las em cubos bem pequenos. Fico observando sua agilidade, enquanto ela continua sua explanação — percebi na hora que o tempo de solteirice do meu patrão havia se acabado.

Ela olha para mim e sorri.

— Ele nunca trouxe nenhuma mulher aqui? Por quê?

— Senhorita, meu patrão é um homem rico, bonito, solteiro, gostava de viver galinhando por aí. O Senhor Ortega sempre perguntava quando ele ia parar de ciscar em vários

terreiros, e ele respondia quando encontrasse *ela*. Ele sempre respondia isso.

— *Ela?* Só isso? Que resposta tola. — ri baixo. Alejandro tem uma maneira estranha de pensar.

Maria junta todas as verduras e vegetais picados, abre a tampa da panela outra vez, fazendo aquele cheiro bom perfumar toda a cozinha, e os coloca dentro, fechando outra vez em seguida.

— Eu perguntei... — Maria puxa uma outra cadeira e senta-se ao meu lado. — Ele me disse que *ela* tinha que fazer com que o seu coração disparasse e ele sentisse vontade de correr atrás dela, até conseguir alcançá-la. Ele não queria uma mulher fácil, queria uma mulher forte o bastante para derrubá-lo no chão. E quando a encontrasse, faria de tudo para

conquistá-la e mantê-la ao seu lado, para sempre.

Quase me engasgo quando o *ela* parece me descrever. *Eu o fiz correr atrás de mim, eu o derrubei por diversas vezes.*

— O senhor Martinez — Maria continua — disse que sua futura mulher será tão amada quanto sua mãe foi amada por seu pai, o senhor Ortega. Não se engane, você será muito amada mesmo.

Não sei se fico lisonjeada ou preocupada. Não sei direito o que sinto por Alejandro Ortega Martinez, e nem se realmente *ele* sente algo significativo por mim.

E toda aquela conversa me deixa curiosa. Principalmente sobre a morte da mãe de Alejandro.

— O que aconteceu com a senhora Ortega?

— Dona Aline morreu aqui, nesta casa. Foi um acidente horrível. Ela adorava montar a cavalo, o Zulu, esse é o nome do cavalo dela. Em uma tarde de domingo, ela estava com o senhor Ortega e o senhor Martinez lá no campo... — de repente ela fica introspectiva, se cala, acho que está revivendo a cena. — Eu só escutei os gritos do senhor Ortega... foi horrível ver o desespero dele, horrível.

Maria para de falar, e uma lágrima desce por sua face.

— Maria, não precisa me contar mais, se isso a faz sofrer. Vamos falar de outra coisa...

— Não — ela me interrompe — você precisa saber. O Zulu se assustou com uma cobra e jogou a dona Aline a vários metros de distância. Ela caiu de cabeça e quebrou o pescoço. O capataz disse que escutou o estalo.

Ela morreu na hora, pelo menos não sofreu. O senhor Ortega nunca mais foi o mesmo, e o senhor Martinez ficou ao lado dele até ele conseguir seguir a vida sozinho. Foram longos anos de muito sofrimento.

Escutar todo aquele drama fez-me lembrar o meu passado. Meu pai e eu passamos pela mesma situação.

— Eu posso imaginar como eles se sentiram, passei pela mesma situação. Perdi minha mãe quando tinha treze anos, meu pai só não foi junto porque ele precisava cuidar de mim, mas nunca mais foi o mesmo. Hoje vive recluso na casa em que as recordações amenizam a sua dor.

— Oh, minha filha, você era tão novinha, que triste! Mas pelo que estou vendo, seu pai fez um excelente trabalho, ele a criou muito

bem.

— Ajudamos um ao outro, Maria. Eu fui sua tábua de salvação e ele a minha.

Escuto a voz do Alejandro, ainda fora da cozinha.

— Nossa! Que cheiro gostoso!

Ele entra e para um pouco depois da porta. Sua voz grave e morna ao mesmo tempo faz meu coração disparar. Abro a boca para falar, mas a visão dele me faz parar de respirar; ele está perfeito. Respiro fundo, em seguida, limpo a garganta.

— Tive a mesma reação que a sua quando entrei aqui. — Disse ele, sorrindo para mim, daquele jeito que faz reboliços em meu estômago. *Torto.*

Tento disfarçar o meu olhar avaliativo, mas não consigo. Seu cabelo está molhado e
NACIONAIS - ACHERON

penteados para trás, camisa polo vermelha, calça jeans preta e chinelos. Nunca pensei que o megaempresário Alejandro Ortega calçasse chinelos. Ele caminha lentamente em minha direção, segura meu rosto com as duas mãos, inclina-se e me beija nos lábios demoradamente.

— Senti sua falta — ele diz, com a boca colada à minha.

Maria sorri, fazendo um pouco de barulho. Foi o bastante para Alejandro se afastar da minha boca. Ele passa o braço ao redor dos meus ombros, e nos aproximamos da grande mesa da cozinha.

— O que temos para o jantar, Maria? — Ele pergunta, sua outra mão pega algo na mesa e ele leva à boca.

— Sopa de verduras com osso com tutano¹

de boi, aquela que o senhor adora...

— Não acredito, Maria! — Ele me solta e vai em direção ao fogão. Abre a panela que está no fogo e inspira o aroma profundamente. — Você é divina, Maria! E a sobremesa?

Ela ri alto.

— Gelatina de morango.

Os dois olham para mim. Devo ter ficado rubra, pois Alejandro vem em minha direção e me abraça forte, tirando os meus pés do chão.

— Adoro quando você fica vermelha de vergonha. — Ele me beija na boca. — Vamos para a mesa, estou faminto e louco por aquela sopa — ele aponta em direção à panela.

O jantar foi perfeito. Alejandro não largou a minha mão enquanto tomava a sopa. E ele tinha razão, nunca provei algo tão delicioso. As verduras foram cortadas em cubinhos bem

NACIONAIS - ACHERON

pequenos, macarrão de conchinha, orégano e queijo ralado, bem pouco, mas consegui sentir o gosto.

— O que quer fazer agora, minha flor?

Ele levanta uma sobrancelha, e aquele riso *torto* estava lá em sua linda boca.

— Não sei, sou sua convidada, esqueceu? — Ele estende a mão, que seguro. Sou puxada, forçada a me levantar e me sentar em seu colo.

— Bem — ele olha o relógio de pulso — são quase vinte e duas horas. Ir até a cidade está fora de cogitação, então pensei em assistirmos a um filme, comendo pipoca, regado a cerveja para mim e suco para você.

Bato no peito dele com o punho fechado, em troca ganho um beijo.

— Adorei a ideia. — Eu só quero ficar perto dele, sentindo aquele cheiro gostoso e
NACIONAIS - ACHERON

recebendo os seus carinhos.

Vamos para a sala de TV. Alejandro escolhe um filme policial com um pouco de suspense. Ele se senta no imenso estofado, coloca os pés na *chaise* e faz com que eu me deite com a cabeça em seu colo. Ele pretende mesmo me mimar, me serviu a pipoca e o suco na boca. Vinte minutos de o filme começado, o celular dele toca.

Alejandro o pega e olha para o aparelho, com certa impaciência. Penso que não vai atender, mas atende.

— Fala, José. — Ele fica escutando a outra pessoa. Minutos depois, ele pega minha cabeça e a coloca em uma almofada, depois de agachar, beija meus lábios e diz: — Preciso muito atender a essa ligação, prometo ser breve.

PERIGOSAS

Sou beijada outra vez, então ele se afasta e some porta afora. A conversa não é tão breve assim, ele demora tanto que acabo adormecendo.



Alejandro

*D*urante mais de quarenta minutos, fico pendurado ao telefone com José, o meu assessor, fornecendo explicações sobre um dos contratos mais importantes para minha empresa. Ele está me representando em um evento em Paris, ao qual eu deveria estar lá, nesse momento.

Sou um investidor, compro ou invisto em outras empresas que estão a alguns passos da ruína, dou a elas uma injeção de ânimo, e em

troca elas me repassam uma grande parte dos seus lucros. Mas também gosto de investir em algumas empresas que estão no auge do estrelato, e esse contrato em Paris vai me render uma porcentagem significativa. Deixo tudo explícito para o José, e ele fica de retornar à ligação no dia seguinte. Despeço-me, faço algumas anotações e retorno para a sala de TV.

Encontro com a Maria lá, cobrindo a Isa.

— Shh! Achei melhor cobri-la. O ar condicionado está muito frio. Ela murmurava que estava com frio.

Lembro-me imediatamente do nosso primeiro jantar, a chuva e o meu encanto por ela. É ali que tenho a certeza de que estou amando aquela garota impicante e difícil *pra cacete*.

— Ela fala dormindo, Maria, e sente muito

frio quando está adormecida.

Vou até o sofá, inclino o corpo sobre o dela e a pego nos braços. Rapidamente ela se aconchega ao meu peito e murmura:

— Você tem um cheiro bom... humm! — Beijo sua testa e respondo, com o rosto bem próximo ao dela:

— Eu sei, você vive me dizendo isso, e você também tem um cheiro bom. — Olho para Maria — A cama dela está pronta? — Ela assente com a cabeça — Vamos lá, preciso colocar uma linda princesa na cama.

Maria me acompanha até o quarto.

Juntos a despimos e vestimos sua roupa de dormir, uma camisola de algodão, com florezinhas coloridas. Nunca vi uma mulher vestida para dormir com algo tão singelo.

Geralmente, as mulheres que dormiam ao meu

lado dormiam nuas.

Ajeito as cobertas e o edredom sobre o seu corpo, certificando-me se está coberta o suficiente para não sentir frio. Inclino-me sobre ela e a beijo na boca. Foi um beijo demorado, minha vontade é ficar ali, ao seu lado, e de preferência na minha cama, mas não quero impor minha vontade. A decisão teria que partir dela; ela teria que ir até lá, com as próprias pernas.

Já a conheço o suficiente para saber que, com Isabelle Disano, é necessário ir devagar, ou, do contrário, acabaria sendo acusado de só querer fodê-la... Bem, o que não deixa de ser verdade. Essa é minha intenção, quero fodê-la com muito amor, por toda a vida. *Minha e a dela.*

Com os lábios colados aos dela, roço a ponta

língua sobre eles e sussurro:

— Sonhe comigo, minha flor. Estarei no quarto ao lado, sonhando com você.

Ela se mexe, faz um muxoxo. Seus lábios se movem, sussurrando palavras quase inaudíveis, mas eu as compreendo.

— Eu te amo, Alejandro...

Fico imóvel e assustado. Já havia escutado essa frase outras vezes, pelas bocas de outras mulheres, mas nunca essa frase foi tão dominadora como agora.

— O que disse, Isabelle? — Eu sei que ela fala dormindo, como também sei que ela responde perguntas se a fizermos.

— Amo você, Alejandro... muiiito! — Olho por cima do meu ombro, diretamente para Maria.

— E agora, o que eu faço? — Estou perdido. Eu sei que ela não está mentindo, como também sei que ela não se lembraria de nada disso quando acordasse.

— Responda com o coração, senhor Martinez. Só ele poderá responder para o senhor.

Maria me olha sorrindo, ela está adorando me ver assim, sem saber o que fazer. Sempre tive as respostas, não estou acostumado a ser pego desprevenido.

Fito aquele rosto lindo. Meu coração palpita aceleradamente. Ela é tudo o que eu sempre quis. A felicidade me toma por inteiro com essa constatação. Beijo seus lábios outra vez, depois sua testa, cheiro os seus cabelos e respondo, com a voz emocionada:

— Amo você, Isabelle Bianucci Disano. Amo

você, e a partir de hoje, você se tornou a pessoa mais importante da minha vida. — Ela respira profundamente. Fico paralisado por longos segundos, até que a Maria me chama de volta.

— Senhor, é melhor deixá-la dormir. O senhor está impedindo o ar de circular em volta dela.

Ela tem razão. Estou debruçado sobre o corpo e o rosto dela. Verifico os lençóis outra vez, levanto, deixo só o abajur ligado e vou para o meu quarto, mesmo não querendo ir.



Os sons dos cânticos dos pássaros entram no quarto, os primeiros raios de sol começam a iluminar o ambiente, o cheiro das flores invade o local, o que me deixa muito mais encantado

com o que os meus olhos admiram. Estou sentado na poltrona ao lado da cama de Isabelle. Só consegui dormir por poucas horas, às cinco da manhã já estava de pé. O cheiro de alfazema impregnou meu olfato, e os meus sentidos sabiam que ela estava no quarto ao lado. Foi difícil para mim manter a distância.

Até que tentei, mas não deu. Então resolvi me abancar aqui, ao lado dela. Fiquei as últimas horas admirando-a dormir, contornando o seu corpo mentalmente, enquanto meus olhos o percorriam.

Depois de mais ou menos três horas sentado nesta poltrona, não muito confortável, ela se mexe entre os lençóis, esticando o corpo preguiçosamente. Fico quieto, não querendo estragar a surpresa.

Ela leva os braços para cima e faz o som de

um bocejo longo. O quarto está um pouco claro, pois as cortinas estão entreabertas, deixei-as assim para ventilar o local, o ar-condicionado o deixou muito gelado, mesmo na temperatura mínima. Quando entrei aqui, ela estava toda encolhida, e ao tocá-la, sua pele estava muito fria, isso me deixou louco de preocupação.

Isa abre os olhos lentamente, piscando repetidamente. Fico com vontade de sorrir, mas permaneço imóvel. Ela vira de lado, na mesma direção em que eu estou.

— Alejandro. — Fala, sobressaltada.

Sustenta o corpo nos cotovelos, piscando os olhos.

— Bom dia, minha flor! — Vou até ela, ajoelho-me no chão e me inclino sobre o colchão, beijando-a com paixão.

Ela retribui o beijo, puxando-me para cima da cama.

— Desde que horas o senhor está sentando ali? — Ela pergunta, apontando para a poltrona, mas sem soltar a minha boca.

Rio e a beijo diversas vezes.

— Desde as cinco da manhã. O seu cheiro não me deixou dormir, e antes que me pergunte por que não me deitei ao seu lado... — deslizo os dedos sobre seus cabelos e a olho no fundo dos seus olhos. — Não quis acordá-la. Se me deitasse ao seu lado, nós não dormiríamos mais.

Ela passa uma das pernas sobre as minhas, encostando seu sexo em minha coxa. Meu membro fica em alerta. Aquelas duas estrelas olhando em meus olhos e aquela boceta quente roçando em minha coxa são um problema

sério, pois não estou conseguindo conter o meu lado dominador de possuir aquela mulher linda. Agora todos os meus sentidos dizem para tomá-la e fazê-la completamente minha.

Estou muito ferrado. O melhor a fazer era levá-la logo para o café, antes que o meu membro dominasse o meu juízo. Fico de pé e lhe estendo a mão.

— Vamos, o nosso café da manhã será servido no jardim, mandei preparar algo divino para você.

Ela move a boca sem articular nenhuma palavra. Seus olhos fixam-se nos meus e as duas estrelas brilham. Seus cílios baixam, depois levantam-se.

Continuo olhando para ela, sorrindo, e meu sorriso indica o que irá acontecer se continuasse ali, naquela cama, com ela em

cima.

— Posso saber qual o menu? — Ela fica encarando minha mão estendida.

Talvez o que ela queira mesmo é me puxar para cima da cama. É o que vejo em seus olhos.

Olhando bem dentro daqueles olhos azuis, percebo na hora a sua vontade; ela quer isso mesmo. Mas bate uma insegurança, o medo que de repente ela pense que eu só quero fodê-la, já que repetiu por tantas vezes essa mesma frase, toda vez que eu tentei ir além dos beijos. É melhor esperar ela mesma vir até mim.

— Aipim com carne de sol frita, bolo de cenoura com calda de chocolate e, para desintoxicar toda essa caloria, suco de melancia. Menu aprovado?

— Aprovedíssimo — Ela sorri, aceitando a minha mão.

Isabelle sai da cama, aos pulos, correndo para o banheiro, dizendo que ela se vingaria de mim por tê-la vestido com aquela camisola. Juro, nunca ri tanto em minha vida, ela parece uma menina serelepe.

Ela é boa de garfo. Não sei onde guarda tanta comida. Desde que a conheço, ela nunca economizou na porção de comida. Fico procurando em seu corpo o resultado de tanta caloria ingerida, pois ela não malha nem pratica algum esporte, eu sei disso. Então, para onde vão todos os carboidratos e gorduras?

— Caramba! Isso é bom demais! — Também não tem vergonha de falar de boca cheia, dá gosto de vê-la comendo.

Minhas sobrancelhas se erguem e sorrio para ela.

— Quer mais? — Olho para a travessa, ela

comeu tudo — Posso pegar mais na cozinha.

— Não — faz um gesto negativo com a mão
— Se comer mais alguma coisa, acho que explodo — revira os olhos e passa a mão no estômago. — Não vou comer por um mês.

Nós sabemos que isso é mentira. Estico o corpo e deixo escapar um suspiro rápido.

— Vamos andar um pouco, você precisa fazer digestão. — Deixo escapar um sorriso irônico. Ela joga o guardanapo em meu rosto.

— Palhaço. — Isabelle levanta rápido e sai em disparada pelo jardim — Duvido que você consiga me alcançar, senhor esportista metido.

— Não duvide da minha capacidade física, moça impertinente.

Ela até que tenta, mas não consegue. Em menos de dois minutos, já estou a metros de distância dela. Em certo momento, Isabelle
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para e inclina o corpo, se apoiando com as duas mãos nos joelhos. Pensando que está passando mal, corro de volta até ela.

— Isa, meu amor, você está bem? — Ela me joga no chão, ficando sobre mim.

Minha boca é dominada, e nossas línguas se encontram. Uma mão muito ousada alcança a frente das minhas calças, dedos ágeis circulam meu sexo, e ele logo dá sinal de vida, ficando rígido.

— Minha flor, não brinque com quem está quieto... — Afasto meu rosto um pouco do seu.
— Estou tentando ser cavalheiro desde que você chegou aqui, não sei se conseguirei o ser por muito tempo, se você continuar tentando tirar o meu juízo.

— Quando você vai me apresentar o Alejandro safado?

NACIONAIS - ACHERON

Ela se ergue rapidamente e sai correndo. Fico deitado na grama, com cara de idiota e de pau duro. Essa moleca está me testando.

Levanto-me apressadamente e vou ao seu encalço. Olho ao redor e não a avisto.

— Isa — grito por seu nome. Ela não responde.

Vou até o campo de futebol, a quadra de tênis, a piscina... nada da Isabelle. — Onde ela está?

Volto para o jardim. Talvez ela estivesse com a Maria. Vou até a cozinha.

— Maria, você viu a Isa? — Ela me olha com espanto.

— O senhor já perdeu a moça? — Sorri — Ela não passou por aqui, não, deve estar no jardim...

Nem a espero terminar a frase. Vou à procura da serelepe da minha namorada. Fico surpreso com o meu pensamento. Há alguns meses, não pensava em pronunciar essa palavra. Atravesso o jardim e vou em direção às baías.

Paro. Puxo o ar com força para os meus pulmões. Um frio percorre toda a minha espinha, minha visão nubla, minhas pernas bambeiam.

Eu preciso reagir, preciso reagir. Não sei como, mas consigo gritar.

— Isabelle — Vocifero o mais alto que eu posso e corro em direção às baías.

Isabelle está pronta para montar o Zulu. Puxo-a para longe do cavalo, segurando-a com força pelos braços.

— Você ficou louca?! — Berro, meu rosto

NACIONAIS - ACHERON

bem rente ao dela. Certamente meus olhos estão saltados e com um brilho de fúria. — Nunca mais chegue perto desse cavalo, entendeu? — Aponto para o cavalo e a sacudo energicamente pelo braço — Nunca mais, Isabelle, chegue perto deste cavalo. — Ela me olha aturdida, os olhos fixos em meu rosto, a boca entreaberta — Isabelle, você está me escutando? — Sacolejo o seu corpo com força — Nunca mais chegue perto desse cavalo, porra! Porra! Eu podia ter perdido você, caralho! Isa, quase tenho um AVC só de vê-la perto dele.

— Mas, mas... Alejan.... Eu, eu...

— Eu o quê? — Fixo os meus olhos nos dela, ela está quase chorando.

Só então percebo que ela está tremendo. Olho para os seus braços, onde os meus dedos

estão desenhados em sua pele branca. Deus do céu! Eu a machuquei!

A solto rapidamente, viro-lhe as costas e saio correndo.

— Arrume suas coisas, vamos voltar para a capital. — Brado. Ela fica paralisada, certamente não está entendendo nada.

Entro em casa feito um furacão e dou de cara com a Maria.

— Senhor Martinez, pelo amor de Deus! A menina está assustada...

— Agora não, Maria. Agora não! Estou furioso demais para sermão, deixe-me sozinho...

Ela vira as costas e sai. Vou até meu escritório e sento na cadeira, coloco meus cotovelos na mesa e descanso minha testa nas palmas das minhas mãos. Cacete! Eu vi um

NACIONAIS - ACHERON

filme passar diante dos meus olhos. E se ela tivesse montado no Zulu...? Não, por Deus, isso seria o meu fim.

Eu preciso me livrar daquele cavalo.

Só não tinha feito isso ainda porque minha mãe o adorava, mas agora, com a Isa aqui, não posso arriscar.

— Alejandro, podemos falar? — Levanto um pouco a cabeça, meus olhos se fixam aos dela. Sua garganta faz um movimento para baixo quando ela engole em seco.

— Agora não, Isa. — Estico o corpo, ele vai para trás até minhas costas encostarem no encosto da cadeira. — Vá arrumar suas coisas, vou chamar o helicóptero, voltaremos para a capital imediatamente.

Não consigo sequer olhar para ela, pois revivo a cena de vê-la montando o cavalo.

Isabelle estremece e baixa os dois braços ao longo do corpo.

— Podemos ao menos conversar antes?

Eu sei, sua teimosia não irá deixá-la desistir da tal conversa. Não quero conversar, só quero esquecer tudo isso.

— Vá arrumar suas coisas, depois conversamos. — Fecho os olhos, minha paciência está indo embora.

Sinto um corpo sobre o meu. Ela foi rápida. Assim que abro os olhos, duas estrelas brilhantes estão me fitando.

Isabelle está sentada em meu colo, completamente escancarada nele. Sinto o calor do seu sexo na minha virilha. Porra! Ela quer testar minha sanidade.

— Isa, não. — Tento afastá-la com as mãos. Olho para os seus braços, eles ainda estão
NACIONAIS - ACHERON

marcados por meus dedos. — Isa, desça. Não quero conversar, não agora.

— Alejandro. — Suas duas mãos seguram meu rosto. Sou forçado a fixar os meus olhos nos dela. — Alejandro, eu te amo... — Cacete, ela quer me enlouquecer! Fico quieto, meus olhos dançando sobre o seu rosto. — Eu te amo, escutou? — Agora são os olhos dela que varrem o meu rosto. — Eu sei o que aconteceu com sua mãe. Olhe para mim — ela diz quando desvio o olhar — Veja, eu estou bem — Ela solta o meu rosto e segura minhas mãos, levando-as até o seu rosto e me fez segurá-lo. — Viu, eu estou aqui, nada de ruim me aconteceu. Alejandro, coisas ruins acontecem, você precisa entender isso.

Engulo em seco. As lágrimas brotam, uma desce por meu olho esquerdo. Meu coração

bate acelerado.

— Eu juro que mato aquele cavalo se você encostar nele novamente. — Desabo, as lágrimas descem ininterruptamente — Não posso perder você agora que te encontrei, não posso perdê-la. Quando a vi ali, tão perto do Zulu, me bateu um medo terrível. Foi então que percebi que você é tudo que mais quero na vida, tudo, e se algo acontecer a você, não sei se suportarei...

Encosto minha testa na dela. *Droga, Isa, se você soubesse o tamanho do meu medo.*

— Ei. Olhe para mim, senhor Ortega Filho... Acabei de lhe dizer que estou bem e que eu te amo, seu idiota metido a besta... — A olho. E ela sorri e me beija.

Nossas bocas se chocam. Invado os seus lábios com minha língua, procurando a sua. É

PERIGOSAS

um impacto duro, possessivo. Tanto a dela como a minha estão sedentas uma da outra, é uma luta justa. Isabelle geme, sôfrega, e se roça em minha virilha. Minhas mãos vão aos seus seios e os seguram firmes, apalpando-os com vontade dominadora.

— Eu quero você, minha flor, e quero agora.
— Digo, determinado. Minhas mãos descem por seu corpo, até chegarem à sua saia.

Suspendo o tecido até meus dedos alcançarem sua calcinha.

—Preciso me livrar desse pequeno obstáculo. — Articulo, rindo em sua boca — Uma das minhas mãos vai até a gaveta, a abre e pega uma tesoura. Corto os dois lados da sua calcinha. Meus dedos deslizam entre suas coxas, provocando-lhe gemidos. Meus quadris pressionam, buscando o calor do seu sexo.

NACIONAIS - ACHERON

Minha mão pressiona a carne macia, fazendo-a estremecer de tesão, e seus dedos circulam minha nuca, suas unhas longas se enterram lá. Uma das minhas mãos alisa suas costas e a outra explora o seu clitóris. Ela se arqueia quando o meu dedo a penetra.

— Caralho! Tão molhada, tão apertadinha... Olhe para mim, minha flor.

Ela olha, e lá estavam elas: as duas estrelas, brilhando de tesão. Deslizo meu dedo mais fundo e o giro, e ela solta um gritinho. Sua respiração acelera quando movo o dedo outra vez, mais rápido e mais rápido. O chiado que vem da sua garganta revela todo seu desejo.

— Puta merda! Você está pronta para mim! Eu preciso entrar em você, e preciso agora.

Isabelle entende meu desespero. Suas mãos descem até à frente das minhas calças e

rapidamente ela se livra do cinto de forma desajeitada, em sua pressa em mim ter. O botão e o zíper são abertos e o meu membro liberto. Ergo o seu corpo para cima, encaixo sua abertura na cabeça do meu sexo. Fomos feitos um para outro; o encaixe é perfeito. Ela começa a descer lentamente.

— Ai, meu Deus! — Ela grita.

Sinto um aperto ao redor do meu membro. Ela é muito apertada, então forço seu corpo para baixo.

— Pare, pelo amor de Deus! Pare. — Ela suplica, os olhos lacrimejantes.

Fico preocupado. Caralho! Nunca fodi uma mulher tão apertada assim. Se está difícil para mim, fico imaginando o quanto está sendo difícil para ela. Respiro fundo e a seguro firme.

— Estou machucando você, minha flor? —

Pergunta idiota. *É claro que estou.* Ela está trêmula, ofegante e suada. A beijo com força e tento mais uma vez empurrar o seu corpo para baixo.

Aquele tesão todo está me matando. O aperto da sua vagina em meu pênis é algo muito bom. O seu canal está quente, molhado e apertado, era como fazer sexo anal. Entro em completo êxtase.

Aquilo não é normal, uma mulher ser tão apertada assim. Acho que ela não faz sexo há muito tempo, só pode ser.

— Alejandro, dói demais... — Ela arfa. Vejo a dor nos olhos dela. Já ia retirá-la de cima de mim, quando ela se senta de uma vez em meu colo.

Isabelle solta um grito pavoroso de dor. Suas unhas entram na carne das minhas

costas, tenho certeza que furou o tecido da minha camisa. Ela engole o ar. Suas coxas prendem as minhas.

— Não se mexa, não se mexa, deixa essa dor passar...

Seu rosto se esconde em meu pescoço e ela o morde.

— Isabelle, há quanto tempo você não faz sexo? — Indago, preocupado.

Ela demora um pouco a responder.

— Há 25 anos. Eu não sabia que doía tanto.

Quem arfa agora sou eu. Recebo essa notícia como um soco no plexo solar. Ela disse isso mesmo?

— Você disse o quê? — Fico zozinho. — Isabelle Disano, você era virgem?

Sinto o seu ofego, seus dedos aliviam a

pressão em minhas costas. Ela ergue a cabeça e me olha.

— Era. — Sussurra.

Ergo o seu corpo e a coloco de pé, levantando imediatamente. Meu pênis entra em colapso.

— Puta merda! Cacete! Como assim, virgem?! Isabelle, por que não me disse, isso é muito sério! Virgem, nessa idade, por quê? O que eu faço agora? Isso é loucura, não pode ser, por que eu... caralho...!

Começo a andar de um lado ao outro. Estou confuso, assustado, nunca tinha tirado a virgindade de uma mulher, nunca....

— Qual o problema com você, Alejandro? O que há de tão absurdo em eu ser virgem?

— Por que você não deu para outro, por que eu? Cacete! Eu nunca...

PERIGOSAS

— Você é um idiota mesmo! — Ela me interrompe — Presunçoso filho da mãe! Vá se danar, senhor Ortega. Vá para o diabo que o carregue. — Ela avança em minha direção e empurra o meu peito com o dedo — Quer saber, quem quer ir embora agora sou eu, e nunca mais quero olhar em sua cara!

Ela vira as costas e sai correndo.

— Isabelle! — Grito a todo pulmão — Isabelle, volte aqui! Mas que inferno de mulher birrenta, cacete! Volte aqui, sua maluca!

Saio correndo atrás dela. Maria surge do nada em minha frente.

— Deus do céu, senhor Martinez. Que gritaria é essa? — Ela olha para minha camisa. — O senhor se machucou? A borda da sua camisa está suja de sangue. — Ela aponta com o dedo.

NACIONAIS - ACHERON

— Não me pergunte nada. — Afasto seu corpo da minha frente e vou atrás da maluca de minha namorada.

Ela já está arrumando a bolsa, chorando. Quando me vê, limpa os olhos com o dorso da mão.

— Nem tente me impedir, senhor Estúpido. Fique bem longe! — Ela me olha, furiosa. — Quer dizer que você prefere que eu tivesse fodido primeiro com outro cara para depois foder com você? Por quê? Tem medo que eu o force a se casar comigo? Pois fique sabendo que isso não existe mais, não se preocupe. Agora saia da minha frente, ou vou começar a jogar coisas em você, seu filho de uma....

A agarro, prendendo-a entre os meus braços. Ela luta para se soltar do meu aperto.

— Quieta, porra! Merda de mulher arisca do

PERIGOSAS

cão! Isa, porra, Isa, olha para mim... Caralho! Isa! — Brado. Ela continua lutando. — Porra! Eu te amo — ela para de lutar. — Eu te amo e quero me casar com você.

— Você disse o quê? — Ela sussurra.

— Eu disse que te amo. — Repito.

— Não, depois disso. — Seus olhos piscam rapidamente.

— Eu quero me casar com você.



Alejandro

*E*u sei que aquela frase bagunçou com a cabeça dela. Afinal, só um louco pede uma mulher em casamento com apenas alguns dias que a conhece. Eu sou louco, *louco varrido*.

Inclino-me e coloco minha testa encostada à sua. Ela respira fundo e relaxa os braços, e eu me pergunto brevemente se ela tinha compreendido a minha frase, mas então seus olhos se abrem, se fixam aos meus, e então, ela

me beija.

O cheiro dela é divino. Alfazema virou minha flor favorita. Viro meu rosto, e os meus lábios tocam a pele de sua face.

— Eu te amo, e não tenho por que esperar meses para me casar com você. A quero hoje e para sempre. Pode me chamar de exagerado, só não me chame de louco. — Ela vira o rosto e os seus olhos dançam, me avaliando. Sorrio. — Louco eu seria se não a pedisse em casamento.

Ela deve ter alguma forma de ler os meus pensamentos, porque me abraça com força, prendendo-me a seu corpo. Isabelle engole um pequeno suspiro. Fico excitado, meu membro endurece assim que o seu ventre encosta nele. Ela causa isso em mim, parecia uma droga, um poderoso elixir orgástico.

Nunca me senti assim. Ela me faz querer

coisas, coisas que me fazem ter pressa, e uma delas é casar o quanto antes. Loucura! Talvez seja, mas é isso que eu quero. Sou rico, solteiro, não há necessidade de adiar o inadiável.

Nossos olhares se encontram outra vez, e percebo o mesmo desejo neles. O aperto das minhas mãos em suas costas se intensifica, puxando-a para mais perto de mim, a fim de que ela se encoste ao meu membro duro e assim eu possa me esfregar em seu corpo quente.

Isabelle ferve. Ela está sem calcinha, e o cheiro da sua excitação vem até minhas narinas. Meu joelho encosta lá e roça com cuidado.

— Alejan...

— Shh! Agora não. Depois você fala tudo o

que quiser, mas, neste exato momento, eu só quero terminar o que comecei no escritório. A farei minha por completo — Beijo sua testa, depois olho para ela novamente. — E será agora.

Dispo sua blusa sem nenhum esforço. Desço o zíper da sua saia e ela escorrega por suas pernas, perdendo-se no chão. Sou um homem experiente e me livro de seu sutiã só com uma mão. Ergo o seu corpo do chão e a levo para a cama. Deito-me sobre ela, colocando-a delicadamente sobre os travesseiros. Ergo o corpo e fico observando seu corpo nu e lindo. Só meu.

Levanto-me e dispo minha roupa rapidamente. Ela me olha com admiração, e os olhos dela vão direto para o meu membro. Ele está muito duro, elevado, cabeça brilhante, e as

veias azuis lhe dão um aspecto assustador. Não sou um homem gigante, mas algumas mulheres se assustam com o tamanho do meu membro. Mas garanto que ele nunca machucou nenhuma vagina. Só ofereceu prazer, e a partir de hoje ele pertencerá a uma única mulher. *Isabelle.*

Cerro meus lábios nos dela com força. Uma das minhas mãos fica sobre o seu ombro e a mantenho contra o colchão macio. Solto sua boca e ergo a cabeça. Meus olhos percorrem o seu corpo, depois o seu rosto. Tenho certeza que os meus olhos emanam fogo enquanto eles a avaliam.

— Relaxe, meu amor. Prometo que serei cuidadoso dessa vez, farei de tudo para que não sinta dor.

Meus lábios separam os dela e minha língua

domina a sua. Sugo aquele pedaço de carne macia, e a respiração dela se torna difícil. Deslizo minha mão ao longo do seu corpo, até chegar ao seu ventre. O acarício, desço um pouco mais, passo sobre sua vulva, até chegar à sua perna. Deslizo um dedo para baixo e acarício a parte interna da sua coxa.

— Alejan... eu... — sussurros, seguidos de gemidos, escapam da sua boca de forma desconexa. Suas pequenas mãos acariciam minhas costas, e o seu corpo se contorce por baixo do meu.

— Shh. Relaxe, minha flor. Só abra um pouco as pernas.

Ela fica em silêncio e engole o grito quando a toco lá embaixo.

A palma da minha mão desliza entre os seus joelhos, separando-os. Meus dedos deslizam

suavemente até o seu sexo quente e molhado. Isabelle respira tão profundamente que eu penso que ela vai se engasgar. Ela fecha as pernas com o susto.

— Deixe-se livre, amor. Não tenha medo. Já prometi que farei o possível para que não sinta dor.

Minhas palavras são firmes, ela precisa confiar em mim. Eu sei que está nervosa, nossa primeira tentativa no escritório não foi muito confortável. E tem mais, ela sabe que eu nunca fodi uma virgem, isso é difícil para mim também. Olho para ela com ternura.

Seu corpo já começa a estremecer, e sua respiração se torna cada vez mais ofegante. Também estou trêmulo, eu a quero mais que qualquer outra coisa em minha vida. Meu desejo sacode dentro de mim

involuntariamente.

Ela suspira fundo quando minha mão força os músculos das suas coxas a se afastarem.

— Isso, relaxe, meu amor. — a beijo por todo o rosto, até chegar aos seus lábios, onde minha língua domina sua boca, que agora pertence só a mim.

Isabelle se sacode embaixo de mim, geme, aperta os músculos das minhas costas. Suas unhas arranham minha carne, seus dentes mordem meus lábios. Está ensandecida e pronta para me receber.

— Isabelle, olhe-me — murmuro, com os olhos e o corpo em chamas. Ela me fita, e as duas estrelas brilham igualmente aos meus olhos — Você é minha, eu quero escutar você dizer isso.

Ela engole em seco, e o nosso olhar não se

NACIONAIS - ACHERON

perde um do outro.

— Eu... sou... sua! Para sempre, Alejandro.

— Quero escutar outra vez.

— Eu sou sua, Alejandro.

Deslizo minha mão por seu rosto até encontrar os seus cabelos, e os escovo com os dedos. A beijo com suavidade, e o meu membro encontra sua abertura. Aos poucos ele vai encontrando o caminho, escorregando lentamente dentro dela. Isabelle engasga e sorve uma grande quantidade de ar para os seus pulmões. Ela tenta me empurrar quando meu membro vai mais fundo. Juro que estou fazendo um esforço sobre-humano para me controlar. Estar dentro dela era algo indescritível.

— Eu te amo, minha flor. Amo como nunca ameí outra mulher. — Cubro sua boca com um

PERIGOSAS

beijo ardente. Ela passa os braços por volta do meu pescoço, juntado os nossos corpos com força.

Não resisto e vou fundo. Meu membro penetra o seu sexo, escorregando fundo.

— Minha — digo, com uma voz dominadora, até eu, assusto-me com o tom disso. Nunca me senti dono de mulher alguma, para mim elas eram só uma fonte de prazer, mais nada.

Ela morde minha boca e se agarra a mim com força, enquanto a estoco uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Nossos corpos galopando no mesmo ritmo. Perco-me na força do nosso êxtase. Só escuto o grito de prazer vindo da sua boca, ela chamando o meu nome e repetindo o que eu quero escutar.

— Sua... sua... — não consigo deter o meu gozo.

NACIONAIS - ACHERON

Não ia gozar dentro do seu corpo, mas não consigo conter o meu prazer e jorro minha semente quente dentro dela, com força. Bombeio por diversas vezes, prendendo-me a ela, meus espasmos sôfregos dizendo o quanto eu a desejo.

— Te amo, eu te amo, Isabelle Ortega Bianucci.

Minha boca escorrega até os seus seios e eu os provo. Eles são pequenos, mas grandes o suficiente para caberem nas palmas das minhas mãos.

Ela e eu ainda estamos trêmulos pelo nosso orgasmo. Mas a quero, quero mais da minha mulher. Era bom dizer essas palavras. *Minha mulher.*

Minha boca prova aqueles seios deliciosos e os meus dedos exploram sua vagina, ainda

com o meu pênis dentro dela. Ele continua duro. Fodendo-a, ia e vinha, bem devagar. Abandono seus seios, e minha boca faz um caminho para baixo. Meu corpo escorrega, até que fico com os ombros entre suas pernas.

Ela se sustenta pelos cotovelos. Está linda: cabelos despenteados, suada e a boca vermelha de tanto ser beijada. *Por mim.*

— Alejan... — Tenta fechar as pernas, mas seguro firme entre elas. — O que vai fazer, amor? — Mostro para ela o que vou fazer, mergulhando minha boca entre suas pernas. — Não, não, amor, estou toda suja, toda melecada... não faz isso... — Levanto minha cabeça e a olho — Ai, meu Deus! Sua boca está suja de sangue! Não, Alejandro, deixe-me tomar um banho antes.

A beijo lá, no centro da sua vagina, depois

mordo o seu clitóris e o sugo.

— Nosso sabor está misturado, o meu e o seu. E o seu sangue é a prova que você é unicamente minha, que serei o primeiro e o único homem em sua vida.

Minha boca volta para o seu sexo. Ela goza, e eu também. Gozo só com os tremores desesperados do seu corpo. Isabelle é uma mulher voraz e muito gostosa na cama. A sua falta de experiência só me deixa com muito mais tesão.

Após o nosso primeiro contato sexual, a levo para o banho e nos amamos mais uma vez. Ela se entrega ao cansaço e adormece em meus braços logo depois. Acordo Isabelle duas horas depois, entre beijos e amassos. Nos amamos outra vez. Só saio da cama para ir buscar o nosso jantar. Fomos dormir mais de duas

horas da manhã. Não consegui manter minha boca, minhas mãos e o meu membro longe do seu corpo.

Na manhã seguinte, sou acordado com uma boca quente ao redor do meu membro. Ela ainda não é muito boa no sexo oral, mas só em sentir aquela boca gostosa, me chupando com vontade devoradora, foi o suficiente para meu prazer vir com força bruta. E o dominante Alejandro, que faz parte da minha personalidade, surge, e mais uma vez a faço minha. Meu membro invade sua vagina quente com euforia, jorrando minha semente dentro do seu corpo. Ela está me viciando. Só de pensar que não ficaria ao lado do seu corpo por alguns minutos, já me invade um desespero torturante. Isabelle está se tornando tão necessária para mim quanto o ar que eu respiro. Após nosso amor matinal, fomos para

NACIONAIS - ACHERON

o banho.

Ela está secando os cabelos, enquanto eu estou me trocando. É então que me lembro que não havia usado proteção, nem pensei em preservativos enquanto nos amávamos. *Caralho! E agora?*

— Isa, precisamos ir à cidade o mais depressa possível. — Ela para de secar os cabelos. — Desculpe-me, nem sei como lhe dizer isso... Não usamos preservativos. Não me importo em ser pai de um filho seu — isso é verdade —, mas, por enquanto, não quero dividi-la com ninguém. Quanto à minha saúde, não se preocupe, nunca fiz sexo sem proteção, você foi a única, mas se quiser posso lhe mostrar os meus últimos exames médicos... — Ela me olha de um jeito desconfiado. — O que foi? Por que me olha assim?

— Eu te amo — Ela sorri e vem até mim. Beija a ponta do meu nariz — Está tudo bem, já ia lembrá-lo sobre isso, podemos comprar a pílula do dia seguinte...

— E amanhã — interrompo — a senhorita vai procurar um médico e pedir uma receita de anticoncepcional. Eu mesmo marcarei essa consulta, não quero nada entre mim e você. Entendido?

— Sim, senhor. — Ela se joga em meus braços, e lá se vai o nosso café da manhã. Voltamos para a cama.



Isabelle

Alejandro não me solta para nada. Andávamos de mãos dadas pela linda e pequena cidade de Rio Alto. Ainda bem que as pessoas não o conhecem, e se o conhecem, não fazem aquele burburinho como em Lagoas.

— Amor, você se incomoda de ir à farmácia sozinho? — Ele para e me fita com desconfiança. — Eu quero ir ali — aponto para uma pequena floricultura. — Quero ver se tem mudas de alfazemas, já que vamos nos casar — a ficha ainda não tinha caído, mas o Alejandro repetia isso a cada dez palavras que pronunciava. — Se vamos nos casar, quando voltarmos para casa de campo quero encontrar belas flores de alfazema, será o símbolo do nosso amor.

Ele me puxa para ele e, sem cerimônia, me beija bem no meio da rua.

— Prometo a você, se aí — ele aponta para a floricultura. — não tiver mudas de alfazema, mandarei providenciar quantas você quiser. Vá lá, a farmácia fica ali do outro lado da rua, ao lado dos correios.

Ele me beija outra vez, me espera entrar na floricultura e segue o seu caminho.

O sininho da porta avisa quando entro na loja. Não há ninguém no balcão.

— Oi, olá! — A floricultura é bem diversificada. Lembro-me como tudo começou com Alejandro, o exagero do meu futuro marido. Essa palavra é esquisita. — Olá! — Chamo outra vez.

— Só um minuto, já estou indo.

Uma voz feminina e bem doce vem dos
NACIONAIS - ACHERON

fundos da loja. Alguns minutos depois, surge uma moça loira, linda, com encantadores olhos azuis. Ela tem quase a minha altura, e posso dizer que o seu peso é igual ao meu. Ela abre um lindo sorriso.

— Em que posso ajudá-la? — Ela segura uma bengala em uma das mãos. Fico a observando, procurando uma perna machucada ou talvez um pé, mas não encontro nenhum machucado. Ela se aproxima um pouco mais. — Bom dia, em que posso ajudá-la? — Repete, chegando por trás do galpão. A observo com mais cuidado. Ela sorri, pisca os olhos por alguns instantes, parecendo não estar me vendo. Será que ela é cega? Prefiro não comentar nada. Então digo a ela por que tinha vindo.

— Bom dia! Eu preciso de mudas de

alfazema, você tem?

— Sim, claro que eu tenho, venha comigo até a estufa. — Ela passa à minha frente.

Entramos nos fundos da loja. A estufa não é muito grande, mas tem uma grande variedade de mudas de várias plantas.

— Aqui estão, pode escolher quantas quiser.
— Ela agacha e pega uma pequena muda de alfazema, mostrando-a para mim.

Minha curiosidade não me mantém longe o suficiente. Aproximo-me e aceno em direção ao rosto dela, então ela vira o rosto para mim e sorri.

— Desculpe-me. — Digo, envergonhada. — Nossa! Os seus olhos, quer dizer, a íris dos seus olhos são iguais às minhas, você também tem o mesmo defeito, elas tem o formato de uma estrela. Que louco! Eu sei que esse defeito

é bem raro e...

— Sim — ela me interrompe — de cem mil pessoas, duas pessoas podem nascer com esse privilégio — ela sorri — Não considero ter duas estrelas nos olhos um defeito, para mim é um privilégio, uma benção de Deus. E sim, não enxergo direito. — Ela aponta para a bengala — Ela é minha fiel companheira, sem ela eu não sobrevivo. Comecei a perder minha visão quando tinha 16 anos. — Ela diz tristemente, mas não deixa de sorrir. Fico com dó daquela moça, ela é tão linda, mas já carrega consigo um problema tão pesado.

— Nossa! Foi muito difícil para você? — Nem sei por que perguntei isso, me arrependo na hora por ter perguntado.

— É difícil, sim. — A moça vira de costas e pega algo. Volta com um vaso de Alfazema em

flor e entrega para mim. — Mas estou seguindo em frente, até Deus permitir.

— Ai meu Deus! E não tem tratamento? A medicina está tão avançada, tem que haver algo que se possa fazer.

— Tratamento tem, já fiz todos, mas não adiantou, meu problema só será resolvido com um transplante de córnea, mas precisa ser o mais depressa possível, não tenho muito tempo.

— Eu sinto muito.

— Não sinta. Eu não desanimo, sei que algo muito especial está reservado para mim. Tudo ficará bem, não fique triste por mim, com visão ou sem visão, eu sou uma pessoa feliz. Então, vai levar quantas mudas?

Ela desconversa. Com certeza não quer continuar com aquela conversa. Escolho seis

NACIONAIS - ACHERON

pequenas mudas e algumas sementes. Ela me ensina como plantar e como fazer a muda permanente.

Já estou saindo, quando ela me chama.

— A propósito, meu nome é Estrela, ganhei esse nome por causa dos meus olhos. Viu, você deveria agradecer a Deus por ter estrelas nos olhos. Foi um prazer.

Nem dá tempo de lhe dizer o meu nome, ela vira as costas e some nos fundos da loja.

Pego minhas mudas e vou procurar Alejandro, o encontrando no meio do caminho. Resolvemos almoçar na cidade mesmo, após o almoço, ele me levou para conhecer o restante da cidade.

Quando voltamos para casa, já eram mais de quinze horas, só deu tempo de arrumarmos nossas coisas. Às dezesseis e quinze da tarde, o

PERIGOSAS

helicóptero viria nos buscar.

NACIONAIS - ACHERON



Isabelle

*N*unca tive um relacionamento sério – não por falta de oportunidade, pois candidatos não faltaram – a ponto de pensar em algo além de beijos, e principalmente de pensar em um namoro, quanto mais casamento. Sempre fui pragmática demais para acreditar no que os homens me diziam ou o que queriam que eu acreditasse.

Mas, com o Alejandro, não sei explicar. Foi algo assim, natural, espontâneo. Sim, não

confiava nele – o histórico dele é terrível – até olhar no fundo dos seus olhos. A luz do seu olhar me diz coisas que jamais qualquer boca possa dizer. Aquela luz me mostra algo que há muito tempo eu procuro. Ele me abraça com o olhar.

E não quero pensar que é bobagem, querer casar tão cedo com alguém que acabo de conhecer. Eu quero isso, eu o quero, e não precisa ser para sempre, porque sei que *para sempre* são palavras complicadas demais para serem ditas, vividas e sentidas. Para mim, o para sempre é o hoje, e hoje eu o quero bem perto de mim. Bem, o meu hoje está sendo um sonho quase impossível de acreditar.

Cá estou, ao lado de um homem lindo, gostoso, desejado por tantas mulheres. Mulheres estas famosas, ricas e belíssimas,

embora agora eu me ache a mulher mais linda do mundo. Ele me faz sentir assim.

Chegamos de Rio Alto quase às dezessete horas. Alejandro se recusou a ficarmos separados, então ele me deu duas opções: ficarmos na casa dele ou na minha. Como estamos mais próximos da dele, fomos para lá.

Fizemos amor em todos os cômodos do apartamento, e acabamos adormecendo no tapete felpudo da sala de TV da cobertura.

Sou abraçada pelo corpo quente do meu namorado lindo. *Já estou quase me acostumando a falar mentalmente esta palavra.* Quando acordo, já estou no grande sofá, completamente embrulhada em um cobertor de veludo.

Ao abrir os meus olhos, dou de cara com duas esmeraldas me fitando.

Percebo, então, que ele gosta de me ver dormindo. Por isso durmo tão bem quando ele está ao meu lado, pois, de alguma forma, eu sei que estou protegida. E lá está aquele riso. *Torto*. Amo o jeito que ele sorri, um sorriso safado, mas agora, aquele riso é só para mim. Assim espero, caso contrário, a cobra vai fumar e penas vão voar.

Nos amamos novamente. Escutar os sons guturais do Alejandro me deixa energizada e realizada.

Acordo na manhã seguinte com a boca do meu namorado em meu sexo. Ele está faminto por mim, e é o orgasmo mais vertiginoso que já senti em toda minha vida. Aqueles dedos e aquela língua sabem exatamente o que fazer e como fazer. Não é à toa que a mulherada corre atrás do Alejandro, só que agora tudo aquilo é

meu.

Ofereço para ele o mesmo prazer que me ofereceu, minha boca toca o seu sexo com o mesmo apetite. Ele se entrega a mim, e antes de derramar o seu prazer, me puxa para si e me faz sua novamente. Sentir os tremores do corpo dele e as batidas aceleradas do seu coração junto ao meu, para mim é muito mais prazeroso do que o próprio ato sexual.

Alejandro está me deixando louca, a cada segundo eu me imagino fazendo coisas com ele, coisas que nunca imaginei fazer em minha vida. Esse homem é um perigo para minha sanidade.

Será que ficamos assim mesmo, quando estamos amando? É então que lembro das conversas que sempre tive com o meu pai. Ele dizia que só soube o que era amor no momento

em que viu a minha mãe.

Então posso dizer que estou conhecendo o amor. Alejandro é o amor da minha vida.

— Ei, minha flor. — Sou despertada dos meus devaneios pela voz máscula do homem que está fazendo meu mundo ficar muito mais colorido.

— Oi, desculpa, amor, estava pensando.

— Espero que esses pensamentos sejam direcionados a mim, do contrário, você estará com sérios problemas.

Ele sorri, me puxa para junto do seu corpo e me beija na boca, mordendo o meu lábio inferior enquanto olha em meus olhos.

— Isso dói, sabia? — Bato em seu peito nu e o empurro. — Malvado, vou ficar bocuda! — Ele solta uma sonora gargalhada.

— Minha Angelina Jolie. Vem, vamos para o banho, tenho uma reunião interminável hoje, das nove da manhã às quatorze da tarde.

Alejandro me deixa em frente ao prédio da revista. Ele promete que, assim que a reunião terminar, liga para mim.

Hoje ele dormiria em meu apartamento, foi o que combinamos, uma noite em cada apartamento, até ele providenciar o nosso casamento. E, pelo andar da carruagem, isso não vai demorar, pois ele já pediu para marcar um jantar com o meu pai e o dele.

A revista já está no seu auge quando chego. Fazer amor com Alejandro, várias vezes no período da manhã, fez com que eu perdesse o horário. Como ninguém presta atenção em mim, corro para a minha sala.

Minha mesa já tem uma pilha de textos para

serem editados. Pelo menos eu ficaria ocupada a manhã inteira, sendo assim, não sobraria tempo para pensar em Alejandro.

Ligo para a sala de Teca, eu preciso conversar com ela. Ninguém atende, ela deve estar fora da sala. Aquieto-me um pouco e começo a trabalhar.

Os sons de batidas da porta me fazem despertar da minha concentração profissional. Levanto minha cabeça, e lá está ela, toda serelepe, cabelos presos no alto da cabeça e uma caneta atrás da orelha, como é sua mania. Às vezes, minha amiga Teca fica louca à procura da caneta, só então lembra que a colocou atrás da orelha.

Faço um sinal com a mão e a mando entrar.

— Cacilda! Mulher, onde você se meteu o final de semana inteiro? Liguei para você umas

trezentas vezes! Tínhamos um encontro com dois irmãos gatos, como você não apareceu, eu fiquei com os dois, espero que você...

— Teca — a interrompo — Devagar, já estou zozona com tanta informação. — Ela sorri, senta em uma cadeira e coloca os pés na outra. — Teca, você não achava mesmo que eu iria a um encontro às escuras, e logo com o irmão de um dos seus ficantes?

— Qual é o problema com os meus homens? Eles são lindos e muito gostosos. E eu sei que você iria amar o número um, ele fazia o seu estilo...

— Teca. — Ela coloca a mão na boca. — Tenho algo para te contar. Eu sei que logo todos ficarão sabendo, mas quero que saiba por mim, afinal somos amigas, e não é justo que saiba junto com os outros — Teca faz

menção de abrir a boca, mas faço um gesto com a mão para que se cale. — Só que antes quero que me prometa que vai ficar quieta e não fará escândalo. Promete?

Eu conheço a Thereza, sei que o bichinho da curiosidade entrou em todos os seus poros. Aqueles olhos perspicazes se direcionam imediatamente para o meu rosto.

— O que você aprontou dessa vez, senhorita Certinha? Não vai me dizer que você fez alguma traquinagem com o nosso chefinho mão-de-vaca.

— Não fiz nada... quer dizer, nada disso que você acabou de descrever. Eu perdi a virgindade, é isso.

Os olhos dela ficam arregalados, mostrando estupefação. Um bolo desce por sua garganta. Ela tosse, corre até a mesinha e vira a garrafa

de água de vez na boca. Se abana, olhando para mim, e depois articula:

— Espera só um pouco, deixe-me pensar com quem você perdeu sua virgindade... — Ela caminha de volta, senta novamente e fica me encarando. — Você terminou com o seu último namorado há meses e não há possibilidades de ser ele, pois você quer ver o diabo em sua frente ao invés dele. Então, quem foi? Eu conheço? Ele trabalha aqui? Anda, Isa, despeja logo. Quem foi o herói que conseguiu tal proeza?

Minhas sobrancelhas sobem, e faço uma careta feia para ela, mostrando-lhe a língua.

— Sim, você o conhece, e ele não trabalha aqui, mas faz parte da revista. — Está chegando a hora da verdade, e o meu medo era a reação da Teca. — Lembra do homem das

flores?

Ela me encarou, batendo os cílios.

— O cara que te deu uma floricultura de presente e uma porção de mensagens suplicando para você jantar com ele? É ele? Você aceitou jantar e foi a sobremesa, foi isso?

Era impossível ter uma conversa séria com ela.

— Não foi bem assim, Teca. Ele precisou ser bem convincente para me conquistar.

— Tá, tá, diz logo quem foi o herói.

Ela sabe ser irritante. Fecho a cara e me encosto na cadeira, a fuzilando com o olhar.

— Está bem, desculpa! Quem é o homem que mexeu com o seu coraçãozinho? Melhorou?

Sorrio e assinto com a cabeça.

— Alejandro Ortega Martinez...

— Sim, como não pensei nisso. Alejan...—
Ela faz uma longa pausa, fica balbuciando algo que eu não compreendo, depois olha para mim, pasmada. — O senhor Martinez! — Vocifera, pulando da cadeira — O senhor Martinez tirou o seu cabaço! Cacilda! Eu não...

Corro até ela e tapo sua boca com minha mão.

— Fala baixo, mulher! Você prometeu ficar calma. — Ela empurra a minha mão e a mim para longe.

— Calma, calma, estou calma. Olha como estou calmíssima! Quando você ia me contar que estava de caso com o homem mais desejado do mundo? E... — Faz outra pausa — Não era você quem dizia que não o queria nem que ele fosse o último homem do mundo?

Traíra!

— Alto lá! — Olho brava para ela. — Eu nunca disse isso!

— Disse, sim.

— Não disse. Eu só disse que não gostava de homens galinhas, como ele.

— E agora gosta. Gosta tanto que abriu as pernas para ele! Por que não me contou? Quando foi isso, como isso aconteceu?

Dou de ombros e a mando sentar. Conto tudo, desde o início. Como nos conhecemos, as chantagens dele, os nossos encontros, os meus medos e os nossos amassos.

— E, depois de tudo isso, fomos para a casa de campo, e lá fizemos amor e ele me pediu em casamento, e eu aceitei. Só!

— Casamento! — O grito foi tão alto que

PERIGOSAS

meus ouvidos doeram. Thereza começa a andar de um lado para o outro. — Você está falando sério? — Assinto com a cabeça. — Deus! Agora vou ter que aprender a atirar, depois comprar algumas armas e munições, como também me matricular em aulas de artes marciais.

— Para que tudo isso, Teca? Você pode me explicar? — Ela já está me deixando zozza, andando de um lado para o outro e falando coisa com coisa.

— Endoidou, você não entendeu em que bagunça se meteu? Alguém precisa cuidar da sua segurança, ou não percebeu que, quando tudo isso for a público, todas as mulheres do mundo irão se juntar para dar um fim a você?! Eu me uniria a elas se você não fosse minha amiga, então sobra para eu defender sua vida.

NACIONAIS - ACHERON

Cacilda, isso é muito louco, minha irmã vai se casar com um dos homens mais desejado do mundo. Espera aí...

Thereza vem até mim, pega em meus braços e me fita com seriedade.

— Isso quer dizer que ele será meu cunhado, ou meu irmãozinho, e vamos nos ver sempre. Jantares, almoços de domingo, natal... Juntando tudo, vem uma definição: *amigos gostosos e ricos!* Acabou a seca e o meu tempo ruim.

— Pode tirar o cavalinho da chuva, dona Thereza! Você não vai me envergonhar na frente do Alejandro, nem dos amigos dele! Você vai me prometer se comportar, ou não a convido para ser minha madrinha.

Recebo um abraço apertado e logo sinto o meu ombro molhado. Ela começa a soluçar.

— Jura?! Jura que serei sua madrinha de casamento e de todos os seus filhos lindos?

— Não abuse, Teca.

— Ok, todos não, mas pelo menos um. Você promete?

Beijo seu rosto molhado pelas lágrimas.

— Prometo. — Ela respira aliviada e limpa as lágrimas com o dorso da mão.

— Agora vamos comemorar! O almoço é por minha conta, vamos tomar todos os sucos de cajá que tiver no restaurante.

Teca é louca por suco de cajá. Sou puxada pela mão, só dá tempo de pegar minha bolsa. Descemos o elevador em completo silêncio, nem parecia nós, pois geralmente a Teca fala pelos cotovelos.

Assim que pisamos fora do prédio, o

interrogatório começa.

— Ele é bom de cama? É tudo aquilo mesmo que a mulherada comenta nas revistas? O negócio dele é grande? Grosso? Ai, Isa, deixa de ser chata! Ele *fode* gostoso? Responde!

Paro no meio-fio antes de atravessar a rua.

— Sim, ele é muito gostoso, e é muito mais do que tudo aquilo que falam nas revistas, e agora ele é meu, entendeu? Só meu!

Olho para os dois lados da rua. Como não vinha nenhum carro, coloco os dois pés fora do meio-fio. Em seguida, só escuto um grito e o som de pneus cantando.

Sou jogada na calçada com brutalidade. Caio de costas, sinto uma dor enorme na cabeça e não consigo mover o pé. Em questão de minutos, estou cercada por muitas pessoas. Um rapaz está por cima do meu corpo,

avaliando o meu rosto com preocupação.

— Você está bem? — Ele indaga. Assinto, baixando e levantando os olhos.

— Só minha cabeça dói e a minha perna.

Escuto a voz de Teca logo depois.

— Isa, você está bem? Deus do céu! De onde saiu aquele carro, alguém anotou a placa? — Ela olha para a multidão e pergunta.

Alguém diz que sim e entrega um papel para Teca.

— Já chamei a ambulância. É melhor você não se mexer, pancada na cabeça é algo sério. — O rapaz que me salvou da morte fala comigo. Estou atordoada e dolorida, não entendo ainda o que aconteceu comigo.

O rapaz pergunta se a Teca está bem, ela diz que sim, e ele lhe entrega um cartão. Escuto o

som de sirenes, e logo dois homens vestidos de azul começam a me examinar. Eles perguntam onde dói, e respondo a todas as perguntas. Sou colocada em uma maca em seguida. Percebo que estou com um sangramento na perna direita, e isso me deixa assustada. Já estou sendo levada na maca para a ambulância, quando escuto os gritos de Teca.

— É o Alejandro. — Ela me entrega o celular.

Meu coração acelera. Se ele ficou transtornado só de pensar que eu poderia sofrer um acidente montando o Zulu, imagine agora. Engulo o ar e o solto de vez antes de levar o celular ao ouvido.

— Alô!

— *Você está bem? Aconteceu alguma coisa com você? Isabelle, me responda! Me senti*

mal minutos atrás, e você me veio em pensamento. Isabelle...

— Calma, meu amor. Eu estou bem, só... só fui quase atropelada, mas já estão me levando de ambulância para o hospital, não se preocupe...

— *Passe o telefone para o médico da ambulância. Passe agora, Isabelle, AGORA!* — Ele grita. Passo rapidamente o celular para o médico.

Enquanto ele conversa com Alejandro, sou levada para a ambulância por seus assistentes. Teca se posiciona ao meu lado, segurando em minha mão. O enfermeiro já está administrando as medicações quando o médico entra na ambulância. Ele dá uma ordem direta para o motorista:

— Vamos para o hospital Nossa Senhora de
NACIONAIS - ACHERON

Lourdes. — Será que eu escutei bem essa ordem?

O motorista repete a ordem e o médico assente. Levanto a cabeça, me sinto zozna, mas, mesmo assim, procuro saber o que está acontecendo.

— Doutor — Tento visualizar o médico quando ele vira em minha direção. — Meu plano de saúde não é aceito nesse hospital, aliás, esse hospital não aceita planos de saúde, ele é particular.

— Ordens do seu noivo, o senhor Martinez. Ele foi bem claro sobre levá-la para o hospital Nossa Senhora de Lourdes. Uma equipe médica já está aguardando a senhorita. Agora relaxe, a medicação logo fará efeito.

Não sei se é a medicação que está me deixando zozna ou o fato de Alejandro

anunciar aos quatro ventos que estamos noivos. Combinamos de casar, mas não acertamos de anunciar o noivado para todo mundo, principalmente quando nossos pais ainda nem sabem.

Depois de ter escutado a palavra *noiva*, minha visão fica turva e uma dor aguda surge atrás da minha cabeça. Só escuto o murmuro da minha voz. Um som de urgência percorre todo o veículo. A voz de Thereza está distante, chamando meu nome. Fecho meus olhos e não vejo nem escuto mais nada.



Alejandro

*E*stou em reunião com quatro empresários quando, de repente, me sinto mal. Um suor frio percorre o meu corpo, minhas pernas começam a tremer, minha visão escurece, e a Isabelle vem em meu pensamento. Não sei se foi uma premonição, não acredito nessas coisas, mas não posso ignorar o aperto em meu peito.

Dou a reunião por encerrada, pego meu celular e ligo imediatamente para ela.

A demora em atender só me deixa mais nervoso. Quando ela atende, mal conseguindo falar e conta o que aconteceu, que quase foi atropelada, entro em desespero. Peço para falar com o médico que a socorreu - ela passa o celular para o ele - e o que ele me diz me deixa apavorado. Isabelle levou uma forte pancada na parte de trás da cabeça e sua perna direita estava sangrando bastante. Ele tenta me acalmar, dizendo que ela está consciente, e isso era um bom sinal.

Bom sinal ou não, mando levá-la para o melhor hospital particular de Lagoas, e assim que desligo o celular, ligo para o diretor do hospital. Digo-lhe que minha noiva sofreu um acidente e ela estava a caminho de lá. Pedi; não, exigi, o melhor atendimento e avisei que já estava a caminho.

Embora eu tenha recordações do acidente que levou minha mãe a óbito, pensar que algo poderia acontecer a Isa é pior, bateu uma dor latente em meu peito que me fez perder o ar.

Ainda consigo lembrar vividamente a sensação que o meu corpo passou, nunca mais em minha vida quero sentir isso novamente. A partir de amanhã colocarei dois seguranças no encalço da minha noiva teimosa e nervosinha.

Estou na entrada de emergência do hospital há mais de dez minutos, e nem sinal da ambulância. Dois enfermeiros e um médico já estão a postos, esperando-a. E eu nem sei como ainda estou de pé.

Escuto o som da sirene. Os dois enfermeiros se adiantam. Meu coração vai à boca.

A porta é aberta e a retiram de lá. Cacete!

Ela está desacordada e muito pálida. Não enxergo ninguém diante de mim, vou ao seu encontro.

— Isabelle... Isa... meu amor, fale comigo. — Ela não responde. Me inclino sobre o seu rosto e a beijo na boca. — Minha flor, não faça isso comigo. Abra esses olhos lindos, quero muito ver essas duas estrelas... Isa. — Minha voz embarga.

— Ela está sedada, senhor Martinez. — Uma voz feminina fala bem atrás de mim.

— Senhor, precisamos levá-la. — Um dos enfermeiros tenta me afastar dela.

— Nem tente — digo com arrogância. — Ficarei ao lado dela.

— O senhor não pode, ela precisa ser examinada.

— Tente me impedir. — Olho

NACIONAIS - ACHERON

desafiadoramente para ele.

— Senhor Martinez, ela não vai fugir. Deixe os médicos fazerem o trabalho deles. — Novamente a voz feminina articula.

— Quem é você? — Viro-me para a moça — Não pedi a sua opinião.

Fito a moça com altivez. Ela se encolhe e baixa os olhos. Era uma moça quase do tamanho da Isabelle, cabelos castanhos e olhos negros. É bonita e está muito assustada.

— Eu... eu sou a melhor amiga da Isa, Thereza. Estávamos juntas quando tudo aconteceu.

Nesse ínterim, Isabelle é trocada de maca e já estão levando-a para dentro do hospital. Deixo a moça falando sozinha e vou atrás deles.

Seguro a mão de Isabelle, caminho na

NACIONAIS - ACHERON

mesma velocidade da maca. Passamos por um longo corredor, depois entramos no elevador. Isabelle continua desacordada, e aquilo está me deixando louco.

Saímos do elevador, e a maca segue por outro longo corredor, até chegarmos em frente a uma enorme porta.

— O senhor só pode vir até aqui. — Diz um dos enfermeiros. Olho para ele com fúria no olhar. — Aquela enfermeira ali vai levá-los até o quarto no qual sua noiva ficará.

Ele aponta para uma moça loira que está atrás de uma grande bancada. Eles empurram a maca porta adentro, levando minha Isabelle com eles, nem tenho tempo de argumentar.

— Venha, senhor Martinez, ela será bem cuidada.

Olho para a moça com uma cara nada

NACIONAIS - ACHERON

amigável.

— Para o bem de todo esse hospital, eu espero que cuidem muito bem dela.

Vamos até o balcão de atendimento.

Logo depois, a enfermeira nos leva até um apartamento. Ela nos mostra tudo e pede para que aguardássemos ali, que logo o médico viria conversar conosco.

Respiro fundo, afrouxo o nó da gravata e passo as mãos diversas vezes em meus cabelos. Olho a cada dois minutos para o relógio. Aquela espera está acabando com os meus nervos.

— Foi tudo tão rápido...

Já havia me esquecido da moça.

— O que disse? — Olho ligeiramente para ela.

— Disse que foi tudo muito rápido... — Ela me encara. Só então percebo que ela havia chorado, seus olhos estão vermelhos. A pobre moça está sentada em um canto do grande sofá bege. Ela baixa os olhos e põe as mãos entre os joelhos. — Estávamos indo almoçar, conversando sobre o casamento de vocês. Ela estava toda feliz, sorrindo, e de repente... bum! Só escutei o som dos pneus cantando e os nossos corpos sendo jogados por cima da calçada. Se não fosse aquele rapaz... — ela para, respira fundo, e duas lágrimas descem dos seus olhos — A essa hora a Isa estaria no IML, e não aqui... Oh, meu Deus! Não quero nem pensar sobre isso...

A moça cobre o rosto com as mãos e começa a chorar, entre soluços.

Vou até ela e me sento ao seu lado. Não

posso deixá-la ficar assim, sem um consolo. A abraço com carinho.

— Shh! Também não quero pensar sobre isso, mas está tudo bem agora. Ela está bem, vai ficar tudo bem... — Respiramos fundo ao mesmo tempo. — Alguém pelo menos anotou a placa do carro?

— Um rapaz anotou, está aqui, em minha bolsa. — Ela se afasta, pega a bolsa e começa a vasculhar dentro dela. — Aqui. — me entrega um papel. Guardo no bolso do paletó, assim que estivesse mais tranquilo ligaria para meu assessor, ele tomaria as providências necessárias.

— Preciso tomar um café, quer alguma coisa... — Lembro o nome dela. — Thereza? — Ela me pede um suco de cajá ou uma água de coco.

O café só aumenta a minha ansiedade e meu nervosismo. Já estou a ponto de ir atrás do médico, quando a maca trazendo Isabelle entra no quarto. Corro para perto dela, que continua desacordada.

— Por que ela não acorda? — Inquiro, preocupado. — Hein?! Alguém pode responder minha pergunta?

— Ela está sedada, senhor Martinez. — O médico entra no quarto. — A pancada na cabeça não causou danos sérios, mas foi bastante forte, e isso vai causar fortes dores de cabeça por alguns dias. Ela também machucou a omoplata, está com um corte não muito profundo no joelho direito e o tornozelo da mesma perna sofreu uma luxação, vai precisar ficar imobilizado por uma semana. — Ele verifica o pulso dela. — Ela precisa ficar em

observação por hoje, amanhã darei alta, mas vai precisar de cuidados. Não pode, de maneira nenhuma, colocar a perna no chão. — Anota algo no tablet. — Os exames não acusaram nada, ela ficará bem, não se preocupe.

Ele vai embora. Dez minutos depois, uma enfermeira entra no quarto. Pergunto por que a Isa está demorando a acordar. Ela me garante que logo a Isabelle acordaria.

Thereza vai embora assim que anoitece. O Pedro liga, preocupado com Isa. Digo-lhe que ela está fora de perigo e aproveito e peço o número do telefone do pai dela, o senhor Lourenço Disano. Anoto o número, vou ligar para ele assim que terminar de falar com o Pedro.



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Isabelle

Acordo em um local diferente, ainda atordoada, minha cabeça doendo muito. Com os olhos semicerrados, viro a cabeça para um lado, e esse simples movimento me faz ver luzes piscando. Sinto uma tontura imediata e uma vontade de vomitar. Solto um leve gemido, alguém aperta minha mão, e então uma voz familiar fala bem próximo a mim.

— Isa, minha flor?

Tento abrir os olhos, mas só em tentar fazer isso minha cabeça lateja. Tento novamente, mas dói muito mais, então desisto. Gemo outra vez, a dor vem forte.

— Alejan... Alejandro. — levo minhas mãos à cabeça.

— Enfermeira! — Ele grita. Estica o braço e

aperta o botão de pânico. — Estou aqui, meu amor. Estou aqui, logo essa dor vai passar... shh!

Sinto um cheiro bom. É o cheiro dele, o cheiro do meu amor. Isso me acalma, pois eu sei que ele vai me proteger de qualquer coisa. Fico ali, aconchegada entre os braços do homem que, sem querer, me ensinou a amar.

Escuto o barulho de saltos no piso do quarto, duas mãos me tocam em seguida, mas não são as mãos dele. Um ardor em minha veia logo depois.

— Doí... — sussurro.

— Vai passar o ardor — uma voz feminina articula. Acho que é uma enfermeira — É um analgésico intravenoso, ele vai ajudar a aliviar a sua dor de cabeça, relaxe.

Depois de alguns longos minutos, a vontade

de vomitar e a dor ficam mais brandas, então consigo abrir os meus olhos lentamente.

Percorro com o olhar o local onde estou. É um quarto bem iluminado, o que me incomoda muito. Aquelas luzes acesas bem acima da minha cabeça provocam uma dor aguda em meu crânio.

— Alejandro, amor... apague essas luzes. —
Imediatamente as luzes são apagadas.

Mesmo assim, não consigo manter meus olhos abertos.

— Fique calma, minha flor. O médico já está vindo.

Seguro em sua mão com força, estou com medo e assustada. Nunca, em toda minha vida, senti tanta dor.

Aperto os olhos com força, tento engolir um pouco de saliva, mas minha boca está seca.

NACIONAIS - ACHERON

Passo a ponta da língua por meus lábios, e os sinto ressecados. Peço água, e logo um canudo é colocado em minha boca. Sugo forte. O líquido frio desce suavemente, sinto um alívio imediato. Uma boca encosta na minha e recebo um beijo leve e uma carícia em meu rosto.

O médico chega minutos depois.

— Srta. Isabelle, sou o doutor Luiz. Pode me dizer em detalhes o que está sentindo?

— Minha cabeça toda dói, minhas costas estão ardendo e minha perna lateja. Eu vou morrer, doutor?

— Não, não vai. Você se lembra do acidente?

— Lembro. — Só então me lembro que a Thereza estava comigo. — A Teca está bem, ela se machucou?

— Ela está bem, meu amor. Foi para casa no
NACIONAIS - ACHERON

final da tarde. — Alejandro responde, em seguida, se curva para bem perto do meu rosto e beija minha testa.

— Abra os olhos, Isabelle. Eu preciso examiná-la.

Devagar, vou abrindo os olhos e dessa vez consigo. Pisco várias vezes, aos poucos vou conseguindo me acostumar à pouca claridade. A cabeceira da cama é erguida um pouco, e um homem barbudo inclina-se sobre mim e acende uma luz em meus olhos. Os fecho imediatamente — Abra-os, por favor. — O médico exige. Gemo um pouco quando o atendo. Ele não se demora com a pequena lanterna, e aos poucos a dor vai amenizando e consigo manter os olhos abertos.

— Esse incômodo vai desaparecer, a dor vai diminuir em alguns dias, é só tomar a

medicação no horário — ele se vira para o Alejandro, olhando-o seriamente.

— Ela será muito bem cuidada, doutor Luiz. Eu mesmo cuidarei pessoalmente de todos os seus medicamentos e descanso.

Fico ali parada, escutando os dois homens falando sobre mim como se eu nem existisse.

— Fico feliz em saber. Bem... — o médico volta os olhos para mim — Amanhã cedo a senhorita já estará de alta médica, quero vê-la em três dias em meu consultório.

A receita médica é entregue a Alejandro e todas as recomendações são descritas para ele, que as escuta com atenção. Minutos depois, o doutor Luiz vai embora.

— Está com fome? Posso providenciar algo para você comer. — Ele varre os olhos em meu rosto, suas feições são de preocupação, e a

tensão em seu maxilar é evidente.

— Não quero comer nada, só quero você bem perto de mim. — O puxo pela mão para perto de mim. — Você está bem? — Pergunto, fitando-o profundamente nos olhos.

Algo me dizia que não. Eu vi como o Alejandro ficou na casa de campo, quando estava tentando montar o Zulu. Vi o desespero nos olhos dele, o corpo trêmulo, as mãos suadas, e senti o seu coração acelerado quando o abracei. Posso imaginar o quão desesperado ficou.

— Agora estou. — Seus dedos passeiam por meu rosto, e a luz do seu olhar guia os meus olhos para os dele.

Aquela luz irradia amor e inunda a minha alma de alegria. Entretanto, eu me preocupo com ele, pois algo me diz que o Alejandro

sofreria muito se algo me acontecesse.

Seguro o seu rosto com as duas mãos e o fito.

— Eu te amo, te amo muito, meu senhor namorado exagerado.

— É namorado ou noivo?

Escuto uma voz muito conhecida por mim, vindo da entrada do quarto. Alejandro ergue o corpo, ficando de pé. Eu inclino a cabeça um pouco, assim posso ver o meu pai, com um rosto muito preocupado, vindo até mim.

— Papai, como o senhor soube sobre mim?

— Já ia pedir para o Alejandro ligar para ele, então como ele soube? — Foi a Teca que o avisou?

— Não, foi o seu *noivo* aí — ele aponta com o queixo para o Alejandro. — As coisas estão andando rápidas, até ontem eu nem sabia que

NACIONAIS - ACHERON

a senhorita tinha um namorado, quanto mais um noivo. Não vá me dizer que serei avô, também.

— Papai. — Ralho com ele. Meu pai é assim, ele não mede as palavras, quando tem que dizer algo, diz. — Nós íamos lhe contar amanhã à noite. — Essa foi minha desculpa.

— Grande consolo. Quer dizer então que é verdade, o senhor ficou noivo da minha filha sem a minha permissão.

Papai é um homem ativo e impõe respeito, não se intimida, faz-se intimidar. Ele fica frente a frente com o Alejandro, e os dois se encaram sem piscar os olhos.

— Como Isa falou, iríamos comunicar ao senhor em um momento apropriado — vira o rosto em minha direção e pisca um olho, rindo daquele jeito lindo *torto*. — Mas já que está

aqui, vamos formalizar isso. Descobri que sou um homem à moda antiga, primeiro o namoro, depois o noivado e pôr fim, o casamento. Chegamos à fase do noivado. — ele sorri novamente, olhando-me com ternura.

— Como assim, Alejandro Ortega?! — Tento me sentar, mas vejo tudo girar à minha frente. Meu corpo despenca para trás. Alejandro e meu pai correm em minha direção. — Parem os dois, não sou de cristal, estou bem, só fiquei um pouco tonta. Agora me explique isso direito, senhor Ortega Filho... — Fito o Alejandro com cara de brava.

Ele senta ao meu lado, enfia a mão no bolso do paletó e de lá tira uma pequena caixa de veludo preta. Puxa minha mão direita para o seu colo.

— Isabelle Disano, você aceita se casar

comigo, daqui a um mês? — Começo a tossir e o meu pai dá um pulo para frente.

— Um mês?! O que vocês dois andaram fazendo? Pularam as etapas e já vão me dar um neto, é isso? Porque, se não for, para que tanta pressa?

— Alejandro... Amor. Você enlouqueceu? Um mês é pouco tempo para se planejar um casamento.

— Calados, os dois. — Alejandro se levanta, olha para mim e para o meu pai. — Eu tenho 36 anos, sou rico, solteiro, se não tinha me casado ainda porque faltava a noiva, agora já tenho. Não preciso de tempo para planejar nosso casamento, entendeu, senhorita Disano? Já está decidido, casaremos dentro de um mês.

Meu pai fica pasmado, e eu mudinha. Ele abre a pequena caixa e de dentro dela retira

um anel com uma pedra no formato de uma estrela. A pedra era azul-claro, e o arco do anel era todo incrustado com pequenas pedras brancas. Devem ser diamantes e a pedra azul uma safira. Fico abobalhada com a beleza do anel.

Ele pega a minha mão e coloca o anel em meu dedo.

— Isabelle Disano, quando você me olhou pela primeira vez, e a luz do seu olhar encontrou o meu olhar, fui tomado por uma força muito maior do que eu. A partir daqueles segundos, minha vida mudou, minhas vontades mudaram, e minha necessidade se tornou você, só você. Isabelle, a quero tanto, tanto, e a cada dia te quero muito mais, por todos os dias de nossas vidas. E minha pressa em casar é só para não ficar nem mais um

segundo longe de você.

Olho para o anel em meu dedo, olho para a cara de bobo do meu pai, e por fim olho para o homem mais lindo e apaixonado do mundo. Ele está emocionado, seus olhos enevoados, e a luz do seu olhar encontra com a dos meus olhos. Sorrio para ele.

— Eu também te quero, o quero tanto, tanto que, às vezes, acho que vou sufocar de tanto amor.

Seu corpo inclina e nossas bocas se tocam. Selamos o nosso compromisso com um beijo lento e cheio de amor.

— Humhum! — Papai limpa a garganta. — Senhor Martinez, eu estou aqui. Ela é minha filha, e eu preciso dar a minha permissão, o senhor não acha?

Alejandro encosta a testa na minha, respira

NACIONAIS - ACHERON

fundo e sorri, olhando em meus olhos.

— Decerto que sim — Ele se vira para o meu pai — Senhor Disano, o senhor permite que eu me case com a sua filha? — Alejandro não solta a minha mão nem desvia os olhos do rosto do meu pai.

— Permito, já que não tem outro jeito. — Ele dá um passo à frente e estende a mão em direção a Alejandro. — Vejo nos seus olhos o amor que o senhor sente por minha filha, não poderia querer um sentimento menor que esse para ela. Seja bem-vindo à minha família, acabo de ganhar um filho.

Alejandro aceita a mão estendida e o puxa para um abraço. Os dois ficam abraçados por longos minutos, emocionados.

— Bem, já que o senhor ganhou um filho, não fica bem ficar me chamando de senhor.

Me chame de Alejandro, e eu o chamarei de sogro ou de Lourenço, certo?

— Certo, Alejandro. — Os dois se abraçam novamente.

Acertamos para conhecermos o pai do Alejandro dois dias depois da minha alta médica. Será na quinta-feira.



Alejandro

15 de abril de 2014

*S*e dependesse de mim, Isabelle ficaria um dia ou mais no hospital. Ela mal consegue abrir os olhos, mas a teimosia da minha noiva é terrível, ela só faltou me fuzilar com aqueles olhos semicerrados, quando lhe disse que achava melhor passarmos mais uma noite no hospital.

O Doutor Luiz foi otimista, disse-me para não me abalar muito com o estado de saúde dela, eram normais as dores fortes na cabeça, e tudo que seria feito no hospital poderia ser feito tranquilamente em casa, e o meio familiar até seria melhor para a recuperação dela.

Entretanto, ao chegarmos em nosso apartamento – digo *nosso* porque tudo que é meu agora é dela – percebo que não será nada fácil cuidar de Isabelle. Ela está muito frágil e

não quer admitir isso. Começo a perceber que minha linda noiva não gosta de depender dos outros. Ela precisa de ajuda para fazer as mais simples coisas, como ir até o banheiro, trocar a roupa e até mesmo se sentar, já que não pode pôr a perna direita no chão. Ela briga comigo o tempo todo, se irrita por qualquer coisa. Às vezes, minha vontade é lhe dar umas boas palmadas, minha mão coçou por diversas vezes com uma vontade louca de fazer isso.

Foi uma longa terça-feira. Ao mesmo tempo que sentia uma vontade louca de lhe dar uns corretivos, sentia uma enorme necessidade de abraçá-la e acarinhar o meu bem mais precioso. Isabelle tornou-se, para mim, a pessoa mais importante da minha vida. Às vezes, eu me pego pensando sobre isso.

Dois meses que nos conhecemos, e a

impressão que eu tenho é que a conheço há muitos e muitos anos. Nunca acreditei nesses sentimentos repentinos. Algumas mulheres com quem convivi viviam dizendo ser apaixonadas por mim, mas nunca caí nessa conversa, pois eu sabia que elas estavam apenas interessadas em meu dinheiro e na fama que eu poderia lhes dar.

Contudo, com a Isabelle foi totalmente diferente; fui eu quem a amou primeiro, fui eu quem correu atrás. Ela foi envolvida por meu sentimento, e aqui estamos, sentados na nossa cama, com uma lista enorme de convidados no colo – meus convidados –, e ela cortando quase todas as modelos e atrizes, e eu tentando convencê-la do contrário.

— Essa aí, nem pensar, pode retirar o nome dela. Eu li o que ela escreveu sobre sua

performance na cama, portanto, a quero bem longe de você. NÃO!

Estávamos falando sobre a modelo número cinco do mundo. Em certa época, ela foi entrevistada por uma revista renomada e perguntaram qual foi o homem mais foda com quem ela se relacionou. Ela citou o meu nome na hora, dizendo: “— *Daria para ele novamente, a hora que ele quisesse, o homem é perfeito na cama e fora dela. Que pau abençoado!*” Essa reportagem repercutiu no mundo inteiro.

Começo a gargalhar, Isabelle fica furiosa e começa a me bater com a mão em meu peito. O esforço repentino a faz ficar tonta, logo o seu rosto fica pálido. Jogo longe os papéis e a seguro, deitando-a nos travesseiros.

— Pronto, vai melhorar. Poxa, Isa, você sabe

que não pode fazer esforço físico. — Saio rapidamente da cama e vou até o banheiro pegar o analgésico quando ela começa a gemer de dor de cabeça. Volto com um copo com água e um pequeno comprimido. — Tome, engula a água devagar.

Ela o faz, e quando vejo duas lágrimas descendo por seus olhos, quebro-me totalmente. Deito ao lado dela e a puxo para o meu peito. Ela adormece minutos depois.

Deixo-a descansar e termino a minha lista de convidados. A lista de Isabella se resume ao seu pai, a Thereza, o Pedro com a família e os seus colegas de trabalho, o que não chegou a 40 pessoas. Já a minha, se fosse colocar todos que pretendia convidar, daria, no mínimo, umas 800 pessoas, mas consigo reduzir para 300 pessoas, mesmo assim, eu sei que a Isa irá

reclamar. Ela resolveu realizar a cerimônia na casa de campo, nada glamouroso, tudo bem simples e no horário da manhã. Ela quer viajar para a nossa lua de mel à tarde. Vamos para Gramado, foi a escolha dela.

Faço algumas ligações para o escritório e resolvo tudo que tinha para ser resolvido. Depois falo com o meu pai, para confirmar o jantar na quinta-feira, e, por último, ligo para o José, meu assessor.

— *Senhor Martinez, já ia ligar para o senhor. Como está sua noiva?*

— Ela está melhorando, José. Como andam as investigações? Descobriu o cretino do motorista? Espero que tenham cassado a carteira de habilitação dele.

— *Senhor* — Ele faz uma pausa, e isso não é bom. Sinto um frio na espinha. — *A placa do*

carro é fria, e isso não é a pior notícia... — faz outra pausa — Foram verificados os vídeos das câmaras de segurança do local. Sua noiva era o alvo, o carro estava parado na esquina só esperando o momento de ela atravessar a rua. Se não fosse o rapaz que se jogou sobre ela...

— Chega, não quero saber do final da história! — Respiro fundo. — Ela não é o alvo, o alvo sou eu. Merda! Os inimigos do meu pai mandaram um recado para ele dias atrás, papai me avisou sobre isso, eu que não levei a sério. José, contrate mais seguranças. A Isabelle não ficará sozinha em nenhum momento, nem ela e nem eu, entendeu?

— *Já foi providenciado isso, senhor. Outra coisa, não consegui segurar os paparazzi, eles publicaram sobre o seu noivado, e eu não sei*

como, conseguiram uma foto da senhorita Disano. Vocês estão nas principais páginas de todas as mídias. Acho melhor o senhor preparar o terreno, eles estão parecendo mosca no mel.

— Puta merda! E essa, agora, a Isabelle vai arrancar o meu couro! Tente mantê-los longe da Isa, ela tem pavor de fotógrafos. José, eu confio em você.

— *Pode deixar, senhor. Até mais.*

Já estou indo para o quarto, quando escuto a Isabelle gritar o meu nome. Corro até lá.

— Não... não... não quero deixá-lo, não... não me levem... ele... ele... ele não vai suportar ficar sem mim... não... não... Alejan... Alejandro...

Fico estático diante da cama. Ela se debate, colocando as mãos para frente, como se

NACIONAIS - ACHERON

estivesse tentando me alcançar. Quando chama meu nome com desespero mais uma vez, sou desperto do meu entorpecimento. Jogo-me sobre a cama e a puxo para o meu peito.

— Shh! Meu amor, é só um pesadelo. Está tudo bem.

Ela se debate em meus braços.

— Solte-me, solte-me. Ele... ele não vai suportar ficar sem mim, solte-me...

— Isa, eu estou aqui. Você está tendo um pesadelo, meu amor. Acorde, vamos, Isa, acorde.

Sacudo o seu corpo com energia. Ela está presa em um pesadelo horrível, não posso deixá-la lá. Continuo sacolejando o seu corpo, até que ela respira profundamente e abre aqueles lindos olhos azuis. Ao me ver, agarra-

se a mim com força e começa a chorar desesperadamente.

— Prometa-me, prometa-me — fixa os olhos vermelhos nos meus, segurando meu colarinho com força — Prometa-me, Alejandro, que se algo acontecer comigo, você seguirá a sua vida e será feliz. Prometa-me, não irei suportar vê-lo sofrer! Eu sei que, quando morremos, vamos para um lugar especial e lá conseguimos ver os nossos entes queridos.

— Isabelle, foi só um pesadelo. Meu amor, nada de ruim vai acontecer a você.

— Prometa-me, prometa-me, Alejandro...

Isabelle me segura com força, seu corpo e mãos tremem, ela me olha com medo, completamente fora de si.

— Eu prometo, Isa, se isso vai fazê-la ficar calma, eu prometo. Cristo! Meu amor, foi só

um pesadelo, só um pesadelo...

Consigo abraçá-la e, aos poucos, suas mãos vão soltando o colarinho da minha camisa. Sua respiração vai voltando ao normal, seus olhos se fecham lentamente, e ela adormece em meus braços. Fico com medo de soltá-la, medo que acorde e sofra novamente. Aperto seu corpo ao meu e fico ninando-a lentamente. Não sei por quanto tempo fico ali, sentado no colchão, com o corpo todo torto e minhas pernas dormentes. Ficaria ali uma eternidade, se preciso fosse.



A semana passa rápido, em um piscar de olhos a quinta-feira chega e, com ela, o dia do “grande encontro.” O senhor Jeremiah Ortega

e o senhor Lourenço Disano vão se conhecer pessoalmente.

Estou nervoso, não pelo meu sogro, desde a internação da Isa o vejo frequentemente, nos tornamos amigos, e ele é meu grande aliado para lidar com a teimosia da Isa, gênio do cão ela tem. *Oh, mulher difícil.* Minha preocupação é o meu pai.

Contei-lhe sobre o incidente da Isa e ele ficou bastante preocupado com a segurança dela e a minha. Quer levar a Isa para a Colômbia e deixá-la lá até o dia do nosso casamento, por ele nos casaríamos na fazenda e de lá iríamos direto para Gramado. Não concordei, por duas razões: primeiro, a Isabelle não sabe sobre o atentado, para ela foi um motorista louco que perdeu a direção do veículo; segundo, ela está sendo vigiada

metodicamente, ela pensa que os quatro seguranças que nos acompanha é só para afastar os paparazzi, mas na verdade não são. E eles sempre estão por perto.

Meu medo maior é que o meu pai tente convencê-la a ir para a Colômbia com ele, e se for preciso eu sei que ele contará toda a verdade. Não quero envolver a Isabelle nos meus problemas familiares. Traficantes, mafiosos, torturadores e etc., fazem parte da vida do meu pai, não da minha. Quero manter a Isa bem longe disso, eu sei que posso protegê-la, e é isso que estou fazendo. Se houver necessidade de tirá-la por um tempo do Brasil, farei isso.

Graças a Deus, Isabelle não teve mais aquele pesadelo medonho. Confesso que fiquei bastante impressionado, pois quando acordou

não se lembrava de nada. Por um lado, até achei melhor. Vê-la sofrendo daquele jeito foi desesperador.

Maria chegou pela manhã para preparar o jantar. Meu apartamento nunca ficou tão animado como hoje. Isabelle já está se locomovendo com a ajuda de muletas. Fui severamente contra isso, mas não consegui convencê-la. E agora, ela não para quieta.

As três estão na cozinha, e só escuto a boca suja da Thereza fazendo a Maria gargalhar e Isa ralhar com a amiga a cada dois minutos. A Thereza veio ajudar a Isa e a Maria com o jantar. Não consigo entender como essas duas são tão amigas, elas brigam uma com a outra o tempo todo.

Termino minhas ligações, deixo tudo agendado com o meu assessor e vou verificar a

bagunça que as três estavam fazendo na cozinha. Paro na porta e resolvo escutar a conversa.

— E então, Maria, quando foi a última vez que o seu ninho viu um passarinho? —Essa é a desbocada da Thereza.

Escuto o som de um tapa e logo depois a voz doce da Isabelle.

— Teca. — ralha com a amiga — Respeite a Maria, ela não sou eu e não é uma sem pudor igual a você.

— Olha a santa falando... — Thereza rebate prontamente. — Você sabia, Maria, que a Isa era virgem e o Alejandro foi o primeiro? — Maria solta uma gargalhada — Não ria não, Maria. Ela corria literalmente de pau, morria de medo de se envolver de verdade, eu acho que o Alejandro precisou bombear o brinquedo

dele com força para conseguir romper o selo...

— Sua idiota! — Isa corta as palavras da Thereza — Se eu não dei antes, não foi por falta de oportunidade, foi porquê...

— Estava esperando por mim. — Interrompo. As três me olham com surpresa. — E isso é o bastante, eu fui o primeiro e último homem da vida da minha linda noiva.

— Alejandro Ortega, você sabia que é falta de educação escutar a conversa alheia? — Isa joga o pano de pratos em minha direção. Desvio e corro até ela.

— Engano seu, minha flor, tudo o que se refere a você me interessa. — Seguro-a firme e a beijo nos lábios. Isso já está virando rotina, uma rotina que não pretendo enjoar nunca. Ela deita a cabeça em meu peito, respirando fundo. — Está sentindo alguma coisa, meu

amor? — Afasto seu corpo do meu e a fito no rosto. — Isabelle, o que está sentindo? — A coloco nos braços e a levo para o sofá mais próximo, Thereza e a Maria me seguem. — Isabelle, pelo amor de Deus, o que está sentindo? — Nem espero sua resposta, ligo rapidamente para o médico e peço para que venha imediatamente até o meu apartamento.

— Alejandro, meu amor, não precisa. Eu só estou um pouco cansada, é só isso.

Tarde demais, o médico já está a caminho.

O Doutor Luiz prescreve um calmante suave, que quase a obriga a tomá-lo. Em pouco minutos, ela já está dormindo. Isabelle se esforçou mais do que podia, por isso se sentiu indisposta. Como disse antes, minha noiva é teimosa feito uma mula. Desde que voltou do hospital, tenho seguido à risca as prescrições

médicas, nada de esforço físico, isso quer dizer nada de sexo. Confesso que está sendo difícil, mesmo porque, dona Isabelle não me ajuda em nada, ao contrário, ela está fazendo da minha vida um inferno, não dá uma trégua. Por duas noites precisei dormir no sofá que fica ao lado da nossa cama, pois ela resolveu dormir nua. Não sou de ferro, nem o meu pau é.

Que Deus tenha piedade da minha pobre alma.



O sinal do elevador pisca, e o libero.

— Quem será? O meu ou o seu?

Ela olhou para mim, estreita os olhos e sorri. Um dos nossos pais está chegando.

— Vou esperar no hall — a beijo na testa —

Nervosa?

Ela nega com a cabeça. Parecia uma menina sapeca, com o seu vestido curto rosa de um ombro só e saia rodada, sapatilhas pretas e sem nada de maquiagem.

Simples como uma flor.

Ela foi ficar com a Maria, a Thereza já havia ido embora. Fico esperando a porta do elevador se abrir. Ela se abre e, para minha surpresa, vozes muito animadas saem de lá.

— No mínimo quero dois netos... — meu pai dizia para o meu sogro. Os dois me encaram quando me veem à espera dos dois — Olá, filho!

— Olá, genro!

Fico parado feito um abobalhado. Eles passam à minha frente, conversando animadamente.

NACIONAIS - ACHERON

— Alejandro, você não vem? Está esperando alguém mais? — Meu pai para e acena com a mão, me chamando.

Balanço a cabeça, espantando meus pensamentos atordoados. Vou ao seu encontro.

— Genro, eu disse ao Jeremiah que quero uma netinha, e ela se chamará "*Frantchesca*".
— Ele pronuncia em italiano.

— Pode até ser, Lourenço, mas o meu neto terá um belo nome colombiano, nome de macho. Será o herdeiro de todo o meu patrimônio. Já estou até vendo, meu menino galopando pela fazenda, como a avó dele fazia.

De repente, meu pai fica triste, os olhos dele perdem a luz, e suas feições adquirem uma expressão melancólica, nostálgica.

— Eu acho que quem deve escolher os
NACIONAIS - ACHERON

nomes para os filhos são os pais, e tem mais: nem eu, nem a Isabelle pretendemos ter herdeiros tão cedo. Certo, Jeremiah?

Digo rindo, olhando direto para o meu pai. Ele me olha e ri, tentando disfarçar a tristeza repentina.

Lourenço o abraça e os dois vão para o interior da sala. Olho surpreso para Isabelle, que está parada na entrada da cozinha, e ela olha para mim. Demos de ombro, não estávamos entendendo nada. Nossos pais se comportam como se conhecessem há anos, íntimos a ponto de Lourenço chamar o meu pai de Jeremiah. Os únicos que o chamam assim sou eu e a minha mãe, quando estava viva.

Olhamos disfarçadamente em direção a ambos. Meu pai está servindo uma bebida para

o Lourenço e conversando sobre cavalos, seu hobby favorito, e, pelo visto, o hobby favorito de Lourenço também.

Rimos com a situação inusitada. Esperávamos dois estranhos carrancudos sentados à mesa. Quebramos a nossa cara.

Isa vem até a sala timidamente, até então meu pai só a conhecia através das fotos que enviei para ele, pelo celular.

Ele para o que está fazendo. É uma cena e tanto, meu pai de um lado e a Isa do outro, ambos com os olhares fixos. Meu pai fica embasbacado, segurando na mão um copo de uísque. Os olhos dela brilham mais que diamantes.

— Oi... — Ela diz, sorrindo para ele. — Sou a Isabelle, e o senhor é o senhor Ortega. — Ela caminha até ele, e ficam frente a frente.

Meu pai pisca os olhos repetidamente, sem dizer nada, e coloca o copo sobre o console do bar. Ela abre aquele sorriso lindo outra vez, e meu coração dispara, e provavelmente o do meu pai também.

Ele a puxa para si e a abraça. Por cima do ombro do meu pai, ela me dá um sorriso de felicidade memorável. Isso me deixa feliz. Ficam abraçados por alguns instantes, até que o meu pai se afasta e contempla com o olhar o rosto de Isabelle.

Ficamos na expectativa de escutá-lo. Lourenço parece emocionado, Maria muda e eu... *pasmo*.

— Alejandro — finalmente ele quebra o silêncio — agora eu entendo o porquê da sua demora em se casar. — diz ele, olhando para Isa — Nós, os Ortega, somos homens de sorte.

PERIGOSAS

Nossas mulheres são únicas. — Seus lábios encontram a testa dela, e ele a beija demoradamente.

— Ela é linda! Não é? — Digo, todo orgulhoso.

— Não, ela não é linda, ela é perfeita, meu filho. Lindas eram as mulheres com quem você dormia para passar o seu tempo. Sua futura esposa é perfeita.

Ele limpa a garganta. Está emocionado, e a Isa também. Ela o abraça novamente.

— Obrigada, senhor Ortega. O senhor é um sogro muito gentil.

— Menina. — Meu pai envolve o rosto dela com as mãos — Para você é Jeremiah ou sogro, menos senhor Ortega, estamos entendidos? — Ela assente, fechando e abrindo os olhos. Meu pai a beija. — Vamos deixar de conversa mole.

NACIONAIS - ACHERON

— Ele olha em direção à mesa do jantar. —
Maria, o jantar está pronto?

— Há muito tempo, senhor Ortega, e com a ajuda da sua nora. — Olho para Maria com censura. — Não me olhe assim, senhor Martinez. Eu bem que tentei mantê-la longe da cozinha, mas o senhor sabe que ninguém consegue domar sua noiva, ela é osso duro.

— Só ajudei, Alejandro. Não fiz nada de mais, e fiquei sentada o tempo todo. — Pelo olhar que lanço para ela, já sabe que mais tarde levaria uma senhora bronca.

Lourenço e eu nos entreolhamos com solidariedade. Ele sabe o quanto Isabelle é difícil. Meu pai percebe e sorri, se solidarizando também.

— Vamos para a mesa, estou com fome. — Ele diz, puxando a Isabelle pela mão.

PERIGOSAS

Sentamo-nos à mesa. Fico observando todos em torno dela, me perguntando como chegamos até aqui em tão pouco tempo. Conheci a Isa praticamente ontem e já estamos de casamento marcado, e completamente loucos um pelo outro. É, não dá mais para desviar os nossos caminhos, nossos passos estão lado a lado, não resta mais dúvidas, não podemos mais voltar atrás.

Isabelle olha para mim como se estivesse adivinhando os meus pensamentos, puxa a cadeira para mais perto, sorri, se encosta em mim, e eu a abraço, beijando o alto da sua cabeça.

Papai nos fita, sorrindo. Levanta a taça de vinho e diz:

— Ao amor, que emana da luz de um olhar.

Ele pisca um olho, depois bebe o vinho.

NACIONAIS - ACHERON

Isabelle me olha com aquele olhar, suas duas estrelas brilham. Eu entendi o que o meu pai quis dizer assim que nossos olhares se cruzam. O amor que ela sente por mim está na luz que irradia dos seus olhos. Ela não precisa me dizer nada, os olhos dela dizem tudo, e provavelmente os meus também.

Acaricio suas costas e puxo-a para mais perto, apertando os seus ombros ao meu corpo. Meus olhos não conseguem desviar de Isabelle. Estou tão fascinado pela sua beleza natural, pelo seu jeito de falar, pelo seu carinho com todos, sua docilidade, amabilidade, que estou ficando abobalhado e completamente entregue a ela.

O jantar termina e todos vão para a sala, esperar o cafezinho. Procuro Isabelle nos arredores da sala, corredor e até na cozinha.

Ela não está em nenhum desses lugares. Sinto o cheiro de alfazema e o sigo. A encontro em nossa suíte.

— O que foi, minha flor? — Ela está de frente para o imenso espelho do nosso banheiro, mas assim que escuta minha voz, abaixa a cabeça.

Algo está errado. Vou até ela, passo meus braços à sua volta e apoio meu queixo no alto da sua cabeça. Ela respira fundo.

— Nada — diz ela, em voz baixa.

— Isa, você não consegue mentir para mim. O que está havendo? Meu pai fez alguma coisa que não a agradou?

Ela vira para mim e me encara. Seguro em seu queixo e vejo quando uma lágrima escorre do seu olho esquerdo. Lágrimas não! Tudo, menos isso.

— Isa, faz isso não. O que foi?

— Estou com medo. Medo de que tudo isso acabe em um piscar de olhos, do mesmo jeito que tudo começou. Não vou suportar perder você, não vou...

Ela sufoca um soluço. É o bastante para mim. A puxo para o meu peito, meus braços apertam aquele corpo que é só meu.

— Daqui a alguns dias estaremos casados, formaremos uma linda família, eu, você e os nossos filhos. Isa, eu te amo e nada nesse mundo vai me separar de você, entendeu? — Ela me fita com aquelas duas estrelas luminosas, engole o lamento e sorri. — Amo você, Isabelle Disano.

Beijo-a com paixão, com toda a força que existe em meu coração. Ela me empurra com as duas mãos, nossas bocas continuam juntas,

e nosso olhar fixo.

— Eu sempre estarei com você, Alejandro. Aconteça o que acontecer, sempre estarei. Eu te amo.

Seus olhos tristes quebram o meu coração. A luz que vem através deles continua brilhante, mas há algo maculando aquele olhar. Preciso quebrar aquela tristeza.

— Amo você, flor de alfazema. — Sussurro.
— Você me faz feliz — falo pausadamente.

Ela me beija, e o meu coração palpita de felicidade. Ela é tudo para mim.

Voltamos para a sala. E os dois senhores continuam em uma conversa descontraída, parecem velhos amigos. Ainda conversam sobre cavalos, o assunto predileto do meu pai. Nos juntamos a eles e logo o assunto muda, de cavalos para o nosso casamento. A conversa

dura algumas horas, e um pouco antes da meia-noite, meu pai e o Lourenço vão embora.



Acordo com o som rouco da voz de Isabelle me chamando. O corpo dela se contorce, ela geme. Quando me viro para ela, vejo que ela está gozando. Puta merda! Ligo a luz baixa do abajur e a vejo, completamente nua e com a mão entre as coxas. Isabelle está se masturbando, e bem ao meu lado. Não, eu não posso permitir isso.

Só foi o tempo de me livrar do meu pijama e me jogar em cima dela.

— Que se dane o seu repouso, minha flor. Nem por cima do meu cadáver sua mão substituirá o meu pau! — Minha boca encontra

a sua. Suas pernas se enredam ao redor dos meus quadris, e entro nela uma e outra vez, com força o suficiente para fazê-la abrir os olhos e me perceber. Ela geme quando me sente todo dentro dela, seus suspiros são música para os meus ouvidos. — Porra! Que saudade disso. — digo, minha urgência em tê-la já não está mais em mim. — Isso, amor, rebola, rebola gostoso no meu pau, isso, humm!

Vou fundo, bombeando com força. Ela aperta os olhos, seu clímax próximo. Meu corpo é abraçado por seus braços, ela me aperta; gemidos roucos aumentam de volume. Mantenho o ritmo veloz, meu sexo batendo contra a entrada do seu útero a cada investida, e a cada martelada o corpo dela estremece. Bate o desespero, o calor percorre nosso quarto e os nossos corpos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Meu membro é engolido por sua vagina molhada e quente. Sua boca morde meu ombro e ela enterra as unhas em minha bunda, meus quadris violentamente impulsionando entre as suas coxas. Ela grita o meu nome quando chega ao clímax, prendendo-se desesperadamente a mim. Meu membro vai tão fundo dentro dela, que ela treme de prazer.

Seus olhos se abrem vagarosamente, luzes brilham através deles; ela está voltando a si. Meu corpo está tenso, meus olhos, com toda certeza, emitem uma luz quente, desejosa, um brilho feroz.

— Por que você não gozou? — Ela pergunta, sem fôlego.

Seguro seus quadris, grudando ainda mais o seu corpo ao meu. Beijo sua boca, mordo seu lábio, seu queixo, e, por fim, olho para ela.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quero olhar em seus olhos quando eu gozar, quero que veja o que faz comigo quando estou dentro de você.

Começo a me mover, golpes curtos e ferozes. Ela começa a balançar os quadris junto comigo, sua respiração volta a acelerar. — Veja o que você faz comigo, minha flor. Veja como fico quando o meu membro entra no seu corpo. — Empurro duro mais uma vez.

Sua boca abre, e sons famintos de necessidade encham nosso quarto. Estoco uma vez, outra vez e cada vez mais rápido. Os movimentos ficam mais selvagens à medida que meu prazer se aproxima. Meu corpo toma vida própria, não o governo mais. Começamos a nos mover no mesmo ritmo, nossos olhos fixos, testemunhando o nosso clímax. — Eu te amo, Isabelle, te amo... — Sinto meu prazer

NACIONAIS - ACHERON

inundar o corpo dela em jatos quentes e espessos. Ela abafa o grito de prazer em minha boca. É o beijo mais foda que eu já dei.

Ficamos acoplados por alguns longos minutos. Logo depois, a levo para tomar banho. Dormimos tranquilamente, depois de uma noite maravilhosa de amor.



Isabelle

Maio de 2014

Hoje eu farei uma surpresa para o Alejandro. Marcamos de almoçarmos juntos. Ele me ligaria assim que sua bendita reunião terminasse e mandaria o motorista vir me buscar. Mas resolvo fazer diferente, hoje eu vou ao escritório dele. Marquei com a boleira para experimentarmos o bolo do nosso casamento, e é claro que eu levaria o noivo comigo, ele não escaparia dessa vez. Ligo para o motorista, pedindo para vir me pegar.

Eu cochilo durante a maior parte do trajeto, só acordo com a voz grave do Alfonso me chamando. Abro os olhos e percebo que já estamos na garagem do grande edifício Centauros.

— Fique no carro, senhorita Disano. Aguarde o outro carro estacionar e os outros

dois seguranças se aproximarem.

— Você está de brincadeira, Alfonso. Está vendo algum paparazzo aqui? Você me deixe, viu?! Acha mesmo que eu vou ficar esperando segurança?

Desço do carro antes mesmo de ele argumentar. Já estou na porta do elevador, quando escuto a voz brava de Alfonso.

— Senhorita Disano, desse jeito eu serei demitido. Mas que droga!

Dou um tchauzinho para ele quando a porta do elevador se fecha, e ele fica possesso.

Entro no grande salão da recepção da presidência. A morena linda e gostosa de um metro e setenta, secretária do meu noivo, logo me avista, me oferece um sorriso falso, daqueles que dizem *“eu te odeio, e eu não sei o que o Alejandro viu em você.”* Nem dou

importância, passo por ela, dou-lhe bom dia e sigo reto. Ela tenta me dizer algo, mas é tarde demais; abro a porta e entro de vez na sala de Alejandro.

Era melhor ter batido antes. Alejandro está sentado em sua confortável cadeira de presidente e, ao lado dele, bem pertinho, está a tal da Lorenza Avelar, a ruiva exuberante. Sinto-me uma ratinha perto dela, a mulher está linda. Ela veste uma saia lápis preta e uma blusa de seda roxa, sapatos altos na cor vinho, cabelos soltos e bem maquiada.

Eu, coitada, visto um vestido azul tubinho e uma sandália preta não muito alta. Meus cabelos estão soltos, mas nem se comparam àqueles fios vermelhos e cacheados. Não me faço de vítima. Lembro-me, então, de quem está por cima da carne seca – *eu*.

— Bom dia, amor! — Alejandro fica pálido ao me ver. Ele sabe que não sou ciumenta... *muito ciumenta*. Fico olhando aquela ruiva com olhos furiosos. — Acho que cheguei a tempo, não foi?

Ele se levanta rapidamente, empurra a ruiva fora do seu caminho e vem até mim. Circula a palma da mão em meu queixo, inclina o meu rosto e beija minha boca demoradamente.

— Cadê os seguranças? — Ele olha através da abertura da porta — Ficou acertado que eu iria pegá-la para almoçar. Mas que droga, Isa! Quantas vezes tenho que lhe dizer para não sair sozinha? Merda!

A ruiva ainda continua parada diante de nós dois. Empurro o corpo de Alejandro. Se ele pensa que vou deixar passar barato a visita da varapau magrela, está muito enganado.

— O que você faz aqui? — Pergunto, olhando desafiadoramente para ela. — O Alejandro não tem mais nada com você, dá o fora daqui!

Ela ri presunçosamente e olha com aqueles olhos devoradores de homens alheio para ele.

— Foi por essa anã que você me trocou? — Ela me mede de cima a baixo. — Qual é, tesouro, já o vi com mulheres mais lindas do que essa... essa aí... — sorri com deboche — Essa aí não serve nem para reserva.

Se eu fosse uma chaleira, a fumaça estaria saindo por todos os meus poros. Em dois passos chego perto dela e espalmo meus dedos em sua cara rebocada de maquiagem.

— Sim, boneca de porcelana. Eu sou pequena, e você uma varapau comprida, mas é com a anã que ele vai casar! Agora dá o fora da

sala do meu noivo, ou eu mesma a expulso daqui!

Alejandro me agarra pela cintura e me puxa para longe. O tapa que eu iria levar quem leva é o Alejandro, bem no rosto. Ele me joga no sofá.

— Você fique aí, nem pense em se levantar, nossa conversa será depois. — Seus olhos brilham de raiva. Ele está furioso. — Quanto a você — vira-se para a Lorenza — dê o fora daqui, já dissemos tudo o que era para ser dito. Adeus, Lorenza! — Aponta para a porta. Ela empaca no lugar, bufando de raiva. Ainda tenta falar, mas Alejandro faz sinal de silêncio — Adeus! Vá embora, anda.

A Lorenza saiu fugando, cabisbaixa e apressada, sem dizer uma só palavra. Alejandro a segue, fechando a porta em

seguida. Ele para diante de mim, mãos nos quadris, fitando-me com desaprovação. Inclino meu rosto em sua direção.

— O que você queria que eu fizesse, hein?! Entro na sala do meu homem e dou de cara com essa uma... não tenho sangue de barata.

— Não precisava fazer cena, tampouco partir para a agressão. É assim que você vai se comportar todas as vezes que me ver ao lado de uma mulher?

— Quer dizer que serei obrigada a ver o meu homem ao lado de uma mulher sempre?

— É o meu trabalho, sempre estarei ao lado de mulheres lindas e famosas, você vai ter que se acostumar a isso.

Mas não iria mesmo! Se ele pensa que vou aceitar isso, está muito enganado.

— Pois trate de encontrar alguém para fazer
NACIONAIS - ACHERON

esse seu trabalho tão difícil. Não vou aceitar isso nunca!

— Vai ter que aceitar. — Ele diz secamente.

— Vá para o inferno, Alejandro Ortega! — Levanto, viro minhas costas e caminho em direção à porta.

— Aonde pensa que vai? — Alejandro grita, furioso.

— Vou para o meu apartamento, afogar minhas mágoas em uma panela de brigadeiro. Você acabou de fazer sua escolha, então fique com suas modelos e atrizes famosas! Eu sabia que o meu conto de fadas iria se acabar, mais cedo ou mais tarde.

Minha mão pousa na maçaneta da porta. Já estou girando-a, quando uma mão pega meu braço e sou puxada com força. Meu corpo esbarra em uma parede de músculos peitorais

e fico presa em um aperto forte. Ergo a cabeça e me deparo com um par de olhos verdes, me fitando com fúria e desejo.

— Porra de gênio do cão você tem, cacete! Isa, não escolhi nada, é você quem eu amo, é com você que quero casar, é com você que quero construir um lar, uma família! É difícil entender isso? Você precisa confiar em mim, ou do contrário teremos sempre esta discussão.

Ele me olha com tanta força no olhar, sua boca tão perto da minha. Seu coração tão acelerado e o seu sexo pulsando em minha barriga.

E me beija com tanta emoção que faz meu coração acelerar, depois me olha com aquele sorriso. *Torto*. Sua mensagem é clara. Ela diz: “*eu quero você agora.*”

Em dois passos estamos deitados no estofado, ele por cima de mim arrancando toda a minha roupa, e eu arrancando toda a dele. Mãos sedentas seguram firmes os meus seios, apalpando-os com vontade. Uma boca faminta mama os meus mamilos, mordendo-os, sugando-os, enquanto minha mão segura o seu sexo duro.

— Eu o quero, quero ele... — Digo, olhando em seus olhos. Não o deixo responder; o empurro. Ele fica sentado sobre os joelhos, inclino o corpo e começo a chupá-lo.

— Cristo! — Meus cabelos são presos por sua mão e minha cabeça pressionada. Engulo o seu sexo, mordendo-o e o chupando, brincando com suas bolas com os dedos sobre elas. — Porra! Flor, eu, eu... isso é muito bom!

— Quero você dentro de mim. — Deito no

sofá outra vez e me abro para ele, deixando meu sexo molhado ao seu vislumbre. — Venha, quero tudo, tudo o que você puder me dar. — Não sei como consigo dizer tudo aquilo, mas disse, e disse sensualmente.

— Não precisa pedir novamente — ele diz, rindo, aquele riso torto que eu tanto amo. Vem por cima de mim e enfia aquele membro duro todo dentro do meu sexo. Doe um pouco a princípio, mas logo a minha vagina se acostuma ao seu tamanho e o acomoda entre suas paredes pulsantes. — Ah, caceete! — Ele grunhe e começa a bombear lentamente, mas com força. Meu corpo treme, eu gemo, mordo seu peito, arranho suas costas.

O ritmo entre a gente fica louco, cada estocada um gemido meu e dele. O suor se apossa dos nossos corpos, meu coração acelera

e o dele também. Minha boca é novamente tomada pela sua. — Olhe para mim, flor, quero vê-la gozar. — o fito e sinto a enxurrada do seu líquido viscoso, quente, sendo jogado dentro de mim. Sinto cada impulso do seu desejo, então posso ver a emoção crescente nos olhos dele, a luz do olhar dele aquecendo o meu rosto, dizendo o quanto me ama.

23 de maio de 2014, manhã de
sexta-feira

Amanhã é o nosso grande dia, nem acredito que o mês passou voando. Os dias passaram tão rápido, parece que foi ontem que nos conhecemos, na festa em homenagem ao Alejandro, há dois meses. E nem queria ir a essa festa, ainda bem que fui. E, dentro de algumas horas, estaremos nos casando.

A casa de campo está sendo preparada cuidadosamente para receber os 350 convidados. Na verdade, está quase tudo pronto, só faltam alguns detalhes bobos. Alejandro está à frente de tudo, não me deixa fazer nada, só fico admirando o empenho do meu noivo em deixar tudo lindo. Desde que assumimos o relacionamento e todos da

imprensa ficaram sabendo, fui convencida a pedir demissão da revista, pois agora eu serei a dona, e não fica bem eu ocupar o cargo de alguém que precisa mais do que eu. Alejandro vai encontrar algo que eu possa fazer assim que voltarmos da nossa lua de mel.

Desde o início da semana, estamos aqui. No início, eu não queria vir, pois minha intenção é sair vestida de noiva da casa do meu pai, e já estava certo de isso acontecer, mas, de repente, o Alejandro mudou de ideia. Fiquei emburrada por um dia, mas depois achei que ele tinha razão, pois acompanhar os preparativos do nosso casamento, passo a passo, foi gratificante.

Estou à procura de Alejandro, ele ficou de me levar para fazer a última prova do vestido.

— Jeremiah, você viu o Alejandro? Não o

encontro em lugar algum, ele sabe que preciso ir à capital. Tenho horário marcado no atelier, a estilista já me ligou duas vezes, preciso fazer a última prova do vestido.

— Ele saiu com o José, houve um atraso com a entrega dos espumantes, foram resolver isso, acho que vão demorar.

— E agora? — Bate o desânimo. Preciso ir o quanto antes até a capital, ou corro o risco de não dar tempo de fazer os ajustes, se houver necessidade. — Bem, acho que vou ter que ir sozinha.

— De maneira alguma, vou com você. Só espera um pouco, vou pegar o meu celular.

Nem dá tempo de argumentar, em segundos ele desaparece pelo imenso corredor. Vou atrás dele, para o dispensar de tal obrigação. Jeremiah detesta sair e se expor, não quero

forçá-lo a fazer algo que não queira.

— Já chamei o Alfonso, ele irá nos seguindo. Vamos no meu carro, ele é mais seguro.

Minha mão é puxada e entramos na SUV do meu sogro. Cinco pessoas no carro, eu, o meu sogro, dois seguranças e o motorista, os três muito bem armados.

Entendo essa situação, mas fico apreensiva com tudo isso. Alejandro me explicou que o pai dele não é um dos homens mais perigosos da Colômbia, como todos dizem. Na verdade, o senhor Jeremiah luta contra os bandidos de lá, principalmente do seu povoado, desde que ele conheceu a esposa. Foi por causa dela que ele mudou de lado, hoje ele caça os bandidos, limpando a cidade. Trabalha junto com o FBI, CIA, a polícia federal brasileira e a própria polícia especializada da Colômbia, por isso ele

PERIGOSAS

ganhou muitos inimigos, e é o que o faz andar sempre armado e com muitas seguranças.

Fico temerosa por ele, viver assim deve ser muito angustiante.

Tento ligar para o Alejandro, mas não consigo respostas, todas as vezes cai na caixa postal. Deixo diversos recados, dizendo-lhe para não se preocupar, pois o Jeremiah está comigo e estaríamos de volta antes das quinze horas.

Duas horas e meia depois, estou vestida de noiva, com o véu e a grinalda. Escolhi um vestido estilo princesa, todo rebordado com pequenas flores de organza com seus miolos de pérolas. O véu estilo espanhola, com a borda toda em renda e uma pequena coroa de diamantes. Essa seria minha única joia, foi um presente do senhor Jeremiah.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Meu Deus! Você parece um anjo caindo do céu. Não existirá noiva mais linda no mundo. — Dos olhos dele descem duas lágrimas, que vão escorregando lentamente por seu rosto.

Com a ajuda da estilista, desço da plataforma e o abraço com ternura.

— Sogro, não chora, é um momento de risos, não de lágrimas. Veja, o seu anjo tem asas. — brinco com o véu, agitando-o, formando asas quando ele fluía para baixo.

Ele limpa as lágrimas e sorri. Segura minhas mãos e as beija com delicadeza.

— Sim, minha filha. Você é um anjo, o anjo do Alejandro. Se morrer hoje, morro feliz, pois o meu filho nunca ficará sozinho.

— Credo, Jeremiah! — Bato na madeira com o punho fechado. — Bate na boca, vamos

NACIONAIS - ACHERON

celebrar a vida.

— Isso, minha filha, muita vida.

Rimos juntos. Graças a Deus não precisa fazer nenhum ajuste no vestido. Espero a estilista colocar o vestido e todos os adereços em suas caixas, já os levaria comigo.

Olho para o relógio: meio dia e dez minutos. Se nos apressássemos, chegaríamos no horário previsto. Entramos no carro e colocamos o cinto de segurança. Após alguns quilômetros percorridos, adormeço no ombro de Jeremiah. Já tínhamos saído da capital, quando acordo sobressaltada com um estrondo. O carro canta os pneus. Parece um estrondo de um pneu estourado. Jeremiah segura em minha mão com força e olha com preocupação para o segurança. Eu vejo quando ele saca a arma do coldre.

— Abaixem-se! — Ele diz.

Jeremiah me puxa para o seu colo e joga o corpo sobre o meu. No início, não entendo o porquê de tudo aquilo, então escuto outro barulho. Parecem fogos de artifício, aquelas bombas das festas juninas.

— Fiquem abaixados no assoalho do carro, não se levantem por nada. — Os dois seguranças gritam. O que está sentado junto a mim ajoelha no banco, fica de costas para o motorista e diz, com calma: — Acelera, acelera, não consigo ver o Alfonso. São três veículos nos seguindo e estão se aproximando.

Escuto os estrondos e, desta vez, estão bem próximos de nós.

— São tiros, são tiros — Grito, apavorada — Meu Deus, Jeremiah, diga que estou errada!

— Calma, minha filha. Vamos sair dessa,
NACIONAIS - ACHERON

calma...

— Nós vamos morrer! — abafa o grito quando mais tiros são disparados. — Deus! — As lágrimas começam a jorrar dos meus olhos.

Alguma coisa nos atinge, os vidros se estilhaçam no fundo do carro e caem sobre Jeremiah. Não me atingem porque o corpo dele me protege. O motorista começa a atirar, e os outros seguranças também. — Isa, me prometa que, aconteça o que acontecer, você não vai se levantar daí, prometa-me! — Jeremiah se levanta e saca uma arma, os olhos dele emitem uma luz estranha. Acho que é medo. Assinto com a cabeça e tapo os meus ouvidos.

Não sei por quanto tempo aqueles sons de balas assombram os meus ouvidos, o carro parece estar sendo arrastando pelo asfalto, é

um barulho assustador. Um dos seguranças cai na frente do painel do carro, eu só escuto a pancada.

— Atenção, aqui é o segurança 31, estamos sendo abatidos, são três carros com vários homens fortemente armados, estamos na rodovia 5542, próximo à entrada de Santa Fé. O segurança 33 foi abatido, só restou o 30, eu e o senhor Ortega. A senhorita Disano está em segurança por enquanto, precisamos de reforços, repito, precisamos de reforços, o veículo não vai resistir por muito tempo!

Os tiros não cessam, eram mais de lá do que de cá. De repente, um corpo despenca próximo a mim. Olho para o lado. É o segurança que está sentado ao meu lado. Começo a chorar compulsivamente, bate o desespero. Penso em Alejandro e começo a ver a minha vida passar

PERIGOSAS

em câmera lenta. *Deus, não quero morrer, não faça isso comigo.*

Escuto um grande estrondo, e o carro capota, ele gira várias vezes. Grito o mais alto que posso, até meus pulmões queimarem. Aperto os olhos, vejo tudo girando.

— Segure-se, Isabelle, segure-se... — é a voz fraca do senhor Jeremiah. Depois disso, não escuto mais nada.

Estou zozza, mas percebo que faz silêncio. Nada de tiros nem de som de motores. Só um silêncio atordoante. Tento me mover, mas não consigo, estou presa entre os bancos. Alguma coisa está molhando as minhas costas. *Será que é gasolina?* Viro minha cabeça e vejo o senhor Ortega. Ele está com os olhos abertos, mas não há luz no olhar dele. Ele sangra, seu rosto está todo ensanguentado.

NACIONAIS - ACHERON

— Sogro, por favor, fala comigo. Sogro, sou eu, o seu anjo — sussurro, as lágrimas banhando o meu rosto. Ninguém se mexe naquele carro, só eu respiro.

Então escuto vozes, vozes masculinas, em seguida escuto vários disparos, e todos em direção ao carro que eu estou. Algo me atinge, porém não sinto dor, só sei que uma daquelas balas me atingiu.

— Vamos embora, já fizemos o nosso serviço. Ninguém sobreviveu aqui, o recado foi dado. Vamos, daqui a pouco esse lugar vai estar cercado de polícia.

Escuto os sons de pneus cortando o asfalto e, pouco tempo depois, o silêncio.

Está ficando difícil de respirar. Sinto uma dor profunda na nuca. Não sinto mais as minhas pernas, minha boca está seca, meus

olhos ardem, uma sensação esquisita toma o meu corpo. *Deus, não quero morrer, não quero deixar o amor da minha vida.* Clamo com fervor a cada segundo. Os segundos tornam-se minutos longos. Dos ferros destorcidos, eu vejo o céu... um tecido branco e fino cobre a janela — o véu do meu vestido de noiva — Ele veio dizer adeus. *Vou morrer, eu sei, não irei conseguir ver novamente o meu amor, nem falar com ele... nunca mais.*

Lembro da minha bolsa. *Meu celular.* Tento esticar o braço, com muito esforço eu consigo. Pego minha bolsa, ela está toda ensanguentada. Encontro o meu celular. Tento ligar para o Alejandro... sem sinal.

Uma dor profunda em minhas costas me deixa zozna. Coloco a mão no local, está completamente molhado. Olho para a minha

mão, que volta toda ensanguentada. *Meu sangue*. Penso no Alejandro, lembro de como ele ficou quando eu tentei montar o Zulu, o medo nos olhos dele, a dor de me perder. Aperto um botão em meu celular. *Gravador de voz*.

“— *Alejandro...*

Engulo o choro, ele não precisa da minha tristeza, eu preciso ser forte. Forte para ele

— *Oi, meu amor... Não sei se estarei aqui quando você chegar. Eu sei que você virá, prometo que farei o impossível para esperá-lo, mas... mas... Deus! É tão difícil dizer adeus...*

Começo a chorar, estou tentando ser forte, mas está muito difícil. Respiro fundo.

— *Estou partindo, eu sinto isso... não, amor. Não sofra, não sinto dor, só frio, muito*

frio...

Faço uma pausa e aperto os olhos. Minhas mãos tremem.

—Estou indo, não porque quero, mas porque é preciso...

A dor vem forte e abafa um grito. Respiro fundo.

— Mas... preciso que me prometa que você seguirá o seu caminho, será feliz por mim e por você...

Começo a tossir, é inevitável, o ar está indo embora. Coloco a mão na boca para abafar o som, quando olho para ela... sangue.

— Meu amor, por favor, chore o quanto quiser, só não brigue com Deus, ele não teve culpa, isso tinha que acontecer. E se não quiser chorar, não tem problema, não chore, só não sofra por muito tempo, eu preciso

sentir sua felicidade...

Não consigo mais ser forte; desabo. O choro é compulsivo.

— *Meu... Meu amor, pre-preste atenção, sem- sempre que olhar pa... para o alto, me encontrará entre as estrelas, estarei lá, protegendo você. Alejandro, eu te amo, você me fez feliz, você me ensinou a amar e a confiar. Meu amor, seja feliz. Eu sei que você encontrará outra luz em outro olhar, e quando encontrar, por favor, não a deixe ir, agarre-a e seja feliz por nós dois... Alejan... Alejan...*

Tudo começa a ficar escuro. Escuto ao longe o som de sirenes, eu preciso me manter acordada, vejo meu véu flutuar no ar, indo embora, sendo levado pelo vento.

— *eu... eu... amo voc..."*

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

*“Não se lamente pelas perdas.
Elas são necessárias para voltar a
se encontrar...”*

(Richard Bach)

Será que a felicidade existe mesmo? Será que há uma luz no final do túnel? Será que... que Deus existe?

Estou carregando uma caixa do melhor champagne francês, presente de casamento de um dos meus clientes mais ilustres. Essa caixa seria para brindarmos a nossa felicidade. Entrego a caixa para um dos garçons e verifico as horas: meio dia e cinquenta minutos. *Será que a Isabelle já almoçou?* Respiro fundo. Provavelmente não.

De repente, me sinto tonto, minha visão escurece, não consigo ficar sobre minhas pernas. Se não fosse o José a me segurar, teria caído por cima de uma das mesas com as taças de cristal.

— Cristo! — Balanço a cabeça com rapidez.
— Isabelle! Isabelle... — Sinto uma falta de ar, um aperto no peito. — Onde está a Isabelle? — Olho para o José. Penso logo em Zulu. Ela não me desobedeceria. Não, ela não faria isso.

Corro em direção às baías. Procuro meu celular no bolso da camisa, mas não o encontro.

Não há ninguém nas baías e o Zulu está quieto em seu lugar. Vou em direção à casa, então vejo Maria vindo em minha direção, ela não está nada bem.

— Sen-senhor Martinez, aconteceu uma tragédia...

— A Isabelle! — interrompo. Empurro-a e vou em direção à porta de entrada da casa — Onde ela está, cadê minha noiva, Maria? — Viro em direção à porta, pois não encontro resposta.

Maria está plantada no meio da sala de estar, o rosto coberto por lágrimas. Algo está muito fodido. Os pelos do meu corpo eriçam.

— Fala, Maria! — Esbravejo — Onde está a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Isabelle? — Ela continua parada, muda, trêmula e chorando. — Jeremiah! — Chamo por meu pai e vou em direção ao seu quarto. — Pai. — O chamo.

— Senhor Martinez... — Escuto a voz do José bem atrás de mim. Viro-me, e ele está pálido. Olho para sua mão esquerda, que segura o celular.

— Sem rodeios, José. Me diga logo o que aconteceu.

Não sei como consigo dizer tais palavras. Só espero que o retorno não seja tão cruel. José engole em seco.

— Seu pai e sua noiva sofreram um acidente de carro quando estavam vindo da capital para cá, e o estado dos dois é muito grave. Eles foram levados para o Hospital Nossa Senhora de Lourdes e estão...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Nem sei como consigo caminhar. Empurro o José e saio correndo em direção ao meu carro. Não sei qual é a minha velocidade, só desperto da minha loucura quando escuto o som dos pneus guinchando quando deslizo em uma curva perigosa.

O que estou fazendo...? Deus, me ajude, não deixe que nada aconteça, nem a ela nem ao meu pai.

O hospital está uma loucura, um entra e sai de pessoas, até os urubus da imprensa estão à espreita. Vejo a distância os paparazzi cercando a entrada da emergência. Meu celular toca.

— Fala, José. — minha voz soa apática.

— Senhor, onde está? Já está próximo ao hospital?

— Estou quase entrando na área do

NACIONAIS - ACHERON

estacionamento.

— Vá para os fundos. Já falei com a administração, eles o aguardam.

— Obrigado, José.

Desligo sem esperar resposta. Jose é meu braço direito, se tem alguém em quem posso confiar minha vida, seria ele e o Alfonso. O José iria mais longe, o deixaria cuidar dos meus negócios, ele sabe cada passo meu, sabe o que quero e como quero.

Passo despercebido pela multidão dos paparazzi, sigo direto duas curvas à direita e avisto dois guardas. Meu carro passa pela guarita de segurança, sequer sou parado. Assim que desço do carro, avisto o meu sogro. Seu rosto é puro sofrimento, e quando chego próximo a ele, sou puxado com força para um abraço.

— Precisamos ser fortes, você precisa ser forte, meu filho...

Não o espero terminar a frase, corro para dentro do hospital e agarro pelo colarinho o primeiro médico que surge diante de mim.

— Onde eles estão?! — Em uma mistura de dor e raiva, meus olhos se fixam diretamente nos olhos do médico. — Onde está minha noiva? E o meu pai, onde?

Uma mão toca o meu braço.

— Meu filho, se acalme, o desespero não vai trazê-los de volta. — Lourenço me olha com os olhos marejados.

— Como assim... como assim trazê-los de volta? — Meu coração acelera. — Onde está a Isa? Quero vê-la, cadê ela, porra! — Agito o médico pelo colarinho. — Diga-me onde eles estão ou eu acabo com tudo aqui. — Trago o

médico para bem próximo do meu rosto. — Onde eles estão? — Estou pronto para soltá-lo e sair caçando a Isa e o meu pai por todo o hospital.

Dois seguranças se aproximam. O médico os manda ficar onde estão. Relaxo o corpo, mas o mantenho preso pelo colarinho.

— Senhor Martinez, me solte e se acalme. O seu sogro está certo, nada do que fizer vai trazê-los de volta. — ele olha para as minhas mãos em seu colarinho — Seu pai já chegou sem vida, e a sua noiva, após todos os exames, foi declarada com morte encefálica, ela está na sala de cirurgia para a retirada dos órgãos.

— Como... O quê! — Não consigo digerir todas as informações, estou em choque. Aperto o colarinho do médico e agito o corpo dele com fúria. — Mandem parar essa porra agora, eu

não autorizo a remoção dos seus órgãos, e... e se ela estiver viva?

— Eu sinto muito, senhor Martinez — ele tenta se soltar do meu aperto —, mas sua noiva está oficialmente morta, e o senhor Lourenço autorizou a remoção, ele é o pai da senhorita Disano. — Ele olha diretamente para o meu sogro. Solto o médico e vou em direção a ele.

— Você não tinha o direito de fazer isso sem antes me consultar. — Falo friamente. Lourenço me olha com lágrimas nos olhos.

— Não cabia a mim decidir, ela já tinha decidido isso há muito tempo, meu filho. Isabelle declarou isso a mim quando ela fez dezoito anos... — Sua mão pousa em meu ombro — Devia se sentir orgulhoso da Isa, ela vai salvar a vida de muitas pessoas, e... é bom saber que, de alguma forma, ela vive em outra

pessoa. Pense dessa forma, meu filho...

— Não quero pedacinhos da Isa. Eu a quero inteira, inteira... entendeu? — Caio derrotado no chão, de joelhos, agarrando-me às pernas do meu sogro.

Sinto as mãos dele em minha cabeça. Meu coração sangra, minha mente não quer acreditar que eu... eu... a perdi....

— Não... Não.... Deus! Por quê? — Seguro tão forte as pernas de Lourenço que ele perde o equilíbrio e vem ao chão. Seus braços circulam o meu corpo e, juntos, choramos.

Perdi o meu pai, eu sei, isso também me dói muito. Eu o amo, mas... perder a Isabelle, o amor da minha vida, faz a minha alma sucumbir à dor. É como se estivessem me rasgando a carne com uma navalha, lentamente.

Dois enfermeiros nos levantam e somos levados para uma sala de atendimento. Meu sogro não está bem, sua pressão arterial foi a pico. Fico preocupado, pois não suportaria perder mais alguém, e agora eu só tenho a ele, a única pessoa que me deixaria mais próximo dela. Fico com ele até ter certeza que está bem.

Deixo Lourenço dormindo e vou atrás de notícias sobre a liberação dos corpos. Eu preciso me despedir, do meu pai e dela. Mesmo não querendo dizer adeus, eu preciso. A despedida não é uma coisa fácil, mesmo quando sabemos que há possibilidades de vermos a pessoa novamente, se despedir é doloroso. Agora, dizer adeus para sempre, principalmente dizer adeus às pessoas que amamos com tanta força, é terrivelmente doloroso. Só senti essa dor quando me despedi da minha mãe.

Sou autorizado a ver o meu pai. Entro em uma sala muito fria. O avisto de longe, me aproximo, puxo uma cadeira e sento ao seu lado. Puxo sua mão e a beijo.

— Meu velho, agora o senhor vai encontrar a mamãe. Deve estar feliz, eu sei que está, é isso que me faz ficar conformado, pois eu sei que o senhor está bem. Mas eu prometo que vou descobrir quem fez isso, juro que vou descobrir, e quando isso acontecer, trarei o inferno para essa pessoa, não descansarei enquanto isso não acontecer. Pai, quando o senhor encontrar a mamãe, diz a ela que a amo muito... e... e eu te amo, te amo muito. Adeus, pai!

Levo aquela mão fria aos lábios e a beijo com toda a emoção do meu coração. Meu pai, meu querido pai, nunca mais o veria outra vez.

Um nó se forma em minha garganta, mas não consigo chorar, só sinto um vazio dentro de mim.

Saio daquela sala fria e vou à procura de Isabelle. Já faz mais de oito horas que o acidente aconteceu, e provavelmente ela já tinha saído da sala de cirurgia. Encontro o médico no caminho, e ele me leva até onde ela está.

Deus! Ela continua tão linda! Olho para o seu rosto com carinho, sem conseguir acreditar. Não pode ser, ela não está morta, não, ela só está dormindo. Meu corpo cai por cima do dela, é automático, e a agarro com força.

— Acorde, acorde, meu amor... não me deixe, não se vá... O que será de mim agora? Como posso viver sem o seu sorriso, sem a luz

do seu olhar? Isa, olhe para mim.

Fixo meus olhos em seu rosto, as lágrimas banham o meu rosto e molham o dela. Aperto suas mãos.

— Isa, você não tem o direito de fazer isso comigo! Vamos nos casar amanhã, lembra-se, está tudo pronto. ISA! ISA! — Vocifero, jogando-me por cima dela. Meus lamentos são altos, a dor é dilacerante.

Dois enfermeiros entram na sala e me tiram de lá. Encontro com o meu sogro, ele está completamente destruído. Solto-me das mãos dos enfermeiros e vou até ele.

— Eu juro a você, Lourenço, quem fez isso com a nossa Isa vai sofrer mais do que nós dois juntos, juro a você.

Ele não diz nada. Apenas respira fundo e entra na sala para se despedir da filha.

Sento na primeira cadeira que encontro e fico esperando José. Encosto minha cabeça na parede e fecho os olhos. Estou tão cansado, me sentindo tão pequeno, não sei por quanto tempo fico nessa posição. Escuto alguém me chamando. Abro os meus olhos e vejo uma enfermeira.

— Senhor, aqui estão todos os pertences da sua noiva e do seu pai.

Ela me entrega duas sacolas. Abro a sacola de Isabelle. Olho item por item, e um deles me chama atenção: seu telefone celular. Ele está sujo de sangue, o sangue dela. Abro o envelope de plástico e começo a avalia-lo. Ainda há bateria. Dou um toque na tela, e ela se acende, mostrando o último aplicativo que ela usou. Gravação de voz. Aperto o ícone para escutar.

As lágrimas descem outra vez, meu peito

explode. Ela está se despedindo de mim, está me dizendo adeus. Não, não... eu não posso escutar isso, não.

“Meu... Meu amor, pre-preste atenção, sem-sempre que olhar pa... para o alto, me encontrará entre as estrelas, estarei lá, protegendo você.”

Essas palavras ficam gravadas em minha mente. Não suporto; levanto e saio correndo, sem saber para qual caminho seguir, eu só quero sair dali.

Corro, meus olhos cegos pelas lágrimas, e acabo me chocando com alguém. Só escuto o barulho de algo caindo no chão. Quando olho para baixo, vejo uma moça de cabelos loiros tentando alcançar uma bengala.

— O senhor está cego? — Uma enfermeira, que vem socorrer a moça, olha para mim com

PERIGOSAS

um olhar furioso — Aqui é um hospital, meu senhor, não uma pista de corrida. — se agacha e ajuda a moça.

— Está tudo bem, enfermeira. Eu não me machuquei, só perdi o equilíbrio — a moça loira diz.

Tento ajudar, mas a enfermeira começa a reclamar outra vez. Não estou com paciência de ficar ali, escutando deboche de ninguém. Nem peço desculpas, saio apressadamente do hospital.



Hoje seria o dia do meu casamento. Hoje estaria ali, no altar, esperando o amor da vida, vestida de branco, cheia de vida. Mas, no lugar de um casamento, haverá dois velórios, o do

NACIONAIS - ACHERON

meu pai, e...

Não consigo, não consigo! Estou sufocado pela tristeza, a dor que eu sinto não pode ser expressada por palavras, é uma sensação sufocante, fria. Não consigo mais chorar, nem sentir mais nada.

Fico ali, sentado na cadeira, agarrado ao celular de Isa, ele agora é o meu fiel companheiro. Todos se aproximam para me prestar condolências. Nem sei quem são, não lembro dos rostos, nem o que dizem. Nem sei se sou mesmo eu, ali. A melhor amiga de Isa, Thereza, se aproxima de mim. Com seus olhos vermelhos e cheios de lágrimas, ela me abraça, fala algo que não escuto, só sinto os seus soluços e o seu corpo trêmulo. Não consigo dizer uma só palavra, sequer sinto algo.

Alguém bate em meu ombro. Olho para

cima e vejo o meu sogro. Ele me ajuda a levantar, e seguimos caminhando até os carros. A porta da limusine se fecha, uma mão pousa em minha perna. É ele, *meu sogro*. Não estou sozinho, eu sei que ele vai me segurar, eu sei. Seguimos para o sepultamento.

Eu estou lá e, ao mesmo tempo, não estou. Só escuto os soluços das pessoas. Lourenço segura em meu ombro, alguém me entrega algumas rosas.

— Jogue-as nas sepulturas, meu filho, seja forte. Alejandro — ele me chama, sacudindo o meu ombro —, vamos, filho, você precisa dizer adeus.

Ele me guia, e jogo as rosas. Mas não digo adeus, eu não posso dizer adeus, não... não posso...

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Parte 2



NACIONAIS - ACHERON



Estrela

Nasci no dia 13 de dezembro de 1990, era uma tarde chuvosa. Mamãe costumava dizer que os anjos estavam festejando o meu nascimento e Deus resolveu lavar o céu para comemorar. Adorava escutar essa história, me sentia uma garotinha muito especial, pois nem sempre me sentia assim.

Quando tinha cinco anos, um menino da minha escola começou a rir de mim. Ele apontava com o dedo para o meu rosto, dizendo que eu tinha olhos de zumbi. Não dei conversa: dei um soco na cara dele e quem ficou com olho de zumbi foi ele.

Minha mãe foi chamada na escola. Contaram uma versão totalmente diferente para ela, disseram que eu estava ficando uma

NACIONAIS - ACHERON

menina violenta, pois sempre implicava com os meus colegas. Não explicaram os meus motivos por estar tão impaciente com os meus amigos de sala de aula. E disseram mais, afirmaram que eu precisava de um acompanhamento psicológico, pois, se não melhorasse, não poderia mais continuar na escola.

Bem, a reação da minha mãe foi única. Ela olhou para a diretora da escola e disse:

— Eu sinto muito, senhora diretora, mas esta escola não merece a minha filha. Por favor, queira preparar a transferência dela, ela não fica nem mais um minuto aqui.

Fiquei olhando para minha mãe, sem entender o porquê de ela ter dito aquilo.

— Venha, Estrela. Vamos procurar uma escola onde todas as crianças sejam tratadas

de forma igual, já vi que aqui não acontece isso.

Saí da sala da diretora completamente desorientada. E ficou pior: ela foi direto para a minha sala e procurou o menino de olho roxo, o que eu dei um soco. A professora estava com uma bolsa de gelo sobre o machucado dele. Mamãe pediu licença e se aproximou.

— Qual é o seu nome, querido? — Mamãe puxou a pequena cadeira e se sentou.

— Arthur. — O insuportável respondeu.

— Humm! Nome de rei. Bem, Arthur, vou te contar uma história — mamãe tinha essa mania, sempre que ia me dar uma bronca, contava uma história. — Está vendo essa garotinha aqui? — Minha mão foi puxada, e fui colocada na frente dele. — Vê os olhos dela? — Fui puxada com mais força, e fiquei bem

próxima do menino *insuportável*. — Está vendo essas duas estrelas, um pouco esbranquiçadas, bem juntinho da bolotinha mais escura? — Ela apontava para o meio dos meus olhos — Pois bem, foi Deus quem colocou ali, é a marca dele em minha filha, toda criança tem uma... — Ela olhou fixamente para ele — Aposto que você tem uma marquinha, mesmo que seja bem pequena, mas você tem, não tem?

— Tenho, sim. — Ele disse. Mamãe pediu para ele mostrar. Ele mostrou um sinal bem pequeno na mão esquerda.

— Está vendo, você também foi marcado por Deus, isso quer dizer que você é especial. A Estrela tem a marca de Deus nos olhos, e ela é tão especial quanto você, e agora você está em falta com o criador. Fez pouco caso de uma das

crianças dele. Você entende o que fez?

— Deus vai me castigar, tia? — Fiquei até com dó do menino, ele falou quase chorando. — O que posso fazer para ele não me castigar?

Mamãe circulou a palma da mão no pequeno queixo do menino e falou com uma voz branda:

— Deus não castiga nenhum dos seus filhos, ele nos dá a oportunidade de consertarmos os nossos erros. O que você acha que deve fazer agora, pequena criança especial de Deus?

Ele olhou para mim com os olhos marejados.

— Desculpa, Estrela. Eu fui um menino mal, não sabia que você era especial, prometo que não farei mais isso. Você me desculpa?

Mamãe olhou para mim. Os olhos dela sorriam, eu sei que ela estava lendo o meu

NACIONAIS - ACHERON

rosto. Ela sempre lia minha fisionomia e sabia o que eu estava pensando. Eu estava com raiva do menino, queria lhe dar outro soco, mas o rosto tranquilo da minha mãe me desarmou.

— Desculpo. E você, me desculpa por ter batido em você? — Apertamos as mãos e, por último, nos abraçamos. Me senti especial depois disso.

Nunca mais eu vi o Arthur, fui para outra escola uma semana depois, e nunca mais sofri bullying, pois toda vez que alguma criança ria de mim por causa das estrelas nos meus olhos, eu contava a história que a mamãe me contou.

Meus pais morreram quando eu tinha oito anos de idade, foram vítimas de bandidos. Saidinha bancária. Meu pai estava abrindo a porta do carro para minha mãe entrar, quando dois bandidos tentaram levar a mamãe como

refém. Meu pai tomou a frente, e os bandidos nem piscaram os olhos; atiraram à queima roupa nos dois.

Após o enterro, fui morar com minha avó, em Rio Alto. Vovó era viúva, e minha mãe era sua filha única. Tornei-me sua única parente viva, e ela a minha. Uma menina com oito anos de idade não entendia direito o que acontece à sua volta. Mesmo sabendo que os meus pais não estavam mais ali comigo, eu sempre perguntava a vovó quando eles iriam voltar. Para mim era como se eles tivessem ido fazer uma viagem de férias. Sim, eu fiquei com saudade dos meus pais, dos meus amigos da escola, mas o tempo – dois meses – fez com que eu me esquecesse de tudo, menos dos meus pais. Logo ganhei amigos novos e uma vida nova. Continuei sentindo falta do papai e da mamãe – até hoje eu sinto – mas vovó era

NACIONAIS - ACHERON

tão atenciosa, que a dor da ausência logo foi substituída por seu amor.

Cresci subindo em pés de árvores, correndo descalça, tomando banho de rio pelada, subindo morros, explorando a floresta que cerca Rio alto. Tive uma infância feliz.

Até os meus 14 anos.

Em uma tarde de quarta-feira, estava na sala de aula, era prova de matemática – odeio matemática – e, de repente, tudo ficou escuro. Não conseguia enxergar nada. Levantei da minha cadeira, gritando.

— Estou cega, estou cega, alguém me ajude!

Escutei risadas e a voz da minha professora ralhando comigo.

— Estrela, sente-se ou lhe darei zero na prova.

Ela não acreditou em mim. Obrigou-me a sentar em minha cadeira e chamou a diretora. Continuei afirmando que não estava enxergando, chorava de desespero. Chorei tanto que perdi os sentidos. A partir daí, me levaram para o hospital.

Quando acordei, minha avó já estava ao meu lado, e minha visão tinha voltado. Levei zero na prova de matemática e minha vida mudou radicalmente depois desse dia.

Um mês depois, comecei a usar óculos. Não entendia, nunca tive nenhum problema em minha visão, enxergava perfeitamente. E, como por mágica, tudo ficou nublado. Seis meses depois, os óculos não serviam mais. Então o oftalmologista resolveu fazer uns exames específicos, topografia e tomografia de córnea. Então, para o espanto do médico, o

resultado do exame foi *ceratocone*, uma doença degenerativa progressiva da córnea que ocorre em 1 a cada 2 mil pessoas. E está associada a baixa visão, geralmente por alta miopia e astigmatismo. Caracteriza-se pelo aumento da curvatura corneana associado ao afinamento da córnea e a formação de cicatrizes, em casos mais avançados.

E o que causou espanto no médico foi o fato de eu nunca ter sintoma algum de miopia e astigmatismo. As únicas evidências eram minhas dores de cabeça fortes, fora isso, eu sempre tive uma visão perfeita. Após o diagnóstico tudo mudou, os sintomas da doença vieram com tudo: minha visão começou a ficar borrada e distorcida, tanto para longe quanto para perto. As dores de cabeça aumentaram, comecei a ver halos em torno das luzes, a ter fotofobia e coceira.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Meu grau chegou a 8 e precisei usar lentes de contato rígidas. Melhorou um pouco, por algum tempo.

Aos 16 anos, não enxergava quase nada, mesmo com as lentes de contato. Vovó não era rica, e gastou tudo o que tinha e o que não tinha com os outros tratamentos que o médico sugeriu. Funcionaram por um tempo, mas minha visão regredia.

Fizemos outros exames. Nada de novo. Fui avaliada por uma junta médica, eles queriam saber o que havia de errado comigo. Não descobriram. O que eles conseguiram diagnosticar era que o tempo não estava a meu favor. Precisava com urgência de um transplante de córnea.

Fiz todos os exames necessários e me puseram no topo da lista. Entretanto, as coisas

NACIONAIS - ACHERON

não são tão simples assim. Eu precisava de um doador compatível, era um tiro no escuro.

Minha pior fase foi minha adolescência. Eu sabia que era uma garota bonita, tinha as curvas que os rapazes gostavam, mas... era quase cega. E tenham certeza, a pior discriminação é a dos garotos adolescentes, falo por experiência própria. Os rapazes que não me conheciam se interessavam por mim, mas quando percebiam que quase não enxergava, se afastavam. E os que me conheciam, só me queriam para fazer caridade. Era assim que eles comentavam. “Vou fazer uma caridade para a ceguinha, dar uma transadinha com ela”.

Quando tinha 17 anos, percebi o interesse de um garoto da escola por mim. E, uma tarde, ele perguntou se podia ir à minha casa para

conversarmos. Claro que aceitei, eu sabia que ele estava interessado em mim. Era a minha oportunidade de ter alguém para chamar de meu. O nosso primeiro encontro foi como amigos, mas, no segundo, ele me beijou. Estávamos sentados na minha cama. Vovó confiava em mim, e sempre respeitou a minha privacidade.

Após o nosso primeiro beijo, viramos namorados, mas percebi que ele não se aproximava de mim na escola. Sempre ficava com os amigos e amigas dele. Só ficávamos juntos em minha casa. E um mês depois, ele já queria pegar em meus seios. Quase enfiei a mão na cara dele. O garoto não andava de mãos dadas comigo e já queria me apalpar, aquilo estava muito errado. Então, tomei coragem e perguntei por que nunca ficávamos juntos na escola.

Ele disse que ainda não estava preparado para a gozação dos amigos, quando descobrissem que estava namorando a garota cega da escola. Pediu um tempo para que pudesse tomar coragem. Tempo... Ele queria tempo para assumir o namoro comigo. Entendi que ele era imaturo demais, e, na verdade, ele era igual aos outros garotos preconceituosos. Terminei o nosso “namoro” no mesmo dia, e desde então, nunca mais quis namorar nenhum rapaz.

Três anos depois, eu fiquei sozinha. O anjo que foi posto em minha vida faleceu dormindo. A preocupação da vovó comigo era tão grande que se esqueceu da sua saúde. Seu coração não estava bem, e eu não sabia disso. Como eu era sua única neta, e solteira, fiquei com sua pensão e a casa. Precisei aprender a administrar uma casa, e descobri que o salário

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

da vovó não era suficiente para pagar as contas, eu precisaria de, no mínimo, cinco vezes daquele valor.

Meus remédios eram muito caros, fazendo as contas, eles custavam o triplo dos rendimentos da pensão da vovó. Como todo mundo se conhecia em Rio Alto e todos se ajudavam, fui adotada por algumas pessoas, e uma delas era a dona da floricultura, a dona Mariana. Ela me empregou e me ensinou tudo sobre plantas e flores.

Mesmo assim, o dinheiro não era suficiente; precisei priorizar algumas coisas e cortar outras. Mesmo sem enxergar quase nada, nunca deixei me abater, aprendi a fazer uma porção de coisas, como bolos, doces e salgados e, nos finais de semana, fazia faxina em algumas empresas. E assim fui levando a

NACIONAIS - ACHERON

minha vida.

Hoje estou com 24 anos. Estou quase cega, e os médicos dizem que, se não conseguir logo um doador, minha cegueira será permanente, e do jeito que andavam as coisas, eles não foram nada suaves comigo. Tenho menos de oito meses para encontrá-lo.

Fico triste com isso, pois toda vez que penso em um doador, é como se eu estivesse desejando muito que alguém morresse para que eu possa voltar a enxergar. É bem macabro isso, acho que é por isso que, toda vez que meu telefone toca, dizendo que há um suposto doador, eu fico tão triste. E quando faço todos os exames, descubro que o doador não é compatível, eu mesma fico jogando areia no meu brinquedo.

Especialmente hoje, acordei um pouco

nostálgica. Lembrei da minha avó e dos meus pais. É como se eles estivessem aqui, do meu lado. Cheguei a me arrepiar. Por sorte, a loja andou cheia a manhã inteira, e assim não tive tempo de ficar com saudade. Não gosto de sentir saudade, me faz sentir tristeza.

O telefone toca. Deixo dois clientes escolhendo algumas rosas vermelhas e vou atender. Dona Mariana está atendendo duas senhoras na estufa.

— Alô!

— Estrela de Oliveira? — pergunta uma voz masculina.

— Sim, é ela.

— Estrela, aqui é do hospital Nossa Senhora de Lourdes, você precisa vir para cá imediatamente, temos um possível doador para você. Estrela, você me ouviu?

— Sim. Tem certeza?

— Temos. Venha o mais depressa possível.

Ele desliga. E eu fico com o coração na mão. Será que tinha chegado a minha hora? E quem precisou ir embora para poder me presentear com as suas córneas?

Chego no hospital tão rápido quanto posso. O lugar está um pandemônio, vozes em todas as partes, e tudo indica que há repórteres em todos os cantos. A cada passo que dou, percebo que algo muito sério tinha acontecido. As vozes alteradas dos médicos e enfermeiros indicam isso, as pessoas parecem loucas. Alguém está conversando sobre um atentado na estrada principal, próximo à rodovia no sentido a Rio Alto.

Deus! Eu acabei de passar tão perto de lá.

Consigo avançar alguns passos, minha
NACIONAIS - ACHERON

bengala não ajuda muito, e o meu nervosismo, junto com o barulho das vozes à minha volta, me atordoam. Subo alguns degraus, já conheço o caminho, são anos de idas e vindas. Já estou próximo à entrada, quando sinto um baque.

Alguém esbarra em mim com tanta força que termino caindo ao chão e minha bengala vai parar longe.

— O senhor está cego? — Fala a enfermeira, que vem ao meu socorro — Aqui é um hospital, meu senhor, não uma pista de corrida. — Ela se abaixa ao meu lado e me ajuda.

— Está tudo bem, enfermeira. Eu não me machuquei, só perdi o equilíbrio — respondo.

O homem que esbarrou em mim deve estar agitado por algo. Escuto sua respiração ofegante, descontrolada. Quando se perde um sentido, os outros se tornam mais aguçados.

Minha audição, tato e olfato são mais eficazes do que os das pessoas *normais*. Quando a minha mão toca levemente em sua perna, sinto seu tremor e um leve vacilo em seus passos, como se não tivesse certeza se queria avançar adiante.

Fico escutando seus passos se afastarem, e o seu perfume permanece em minhas narinas. Ele vai embora sem ao menos me pedir desculpas.

— Querida, você está bem? — Uma voz feminina me ajuda a levantar. — Perdoe-o, ele acabou de perder duas pessoas muito importantes, vamos dar um desconto. — Ela me entrega a bengala. — Machucou? — Ela vê quando aliso o cotovelo.

— Não, só está ardendo um pouco — respondo. Não sei por que, mas fico com

sentimento de culpa em relação ao homem que acabou de me atropelar. — Ele estava chorando, não estava? — Pergunto.

— Sim, a dor dele é imensa, nem queira saber. — Ela me guia até a recepção. — Bem, meu nome é Tamires, sou a enfermeira chefe do quinto andar, e você é a Estrela, acertei?

Isso é normal, quase todos os funcionários do hospital me conhecem. Assinto com a cabeça. Sinto um toque em meu braço, em seguida sou guiada por ela, e logo estamos no elevador.

— Bem, vamos subir. Você precisa fazer os exames o mais rápido possível.

Foram feitos todos os exames. E, para minha surpresa, as córneas são compatíveis.

Minha cirurgia é um sucesso, os médicos ficam muito satisfeitos com o resultado. Como

PERIGOSAS

fiz o transplante nas duas córneas, e não tenho uma pessoa para ficar comigo, fico internada por quatro dias no hospital.

Sinto dores nos dois primeiros dias, mas o uso de colírio e analgésicos aliviam o incômodo. No quinto dia o curativo é retirado, e preciso usar óculos para proteger os olhos, e para dormir preciso usar uma proteção de metal. Isso deve ser feito durante vários meses, a fim de evitar a compressão dos olhos.

As atividades normais, como escovar os dentes, tomar banho, serviço doméstico, caminhar, ler e assistir à televisão, foram permitidas. Atividades mais intensas, como levantar, agachar, atividade sexual – o que não era o meu caso – e exercícios mais vigorosos poderiam ser retomadas depois de uma semana.

NACIONAIS - ACHERON

Meu médico explicou que o transplante cicatriza lentamente, pois a córnea não tem suprimento de sangue. As suturas iam permanecer no lugar durante três meses a um ano, e, em alguns casos, são mantidas permanentemente. Para evitar a rejeição, foi necessário usar colírios de corticoide e antibiótico nos olhos durante vários meses depois da cirurgia.

Minha visão melhorou gradualmente. Semanas depois, já conseguia enxergar um pouco melhor. Fiquei preocupada quanto a isso, mas o médico me tranquilizou, e meses depois já estava enxergando perfeitamente bem. Precisei usar lentes de contatos, mas só por um período de um ano e oito meses.

Hoje, dois anos após a cirurgia, estou enxergando perfeitamente bem. Minha vida

voltou ao normal, estou vivendo em um mundo colorido. Ainda me sinto um passarinho fora de ninho. Viver tanto tempo no escuro me deixou mal-acostumada, estou em adaptação, tentando esquecer as sensações do breu e o hábito de andar de bengala. Vez ou outra ainda esqueço de acender as luzes, só lembro minutos depois.

Estou tentando me equilibrar nesse mundo novo. Agora deixei de ser a ceguinha, e hoje sou uma moça normal. O que me preocupa agora são as contas que não param de chegar. Meus remédios e a cirurgia foram caros, o que ganho como pensionista é muito pouco, e o meu emprego na floricultura eu perdi, pois precisei ficar afastada por alguns meses. Não culpo a dona Mariana, ela precisa de um funcionário ativo. Portanto, agora estou à procura de um emprego. Dona Mariana

NACIONAIS - ACHERON

prometeu me ajudar a encontrar um, ela iria perguntar aos seus clientes, afinal, a floricultura atende a muitos empresários da região.

Nesse exato momento, estou recortando anúncios dos classificados dos jornais locais. Separo vários: um para garçoneiro – paga menos do que na floricultura – mas um emprego, mesmo pagando mal, é melhor do que nenhum; outro para professora de português – esse exigia diploma superior – Humm! Eu sei português melhor do que muitas professoras, não custa tentar; e outro para gerente de uma boutique. Esse exigia experiência comprovada de um ano. Será que servia a minha experiência na floricultura? Pois lá eu era uma faz-tudo.

Estou tão distraída com minhas

observações, que nem percebo que alguém bate insistentemente a porta. Quando me dou conta disso, levanto e vou atender.

— Bom dia! Senhorita Estrela? — É um senhor muito sorridente e simpático.

— Sim, sou eu, e quem é o senhor? É algum cobrador? Se for, volte na semana que vem, não tenho um centavo — desando a falar. Sempre que fico nervosa, minha língua não para quieta. Ele solta uma sonora gargalhada.

— Não, não sou um cobrador, mas posso resolver o seu problema de dinheiro. Meu nome é Lourenço Disano. — Uma mão é estendida em minha direção. Fico atônita olhando para aquela mão estendida e para o rosto do senhor simpático. — E então, vai me deixar com a mão estendida?

Aceito o cumprimento.

— Como assim? O senhor está falando sobre o quê?

— Passei na floricultura, e conversa vai, conversa vem, perguntei à senhora Mariana se ela não conhecia alguma moça que estivesse precisando de emprego, e ela me disse que sim... — Ele arqueia uma sobrancelha e me fita. Sou observada por alguns segundos. — Ela tentou ligar para você, mas não obteve resposta, então ela me deu o seu endereço. Fiz mal em vir?

Quase pulo no pescoço do senhor Lourenço. Era muita sorte, o emprego veio bater à minha porta.

— O senhor quer entrar? — é o mais certo a fazer, convidá-lo a entrar. Ele entra e se senta em uma das poltronas da sala.

Ofereço uma água, a única coisa que tenho

para oferecer, por enquanto.

— Bem, serei direto, Estrela. Estou precisando de uma pessoa para ser uma faz-tudo, e quando digo faz tudo, é no sentido amplo da palavra. Vai de faxineira a psicóloga... — ele se levanta, anda alguns passos e fica observando algumas fotografias que estão no amparador da sala. — O salário é bom, pago cem vezes mais do que o valor que você recebia na floricultura — olho para ele, espantada — Sim, eu sei que você trabalhava para a dona Mariana, mas quero ressaltar, a tarefa não será fácil — ele se recosta no móvel e fica me avaliando —, pois além de cuidar de toda a casa, você cuidará do meu genro, ele precisa de uma pessoa paciente, amável, generosa e que tenha uma força interior iluminada, e me disseram que você tem tudo isso...

NACIONAIS - ACHERON

— Seu genro está doente? — o interrompo — Se for o caso, acho que seria melhor contratar um enfermeiro.

— Sim, ele está doente, mas a doença dele é na alma — de repente, as feições do senhor simpático ficam tristes. — Meu genro passou por um forte trauma e está se afundando na tristeza a cada dia que passa. Temo por sua saúde física e mental. Já tentei de tudo para tirá-lo desse estado letárgico, mas nada do que fiz adiantou. Contratei até um psicanalista, porém, ele foi posto para correr em dois dias. Você é a minha última esperança.

Não entendo o que ele quer dizer. Desde quando sou a esperança de alguém, o que eu posso fazer diante de uma situação dessa? Esse homem só pode ser maluco.

— Afinal, qual seria minha função de

verdade nesse emprego, senhor Lourenço?

Ele me parece confuso, ou, quem sabe, muito preocupado. Contudo, estou curiosa, pois o salário é bastante aprazível e não posso me dar ao luxo de recusar.

— Cuidará da casa, depois tentará se aproximar do meu genro. Tente ser amiga dele, traga-o de volta à vida, ele precisa sentir vontade de viver novamente. Se isso não acontecer, eu temo o pior. Só preciso adverti-la que ele não facilitará em nada a sua vida. Meu genro se tornou um homem frio, sem coração, uma pessoa grotesca e muito rude. Posso contar com você? Garanto que será muito bem recompensada.

O que eu tinha a perder? Preciso urgentemente de dinheiro, os devedores logo, logo estariam batendo em minha porta. Acho

que não seria uma tarefa tão difícil assim de realizar.

Olho para ele e sorrio.

— Pode, sim. Quando começo e onde mora o seu genro?

O senhor Lourenço respira aliviado, sorri e responde:

— Você pode começar amanhã. Ele mora logo depois da ponte do rio alto, é a única casa que existe por lá, você conhece?

Nossa mãe de Deus! Não acredito que vou conhecer aquela casa.

— Sim, eu a conheço. — Respondo, segurando a minha euforia, mas o que eu quero mesmo é pular de alegria.

Desde criança, sempre quis conhecer como era a propriedade por trás do muro alto. Eu sei

que os donos são muito ricos e não deixam ninguém se aproximar sem serem convidados.

— Outra coisa, não se deixe intimidar pelo meu genro. Ele fará de tudo para mandá-la embora, no entanto, lembre a ele que quem a contratou fui eu, e só eu posso demiti-la. E você pode chamá-lo de senhor Alejandro.

Senhor Lourenço caminha até a poltrona e se senta nela outra vez. Ele retira de dentro do bolso do paletó um celular e anota o meu número. Pede meus dados bancários, como também a numeração de todos os meus documentos. Ele me diz que assim que o contrato de trabalho estiver pronto, enviará para que eu assine. Nem preciso pedir um adiantamento de salário, ele afirma que o meu primeiro salário estará depositado dois dias depois que eu começasse a trabalhar.

Nos despedimos com um forte aperto de mão. Ele promete sempre manter contato, e quando eu quisesse conversar com ele, é só ligar para o seu número particular.

Sinto por aquele homem sorridente, de cabelos grisalhos e olhos azuis, uma grande simpatia. Ele transmite confiança e uma energia boa. Acho que seríamos bem próximos, essa é a minha impressão.

Só espero sentir simpatia pelo senhor Alejandro. Será que ele vai complicar minha vida em meu mais novo ambiente de trabalho? Como se comportará? Esqueci de perguntar onde estaria a mulher dele, a filha do senhor Lourenço, pois ele disse que o tal Alejandro é genro dele. O que será que aconteceu? Bem, isso não é da minha conta, só preciso realizar o meu trabalho, pois o salário é bom demais.

Ultimamente, o ponto alto dos meus dias é contar moedas e esperar alguém bater à minha porta com um papel de cobrança nas mãos.

Na manhã seguinte, acordo animada, pois minha vida começaria a mudar a partir dali. Uma hora depois, estou diante de um grande portão de ferro, parada feito um poste, admirando aquela estrutura enorme. Quando podia imaginar que, após anos, eu iria entrar no castelo da princesa pela porta da frente? Sinto-me a própria princesa, a dona do castelo, e por que não me sentir uma? Afinal, uma garota tem o direito de sonhar.

O portão se abre e eu entro. Um homem moreno, alto, com olhos da cor de jabuticabas e um sorriso perfeito nos lábios vem até mim.

— A senhorita deve ser a Estrela de Oliveira?

Jogo minha grande bolsa no chão e ergo minha cabeça, para que assim eu possa olhar o seu rosto.

— Sim, eu mesma, em carne, osso e nervosa.

Ele sorri, inclina o corpo e pega a minha bolsa.

— Eu sou Alfonso, motorista e o chefe de segurança do senhor Alejandro. — Ele se vira para a guarita de segurança — Aqueles dois ali são o Jorge e o Camilo, eles não mordem e nem eu — sorri, piscando um olho — Seja bem-vinda! Esta casa e quem mora dentro dela precisa de luz, obrigada por ter aceitado o emprego.

Ele se afasta, dando espaço para eu passar. Sigo na frente com passos incertos, não sei ainda em que situação eu me meti. Não faço ideia com o que ou com quem irei conviver

dentro daquela casa.

Quando a porta é aberta, tomo um susto.

— Caramba! O que aconteceu aqui? Um furacão, a terceira guerra mundial?

O susto é tão grande que dou um passo atrás. A sala está completamente revirada, lixo em todos os cantos. Cadeiras jogadas no chão, papéis rasgados, vidros quebrados, as cortinas rasgadas, tapumes pregados nas janelas e muita sujeira. Se a sala está daquele jeito, fico imaginando o resto da casa. Viro-me para o Alfonso e o fito com o olhar confuso. Ele entende.

— Ele não nos deixa limpar nada, eu e o senhor Lourenço somos os únicos a entrar aqui, e, mesmo assim, não podemos fazer muita coisa. Até tentamos, mas assim que viramos as costas, tudo volta a ficar quebrado e

sujo. Nesses dois anos, só duas faxineiras foram contratadas, mas elas foram expulsas aos gritos. Espero que com você seja diferente, o senhor Lourenço tem quase certeza de que será.

Ele me entrega a bolsa, e a seguro com firmeza nos dedos, é como se ela fosse a minha arma de defesa. Se por acaso “a fera” saísse por alguma daquelas portas, pronta para me atacar, minha bolsa vai me defender.

— Onde “a fera” está? Ele não morde, ou morde? Não sou vacinada contra raiva.

Alfonso esconde o riso, prendendo os lábios um no outro.

— “A fera” está ali. — Aponta para uma porta no canto esquerdo da sala, que está trancada. — Ele não morde, mas rosna, xinga e adora quebrar coisas — seus olhos varrem a

grande sala, entendo o que ele quer dizer. — Estrela, sua missão aqui não será nada fácil, tem sido anos difíceis e tudo nesta casa é tristeza, amargura e dor. Tenha paciência com ele, se você não conseguir resgatá-lo, ninguém mais conseguirá.

Agora fico assustada. Por que eu? O que eu tinha de tão especial para resgatar um homem? Pelo pouco que escutei, ele está completamente quebrado. Um homem que nem conheço e, com certeza, ele também não me conhece. Tanto o senhor Lourenço como o Alfonso acham que eu seria a salvadora da pátria. Por quê?

— Vou tentar, darei o meu melhor, isso eu garanto... — Olho em todas as direções, eu já sei que a tarefa não será fácil. — Quando irei conhecê-lo? — Aponto com o queixo em

direção à porta fechada.

— Não tenha pressa em conhecê-lo, quando você menos esperar ele virá até você. Esteja preparada para encará-lo, não será nada acolhedor, eu garanto isso.

É muito animador o que escuto. Sinto como se estivesse em um filme de suspense macabro. Logo a mocinha indefesa encararia o algoz sanguinário. E a mocinha sou *eu*.

— Ok — respiro fundo — Então, enquanto o grande encontro não acontece, o melhor a fazer é pôr as mãos na massa, trabalhar e tentar arrumar essa bagunça. Posso começar?

— Fique à vontade. — Ele diz, sorrindo. — Se precisar de alguma coisa é só me chamar. Até mais, Estrela.

Ele vira as costas e vai embora. Bate um medo, e fica pior quando direciono meus olhos

para a pesada porta de madeira escura.

É, Estrela, só lembre do valor do seu salário, o resto você dá conta. Nenhum lobo mal é páreo para o seu sorriso.

Viro minhas costas e vou conhecer o meu mais novo ambiente de trabalho. Não sei o que irá acontecer deste momento em diante. Mas, no fundo da minha alma, sei que a minha vida irá mudar radicalmente a partir de hoje.



Alejandro

4 de julho de 2016

*D*ois anos e 47 dias... e a minha dor está tão presente quanto no dia em que tudo aconteceu. Quando a levaram de mim. Meu coração sangra ininterruptamente, meus pulmões inflam a cada segundo que me lembro dela.

Isabelle, minha flor. A mulher que me mostrou o amor, a saudade, a vontade de dormir e acordar ao lado de uma única pessoa.

Seu sorriso, sua calma, seu jeitinho de falar e a luz do seu olhar deixaram-me de joelhos assim que a vi pela primeira vez, naquela bendita festa. *Isabelle*, a mulher da minha vida, o meu amor, meu único amor.

Desde aquele maldito dia, perdi a vontade de viver, meu mundo ficou negro e sem brilho. Se estou vivo é por um único motivo: descobrir
NACIONAIS - ACHERON

quem a tirou de mim. Quando isso acontecer, essa maldita pessoa vai sofrer o triplo do que me fez sofrer. Não me importarei com mais nada, posso até morrer ao realizar minha vingança e partir ao encontro do meu único amor. Por fim, conseguirei fechar os meus olhos para sempre.

Quando conseguir dar cabo do crápula que a matou, tudo estará resolvido, as contas serão pagas e poderei descansar minha alma atormentada.

Olho para o aparelho celular em minhas mãos. Ele tinha, na capa, flores de alfazema. Era a flor favorita dela, minha Isabelle. Aperto a tela e escuto a mensagem.

“Oi, meu amor... Não sei se estarei aqui quando você chegar. Eu sei que você virá, prometo que farei o impossível para esperá-

lo, mas..., mas... Deus! É tão difícil dizer adeus...”

Não sei quantas vezes já a escutei. Acho que durmo e acordo escutando a sua voz. É a única lembrança que guardo dela. Fotos, objetos pessoais, joguei tudo fora, não suportava ver algo da Isabelle diante de mim, era como uma faca pontuda e afiada penetrando em minha carne, me abrindo de cima a baixo. Por isso resolvi largar tudo e vir morar aqui, na casa de campo, em Rio Alto. Tudo em Lagoas lembra a Isa, me afastar de tudo e de todos foi o meu calmante.

Deixei minhas empresas a cargo do meu assessor, José. Ele conhece muito bem como administro meus negócios, mas quando há necessidade de minha presença, me comunico através de videochamadas. Quanto aos

negócios do meu pai, eu os passei para o meu sogro administrar, ele precisava ocupar a mente, e não me arrependo; Lourenço está se saindo muito bem. Nesses dois anos e quarenta e sete dias, meus olhos, braços e pernas são o José e o Lourenço. Eles cuidam de tudo, pois perdi o ânimo de todas as coisas materiais e espirituais. Deixei de acreditar em Deus, pois se ele realmente existisse, não a teria tirado de mim, nem ela nem o meu pai.

Acho que Deus gosta de brincar com suas criaturas, ele deve se divertir muito conosco. Aprecia nossas reações, pois quando estamos quietos, satisfeitos com nós mesmos, ele nos presenteia com algo maravilhoso para simplesmente depois nos tirar, arrancar de nós, sem dó. Ele deve estar satisfeito com o que fez comigo, pois há dois anos eu espero sua resposta a todas as minhas perguntas e

NACIONAIS - ACHERON

pedidos.

Uma das perguntas é por que ele me tirou a Isabelle, já que nos amávamos tanto. E a outra é quando vingarei a morte dela e a do meu pai. Eu sei que um dia ele me responderá, não tenho pressa, cedo ou tarde a resposta cairá em meu colo.

Desligo o celular da Isa e o guardo no bolso da calça. Já estou pronto para ligar para o José, quando escuto um barulho vindo da sala. Algo como um aspirador de pó. Levanto-me apressadamente.

Já havia avisado ao Alfonso que não quero limpeza nesta casa, ele está extrapolando a minha paciência. Eu sei que ele quer o meu bem, mas não quero a piedade de ninguém, e se ele está fazendo a limpeza novamente, hoje eu o colocaria para fora desta casa a pontapés.

Ah, se vou.

— Que porra você pensa que está fazendo, Alfon... — Escancaro a porta já aos berros, e paro a frase imediatamente quando percebo que não é o Alfonso. — Quem é você? — Esbravejo. — Quem é você, porra?! Quem lhe deu autorização para limpar essa porra de casa? Caia fora daqui, agora!

A moça de cabelos loiros está agachada de costas para mim, esfregando com um pano uma mancha no porcelanato branco, provavelmente eu mesmo manchei o lugar. Ela continua limpando, sem se importar com os meus gritos. Me aproximo um pouco mais.

— Oh, sua imbecil, você é surda? Caia fora da minha casa, agora!

Ela me ignora completamente. Aquilo me irrita muito. Avanço alguns passos e fico com

as pernas bem próximos à sua cabeça.

— Sua idiota, você é surda? Não me lembro de ter contratado uma faxineira. Rua! Rua, imbecil!

— Não fui contratada pelo senhor, portanto, só irei embora quando o meu contratante me mandar embora.

Ela continua limpando enquanto me responde desafiadoramente. A raiva corre em cada célula do meu corpo. Inclino o corpo até minhas mãos alcançarem um dos seus braços, meus dedos circulam o seu punho e a puxo bruscamente para cima.

A puxo com tanta força que logo o seu corpo está próximo ao meu.

Surpresa com a minha força, ela me fita. Paro em seu olhar.

— Seus... seus olhos, eles... eles... —
NACIONAIS - ACHERON

balbucio. Não, não, só pode ser brincadeira. Não consigo desviar os meus olhos dos dela. Eles têm duas lindas estrelas brilhantes, eram iguais aos olhos de Isabelle. *Não, não, isso só pode ser castigo ou maldade.* — Quem é você? O que faz aqui? Que porra você quer? — Seguro seus dois braços e sacudo o corpo dela.

Minha cabeça dá um giro, e as lembranças veem com força total. De repente, vejo Isabelle à minha frente, com aqueles lindos olhos azuis a me fitar, as estrelas brilhantes sorrindo para mim. Deus só pode estar muito zangado comigo, ele resolveu me castigar duplamente.

A moça me olha embasbacada, boquiaberta, e um olhar lindo, de estrelas. Caralho! Era Deus ou o diabo querendo brincar com minha sanidade. Ela não era a Isabelle, minha mente sabe disso, mas... os olhos dela são idênticos

aos da Isa. Olhar para eles é como estar olhando para a Isabelle. Agora, a porra ficou doida.

— O senhor está me machucando...

Ela diz, sem piscar os olhos, seu olhar fixo nos meus. Caralho! Ela é linda!

Expulso os meus pensamentos e volto a fitá-la com raiva.

— Responda à minha pergunta, porra! Quem é você? E que porra está fazendo aqui?

Continuo a segurando forte, não afrouxo os meus dedos, mesmo ela se contorcendo, tentando escapar do meu aperto.

— Meu nome é Estrela e fui contratada por seu sogro, o senhor Lourenço, estou aqui para fazer a limpeza. — Ela me olha com os olhos apertados — A propósito, há quanto tempo o senhor não toma um banho? O senhor fede

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pior que um gambá.

É demais! Além de invasora, ela é ousada.

— Se você não gosta do meu cheiro é um problema seu, mas não se preocupe, não vai precisar ficar muito tempo sentindo ele, você irá embora agora.

A seguro com mais força e saio a arrastando pela sala. Ela tenta escapar.

— Solte-me, seu maluco. Você está me machucando, solte-me!

Ela chuta minha perna, bem no meio da canela. A dor é tão forte que preciso soltá-la. Ela aproveita e corre para o interior da sala e pega uma vassoura.

— Acha mesmo que uma vassoura vai me fazer desistir de expulsá-la da minha casa? Engana-se, garota atrevida!

NACIONAIS - ACHERON

— Pois tente me pegar, não tenho medo de você. Eu quebro o cabo todinho em sua cabeça, não duvide disso. Venha, valentão, venha...

Ela é atrevida e bocuda. Sobe uma raiva repentina, minha vontade é pegá-la e ensinar uma lição, e seria agora. Vou em sua direção.

Ela consegue me acertar com a vassoura na cabeça, mas na segunda tentativa arranco a vassoura das mãos dela e a jogo longe. Prendo o seu punho com a minha mão, viro-a de costas para mim e a encosto ao meu corpo. Nem assim ela para quieta.

— Solte-me, solte-me, eu não vou embora! Já fui paga para fazer o serviço, costume manter minha palavra. Me solte, seu fedido, seu monstro, seu horroroso, seu bicho do mato... me solta...

Ela grita e começa a tossir. Só então percebo

que estou a apertando demais, meu braço está cercando toda a sua cintura, provavelmente estou apertando o seu diafragma. Afrouxo o braço e caminho em direção à porta de saída, arrastando-a comigo. Já estou quase lá quando ela se abre.

— Alejandro! O que pensa que está fazendo? Solte a moça, filho.

Meu sogro entra abruptamente na sala e corre em minha direção, tirando a moça dos meus braços.

— Ficou louco, Alejandro?! Quer ser processado por maus tratos aos funcionários?

— Ela não é minha funcionária, é sua! — Esbravejo.

— Estrela, peço que me desculpe. Prometo que ele não se portará mais assim. Agora, me dê licença, eu preciso conversar com o meu

genro a sós.

— Eu vou, mas avise a ele que, se tentar me tocar novamente, eu juro que arranco um pedaço do braço dele com os meus dentes, mesmo que depois eu precise tomar um litro de desinfetante.

Ela cospe de lado, vira as costas e some no corredor.

Olho para Lourenço, furioso.

— Quando ia me contar sobre ela? Você sabe que não quero ninguém em minha casa! Faça um favor a ela, mande-a embora ou eu farei da vida dela um inferno. Quero-a fora daqui em vinte minutos.

Viro as costas para voltar ao gabinete.

— Volte aqui, Alejandro! — Paro. Lourenço nunca falou assim comigo, enérgico, brusco — Ela ficará, e você não fará nada, aliás, fará sim;
NACIONAIS - ACHERON

a tratará bem, será educado, amável... — Ele vem até mim, põe a mão em meu ombro e me vira em sua direção. — Se você não fizer o que estou pedindo, eu largar tudo e vou embora, irei para outro país, nunca mais você terá notícias minhas! Estou falando sério, Alejandro. — Sua outra mão vai para o meu outro ombro, e ele me olha com indulgência. — Filho, já está na hora de deixar o passado e encarar o presente. A Isabelle não iria gostar de vê-lo assim, ela quer ver sua felic...

— Não, não faça isso, não meta a Isa em nossa conversa! Se você quer que essa moça fique aqui, então ela fica, mas ela respeitará os meus limites. Ali — aponto para o meu gabinete — ela não entra, e outra coisa, ela é sua responsabilidade. — Viro as costas e o deixo sozinho, entro em meu gabinete e fico com os meus fantasmas.

NACIONAIS - ACHERON



A casa fica silenciosa. Não escuto mais sons de aspirador, vassoura ou chinelos se arrastando pelo piso da casa. Só consigo escutar as batidas do meu coração, e ele está batendo descompassado.

Inferno!

Por que o Lourenço sempre tenta me tirar da minha zona de conforto? Não quero esquecer o passado, tampouco pensar em meu presente ou a merda do futuro. O meu objetivo é um só: vingança. Depois disso, o que vier é lucro.

Levanto dois livros que estão do lado esquerdo da minha mesa e pego uma pequena chave debaixo deles. Abro a segunda gaveta da

NACIONAIS - ACHERON

mesa, trago para cima um envelope pardo e o abro. Examino pela centésima vez as fotos que estão dentro dele.

Vocês irão me pagar, só preciso de mais provas! Quando os meus investigadores as trouxerem, vocês nem imaginam o que lhes acontecerão.

Devolvo as fotografias para o envelope e as guardo onde estavam. Volto ao trabalho, tenho duas reuniões por videochamadas. Pego meu celular, e a tela me mostra o meu eu atual.

Cabelos na altura dos ombros, completamente desalinhados e sujos, barba grande cobrindo totalmente a minha boca, olheiras profundas, olhar sem nenhum brilho. Eles foram apagados quando ela se foi. Visto uma camisa de algodão suja, preta. A moça invasora tem razão, eu me pareço um *bicho do*

mato, dá até medo de olhar.

Desde que ela se foi, não me importo mais com a aparência. Não preciso mais disso, não tenho mais a quem agradar, as poucas mulheres com quem tentei fazer sexo – sexo pago – não precisavam de um homem bonito e cheiroso; elas só precisavam do meu dinheiro. Foram muito bem pagas, mesmo assim, não consegui levantar o meu pau. Elas até que tentaram, mas suas tentativas foram em vão.

Minha mente e o meu pau sabem que elas não eram ela, minha Isa. Por isso desisti do sexo, quando quero me aliviar, uso minhas mãos.

Termino minhas reuniões às dezesseis horas e vinte minutos. Levanto-me da cadeira e vou me servir de uma dose de conhaque.

A porta do meu escritório é escancarada, e

lá está ela, a moça bocuda e petulante. Ela fica parada, me olhando.

— Qual foi a parte que você não entendeu?
— Berro, minha voz não está nada amigável —
Não quero ser incomodado por você! — Ela continua parada, só me olhando, recostada no batente da porta. — Meu sogro não lhe avisou? Hein?! Seu limite termina na frente dessa porta. — Seus olhos se fixam em meu rosto. Meu coração acelera.

— Estou com fome, não consigo dar mais um passo. Minha visão está turva de tanta fome...

Ela murmura, e, por um momento, eu penso que ela vai desmaiar.

— E por acaso eu tenho cara de comida? Se vire!

— Nem que eu fosse canibal comeria você!

PERIGOSAS

Já viu a sujeira dos seus braços? Deus me livre!

Ela me olha de cima a baixo. Essa moça não tem noção do perigo, ela está pedindo; pedindo não, ela está suplicando para que eu seja mais arrogante do que sou.

— Acostume-se a isso, se não gosta da minha aparência e do meu cheiro, a porta da rua é a serventia da casa. Agora caia fora do meu escritório e me deixe em paz.

— Estou morrendo de fome, juro que vou cair mortinha aqui. Já procurei comida na casa toda, só encontrei uma lata de ervilha velha, um pedaço de pizza mofada e água na geladeira, nos armários nem pratos tem. — Ela gruda as costas no batente da porta e desce lentamente, escorregando até se sentar no chão. — Desculpe, senhor Alejandro, mas não consigo trabalhar sem comer. Sua casa é um

NACIONAIS - ACHERON

chiqueiro, para limpar tudo isso vou precisar de, no mínimo, uma década e de muita comida.

— Merda! — Ela me olha com censura. Pego o celular e disco um número. — Alfonso, providencie algo para a moça comer e venha tirá-la do meu escritório.

Em menos de dois minutos, o Alfonso está diante de mim.

— Compre o que ela precisar e leve-a daqui. Abasteça a geladeira do que ela quiser, não quero vê-la em minha frente nunca mais.

Alfonso a ajuda a se levantar, ela parece um pouco desorientada. Vou até a porta para fechá-la, e ela segura meu braço e me fita com aquele olhar perturbador.

— Meu nome é Estrela, e fique o senhor sabendo que só estou aqui porque já fui paga,
NACIONAIS - ACHERON

mas é bom saber que o senhor não quer me ver, porque eu também não quero vê-lo, olhar para uma pessoa como o senhor me causa náusea. — Ela se solta das mãos de Alfonso, gira o corpo e sai marchando.

— Não ligue para ela, senhor Martinez. Ela tem personalidade, e isso é bom em uma mulher.

— A mantenha longe de mim, ou teremos sérios problemas, é só isso que peço. Pode ir.
— Fecho a porta com força, o estrondo é alto.

Merda! Filha da mãe!

Essa moça tem o dom de me tirar do sério. Merda! Quem ela pensa que é, a rainha de Sabá?! Acho que sim. *Inferno!*

Eu preciso me livrar dessa moça, ou não respondo por mim da próxima vez que ela me enfrentar. Sacana!

PERIGOSAS

Ela é linda, Deus do céu, aqueles olhos azuis, a luz que sai através deles... Só encontrei isso nos olhos da Isabelle. Não, não, *não, Alejandro, não viaja, ela não é a Isabelle. Está longe de ser ela, não confunda as mulheres, a Isabelle está morta.*

Mas ela é linda.

E está me deixando louco. Louco e assustado.



Estrela

Quem ele pensa que é? O rei do submundo gótico? Acho que sim! Que ódio desse homem petulante! Não quero e não gosto de sentir sentimentos mesquinhos, mas esse homem me tira do eixo da ponderação.

— Arggg! Filho da mãe!

Escuto um pigarro bem atrás de mim.

— Calma, Estrela! Ele não morde, está uma fera, mas não morde. Tenha paciência, as

NACIONAIS - ACHERON

coisas vão melhorar, eu sei que você vai conseguir.

Será possível, até Alfonso vem com essa conversa que eu vou conseguir! Viro-me para ele.

— Conseguir o quê? O Senhor Lourenço diz a mesma coisa. O que vou conseguir?

Alfonso ergue as sobrancelhas e me fita.

— Erguer o senhor Alejandro. Trazer luz para essa casa novamente.

Escutar tal absurdo me deixa incrédula. Será que eles acham que eu sou a salvadora da pátria? Aquele ser petulante não tem salvação.

— Por que eu? Cadê a mulher dele, por que ela não faz isso?

— Ela partiu, é por isso que ele está assim. O senhor Alejandro era uma pessoa totalmente

diferente antes dela.

Alfonso responde, consternado. Vem um sentimento dolorido dentro de mim, de repente me sinto comovida com a dor do senhor Alejandro.

— Oh, meu Deus! Eu não sabia, coitado, ele devia amar muito a mulher para ficar desse jeito! Espero que ela se arrependa e volte para ele.

— Ela não vai voltar, Estrela. Não vai voltar nunca mais. Ela... — Alfonso para de falar, baixa os olhos por alguns segundos, depois me fita, e seu olhar expressa sofrimento — Deixa para lá, vamos esquecer isso, por favor. Não toque nesse assunto com ele, certo?

— Como se eu e ele fôssemos confidentes, Alfonso. Você acha mesmo que eu e ele vamos nos sentar para tomar um café e ter altos

papos? Me deixe, viu! — Sorrio polidamente.

— Quem sabe um dia — ele diz, me olhando sério — Bem, vamos à lista. O que você quer que eu compre para a despensa e para você comer agora?

Faço a lista com todos os mantimentos necessários para uma cozinha decente. Ele é rico, então não economizo em nada. A lista continha desde utensílios domésticos a alimentos. Quando Alfonso lê a lista, pergunta se eu não queria acrescentar fogão, geladeira, máquina de lavar louça. Rio da piada e atiro um pano de prato nele.

— E para você comer, não vai querer nada para viagem? — Pergunta, curioso.

— A “fera” fez a minha fome passar, quando você chegar eu preparo algo. Hoje não irei para casa, preciso terminar de limpar esse lixo que

PERIGOSAS

o senhor bicho do mato chama de casa.

Alfonso me olha com os olhos apertados. Franze o cenho e articula:

— Ele não é o que parece, Estrela. O senhor Alejandro é uma excelente pessoa, as circunstâncias o transformaram no que é agora. Não se engane com a aparência dele.

— Ok, não quero mais falar sobre o desagradável do seu patrão. Ande, caia fora, vá comprar meu almoço!

Alfonso retorna duas horas depois. Quando entro na cozinha, as mercadorias já estão todas guardadas em seus devidos lugares.

— Vamos ver o que posso fazer para o jantar, tem que ser algo rápido e delicioso.

Encontro macarrão, molho pronto e carne moída.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Preparo a carne moída, em seguida o molho, junto os dois, acrescento folhas de manjerição e azeite doce. Jogo o macarrão na água fervente, espero oito minutos e o escorro, depois o coloco em uma travessa, jogo o molho por cima dele e um pouco de queijo ralado, depois o levo para o forno para gratinar. Pronto! Não sei se está gostoso, mas tinha um cheiro bom de lambar os beijos.

Eu não gosto, nunca gostei de comer sozinha, mas após a morte da vovó, fui forçada a me acostumar.

Já que era para comer sozinha, que fosse em uma mesa bem-posta e bonita. Uso a louça nova e os talheres também. Até que o Alfonso tinha bom gosto, ele comprou porcelana branca quadrada, a simplicidade tornando tudo mais bonito, e os detalhes completam a

NACIONAIS - ACHERON

harmonia.

A mesa ganha um vasinho de flores de alfazema – eu mesma colhi no jardim nos fundos da casa – velas, taças de cristal e uma linda jarra com suco de maracujá. Penso no nervosinho do senhor “fera”, ele precisa de um pouco de suco calmante. Olho com vaidade para a mesa, e a minha fome bate no estômago; ele ronca alto.

— Vixe, a fome bateu! Vamos lá, Estrela, esse monte de comida é todo seu.

Nem percebo que estou sendo observada, só quando levanto levemente os cílios que vejo um vulto do lado de fora da cozinha. Ele está parado, com as mãos para trás do corpo. Não havia prestado atenção, pois só a luz da cozinha está acesa. Limpo a garganta, e em um tom moderado, pergunto:

— Quer jantar? Há comida suficiente para dois, venha.

Ele vira as costas e sai apressadamente. Não, ele não vai fugir de mim, e não vou jogar toda essa comida fora. Vou atrás dele.

Ele já está com a mão na maçaneta da porta do escritório, quando seguro em seu braço.

— Por favor, senhor Alejandro. Não vamos brigar, a hora da refeição é a mais sagrada. — Ele fica parado, respirando pausadamente, a mão sem soltar a maçaneta. — Senhor Alejandro, somos adultos, vamos nos portar como tal. Jante comigo, fiz muita comida.

Seu rosto vira em direção à minha mão. Espero um puxão, mas ele não o faz, ao invés disso, diz:

— Estou sem fome, talvez mais tarde, mesmo assim, obrigado pelo convite.

Solto o braço dele, ele vira a maçaneta e se tranca em seu mundo novamente.

Desolada, volto para a cozinha e janto sozinha. Antes de ir me deitar, coloco um prato, talheres e uma taça na mesa, junto com um bilhete:

Sr. Alejandro, deixei um prato com macarrão no micro-ondas para o senhor, é só apertar a tecla iniciar, o suco está no refrigerador.

P.S.: O macarrão está uma delícia.

Empurro o papel entre a abertura debaixo da porta e depois vou dormir.

Quando acordo e entro na cozinha, fico surpresa com o que vejo. A mesa está arrumada e os pratos na máquina de lavar. Ele

comeu. Não sei explicar, mas meu coração se enche de felicidade. Ele se desarmou por alguns minutos e se alimentou. Para comemorar, resolvo caprichar no café da manhã.

Ovos, pão quentinho, queijo, suco de laranja, leite e café fresquinho e cheiroso. Arrumo tudo lindamente em uma bandeja, faço o sinal da cruz e levo para o escritório dele.

Para minha sorte, ele não está lá. Deixo a bandeja sobre a sua mesa. Meus olhos varrem rapidamente o ambiente e logo percebo que falta algo ali. Não só ali, mas em toda a casa. Fotografias; não existem fotos.

Apressadamente dou o fora da toca da fera. Saio de lá tão silenciosa como entrei e vou cuidar dos meus afazeres, os quais não eram

poucos.

Estou limpando um dos quartos, quando o vejo passar. O que ele irá fazer quando visse a bandeja com o café? *Provavelmente vai trazê-la aqui e jogar em mim.* Fico por alguns segundos esperando sua explosão, mas o silêncio é total. Sem louça se quebrando e sem palavrões.

Meu dia de sorte, hoje a “fera” está mansa.

Ligo o meu celular e ponho para tocar minha música favorita, *I’m a Mess*, de Ed Sheeran. Deixo tocar e começo a limpeza da casa. Chega em minha parte favorita, e começo a cantar em voz alta. Não sei falar inglês, então improviso do meu jeito, cada vez mais alto. Paro de limpar o vidro da janela para interpretar a música.

*“See the flames inside my eyes
It burns so bright I wanna feel your love
Easy baby maybe I’m a liar
But for tonight I wanna fall in love
Put your faith in my stomach”*

Dois braços surgem ao redor da minha cabeça e uma voz irritada, próximo ao meu ouvido, grita:

— Por que eu tenho a nítida impressão de que você adora me irritar?

Surpresa e em silêncio absoluto eu me viro, e assim ficamos frente a frente, ele com a cabeça inclinada, sua testa quase tocando a minha, eu só conseguindo piscar meus olhos arregalados. *E agora, o que faço?*

Engulo em seco, tento achar algum espaço

para fugir dali, mas os seus braços fortes não deixam alternativas.

— Mas... mas o que eu fiz agora? — Começo a falar e imediatamente paro, esqueço o que ia dizer quando paraliso naquele olhar tão penetrante.

Por trás daquele rosto peludo e daquela juba de leão, existe um homem bonito e muito triste. O olhar dele grita solidão.

— O que fez? Ainda pergunta?! Essa cantoria toda é para quê? — Seu rosto se aproxima um pouco mais do meu, sua testa a menos de um dedo da minha. Por um momento, eu penso que ele vai me beijar. — Só falta você me dizer que está ensaiando para um show de calouros.

Ele não se afasta. O hálito quente dele paira em meu rosto. Meu corpo inteiro se eriça,

minhas pernas bambeiam. Pouso as palmas das mãos na parede e as firmo lá.

— Odeio barulho, principalmente sua voz de taquara rachada! Faça um favor a si mesma, trabalhe calada! — Ele rosna bem próximo ao meu ouvido, sua barba roçando em meu rosto.

Por um instante, penso que vou desmaiar. Tremo nas bases. *Oh, Deus, me ajude.* O empurro descontroladamente. Ele dá um passo atrás, pego meu celular e fujo. Quando dou por mim, estou trancada no banheiro social.

Não sei por quanto tempo eu fico aqui, mas já faz muitos minutos. Olho para o meu celular e penso que *não* dá mais para trabalhar aqui. Ligo para o senhor Lourenço. Alguns segundos depois, ele atende.

— *Alô, Estrela! O que aconteceu?*

— Aconteceu que eu não posso mais

trabalhar aqui. Não dá, senhor Lourenço. Seu genro é um grosso, mal-educado e sem noção. Não precisa me pagar. Estou indo embora agora mesmo.

Ele fica mudo por alguns instantes. Após um silêncio atordoante, ele articula:

— *Três meses, Estrela, fique três meses. Vou aumentar duas vezes mais o valor do seu salário, mas você terá que dormir aí. Eu lhe garanto que ele não vai maltratá-la, e, a propósito, eu já quitei todas as suas dívidas e não descontarei no seu salário. Só me prometa que tentará ajudar o Alejandro, ele precisa de uma mão amiga. Por favor, Estrela, diga que aceita.*

Fico pensativa. É uma proposta indecorosa, praticamente estou vendendo a minha alma para o diabo. Será que valeria a pena?

— Aceito. — Consigo finalmente responder.

— Vou mudar o seu contrato, amanhã o envio para você. Estrela, tenha paciência com ele.

— Eu terei, senhor Lourenço, mas não sei por quanto tempo... — respiro fundo. — Senhor Lourenço...

— *Sim, Estrela.*

Eu preciso fazer essa pergunta.

— Onde está a sua filha, por que ela deixou o senhor Alejandro?

— *Ela partiu, Estrela, e o Alejandro não se conforma. Obrigado, minha filha, por tentar ajudá-lo. Agora preciso ir, o helicóptero está me esperando. Até mais, Estrela.*

Ele desliga, e eu fico mais curiosa. Qual foi o motivo de ela tê-lo abandonado? Um dia eu

descubro. Abro a porta do banheiro lentamente, coloco só a cabeça para fora e examino o local. Nem sinal dele. Saio de lá pisando em ovos e vou terminar de arrumar a casa.



Termino a limpeza e vou para a cozinha. Ligo meu celular e ponho a música do Ed novamente, dessa vez cantarolo baixinho. Para o almoço, escolho ensopado de carne, arroz branco e salada verde. Peço para o Alfonso colher umas goiabas para fazer um suco. Arrumo a mesa para dois, eu não sei se ele vai aceitar meu convite para almoçar, mas não custa tentar. Vou à toca da “fera” e bato, só umas cinco vezes. Uma voz contrariada

responde que não tem ninguém. Viro a maçaneta e abro a porta. Fico parada diante da entrada, criando coragem para abrir a boca. Ele é muito intimidador.

— O que quer? — Ele esbraveja — Ande, diga logo a que veio, ou vai criar raiz aí?

Santo Deus! O homem é um poço de arrogância.

— Eu... eu vim convidá-lo para almoçar, fiz ensopado de carne e está uma delícia. Está na mesa, se quiser venha logo, pois se demorar vai esfriar.

Saio às pressas, nem espero a resposta. Ele não vem. No fundo eu já sabia que isso iria acontecer, mas preparo dois pratos, um para ele almoçar e o outro para o seu jantar, e os deixo no micro-ondas.

Arrumo a cozinha e após tomo um banho.

Me arrumo e, antes de ir embora, bato na porta do escritório dele.

— Senhor Alejandro, deixei seu almoço e o seu jantar no micro-ondas. — Fico em silêncio. Eu sei que ele não liga se vou voltar, mas resolvo avisá-lo. — Volto às vinte e uma horas. Como vou dormir aqui, preciso pegar algumas roupas em minha casa. Até mais.

Ele nada diz. Afasto-me da porta lentamente, só quero ter a certeza se ele vai dizer alguma coisa, mas não diz.

Demoro mais do que previ, já são mais de vinte e duas horas quando volto. A casa está um completo breu. Para mim não é um problema, estou acostumada a andar no escuro. Só acendo as luzes da claraboia. Já estou a caminho dos fundos da casa, onde fica o quarto dos empregados, quando escuto um

grito. Vem do quarto do senhor Alejandro. Corro até lá.

— Não... não... não me deixe. Isa, volte... volte, Isa... eu preciso tan-tanto de você, não, não, não... não me deixe, não me deixe...

Ele se debate e grita desesperadamente. Não posso deixá-lo sofrer assim. Vou até a cama e me sento ao seu lado. Ele está suado, gotas do suor estão espalhadas por sua testa e pescoço.

— Isa... Isa... volta... volta para mim...

Ele começa a bater em si mesmo. Seguro suas mãos.

— Shh! Está tudo bem, senhor Alejandro. Está tudo bem, é só um pesadelo... — Passo minha mão em sua testa. Ele está queimando, ardendo em febre. Eu não posso deixá-lo sozinho, preciso cuidar dele.

Lembro-me que há um kit de primeiros socorros no banheiro. Corro até lá. Primeiro coloco o termômetro e espero apitar. 39º graus.

Jesus!

Antitérmico. Acho no armário do banheiro. Como fazer um homem daquele tamanho, delirando, ingerir um remédio horrível daquele?

Você consegue, Estrela.

Subo na imensa cama, sento sobre os meus joelhos, ergo a cabeça dele e forço o copo entre os seus lábios.

— Beba. Beba, senhor Alejandro, por favor, me ajude... — Ele cerra os dentes — Deus! Como farei para esse homem ingerir o remédio? Passa uma ideia em minha mente. *É para o bem dele, e ele nem vai se lembrar.*

Coloco o líquido amargo na boca e uno os meus lábios ao dele. Quando ele sente o toque da minha boca, entreabre os lábios, aproveito e jogo o remédio dentro da sua boca. Ele engasga, tosse um pouco. Tento me afastar, mas ele não deixa; une sua boca à minha outra vez e me beija.

É um beijo ardente, não só pelo calor da febre, mas pela posse. Ele me prende em seus braços e sua língua invade minha boca, se apossando de toda ela. Gemo, quando sinto sua mão em meu seio esquerdo.

— Isa... Isa, que saudade de você, eu te amo, te amo tanto.

A mão dele se arrasta para a lateral do meu corpo, desce pelo meu quadril, até ficar entre as minhas coxas. Seu dedo toca de leve em minha calcinha. *O que você está fazendo,*

Estrela? Retiro a mão dele para longe. Ele não me quer, ele pensa que sou sua ex-mulher. Não é justo para ele... nem para mim.

Minha boca se afasta da dele, ele tenta resgatá-la, mas sou mais rápida. Deito-o sobre os travesseiros.

— Isa, não me deixe — murmura.

— Shh! Descanse, quando o senhor acordar se sentirá melhor.

Ele acordou duas vezes durante a noite, a febre estava alta, ele delirava, gritava o nome dela. Fiz o mesmo procedimento, pus o remédio em minha boca, coleí meus lábios aos seus e transferi o medicamento para a boca dele. Não quis deixá-lo sozinho no quarto, então resolvi ficar na poltrona ao lado da cama dele.

Agora ele dorme serenamente, sua

respiração está tranquila. Não sei explicar, mas sinto uma vontade de abraçá-lo, colocá-lo em meus braços e protegê-lo daquela dor que ele sente.

Tudo foi muito louco nas últimas horas. Olho para o relógio: ele marca quatro e quinze da manhã. Estou cuidando do senhor Alejandro desde às vinte e três horas. A poltrona que escolhi para passar o restante da noite não é nada confortável. Encolho minhas pernas e tento dormir um pouco, rezo a Deus para que o senhor Alejandro só acorde quando for de dia. Estou me sentindo tão cansada e morrendo de sono...



Alejandro

Acordo sentindo um gosto amargo na boca. Minha cabeça lateja, sinto frio, mas estou molhado de suor. O quarto está escuro. Estranho isso, não costumo dormir com todas as luzes apagadas. Estico o braço e ligo o abajur à minha direita.

Estou sem a camisa do pijama. *Como assim?!* Lembro-me perfeitamente, estava com ela quando me deitei. Então vejo o kit de

primeiros socorros em cima da mesinha. *O que aconteceu aqui?* Ao lado do kit há um termômetro e um vidro de remédio. O pego, a inscrição indica antitérmico. Só então me lembro. Costumo ter pesadelos horríveis, e às vezes eles vêm acompanhados de febre alta, mas... mas quem administrou a medicação? Será que foi o Alfonso?

Sustento o corpo em meus cotovelos para sondar ao meu redor. Ainda é noite, está escuro. Olho ligeiramente o quarto, procurando algum indício de Alfonso, então... eu a vejo.

Estrela, a linda e pequena moça petulante. Ela está toda torta, encolhida na poltrona ao lado da minha cama. Então foi ela quem cuidou de mim, mesmo depois de todas as ignorâncias e estupidezes, ela cuidou de mim.

Levanto-me, vou até o closet, visto uma camisa de algodão, volto e vou até ela. Agachome e fico observando-a dormir. Ela parece tão tranquila, tão adorável. Toco levemente em seu rosto macio. Parece uma seda, mas frio, posso afirmar que está gelado. Ela está com frio.

Fico em pé, inclino o corpo em sua direção e a coloco nos braços. Ela faz um muxoxo e reclama de algo.

— Shh! Vou levá-la para a cama, lá você ficará mais confortável.

Ela se aconchega em meu peito.

— Você fede... — a pequena petulante murmura.

— Sim, eu sei... eu sei que estou fedendo.

Escolho o quarto ao lado do meu. Deito-a com cuidado na cama e a cubro com o edredom. Ela se encolhe e suspira. A pequena

NACIONAIS - ACHERON

moça tem um sono pesado, ou está muito cansada.

Fico por alguns minutos a observando dormir. Meu coração dá pulos, em tic-tac. Há muito tempo ele não palpita assim. *O que será que está acontecendo?* Será que essa pequena moça petulante mexeu com algo adormecido dentro de mim?

Ela se mexe, virando as costas para mim. Está na hora de voltar para o meu quarto, pois começo a sentir coisas que há muito tempo não sentia, e isso começa a me incomodar. Volto para o quarto e me deito, não demora e o sono chega.



O sol bate forte em meu rosto. As cortinas
NACIONAIS - ACHERON

da porta da varanda do meu quarto estão abertas. Olho para o relógio ao lado da cabeceira, ele marca nove e vinte da manhã.

— Caralho! Dormi demais.

Levanto-me apressadamente. Já ia vestir a roupa quando lembro de um murmuro: “Você fede”. Vou direto para o banheiro e me olho no espelho.

Você se parece com um homem das cavernas.

Dispo-me e entro debaixo da ducha. A água que escorre por meu corpo é escura. Estou muito sujo, nem me lembro quando foi a última vez que tomei um banho. Lavo os cabelos e a barba. Ainda não estou pronto para me livrar dela, na verdade, nem sei se quero isso. Meu banho demora cerca de uma hora.

Ao sair do boxe me sinto leve, acho que não

NACIONAIS - ACHERON

lavei só o corpo, lavei a alma também. Olho-me outra vez no espelho. Estou limpo, até os meus olhos estão mais verdes. Penteio os cabelos e a barba, visto uma roupa qualquer e vou em direção ao escritório.

Já estou abrindo a porta, quando escuto ao longe a voz de Alfonso, ele está ralhando com alguém.

— Desça daí você vai se machucar! Estrela, pelo amor de Deus, desça agora!

Ele está falando com a Estrela. Mas que inferno, o que ela está aprontando dessa vez? Dou meia-volta e vou em direção à voz alterada de Alfonso.

Eles estão nos fundos da casa.

— O que está acontecendo aqui? — brado. O Alfonso está de pé diante de uma mangueira, mas não vejo a Estrela. — Onde está a Estrela?

— Percorro minha volta com os olhos, mas não a vejo.

— Lá em cima. — Alfonso aponta para o alto da mangueira. Olho para cima, e lá está ela, quase no topo da árvore.

— Caralho, Alfonso! Como você deixou isso acontecer? Ela pode se machucar!

— Não tive culpa, senhor Mart... Alejandro, quando vi, ela já havia subido na árvore.

Olho impaciente para ele. Não adianta se desculpar, ele devia ter prestado atenção nela.

— Estrela, desça daí agora. Vamos, não estou pedindo, estou mandando! Desça agora! — esbravejo. Ela ainda não me viu zangado, mas não viu mesmo.

— Só desço quando pegar aquela manga. — Ela olha para baixo, depois aponta para uma manga bem no alto. Ela teria que subir mais

NACIONAIS - ACHERON

uns dois galhos para alcançá-la.

— Estrela, nem pensar. Desça agora, é uma ordem! Desça dessa porra de árvore agora, ou não respondo por mim. — Eu não estou brincando, seria capaz de sacudir tanto o seu corpo, que os miolos dela iriam liquefazer.

— E o que o senhor vai fazer? Vai vir me buscar aqui em cima? — Desafortada filha da mãe! Quando eu pegar essa moça petulante, ela vai se ver comigo.

Fico olhando para cima, a observando conseguir pegar a manga. Olho para o chão, que já está cheio de frutas. Por que diabos ela quer aquela fruta? Já há muitas, daria até para vendê-las, se quisesse. Ela consegue chegar rapidamente na parte baixa da árvore e coloca o pé na rampa da escada, então acontece o inevitável: ela escorrega. Ela tenta se segurar

no galho da árvore, mas ele não suporta o seu peso. Sou rápido, me jogo no chão e ela cai por cima de mim.

Cristo! Meu coração vai à boca. Ela está trêmula, a seguro tão apertado que ela precisa respirar fundo. Ela geme, e eu me assusto. Pensando que ela se machucou, a viro para mim, e vejo que seus lindos olhos azuis estão marejados. Não gosto disso, aquilo me quebra por dentro. Por quê?

— Você se machucou? Estrela, você se machucou?

Ela morde o lábio inferior, baixa os cílios timidamente, depois me olha novamente e assente com a cabeça. Tento me levantar junto com ela, mas é impossível. Alfonso a tira de cima de mim, e me levanto imediatamente. Estrela segura a mão esquerda, então eu vejo:

ela está sangrando. Puxo-a das mãos de Alfonso. É tudo muito rápido, fico tão desesperado quando vejo o sangue escorrendo entre os seus dedos, que nem penso; a coloco nos braços e a levo para dentro da casa.

— Alfonso, rápido, pegue o kit de primeiros socorros lá na minha suíte. — Ele está bem atrás de mim, e também está preocupado. Sai às pressas.

— Deixa eu ver sua mão? — Ela aperta a mão com os dedos da mão direita. — Estrela, deixe eu ver sua mão, eu preciso ver o que aconteceu.

Ela começa a chorar. *Não, não, pequena, não chora.* Então faço o que o meu coração pede, a puxo para mim e a abraço.

— Não chore, por favor, não chore. — A afasto do meu corpo, seguro o seu rosto com

minhas duas mãos e fito aquelas duas estrelas lindas. — Deixe-me ver sua mão. — Ela soluça.

— Você vai brigar comigo, vai gritar no meu ouvido — ela murmura, baixando os cílios.

Eu sou o culpado, sei que sou, eu sou culpado por assustá-la tanto. Desde que ela chegou aqui, a única coisa que faço é bancar o rude, o monstro. Aliso o seu rosto com o polegar. Olhar para ela me queima por dentro. Ao mesmo tempo que eu sinto uma vontade enorme de mandá-la embora, algo dentro de mim pede para deixá-la ficar.

— Prometo, não vou gritar com você, não agora.

Ela me abraça. Por que ela fez isso? O rosto dela fica escondido na curva do meu pescoço, sinto o seu hálito quente e suas lágrimas. Seguro por seus pequenos ombros e a ergo.

Olhinhos vermelhos, bochechas rosadas, e grama verde em seu cabelo loiro. Ela está tão linda!

Reticente, ela me mostra a mão suja de sangue. Então vejo o estrago.

— Merda! — Exasperado, grito. O corpo dela estremece com o meu grito. — Merda, Estrela. Que porra você tinha que subir em uma árvore! Merda! — Há uma farpa enorme, do galho da árvore, na palma da mão dela.

Alfonso chega e me entrega o kit.

— Nossa! A coisa está feia. — Ele diz. Olho para ele, contrariado.

— Se você tivesse ficado de olho nela, isso não teria acontecido. — Nem olho para ele, estou com raiva dos dois.

— Ele não teve culpa. — Ela o defende. — Eu já estava na árvore quando ele me viu.

— Não interessa, você é minha responsabilidade... — Freio minhas palavras. *Que merda eu estou dizendo?*

Seguro a mão dela com firmeza. Quando tento retirar a farpa, ela solta um grito.

— Caralho do inferno! Porra, porra! Você está vendo o que fez a si mesma, sua irresponsável? E agora? — Olho para ela. Eu sei, provavelmente meu olhar é frio, percebo isso quando os lábios dela tremem.

— Desculpe-me, não foi a minha intenção acordar hoje e cortar a mão. — E a sacana ainda é sarcástica.

— Você gosta de me ver irritado, não é? — Ela fica me olhando. Cristo! Era como se eu estivesse voltando ao passado, e a... a Isa estivesse bem diante de mim. Engulo em seco, mas eu sei que não é ela, e a minha realidade é

outra. — Estrela, não posso deixar essa farpa em sua mão, portanto, eu preciso que seja forte. Prometo que serei rápido, ok? — Ela concorda e morde o lábio inferior com força.

Minhas mãos tremem, e o meu coração já está perto de explodir. Seguro firme a ponta da farpa e puxo tão rápido quanto posso. Ela solta um grito, fica pálida, as lágrimas começam a descer por seu lindo rosto.

— Dói, dói muito. — Ela murmura.

Sopro o corte e o pressiono com os meus dedos. Alfonso me ajuda a limpar, fazemos o curativo. Ela fica o tempo todo imóvel, olhando cada gesto meu. Só escuto a sua respiração ofegante. Ela foi corajosa. Alfonso sai, sorrateiro, nos deixando sozinhos. Agora era ela e eu.

— Estrela, por que fez isso, por que pôs sua

vida em risco, hein? — Tento ser o mais calmo possível, pois o que eu quero mesmo é gritar com ela.

— Eu queria pegar aquela manga grandona para você. Só queria vê-lo sorrir, ao menos uma vez. Desde que cheguei aqui, nunca o vi sorrir. Vo-você só grita e briga comigo.

Ela me desarma. A brandura da sua voz e o seu olhar carinhoso derretem o meu coração frio. Só quero fazer uma coisa: abraçá-la. Porém, me contenho. Mas lhe ofereço um meio sorriso.

Ela esbugalha os olhos e sorri, feliz.

— Você devia rir mais vezes, fica muito lindo, parece até gente. — Ela adora isso, adora me tirar do sério. — Outra coisa — ela me olha com um sorriso brincalhão no rosto — Parabéns!

PERIGOSAS

— Parabéns? Pelo o quê? — Pergunto, curioso.

— Você tomou banho, está cheiroso. — Ela sorri. — Seja bem-vindo ao mundo dos vivos.

— Você realmente adora me ver irritado, já percebi isso... — Ela dá de ombros. — Obrigado! — Agora é a vez dela me olhar espantada — Obrigado por cuidar de mim durante toda a madrugada. Eu sei que não fui uma boa pessoa, mas podemos zerar tudo e começar novamente — Estendo minha mão para ela. — Olá, me chamo Alejandro, prazer em conhecê-la!

Ela aceita minha mão.

— Prazer, Alejandro, me chamo Estrela. Eu sei que o meu nome é esquisito, mas eu adoro, o ganhei por causa das duas estrelas nos meus olhos.

NACIONAIS - ACHERON

Sorrio para ela. Já ia soltando a sua mão, quando ela me puxa e me abraça. Sua boca encosta em minha orelha e ela sussurra:

— Obrigada por cuidar de mim. — Ela se afasta e beija o meu rosto.

Faz tempo que eu não recebo um carinho assim.

O resto do dia transcorre tranquilo. Proibi a Estrela de fazer qualquer atividade doméstica, mas falar com ela é a mesma coisa que falar com as paredes; ela me mandou cuidar da minha vida. Não quero discutir com ela, estou cansado de brigar, então deixo-a em paz, me tranco em meu escritório e ela fica pela casa com aquele bendito celular, tocando a mesma música, e ela cantando do jeito dela. Confesso, já estou gostando de sentir a presença dela.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

09 de setembro de 2016

*H*oje faz dois meses que a Estrela está trabalhando em minha casa. Ainda não estamos cem por cento amigáveis, brigamos uma vez ou outra – ela é teimosa e me tira do sério – também não me habituei com a ideia de ter alguém 24 horas ao meu lado, principalmente quando esse alguém é barulhento e me faz lembrar *dela*, a minha Isabelle, mas paramos de atirar farpas um no outro. Ela fica no canto dela, e eu no meu.

Só nos vemos no horário das refeições, pois ela detesta comer sozinha, e se não me juntar a ela, não fico em paz.

Algumas vezes, me pego pensando nela, em Estrela, principalmente aos domingos, quando é a sua folga e ela volta para casa e só retorna na segunda. Isso está bagunçando minha

NACIONAIS - ACHERON

cabeça, são sentimentos que não quero mais sentir. Apegar-se a alguém é muito doloroso, principalmente se esse alguém nos deixa inexplicavelmente... Não; não quero apego a nada. No entanto, Estrela me deixa zozinho.

Sinto o cheiro dela em todos os cantos desta casa, vejo o seu lindo riso todas as vezes que fecho os meus olhos, e escuto a sua canção favorita mesmo quando ela não está cantando – eu mesmo já me peguei cantarolando algumas vezes. Isso se chama tortura chinesa. Rio com a minha comparação.

Ontem, quando a Estrela me beijou no rosto – ela beija meu rosto todas as noites antes de dormir – fiquei com uma vontade doida de jogá-la na parede e sentir o calor da sua boca na minha. *Caralho!* Eu fiquei de pau duro só com um beijo no rosto. Desde que a Isabella se

foi, não sinto essa necessidade tão pungente. Pensei até em ligar para uma das meninas da agência de acompanhantes e contratar uma, mas pensei melhor. Não seria correto fazer isso com a Estrela aqui. Mas me masturbei feito um maldito adolescente, e todas as vezes que gozei, chamei o nome dela. *Estou me tornando um tarado.*

Definitivamente, a pequena petulante está bagunçando o meu mundo. Por isso estou evitando ficar muito tempo perto dela, como agora mesmo. Ela me convidou para jantar, mas recusei. Hoje é um dia daqueles, em que até a voz dela está me deixando excitado. Eu estou muito fodido.

— Alejandro... — e por falar na diaba, olha ela me chamando. — Alejandro, vem cá.

Eu querendo fugir, e ela querendo atíçar o

meu animal adormecido.

— Estou trabalhando, Estrela. Não posso sair agora.

— Poxa! São quase vinte e três horas, já está na hora de dormir. Por favor, Alejandro, vem cá, eu quero muito te mostrar uma coisa.

Olho com impaciência para a porta. Eu a conheço, ela não sairia dali até que eu a abrisse. Levanto, respirando fundo.

Hoje vou fazer merda, eu tenho certeza disso.

Abro a porta. E lá está ela, seus olhos brilham mais que duas pedras de diamantes. Ela está eufórica, não sei por que, mas está. Sou puxado por sua mão, e ela me leva para o jardim.

Ela senta na grama verde, enquanto fico em pé. Estrela ergue a cabeça em direção ao meu

NACIONAIS - ACHERON

rosto e bate a pequena mão na grama.

— Sente aqui ao meu lado. — Fico sem saber o que fazer. Ela ri e se deita. — Vem, deita aqui comigo, vou te mostrar a minha estrela.

Sento na grama. Ela puxa a manga da minha camisa e me pede para deitar. Termino acatando o seu pedido.

— Está vendo aquela estrela ali? — Ela aponta com dedo para o céu.

— Aquela grandona ali? — Aponto o dedo também.

— Não, aquela pequenininha, lá atrás, bem no fundo do céu — vira a cabeça em minha direção rapidamente. — A menorzinha — aponta outra vez — aquela lá sou eu.

Olho para ela, admirado. Outra pessoa escolheria a maior de todas, a mais brilhante, mas ela escolheu a menor e a mais distante.

— Por que não a maior? — Indago.

— Por que não quero ser observada, quero observar; não quero ofuscar o brilho das outras. Ficando um pouco mais atrás, posso observar tudo, posso apreciar todas as belezas desse mundo maravilhoso.

Viro de lado, seguro minha cabeça com a palma da mão e fico observando aquele rosto lindo, escutando a brandura da sua voz. Minha vontade é beijá-la de todas as formas possíveis. Bem, se eu não me levantar e sair dali imediatamente, provavelmente seria isso que aconteceria.

Então, ela vira o rosto para o meu. Ficamos presos em nossos olhares. Eu sei que ela não é a Isa, mas os olhos dela são tão parecidos com os da Isabelle. Não, eu não posso fazer isso, não posso beijá-la, seria cruel demais... cruel

com ela. Eu amo a Isabelle, e... e nunca mais conseguirei amar outra mulher.

— Acho melhor entrarmos. — Me sento — Está tarde, amanhã tenho uma reunião cedo, e além do mais parece que vai chover. — Aponto para o céu e mostro algumas nuvens escuras. Sustento o meu corpo com os braços para me levantar, mas ela segura um deles.

— Quem é você lá em cima? — Olho para ela. Está tão desejável. Os cabelos espalhados pela grama, os lábios brilhantes e carnudos, tão, tão convidativos.

— Lá não há lugar para mim. Minha estrela morreu há dois anos, ela explodiu no espaço.

— Alejandro — ela diz o meu nome lentamente. —, posso escolher uma estrela para você?

— Não! — Puxo o meu braço da sua mão —

Venha, vamos dormir. — Ela me puxa pela camisa, perco o equilíbrio e caio por cima dela.

Nossos rostos ficam a pouco mais de cinco dedos de distância. Prendo a respiração; ela também.

— Alejan... eu... eu — Ela fecha os olhos.

Nossas bocas se unem, e o gosto dos lábios dela invade a minha mente. Por um instante, um branco em minha mente me faz esquecer toda a dor do meu coração, e eu só quero aquela pequena estrela para mim.

O beijo é tão lento, tão saboroso. Ela entreabre os lábios e deixa a minha língua tocar a sua. Aos poucos, ela vai explorando toda a boca. Dedos circulam a minha nuca e se entrelaçam nos fios dos meus cabelos.

Uma das minhas mãos desce por seu corpo e se entrelaça com a sua outra mão. Aperto

seus dedos com os meus.

— Estrela... — finalmente consigo falar, meu cérebro trabalhando para entender o que está acontecendo.

— Estrela... — Repito. Deixo escapar um suspiro. Solto sua mão e contorno suas curvas com os meus dedos, ela geme baixinho. — Estrela... nós não po... podemos fazer isso. — Digo, com a boca colada à dela.

Ela arqueia o corpo e me puxa para ela. Fico por cima dela, tentando manter o peso do meu corpo longe do dela. Mas não me afasto muito, eu quero sentir o calor da sua pele. Uma mão circula a curva do seu queixo para aprofundar o beijo, e a outra faz manobras em todas as suas curvas, até chegar ao seu seio.

— Humm! Isso é bom. — Ela sussurra, quando sente a pressão dos meus dedos ao

redor do mamilo retesado.

Solto sua boca, minha cabeça abaixa em direção ao seu pescoço. Ela inclina a cabeça para me dar mais acesso. Meus lábios deslizam pela pele suave, minha língua escorrega para baixo até encontrar a curva dos seus seios. Dedos nervosos abrem os botões da blusa, puxo o sutiã para cima e liberto os dois seios, branquinhos com aréolas rosadas. Salivo; eles são lindos e eu os quero em minha boca. Circulo minha língua ao redor de cada um, os mamilos estão muito eretos. Mordo-os e os chupo em seguida, faço isso por diversas vezes.

Estrela continua a acariciar meus cabelos, e quando sente minha mordida, ela pressiona minha boca em seu seio, solta um gemido e sua respiração acelera.

Cristo! Há quanto tempo não sinto isso, há

quanto tempo não desejo uma mulher como estou desejando agora!

Não, não quero pensar nisso agora, eu a quero, quero a Pequena Estrela.

Arrasto minha mão outra vez em suas curvas, puxando sua pequena saia para cima, meus dedos tocando a carne nua, quente e sedosa. Eles vão para a parte interna das suas coxas, e ela os prende lá, sem me deixar movê-los para onde eu quero ir: para sua boceta.

— Solte minha mão, Estrela — largo o bico do seu seio e sussurro. Ela abre as pernas lentamente.

Minha mão refaz o caminho, circula toda a sua coxa e volta novamente para o mesmo lugar, para a parte interna das duas coxas. Toco o tecido da sua calcinha com a ponta do dedo. Estrela arqueia o corpo com força e abre

as pernas mais uma pouco. Meus dedos deslizam ao longo do tecido da sua calcinha, puxo para um lado com um dedo, e os outros dedos se apossam da sua carne encharcada. Ela ofega em voz alta.

— Alejan... Alejandro, humm! Deus! Isso é muito bom.

Tomo o outro seio com a boca e belisco o seu clitóris com meus dedos, meu dedo indicador percorre os seus fluidos, procurando a sua entrada, e vai entrando lentamente. Ela é tão apertada e tão deliciosa.

Meu membro pulsa em minha calça, está louco para ser libertado, louco para saborear aquela gruta quente e molhada.

— Estrela... — sussurro o seu nome enquanto enterro meu dedo em sua vagina. Ela solta um grito quando meu dedo entra todo.

PERIGOSAS

Ergo a cabeça, e dois olhos azuis assustados me fitam. Então, eu me lembro dela... lembro-me da Isa. E tudo muda, percebo que o que estou fazendo é muito errado, eu não posso continuar, não está certo.

— Desculpe-me, Estrela, mas eu não posso fazer isso...

Levanto tão rápido que quase tropeço em meus próprios pés. Fujo como um covarde, deixando Estrela seminua, deitada na grama, sozinha e atordoada.



Alejandro

A imagem dela, deitada na grama, com os olhos brilhantes de desejo, não sai da minha mente. Não sei se fiz o certo em fugir, o meu coração diz não, mas a minha mente diz sim.

Meu corpo concorda com o meu coração; ele está trêmulo. E como um covarde, escondo-me em meu escritório, tranco a porta à chave e pego uma garrafa de uísque. Sento-me em minha cadeira e viro o líquido dourado na

boca, é no gargalo mesmo. Para que copo? Rezo para que ela não venha atrás de mim. Se isso acontecer, não responderei por meus atos.

A porra do meu desejo está no comando, não vou conseguir fugir novamente da Estrela.

Eu preciso de distração. Ligo o notebook e aperto o primeiro botão de música que eu vejo. Caralho! A porra da música que ela vive cantarolando pela casa, *I'm a Mess*, de Ed Sheeran, começa a tocar.

Fico surpreendido comigo mesmo quando me dou conta que estou cantarolando a música. Só então percebo que Estrela canta esta música para mim. São os meus sentimentos conflitantes que estão descritos em cada frase da canção. *Merda!*

Viro o gargalo da garrafa outra vez na boca.

O líquido desce queimando. Coloco a garrafa sobre a mesa e apoio minha cabeça sobre a mão que seguro a garrafa. Fecho meus olhos, e passa um filme da minha vida em minha mente.

Em fevereiro de 2014, minha vida era normal. Ficava com todas as mulheres que eu quisesse, viajava pelo mundo assinando contratos, abrindo novas empresas e fechando outras. Uma vida toda certinha e bem programada. Nela nem se cogitava a ideia de me apaixonar e principalmente “casar”, mas em março, quis o destino que eu conhecesse Isabelle Disano, a mulher que transformou o meu mundo. Ela me mostrou o caminho da felicidade e depois me mostrou o caminho da tristeza. Levou com ela toda a luz da minha vida. E hoje eu sou isso, uma simples sombra negra, incapaz de ir para a luz, com medo de

NACIONAIS - ACHERON

amar novamente.

NÃÃOO! Eu não cairei na mesma armadilha novamente, nunca mais!

Esvazio a garrafa. Estou bêbado e fodido. E ela, como será que a Estrela está? Eu a magoei, eu sei que fiz isso – sempre faço. A deixei sozinha, provavelmente baguncei a cabecinha dela.

Você é um estúpido, Alejandro, um babaca.

Tento me levantar da cadeira, mas minhas pernas não sustentam o meu corpo; caio no chão, de cara. Por sorte o chão é acarpetado, não me machuca. Tento erguer o meu corpo com os meus braços, mas estou muito bêbado.

Porra! Eu sou um fodido filho da mãe.

Com muito esforço, consigo me sentar e apoiar minhas costas na parede. Puxo o ar com força para os meus pulmões.

Caralho! Alejandro, você precisa se levantar.

Escuto o som de um trovão, começa a chover, e os trovões começam a tocar a sua música. Só falta ficar tudo escuro... e fica. A energia elétrica se vai.

Estrela! Deus do céu, ela deve estar apavorada.

Não sei como, mas consigo me levantar. Dou dois passos para a porta, mas não vou adiante, minha visão fica turva, não consigo sentir mais nada.

— Alejandro... Alejandro — eu conheço aquela voz doce. — Alejandro, por favor, abra os olhos. — é ela, *Estrela*. Tento abrir os meus olhos, mas não consigo. Minha cabeça está quase explodindo de dor. — Vamos, senhor Rabugento. Abra esses lindos olhos verdes,

contemple-me com a luz do seu olhar. — Ela ainda consegue ser engraçada. Tento mover os lábios para lhe oferecer um breve sorriso, mas, ao invés disso, solto um gemido de dor. — Seu maluco, como foi beber uma garrafa de álcool de uma vez?

Ela me solta, deixando-me sozinho. *Não, não, volte aqui, Pequena Estrela. Volte, por favor!*

Escuto um barulho, parece com gavetas se abrindo. Não, não, ela não ouse mexer em minhas coisas! Levanto-me mais rápido do que eu posso. Minha cabeça gira, penso que vou desmaiar.

Meus olhos pairam sobre ela. Estrela está fuçando em minhas coisas. Ela não deveria fazer isso.

— Pare agora o que está fazendo! — Vocifero

— Afaste-se das minhas coisas! — Ela continua a mexer em minhas gavetas. Vou até ela e a empurro com força — Por acaso você é surda? — Minha mão segura com força o seu punho, estou possesso de raiva — Saia daqui agora, dê o fora daqui! Agora! — Esbravejo com toda fúria, a saliva salta da minha boca — Caia fora, sua intrometida! Fora! — A empurro, guiando-a para a porta.

Ela me olha com pavor nos olhos, suas mãos tentam se proteger dos meus empurrões. Estou cego de raiva. Por que ela foi mexer no que não é da sua conta?!

— Fora, vá embora daqui! AGORA!

A empurro com força, e ela perde o equilíbrio, e se eu não fosse rápido, segurando-a pelo punho, ela teria caído de costas no chão.

— Solte-me, seu grosso! Seu estúpido, será

que você não percebeu — os olhos dela me fitam com tristeza — que eu só queria ajudá-lo? Precisei forçar a fechadura da sua porta com a faca para abri-la, eu pensei que você tivesse tido outra crise, como da outra vez... eu só queria ajudá-lo...

— Saia, vá embora! — Grito, apontando para a porta.

— Agora eu entendo por que a sua mulher o deixou, ela fez bem mesmo em ter ido embora, ninguém merece conviver com um ser tão desprezível como o senhor! E quer saber, eu espero que ela nunca mais volte. Ela deve estar bem melhor agora...

— Cale-se! — A interrompo. — Não ouse mencionar a Isabelle, você não é digna nem de pensar sobre ela!

— Pois eu lhe digo mais! Eu, no lugar dela,

nunca mais olharia em sua cara feia e...

— Cale-se, cale-se! A Isa está morta, ela morreu na véspera do nosso casamento! — Meu coração bate tão acelerado que penso que vou ter um AVC. — Vá embora daqui, nunca mais quero vê-la novamente! — Caio de joelhos ao chão, levo as mãos ao rosto e começo a chorar compulsivamente.

Estrela fica atônita, ela me olha inexpressivamente.

— Ale-Alejandro, eu sinto muito, eu não sabia...

Ela faz menção de vir até mim. Eu não preciso da sua piedade, eu só quero ficar sozinho com minha dor.

— Nem mais um passo! Vá embora daqui, desapareça da minha frente! — A fito com força raivosa nos olhos. — Desapareça do meu

PERIGOSAS

mundo, a-go-ra! — Falo pausadamente. —
RUA! — Grito.

Estrela caminha de costas. Ela me olha apavorada, lágrimas escorrem por sua face, e os seus lábios tremem. Ao chegar na porta, ela se vira e sai correndo, só escuto o som da porta batendo com violência, acompanhada dos estalos dos trovões e da claridade dos raios e relâmpagos. A tempestade não está só dentro da minha casa, está também lá fora.

Fico sentado no chão, sobre os meus joelhos. As lágrimas também banham o meu rosto, e a dor latejante em meu peito me sufoca. Eu não queria magoar a Estrela... eu não quero sentir tanta dor, só quero que essa ferida cicatrize e eu possa viver outra vez.

Mas isso só acontecerá no dia em que eu vingar a morte do meu pai e da Isa. Eu só

NACIONAIS - ACHERON

posso ser feliz quando tudo isso acabar. E a Estrela quase descobriu os meus planos, pois na gaveta em que ela estava fuçando, estão todas as provas que juntei todos esses dois anos. Lá continha fotos, lista de endereços e as imagens do acidente de Isabelle. Eu não podia deixá-la ver aquilo. Não, eu não podia. É terrível demais para um anjo tão delicado como ela.

Não sei por quanto tempo fico ali – sentado sobre os joelhos, no chão acarpetado – só me dou conta do tempo quando escuto os gritos de Alfonso.

— Senhor Martinez a... a Estrela, ela foi embora!

Alfonso está ofegante e completamente encharcado. Levanto-me e vou até a minha mesa, onde calmamente fecho a gaveta.

PERIGOSAS

— Sim, eu sei... e daí?

— Senhor, ela não podia ir, está chovendo muito, é perigoso.

— E desde quando tomar um banho de chuva é perigoso? Ela não vai morrer por isso.

— minha cabeça lateja, minha boca tem um gosto amargo. Olho para ele. — Amanhã leve as coisas dela, não a quero nessa casa novamente, nunca mais...

— Senhor — sou interrompido. Ele vem até a mim, segura em meu braço e olha em meus olhos com preocupação — O rio transbordou, não tem como atravessar. Eu fui atrás dela e não a encontrei... — ele engole a saliva — só encontrei isso — meus olhos vão direto para a mão dele, e nela está um dos sapatos de Estrela.

Preciso me segurar na mesa para não cair.

NACIONAIS - ACHERON

Estrela! Deus! Empurro o Alfonso para o lado e saio correndo. Se algo acontecer à Pequena Estrela, nunca vou me perdoar.

— Vocês dois vão por ali, eu e o Alfonso para a ponte. — Ordeno aos meus seguranças — Alfonso, onde você encontrou o sapato da Estrela?

— Ali, senhor, bem ali, perto daquela árvore — ele aponta para uma imensa jaqueira. — Senhor, se ela tentou atravessar a ponte, com essa correnteza ela não conseguiu... — sua voz sai arrastada na última palavra.

É o que eu temo. A Estrela é teimosa e está com raiva de mim, meu medo é que ela, cega pela raiva, tenha tentado lutar contra a correnteza. Contudo, eu sei que ela conhece Rio Alto e já sabe o quanto o rio é perigoso.

— Talvez não, Alfonso. A Estrela conhece

esse lugar como a palma da mão... e eu também — Olho para ele — Venha, eu conheço um atalho que nos leva para a cidade. É perigoso, mas não precisamos atravessar o rio.

Eu conheço Rio Alto tão bem quanto a Estrela, passei minha infância explorando esse lugar. Meu maior medo é o caminho íngreme e escorregadio. Um descuido mínimo que fosse, ela poderia cair em alguma vala, ou pior, em algum precipício. A chuva não ajuda, e a escuridão também não, mesmo com as lanternas é difícil enxergar onde estamos pisando.

Escuto um estalo forte, e eu e o Alfonso viramos as lanternas na mesma direção — um raio atingiu uma árvore bem próximo a nós e ela se partiu ao meio. Não conseguíamos escutar quase nada, só o barulho da chuva

forte batendo nas árvores. Começamos a subir um caminho estreito e muito íngreme, muito escorregadio, mal conseguíamos ficar de pé, nos equilibrávamos nos galhos das árvores. Está muito difícil de enxergar, a chuva aumentou o volume e a mata está se fechando, de onde estávamos podíamos ouvir o barulho da cachoeira – ela está feroz. *Deus! Só espero que ela não tenha ido por lá.*

— Senhor, é melhor deixar o dia clarear. Não dá para continuarmos, vamos terminar sofrendo um acidente, está ficando muito perigoso, e se algo acontecer conosco não poderemos resgatá-la — Alfonso está muito assustado — Isso se ela realmente tomou este caminho. — Ele completa.

— Ela veio por aqui, sim, Alfonso — seguro em um galho para me equilibrar — Está vendo

aqueles galhos ali? — Aponto com a lanterna em direção à minha esquerda. — Não foi a chuva quem os quebrou, e eles foram quebrados há pouco tempo. Vamos, Alfonso, eu só volto com ela em meus braços.

Não, eu não iria perder mais uma pessoa em minha vida, não iria mesmo.

Seguimos caminho acima, escorregávamos mais do que subíamos, mas conseguimos chegar à parte mais alta. Andamos alguns metros, e quando minha lanterna ilumina algo branco, firmo a mão. Estou trêmulo, não só por causa do frio, mas de medo, medo de que algo ruim tenha acontecido à Pequena Estrela. A lanterna ilumina mais de perto... então vejo o pedaço do tecido do vestido dela.

— É ela... é ela, Alfonso, é a Estrela!

Corremos em direção à duas grandes pedras

cobertas por muitos arbustos. Ela está inconsciente e com um corte feio na testa, sangrando um pouco, acho que não sangra mais por causa da água da chuva.

— Estrela, Estrela, fale comigo. Pequena, por favor, minha Pequena Estrela, não faça isso comigo... Estrela...

Ela não responde, está muito fria. Meu coração está quase saindo pela boca, o medo vem com força, as imagens de Isabelle naquela maca fria no hospital tomam a minha mente.

Não... não, eu não passarei por isso novamente.

— ESTRELA — grito, olhando para o céu negro coberto por nuvens pesadas de chuva. A água lava o meu rosto, e junto leva as minhas lágrimas. — Eu sei que eu sou um idiota, um filho da mãe estúpido, mas eu prometo,

prometo, Deus, que tudo será diferente, só não a leve também, por favor!

Alfonso tenta tirá-la dos meus braços, mas o empurro. Junto todas as minhas forças e a coloco bem próximo ao meu peito. Levanto-me com ela presa ao meu corpo e saio cambaleando pelo caminho escorregadio. Alfonso, vez ou outra, me ajuda segurando por meu braço, impedindo-me de escorregar.



Alejandro

*E*u não acredito mais em Deus, desde que ele me levou as pessoas que mais amei na vida. Primeiro a minha mãe, depois o meu pai e a minha Isabelle.

Para mim, Deus é um cara muito estranho, ele nos dá tudo só para depois nos tirar. Não sei que graça tem em fazer isso. Então resolvi riscá-lo da minha vida.

Mas hoje, não sei explicar, senti a

necessidade de lhe pedir para não a levar também, já que ele adora me ver desesperado. Não sei se funcionou, pois, ela ainda está tão fria, tão quieta em meus braços.

Levanto a cabeça e olho à minha volta. Nos arredores pouco se consegue ver, mas quando as luzes dos relâmpagos explodem, dá para perceber o estrago que o temporal fez. Lama para todos os lados, árvores caídas e a água do rio Alto já está próximo à entrada da estrada que leva até a casa de campo. Outro trovão assustador rasga o céu.

Seguro-a forte em meu corpo. Não quero que ela se assuste. Começo a caminhar apressadamente.

Olho para o Alfonso, ele não tira os olhos de mim. Acho que sei o que se passa pela cabeça dele. Ainda me lembro do rosto dele quando

fui vê-lo no quarto de hospital, um dia depois do acidente. Abatido, consternado, as lágrimas descendo por seu rosto. Ele se culpa por não ter conseguido salvar a Isa e o meu pai, como se tivesse sido culpa dele. Os bandidos traiçoeiros emboscaram o carro de Alfonso primeiro, atirando nos pneus, e o carro capotou. Alfonso ficou quase dois meses hospitalizado, ele quebrou a bacia, o pé esquerdo, a mão direita e três costelas.

Sinto nos olhos de Alfonso a dor e o remorso. Mas eu fiz de tudo para tirar o peso da culpa das costas dele. Ele é um amigo, um grande amigo.

— Alfonso, me ajude aqui. — O braço de Estrela escorregou e está pendurado, balançando muito. Meu medo era que se eu escorregasse e caísse, machucasse o braço dela.

Alfonso o coloca preso ao meu peito. — Obrigado! Agora abra o portão. — Ele abre. Espera-me passar, logo depois segura meu braço. O fito com impaciência.

— Senhor, ela ficará bem? — Ele queria fazer esta pergunta desde o momento em que a encontramos. Minha mente começa a repassar todas as lembranças do passado. Não, eu não viveria aquilo novamente.

— Ela está bem, não se preocupe. Agora vá, vá cuidar de toda essa bagunça.

Alfonso sai à procura dos outros seguranças. Mudo de direção, estou descalço, e as pedras de ardósia estão escorregadias. Caminho por sobre a grama até chegar à entrada principal.

Respira, Pequena Estrela, respira.

No meu desarvorado desespero, e com o
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coração na mão, eu faria um pacto com o diabo se ele aparecesse aqui e agora. Eu só quero que ela ao menos abra os seus lindos olhos e olhe para mim, mesmo que fosse para vê-los furiosos de raiva.

Giro a maçaneta e entro em casa. Levo a Pequena Estrela para o quarto de hóspedes. Tanto eu quanto ela estávamos molhados até a alma.

— Pronto, agora você está segura, só falta acordar. — Coloco o seu corpo frio e encharcado sobre o travesseiro. Ela não se mexe, e isso abala minha alma. — Preciso tirar sua roupa ou vai pegar um resfriado. — Vou até o banheiro e volto com dois roupões, um para ela e outro para mim. Retiro toda a sua roupa, e fico completamente embasbacado com tamanha beleza.

NACIONAIS - ACHERON

Ela é linda, pela tão branca, mamilos rosados, sua vulva era pequena, mas rechonchuda, e os seus pelos pubianos são ralinhos e dourados, tal qual os seus cabelos; a cintura fina e os quadris arredondados, pernas roliças... Merda! Fico com uma vontade louca de colocá-la nos braços e beijar todo aquele corpo lindo.

Dispo minha roupa, não tenho tempo de ficar apreciando algo tão lindo como ela, poderia fazer isso outra hora, pois eu preciso aquecê-la. Corro para o meu banheiro e ligo a torneira da banheira. Deixo a água bem quentinha. Em minutos, o jato forte faz a banheira ficar com água suficiente para dois.

Volto ao quarto de hóspedes e a embrulho de qualquer jeito no roupão. A carrego nos braços para o meu banheiro e entro na

banheira junto com ela.

— Pequena Estrela, acorde — sussurro ao seu ouvido, enquanto deslizo a esponja macia por seu corpo. Ela estremece quando minha mão passa por seus seios, então demoro um pouco mais lá. — Você é tão linda, tão macia — continuo sussurrando ao seu ouvido. Minha mão desce por sua barriga e encontra o V carnudo. Dispenso a esponja, meus dedos deslizam na carne sedosa, deslizando para cima e para baixo. Eles vão até entre as suas coxas e ficam lá por alguns milésimos de segundos. Eu sei que o momento não é para isso, mas é como se minha mão tivesse vida própria. Ela quer tocar aquela penugem dourada, macia e linda.

Os pelos dos braços dela se eriçam. Das duas, uma: ou ela está excitada ou com frio.

Escolho a segunda opção. Já está na hora de sairmos da água – melhor para ela e para mim – já estou de pau duro, duro como uma barra de ferro.

A deixo na cama e vou à procura do roupão e toalhas para secá-la. Volto ao quarto de hóspede e encontro o que procuro. Seco a ela e a mim, visto um moletom nela – que fica muito grande, mas é quentinho – visto o meu pijama, pego dois edredons e a cubro. Olho o machucado da sua testa, está inchado e ainda sangra um pouco. Vou até o banheiro outra vez e pego o kit de primeiros socorros. Volto para a cama, limpo todo o corte e coloco um band-Aid.

— Estrela! — Eu a chamo, minha mão acarinha o seu rosto com carinho — Estrela, acorde. Por favor, abra os seus lindos olhos

para mim, Estrela. — Inclino-me até o seu rosto e beijo a sua testa.

Meus olhos permanecem abertos, não consigo parar de olhar para ela, é como se toda a minha dor tivesse ido embora; estou anestesiado, entorpecido. Há muito tempo não sinto essa sensação, esse poder dentro de mim – o poder de cuidar de alguém – a vontade louca de proteger com toda força da minha alma. Essa pequena estrela mudou algo dentro de mim, a luz do seu olhar está iluminando a minha alma escura. Eu sei que ela não é a Isabelle, mas é como se uma parte dela estivesse comigo. Eu tenho essa sensação toda vez que a Estrela me olha e eu vejo as duas estrelas dos seus olhos.

Eu não quero perder isso, não quero que ela vá embora.

Já passei tempo demais sofrendo, chegou a hora de deixar o passado para trás. Jogar a tristeza fora e deixar a luz entrar.

— Você me ajuda, Pequena Estrela?

Meu rosto ainda está próximo ao dela, e minha boca colada em sua testa. Escorrego os meus lábios suavemente por sua face, até chegar aos seus lábios. Minha língua percorre a pele sedosa e penetra a sua boca. Está quente como o inferno lá dentro, quente e aconchegante. Aperto minha boca na sua, aprofundando o beijo, minha mão vai até os seus cabelos, e eles são acariciados com ternura branda.

— Eu preciso tanto de você, Pequena Estrela. — Meus lábios se separam dos dela, meu olhar avalia aquele rosto lindo. — Acorde, acorde, minha pequena.

Ela abre os olhos lentamente, e não perco tempo: a pego nos braços e a puxo para mim, quase a parto ao meio de tão forte que é o meu aperto.

Ela puxa o ar com força para os pulmões e tosse. Afasto-me rapidamente.

— Desculpe-me, não queria machucar você.
— Ela me olha um pouco atordoada, piscando os cílios seguidamente — Você está bem, sente alguma dor? — Desando a lhe fazer perguntas. Ela me fita inexpressivamente. — Estrela... — ela leva a mão até a cabeça e franze o cenho.

— Minha cabeça dói, o que aconteceu? Eu só me lembro do barulho do trovão e um clarão, acho que foi um relâmpago ou um raio, depois eu senti uma dor muito forte na cabeça e... — Ela aperta os olhos, acho que está sentindo dor.

A puxo novamente para mim.

— Está tudo bem agora. Você está segura, agora está segura... — estou me sentindo tão aliviado, só em sentir o coração dela batendo de encontro ao meu.

As mãos dela tocam o meu peito, ele é empurrado lentamente. Ela fixa os olhos nos meus, as duas estrelas brilhantes reluzem. Era uma ida ao passado, uma deliciosa volta ao passado.

— Você gritou comigo, você me mandou embora. Por que você me odeia tanto, o que eu te fiz?

Aquelas palavras são como um soco em meu estômago.

Estrela me olha fixamente, recostada nos travesseiros, vestida em um moletom cinza, muito pálida... mas linda. Posso afirmar que

ela é a moça mais linda do mundo. Sinto-me um idiota, sim, posso dizer que jamais esquecerei de como estou me sentindo. *Seu imbecil.*

— Desculpe-me — passo meus braços em volta do seu corpo e a trago para perto do meu. — Eu sou um idiota, um grosso, um casca grossa... — beijo o alto da sua cabeça. — Eu acho que passei muito tempo sozinho e perdi a minha humanidade. Você representava a volta dela, e isso me assustou, e muito. — Afasto-me um pouco, só o suficiente para encostar minha testa na dela. Fecho meus olhos. — Perdoe-me, prometo que vou tentar ser melhor a partir de hoje. — Abro meus olhos, e ela está me encarando.

— Você promete que não vai gritar mais comigo, nem vai me mandar embora? Você

fica tão diferente quando fica bravo, dá medo...

Inferno! Ela conheceu o meu lado monstro. Estrela é mais delicada do que eu pensei, ela pode me ver além do corpo; ela pode ver a minha alma.

— Prometo que vou tentar, é só você não me tirar do sério. — Seguro-a pelos ombros, e os nossos olhares se encontram. — Estrela, eu preciso te explicar algumas coisas, e gostaria que prestasse atenção, não me interrompa, pois será muito difícil colocar tudo isso para fora. Entendeu?

— Não precisa me explicar, se vai machucá-lo...

— Eu preciso. — a interrompo — Você vai escutar sem me interromper?

Ela assente com a cabeça. Ajeito os travesseiros para que ela possa ficar recostada

neles o mais confortável possível. Aqueles lindos olhos azuis brilham para mim, avaliam com apreensão o meu rosto.

Vendo-a confortável, me ajeito no colchão. Limpo a garganta. O que eu irei lhe contar não será fácil para mim, pois desde a morte de Isabelle eu não falo sobre isso. Olho para ela, respiro fundo, solto o ar lentamente e começo.

— Meu nome é Alejandro Ortega Martinez, eu acho que você já deve ter ouvido falar de mim — Fixo meus olhos em seu rosto e arqueio uma sobrancelha, com um meio sorriso. Ela nega com a cabeça, e não nego, fico decepcionado. — Tudo bem, então você vai conhecer um pouco de mim agora. Sou um homem bem-sucedido no mundo dos negócios, desde que comecei a trabalhar nunca dependi do dinheiro do meu pai. Sim, ele me ajudou no

início, e o sobrenome Ortega foi um peso grande para carregar, por isso não o usava, as pessoas que me conhecem sabem que sou um homem orgulhoso e gosto de receber o mérito em tudo que faço. Tinha uma vida boa, divertida, mulheres para escolher à vontade, mas gostava de viver minha vida com os dois pés fincados no chão, até conhecer a Isabelle. Eu a conheci em uma festa, e foi mágico. Assim que os nossos olhares se encontraram, eu me apaixonei por ela. Sim, eu a amei no primeiro momento, mesmo sem saber, a amei. Não foi fácil chegar até ela, pois o meu nome e o meu dinheiro a faziam correr de mim, mas sempre fui um homem determinado, e corri atrás.

Fecho os olhos e me lembro de tudo o que fiz para conquistar a Isa, as coisas malucas que inventei só para tê-la ao meu lado. Sorri levemente. Estrela me olha com atenção.

NACIONAIS - ACHERON

— Não conseguia ficar muito tempo longe dela, ela se tornou o meu mundo, o meu tudo... a minha vida. Só em pensar que um dia poderia perdê-la batia um desespero dentro de mim. Eu sou paranoico e superprotetor. A pedi em casamento, ela aceitou, e tudo estava indo às mil maravilhas, até um dia antes do nosso casamento. A minha felicidade me cegou, esqueci por completo que o mal cercava a vida do meu pai. Bandidos perigosos estavam à espreita dele, e quem estivesse com ele, com certeza sofreria as consequências, e foi o que aconteceu. A Isabelle foi buscar o vestido de noiva em Lagoas, pois íamos nos casar aqui — Estrela me fita com assombro, ela ficou surpresa.

— Sim, ela escolheu casar aqui, nesta casa. Ela adorava este lugar, foi por isso que o escolhi como esconderijo. Como estava

PERIGOSAS

dizendo, quando ela e o meu pai estavam voltando de Lagoas, o carro deles sofreu uma emboscada, eles foram massacrados a tiros, e nenhum dos ocupantes do automóvel sobreviveu. A Isabelle ainda teve tempo de deixar uma mensagem de despedida para mim em seu celular... e... e ao invés de um casamento, foram celebrados dois velórios, o da Isa e o do meu pai. Em apenas um dia eu perdi as duas pessoas mais importantes da minha vida... e eu me transformei nisso que sou hoje, esse ser inanimado.

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

*F*echo meus olhos com força, estou tentando evitar que minhas lágrimas me traíam. Não adianta, logo uma escorre por meu rosto. Baixo a cabeça e as deixo rolar. Sinto dedinhos suaves alisando minha pele molhada, e aquela carícia me aquece por dentro.

Levanto meus cílios e encontro duas estrelas brilhantes me fitando com ternura. Ergo a cabeça e ficamos presos em nosso olhar, nem piscávamos.

— Alejandro — Ela quebra o atordoante silêncio. —, eu não sabia, juro a você, eu não sabia que sua mulher havia morrido. Quando eu perguntava, as pessoas só me diziam que ela tinha partido, por isso eu lhe disse aquelas coisas horríveis... — Estrela vai chorar. Não, não, não vou suportar ver isso.

— Não chore, por favor. Não faça isso, você não tem culpa, eu fui um grosso, um estúpido. — Puxo sua pequena mão e a levo aos meus lábios para beijá-la. — Estrela, não sei o que está acontecendo, mas você mexe comigo, quando estou perto de você sinto coisas que há muito tempo não sentia. Quando estou ao seu lado minha dor diminui, a saudade que eu sinto desaparece. Não posso prometer nada a você, não vou enganá-la. Ainda amo a Isa, talvez nunca deixe de amá-la, mas eu sei que a Isa está morta, ela não voltará. É difícil aceitar

NACIONAIS - ACHERON

isso, mas é a verdade. Portanto, não quero mais a solidão, não quero ficar sozinho. Quero tentar outra vez.

Estrela me olha boquiaberta, quase sem piscar os olhos. Acho que não estou sendo muito claro.

— O que aconteceu com nós dois, hoje à noite, na grama lá no jardim... a atração que nos puxou um para o outro, não foi fruto da minha imaginação; ela existe, eu quero e você quer, eu sei disso.

Ela engole o bolo da garganta e pisca os olhos duas vezes. Fico com vontade de morder aquela boca gostosa.

— Pequena Estrela, você está me escutando? — Inclino a cabeça para perto do seu rosto. Ela baixa os cílios timidamente. — Hei! Olhe para mim, não vou morder você.

Ela me olha. Aquelas duas estrelas estão tão próximas que eu quase consigo contar o número de pontas.

— Eu... eu não sei o que dizer, você é... é tão confuso. — Ela baixa os olhos novamente. — Estou com medo de me apaixonar e depois.... — Ela se cala e respira fundo. — Eu já estou apaixonada... — sussurra. — Amanhã eu vou embora, não quero confundir sua cabeça... — ela levanta os olhos e atira as palavras em minha cara.

Não sei se sorrio ou se a coloco sobre os meus joelhos e lhe dou umas boas palmadas.

— A senhorita não irá a lugar algum. Primeiro, você está machucada, e segundo, eu não quero. — Ela faz um muxoxo, enchendo as bochechas de ar. Circulo meus dedos sobre elas e as aperto. — A dor na cabeça passou? —

Ela balança a cabeça, negando. — Deixa eu ver o corte. — Retiro o cabelo da sua testa e puxo o curativo. Está sangrando um pouco. — Humm! Dói quando toco aqui? — Meu dedo desliza ao lado do corte. Ela geme quando toco. — Ok, vou limpá-lo e fazer outro curativo.

Faço o curativo com todo cuidado, o local está sensível, e toda vez que eu me descuido e aperto o dedo mais do que devo, ela se encolhe. Eu sei que ela me observa, aqueles olhos azuis não se desviam do meu rosto. Estou travando uma luta contra a tentação de jogá-la na cama e fazer amor com ela de uma forma animalesca. Sim, *bem assim*.

Ela respira fundo. Meus olhos se fixam nos dela rapidamente. Merda! Vou perder essa batalha. Meus dedos tocam levemente a pele da sua testa — quem respira fundo agora sou eu

PERIGOSAS

– nossos olhos avaliam o rosto um do outro. Inferno! Minha outra mão desliza em seu braço. Inclino meu rosto, meu nariz encosta levemente no dela. Não há nenhum tipo de resistência quando minha boca toca a sua.

Ela vai escorregando o corpo até ficar completamente deitada, e eu quase por cima do seu corpo. Meus lábios deslizam sobre os dela, e ela entreabre a boca, permitindo que minha língua sedenta a invada.

— Humm! — Ela solta um gemido débil. O calor que vem daquela boca quente queima o meu juízo. O beijo, que começou suave, apenas com um simples roçar de línguas, se transforma em algo avassalador, uma paixão louca e devoradora. Passo meu braço por baixo do seu corpo e a puxo para mim, ataco aquela boca como um animal ataca sua presa.

NACIONAIS - ACHERON

Ela geme e desliza as mãos e as unhas por minhas costas. Meu corpo acende com o desejo, e o meu membro dá sinal de vida. Estrela responde ao meu beijo com a mesma fome, e o fogo entre nós cresce. Aperto mais minha língua, saindo brevemente, deslizando sobre os seus lábios. Já não consigo controlar os meus sentimentos, eu quero estar dentro dela, eu preciso fazê-la minha, e desta vez eu não fugiria.

Afasto-me um pouco. Olho para a menina linda, deitada em minha cama, ofegante e com os olhos brilhando de desejo. Ela sorri. Retiro minha camisa, me inclino e a beijo novamente. Puxo as laterais da sua blusa, deixando os seus seios à mostra, nossas peles nuas se tocam. Sentir os seus mamilos furando a minha pele é o toque mais foda dos meus últimos dois anos. Não que tive outro momento igual a esse, o

NACIONAIS - ACHERON

máximo que cheguei foram alguns boquetes pagos. As mãos dela sobem ao redor do meu pescoço, embrenhando-se em meu cabelo. Sinto sua respiração acelerada quando minha boca cobre a sua e chupo sua língua com força.

Meu sexo cutuca sua barriga. Ela abre os olhos e me encara, e ficamos assim, presos em nossos olhares, por alguns segundos. Ela sabe que eu a quero. Ela prende firmemente minhas pernas entre as dela. Estrela não quer que eu fuja.

Fico sem fôlego quando ela aperta o seu corpo ao meu, nossos sexos ficam colados um no outro. Ela se roça em mim, gemendo baixo. Minhas mãos buscam seu rosto e eu a beijo com mais força

— Ale-Alejandro, eu... eu — sugo sua língua para dentro da minha boca, meu corpo ganha

vida própria e começo a me roçar freneticamente em seu corpo. Sons roucos de prazer saem da minha garganta. Solto sua boca só um pouco.

— Eu... eu quero você, preciso urgentemente de você, Pequena Estrela. — Roubo sua boca enquanto seus olhos fitam os meus.

Continuo a me esfregar sofregamente em seu corpo enquanto minha mão puxa a calça do seu moletom e os meus dedos se arrastam até o meio das suas pernas, em direção aos seus lábios vaginais. Eles invadem a sua intimidade, procurando o seu clitóris. Gemo quando o encontro, tão duro de tesão. Ela está tão molhada, pronta... pronta para mim. Meu dedo brinca em sua abertura, dançando eroticamente, espalhando seus fluidos. Recebo

uma mordida em meu lábio, e o corpo dela se arqueia em minha mão.

— Você está pronta para mim, Pequena Estrela?

— Na-nasci pronta... — ela me beija outra vez, chupando minha língua do mesmo jeito que eu havia chupado a dela.

Minha outra mão puxa a calça do meu pijama para baixo, e o meu membro duro dá um pulo de liberdade, acomodando-se entre as pernas dela. Desesperado de tesão, começo a me mover. Ela fecha as pernas, o que me dá muito mais tesão, quase gozo só com esse contato. Nossas bocas não se soltam, suas pequenas mãos escorregam por minhas costas até encontrarem a minha bunda. Recebo um aperto lá – e que aperto.

— Pequena, desse jeito não vou te dar o que

precisa — digo, ofegante, e rezando para não gozar antes do tempo.

Parece que minhas palavras a animam, pois abre as pernas, e a glândula molhada encontra o seu clitóris. — Inferno! Pequena Estrela, eu vou gozar... Inferno! — Meus quadris ficam entre suas pernas, e o encaixe é perfeito. Roço a ponta do meu membro em seu clitóris, espalhando os seus fluidos, da sua abertura até o seu ânus.

Puts! Ficarei louco desse jeito.

A luxúria cresce dentro de mim, obscurece os meus pensamentos, minha necessidade por ela fica maior. Interrompo o beijo e olho em seus olhos. Eles estão ardentes, irradiando uma luz que queima a minha alma. Só senti isso por uma mulher, e foi há muito tempo. Nem me lembrava mais como era essa

sensação.

E agora, que estou sentindo novamente, não quero nunca mais deixar de sentir. Ela será minha, e será agora. A abraço com força e troco de posição com ela, virando o meu corpo e a colocando por cima. Eu a verei gozar, quero ver aquele rosto lindo sorrindo de prazer quando estiver todo dentro dela.

A seguro pelos ombros, fazendo-a sentar-se em meus quadris. De repente, Estrela fica pálida, e o seu corpo vai desfalecendo, caindo sobre o meu.

— Porra! Estrela! — O tesão vai embora na hora. Viro-a sobre os travesseiros. — Estrela, Estrela... merda! Minha pequena, olhe para mim. — Ela está fria e muito pálida. — Pequena Estrela, não me assusta. Abra esses lindos olhos azuis para mim. — Ela perde os

sentidos. — Estrela! — Grito, agitando os seus ombros. — Estrela, fale comigo, mas que inferno! Vamos, meu anjo, acorde.

Ela respira fundo. Seus lindos olhos azuis me fitam. Tenta sorrir, mas não consegue. Leva a mão ao corte na testa. Ele está sangrando.

Merda! Eu sou um animal!

— Desculpe-me — ela sussurra —, não me sinto bem, minha cabeça dói muito.

Alívio. Me sinto aliviado, pensei que algo muito pior havia acontecido. Olho para aquela moça linda, seminua em minha cama, depois olho rapidamente para o meu estado. Ainda estou de excitado, com a calça do pijama no meio das coxas. Estou ridículo, nunca me senti tão idiota como estou me sentindo agora.

Estrela tinha acabado de sofrer um

NACIONAIS - ACHERON

acidente, e o *animal* aqui está pensando em sacanagem. *Você é uma besta quadrada, Alejandro.*

— Shh! Quem pede desculpa aqui sou eu. Teremos todo o tempo do mundo para saciarmos o nosso desejo, certo? Agora eu quero que feche os olhos e descanse.

Visto sua roupa – e as minhas – e a ajeito nos travesseiros. Puxo-a para o meu peito e a abraço com cuidado. Estou sentindo aquela sensação outra vez, a sensação de proteger, de cuidar... de amar.



10 de setembro de 2016

Já amanheceu há algumas horas. Ela continua dormindo, e desde que me levantei, venho ver como ela está. Na verdade, venho me certificar se ela está respirando. A admiro adormecida, encolhida, abraçada ao meu travesseiro, cabelos esparramados, o lençol branco embrulhado em suas pernas, deixando uma de suas coxas à mostra. *Cena foda dos infernos.*

Durante a madrugada, ela ficou com febre alta, molhou o moletom de suor, eu precisei trocar sua roupa e a vesti com uma das minhas cuecas de seda e uma camiseta branca. Agora ela está sem febre e sua respiração está serena.

Alejandro, é melhor você sair daqui.

Encosto a porta do quarto, deixando-a

NACIONAIS - ACHERON

entreaberta, caso ela me chame a escutarei, e volto para o meu escritório.

Estou entretido com algumas planilhas de custo das empresas que salvamos nos últimos dois anos, quando escuto um grito. É Estrela.

Empurro o notebook de qualquer jeito para a frente e corro em direção ao quarto.

— NÃO! — Estrela se debate na cama — Não, não... — seus gritos ficam mais agitados.

Jogo-me sobre a cama, inclinando o meu corpo sobre o dela.

— Estrela, meu anjo. Estrela, acorde. — Suas mãos tentam me afastar. — Estrela, acorde...

— Não... — ela choraminga — não, eu não quero ficar no escuro, escuro não, não outra vez...

— Estrela, abra os olhos, não está escuro, já é dia. — deito-me sobre ela e acaricio o seu rosto. — Hei, acorde. — Beijo sua testa. Pego sua mão e a levo à boca, apertando os meus lábios nela. — Eu estou aqui, e mesmo que fique escuro, não sairei do seu lado.

Ela abre os olhos lentamente e pisca várias vezes. Seus olhinhos apertados tentam se acostumar à claridade. Beijo a ponta do seu nariz, depois os seus lábios. É um leve toque, mas logo meus lábios cobrem os dela e o beijo se torna possessivo, devorador. Uma mãozinha pousa em minha nuca, e ela é acariciada. Deixo-me envolver na imensidão daquele sentimento chamado *desejo*. Perco-me em sua boca, no seu sabor doce. Até que escuto um ofego.

Solto sua boca e fito o seu lindo rosto.

— Não foi um sonho. — ela articula suavemente. — Você e... eu... é sério?

Aperto o seu nariz devagar, em seguida a beijo.

— Sim, você e eu, e tudo mais que a senhorita lembrou. — Seu lindo rosto fica rubro. — Deixe-me ver esse curativo. — Afasto uma mecha do seu cabelo da testa. O curativo está um pouco sujo de sangue, mas não é muito preocupante.

— Há quantas horas estou dormindo? — Seus olhinhos avaliam o meu rosto enquanto me pergunta — Você já comeu? — Paro o que estou fazendo e a observo com atenção.

— Hei, eu sou bem grandinho! Sei me virar sozinho, sabia? Para sua informação eu sei lavar, passar, arrumar e cozinhar... — Ela esconde o riso com as mãos. — Você não

acredita? — Ela continua com as mãos na boca — Ok, vou provar a você. — Levanto da cama — Não se mexa, fique bem aí, bem quietinha.

Deixo Estrela na cama, com uma carinha curiosa. Paro no corredor, me encosto na parede e fecho meus olhos. Minha mente está voltando ao passado.



Alejandro

Abril de 2014

A Isa adorava me surpreender, e eu a ela. Numa tarde de domingo nublado, ela me disse que estava com fome. Minha geladeira não tinha quase nada, ficamos de fazer compras no dia seguinte, à noite. Então eu resolvi fazer uma surpresa com o que eu achasse nos armários. Deixei-a assistindo TV em nossa cama e fui em busca dos tesouros perdidos em nossa cozinha.

Encontrei um pacote de pão, uma lata de sardinhas, ketchup, mostarda, maionese e azeitonas pretas. Fiz uma mistura doida com todos esses ingredientes. Cortei umas rodela de tomates e umas folhas de alface. Para minha alegria, havia suco de laranja na geladeira.

Passei o patê inventado por mim em nossos

pães e decorei com os tomates e a alface. Arrumei a bandeja lindamente e a levei para a minha esfomeada favorita. Isabelle comeu o sanduíche dela e o meu. Fui batizado como o preparador oficial de lanches da futura senhora Ortega. Rimos muito nessa tarde.

Era o que mais fazíamos quando estávamos juntos. *Ríamos.*



Volto ao presente com um longo e dolorido suspiro. *Será que essa dor irá passar um dia?*

Chego na cozinha e separo quatro fatias de pão, queijo branco, geleia de ameixa e presunto de peito de peru. Faço um suco de manga, bem consistente. Preparo dois sanduíches com os ingredientes, os arrumo na

bandeja, coloco a jarra de suco e dois copos.

Pronto, senhorita Pequena Estrela, espero que goste da surpresa.

Quando ela me vê entrar no quarto, com uma bandeja pronta, abre os olhos em admiração.

— Será que está tão gostoso quanto lindo?
— Ela diz, enquanto se senta na cama, com aqueles olhinhos brilhantes me encarando.

Entrego o sanduíche para ela e espero.

— Humm! — Aperta os olhos, fazendo cara de satisfação — Esse é o melhor sanduíche que comi em toda a minha vida! De hoje em diante você será o responsável pelas refeições, e eu pela limpeza da casa.

Dessa vez eu não resisto: minha cabeça vai para trás quando solto uma gargalhada bem sonora. Nem prestei atenção que ela está me

NACIONAIS - ACHERON

observando, séria.

Tento parar de rir e olho para ela.

— O que foi? — Indago, ainda rindo. Ela me olha com tanto carinho que o meu ar de riso vai embora.

— Você deveria rir mais vezes. Rir assim, com a alma.

Inferno! Ela me derrubou sem precisar fazer força.

— Não tinha muitos motivos para sorrir ultimamente. — Rebato.

— E agora, você tem? — Sorrio levemente com a pergunta dela.

— Tudo indica que sim. — Baixo os olhos em direção à jarra de suco e encho os dois copos.

Entrego um para ela — seus olhos não se

PERIGOSAS

desviam do meu rosto — ela não ficou satisfeita com a resposta.

— Eu tenho algo para te contar, está disposto a ouvir?

Fico surpreso. Mordo o meu sanduíche, depois bebo um gole do suco. Ela faz o mesmo.

— Sou todo ouvidos. É algum segredo cabeludo?

Estrela não ri. Apenas baixa os cílios, põe o copo com o suco na bandeja e olha para mim outra vez.

— Antes eu quero que seja sincero comigo, você pode fazer isso?

Não gosto da pergunta, pois a última coisa que eu quero é magoá-la. Engulo em seco e respondo:

— Sempre.

NACIONAIS - ACHERON

— Somos “nós” ou “eu e você”?

Engasgo com a saliva. *Que inferno de pergunta é essa?*

— Estrela, quer confundir minha cabeça? Que porra você quer dizer com isso?

Ela empurra a bandeja para o lado e se aproxima de mim. Em seguida, segura meu rosto com as duas mãos, fixando seus olhos nos meus.

— Lá no jardim, nós nos beijamos e fizemos coisas que só um casal muito íntimo faria... — ela ruboriza. — Depois... — limpa a garganta — depois, aqui, nesta cama, quase chegamos às vias de fato. Não vou virar as costas para os meus sentimentos, eu sei o que sinto por você, pois nunca senti isso por alguém, mas eu sei o que você passou, e sei também que você amou alguém com tanta força que se enterrou vivo. E

isso me deixa muito insegura, pois eu sei que o terreno que estou pisando é movediço e pode me levar à morte súbita. Só quero saber o que serei para você, antes de entrar no seu mundo.

Fico perplexo. Ela me jogou na lona, foi corajosa ao me confessar os seus sentimentos e, ao mesmo tempo, compreensiva com os meus.

— Nós — digo, sem piscar os olhos — somos “nós”. Embora a minha cabeça e o meu coração estejam voltados para o passado, eu quero voltar a gargalhar, quero sentir meu coração acelerar, pois é assim que ele fica quando olho a luz do seu olhar. Você me faz sorrir, me sinto vivo ao seu lado.

Ela puxa o meu rosto. Nossas bocas se juntam, e o beijo é lento, quente, muito preguiçoso. Minha língua saboreia a dela,

PERIGOSAS

nossas salivas unidas em cada molécula, meu gosto e o dela em uma só partícula. Ela cutuca o céu da minha boca com a ponta da língua, e eu, é claro, não desperdiço a oportunidade: a puxo para mim e sugo aquela carne macia, deixando-a enternecida pela sensação prazerosa.

O barulho do nosso beijo chega aos nossos ouvidos, e os nossos gemidos também. Não resta mais dúvida, fui fígado novamente, estou voltando à vida. Graças a esta Pequena Estrela.

Solto a sua boca lentamente, e ficamos nos olhando por alguns milésimos de segundos.

— Ok, então — ela diz, sorrindo — Você está pronto para virar *príncipe*, senhor *fera*? — Aquelas duas estrelas me encaram, brilhando. — Só responda sim ou não.

NACIONAIS - ACHERON

Resolvo entrar na brincadeira.

— Sim.

— Cadê o seu celular? Dê-me ele aqui. —
Mostra a palma da mão.

Entrego o meu celular, ele estava no bolso da minha camisa. Ela começa a mexer nele e o aponta para mim.

— Fique sério — eu fico, e o flash da câmera é disparado.

— O que pensa que está fazendo, me dê isso!
— Tento tomar o celular das mãos dela, mas ela o esconde atrás das costas.

— Quietos, confie em mim — ela faz um biquinho lindo. Como não resistir a tanto charme? Fico quieto. — Agora faça uma careta — eu faço — A última, agora sorria. — Sorrio.
— Já temos o antes, agora falta o depois. — Não gosto do jeito que ela me olha. — Você tem
NACIONAIS - ACHERON

tesoura de cabelo e uma navalha bem amolada?

Caio em mim. A Pequena Estrela está tentando me convencer a cortar o cabelo e fazer a barba.

Sorrio com vontade.

— Por acaso a senhorita está pensando em cortar o meu cabelo e minha barba? — Ela assente com a cabeça. — E o que a faz pensar que vou permitir uma sandice dessas? — Ela baixa os olhos timidamente, piscando os cílios rapidamente — Só falta você me dizer que já foi cabeleireira.

Estrela me olha sorrindo, depois aperta os lábios. Seus dedinhos alisam o colarinho da minha camisa.

— Uhum! E das boas! Trabalhei por algum tempo no salão de beleza da dona Eunice,

aquele que fica ao lado dos correios, na pracinha central — me olha outra vez — Fazia barba, cortava cabelo, fazia até luzes nos cabelos das clientes. Pode confiar, não vou lhe deixar careca nem fazer nenhum caminho de rato. Minhas mãos são firmes. — Ela me mostra as mãos, e elas começam a tremer. Começa a gargalhar com a cara de assustado que eu faço. — Brincadeirinha, bobinho, elas são firmes, veja. — Mostra as mãos outra vez. — E só vou aparar a sua barba, você está se parecendo um homem das cavernas. — Ela esconde o riso com as mãos.

Eu acho que fiquei doido, pois vou buscar o material que ela me pediu.

Estrela tenta se levantar da cama, mas a impeço.

— Hei, aonde a senhorita pensa que vai?

— Ao banheiro, ou você quer que o quarto fique coberto por pelos? Olhe para você, é pelo que não acaba mais, está parecendo um leão.

— Ok, mas eu a levo para o banheiro, não quero que caia no chão — ela fica brava quando tento pegá-la nos braços — Ou será assim, ou nada feito. — Ela aceita os meus braços.

Sento a Estrela na bancada de mármore negra, fico entre as pernas dela.

— Prometa-me que não vai olhar para o espelho. — Concordo. — Primeiro vamos fazer a barba, depois você se sentará ali no vaso — ela aponta em direção à louça sanitária. — Não posso cortar o seu cabelo aqui, você é maior do que eu. — Concordo mais uma vez.

Entrego-me às mãos delicadas de Estrela. Ela prende o meu cabelo e enche o meu rosto

de espuma de barbear, logo após começa a trabalhar com a navalha. Tento abrir os olhos para olhar no espelho, mas sou ameaçado por uma navalha. Não se pode contrariar uma mulher, principalmente se ela tem uma navalha apontada para o seu rosto.

— Pronto, só não pode olhar. Não abra os olhos. — Assinto com a cabeça.

Continuo com os olhos fechados, a ajudo a descer da bancada e vamos em direção ao vaso sanitário.

Não tenho permissão para abrir os olhos. Algo é colocado sobre os meus ombros — uma toalha — ela borrifa água em meus cabelos. Começa a penteá-los, e logo escuto o barulho da tesoura trabalhando. Aos poucos, vou sentindo algo cair em meus braços, meus ombros ficam mais leves e minha nuca recebe

um leve frescor. A tesoura para de fazer aquele barulho, então eu escuto outro som.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — Abro meus olhos rapidamente.

— O que foi, Estrela, o que você fez? — digo, em pânico.

Ela saltita, e os seus olhos brilham de satisfação.

— Você é o homem mais lindo que eu já vi em toda minha vida....! — Ela me contempla com tremenda admiração. — Me dá aqui o celular, anda, Alejandro.

Entrego o celular.

— Fica sério — fico, e ela tira uma foto — faz uma careta — faço — agora sorria — sorrio. — Só um minuto, vou fazer uma montagem do antes e do depois.

Estrela fica com o meu celular na mão por um bom tempo. Eu já estou ficando nervoso e me coçando todo.

— Anda, Estrela, estou precisando de um banho.

— Acabei. Olha você, *Fera* e agora *Príncipe*.

Quando encaro a minha realidade, não acredito. Já tinha me visto várias vezes cabeludo e barbudo, mas nunca procurei comparar o Alejandro de dois anos atrás com o de hoje. E a diferença é horrenda.

— Nossa! — É a única palavra que eu posso falar.

— Eu me apaixonei pela *Fera*, mas eu prefiro o *Príncipe*.

Quando escuto o que ela fala, a fito rapidamente e a puxo pela mão, levo-a até a boca e pressiono os meus lábios com força

NACIONAIS - ACHERON

sobre ela, me demorando um pouco lá. Ela respira profundamente.

— Você não tem noção do quanto você me faz bem. Não tem mesmo, eu lhe garanto isso.

— Eu só quero ver o seu sorriso lindo todos os dias, é só isso que eu quero. As demais coisas virão com o tempo.

— Eu quero você, e quero muito. É só isso que eu posso te dar... o meu querer. — De repente, bate o medo de ela dizer que quer mais que isso — Você aceita?

— E você, aceita o meu amor? — Ela sussurra.

— Aceito, mas... talvez eu não possa te dar o mesmo, não sei se algum dia eu posso amar outra mulher. Não quero que se iluda, Estrela. A quero, e quero muito, mas é só isso.

— É o suficiente. — Eu não sei se ela está

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sendo sincera, senti um tremor em sua voz,
mas estou sendo sincero. Não sei se realmente
algum dia eu possa voltar a amar outra vez.

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

*L*evo a Pequena Estrela de volta para a cama, ela ainda está debilitada, e depois dessa travessura ela se sentiu mal. Quase grito comigo mesmo, a culpa foi minha, não deveria ter permitido tanto esforço da parte dela. Se ela não melhorar, vou chamar um médico para examiná-la.

Ela reclama, faz malcriação. Eu já estou acostumado com isso – novamente voltei ao passado – Isabelle era igualzinha.

Não me deixo levar por seus argumentos. Estrela tem que se acostumar ao meu “*eu protetor*”, e com ela não falharei, como falhei com a Isabelle. Estrela será protegida, nem que eu precise colocá-la em uma redoma de vidro à *prova de balas*.

Foi difícil, mas a venço pelo cansaço. Ela adormece em meus braços. O corte da sua têmpora ainda sangra um pouco, e ver o sangue me deixa aterrorizado. Está difícil abandonar a sombra do passado. Não suportarei outra perda, por isso preciso ficar atento a cada passo que a minha Pequena Estrela dá.

Opa! Eu disse a palavra “*minha*”? *Você disse, Alejandro... disse com todas as letras.* Sorri.

Deixo-a agarrada ao meu travesseiro e vou

até a porta da varanda. O céu está limpo, sem nenhum sinal de qualquer nuvem, nem parece que há algumas horas houve uma tempestade quase catastrófica.

Olho para Estrela, e meus pelos se eriçam. Agito a cabeça rapidamente, espantando meus pensamentos. Fecho as cortinas, deixando o quarto confortável para um bom sono, e regulo a temperatura do ar-condicionado. Paro diante da cama, inclino o meu corpo em direção à Estrela e beijo sua bochecha corada.

— Sonhe com flores, pequena... mas sem espinhos. E se algo lhe acontecer no seu mundo secreto, é só me chamar que eu virei correndo te proteger.

Tomo um banho rápido e antes de ir para o meu gabinete, beijo outra vez seu rostinho quente. Viro-me, saindo do quarto lentamente,

deixando a porta entreaberta.

Estou em reunião online com meu assessor José, quando um furacão chamado Lourenço Disano entra em meu escritório.

— Que porra você pensou que estava fazendo, Alejandro?

A porta se abre com ímpeto, e é fechada com tamanha força que bate com violência. Fito meu sogro com surpresa, até o José se assusta. — *Algum problema aí, senhor Martinez?* — Ele pergunta.

— Não, nada que eu não possa resolver. Depois terminamos a nossa conversa, tenha um bom dia, José.

Fecho o notebook e encaro o meu sogro. Ele me olha furioso, e há algo em suas mãos.

— Bom dia, meu sogro! — Falo com sarcasmo. — Posso saber o que está o deixando
NACIONAIS - ACHERON

tão raivoso?

Não perco a compostura, continuo sentado. Cotovelos na mesa, dedos entrelaçados e minhas mãos encostadas em meu queixo, fitando meu sogro seriamente.

Ele dá dois passos à frente e joga uma pasta em minha mesa.

— É isso que andava fazendo nesses últimos dois anos? — Olho para a pasta, depois para ele — Eu larguei minha boa vida para o ajudar, assumindo todos os negócios que eram do seu pai, convenci o José a ser o novo CEO das suas empresas para o ajudar também, e é assim que me agradece? Querendo cometer suicídio?!

Pego a pasta pesada e a abro. Passo página por página, e lá continha todas as investigações e outras que eu ainda não tinha recebido sobre o Cartel mais perigoso da Colômbia, os

NACIONAIS - ACHERON

responsáveis pelas mortes de Isa e de meu pai. Lourenço continua a me olhar com raiva. Fecho a pasta e o fito. Ele cospe sua raiva em minha cara.

— Você acha mesmo que essa sua vingança vai trazê-los de volta, porra?! — Ele se aproxima da minha mesa, e os seus dois punhos batem na mesa com força. — Você quer morrer, seu idiota? É isso? Você sabe quem são esses bandidos. Sim, eles mataram o seu pai e a minha filha, mas matá-los não os trará de volta! Você é um imbecil, Alejandro...

— Imbecil! — Interrompo — Imbecil! Eles tiraram as duas pessoas mais importantes da minha vida — levanto, bato as mãos na mesa com força e o fito — O que acha que eu sinto quando os vejo sorridentes, passeando pelo mundo, se divertindo? Eles a mataram,

Lourenço, mataram a nossa Isa, e eles merecem sofrer tanto quanto eu estou sofrendo! E sim, eu vou fazê-los pagar por isso, não me importo com o que irá acontecer comigo, eles vão sofrer, e vão sofrer muito!

Lourenço começa a andar de um lado a outro, passando as mãos pelos cabelos grisalhos.

— E eu e o José? E o Alfonso? Somos sua família agora, Alejandro, nossa dor não conta? Porra! Seu moleque inconsequente, eu a perdi também...

— Pois não parece — o interrompo. E em segundos as mãos dele estão no colarinho da minha camisa. Ele me encara, o brilho de seus olhos é frio, dolorido.

— Eu a perdi, sim. Perdi a única pessoa que eu tinha na vida! Ah, Alejandro, você não sabe

o que é isso... não sabe mesmo... — Ele me solta, dá a volta na mesa e se senta na cadeira. Abaixa a cabeça — Quando a minha esposa ficou doente e descobrimos que ela iria morrer, foi como se tivessem arrancado o meu coração do peito. Isabel era tudo para mim, eu a amava com tanta força, mas a Isabelle precisava de mim, eu precisava ser forte por ela. — Ele me olha, e as lágrimas descem por sua face.

— Você nem imagina o que é ver o amor de sua vida ir embora, sem você poder fazer nada. É a dor mais aterrorizante de um ser. Eu não podia chorar, só sorrir. Ela morreu segurando a minha mão, sorrindo para mim e me dizendo para ser feliz, pedindo para que eu não acumulasse tristeza. E não deixei a tristeza em meu coração, eu tinha a Isabelle, ela precisava de amor. Isabelle era pequena, e como era de se esperar, ela ficou com alguns problemas

NACIONAIS - ACHERON

após a morte da mãe. Ela tinha medo de pisar no chão descalça, dizia que os grãos de areia estavam comendo os seus pés. Infelizmente, ela não conseguiu superar isso, pois ficou guardado na mente que o chão sujo podia causar sérios problemas para a respiração. A Isabel morreu por causa de um câncer pulmonar, e a nossa casa tinha que estar impecável de limpa, ninguém ficava calçado na casa, nossos pés viviam cobertos por uma sapatilha hospitalar, e Isabelle, mesmo depois da morte da mãe, continuou a usá-la. Você conhece essa história. Precisei de muita paciência para manter a Isa bem, fui pai e mãe, e graças a Deus ela cresceu feliz.

Ele baixa os olhos e passa as mãos nervosamente pelos cabelos.

— Eu não podia desistir de viver, Alejandro.

PERIGOSAS

Não só porque eu tinha a Isa, mas por mim. A Isabel não merecia isso, ela me amava demais para desejar que eu tirasse a minha própria vida por ela. E quando a Isa se foi, quando a levaram de mim... eu poderia dar um fim em meu sofrimento, mas — Ele se levanta, vem até mim, segura em meus ombros e o nosso olhar se fixa. — Eu tinha você. Deus me deu um filho para cuidar, não podia decepcioná-lo. Foi você, Alejandro, quem me deu forças para continuar a sorrir. E é por isso que estou puto com você. Como pode fazer isso? Isso aqui é suicídio! Vingar a morte da Isa e do seu pai é suicídio.

Lourenço pega a pasta e aponta para o meu rosto.

— A vida é minha e faço dela o que eu quiser. Não vou descansar enquanto não os fazer pagar por...

NACIONAIS - ACHERON

— Não precisará se vingar — ele me interrompe. Olho assustado para o seu rosto — Seu pai era um homem precavido. Quando eu descobri as suas intenções, eu procurei o FBI e todos os envolvidos com quem o seu pai trabalhava. Fui atrás dos seus investigadores, e eles se juntaram a nós. Descobri provas que o seu pai escondia em um dos escritórios da Inglaterra, ele sabia que o Cartel estava o seguindo. Juntamos as provas que os agentes tinham, as que os seus investigadores conseguiram e as do seu pai. Elas foram suficientes para prender todos. Aqueles dois homens das fotos, que você pensava serem os mandantes da emboscada, eram só os testas de ferro. Esses aqui são os verdadeiros chefes do Cartel: Alencar Mendonza e o seu filho, Frank Mendonza.

Lourenço me joga uma fotografia dos dois

NACIONAIS - ACHERON

homens. Caio sentado na cadeira, boquiaberto.

— Não se preocupe, Frank foi preso ontem à noite, e o pai dele, quando soube da prisão do filho, matou a esposa e depois se matou. A propósito, Frank iria se casar amanhã. Ironia do destino, não acha?

Estou pasmado com tanta informação. Todo esse tempo estive correndo atrás das pessoas erradas. Já estava pensando em contratar alguns mercenários para me ajudar a dar um fim naquela corja. Realmente, eu não me importo com o que viesse a me acontecer durante o confronto – eu só queria acabar com eles – e acabar com minha dor.

— Não vai falar nada? — Meu sogro inclina o corpo em minha direção, apoiando as mãos na mesa. — Você estava mesmo disposto a morrer, só para se vingar?

O fito, e sem piscar os meus olhos, respondo:

— Estava... — escuto um grito abafado.

Olho em direção à porta, e lá está ela, Estrela, com as mãos na boca e olhos arregalados.

Levanto-me, indo em direção a ela. Estrela se vira rapidamente e sai correndo.

— Estrela! — A chamo. Ela não volta.

Fito meu sogro com preocupação. Quanto será que ela escutou?

— O que está acontecendo aqui? — Meu sogro pergunta. — Espere um momento... — ele me avalia de cima a baixo — Não... não pode ser... só pode ser um milagre — Ficamos frente a frente, e os seus olhos varrem o meu rosto. — Ela fez isso com você? Ela é a responsável por essa mudança? — Ele gesticula

com a mão. — Vocês dois... — Ele se cala repentinamente. — Por Deus, Alejandro! Você e ela... é o que estou pensando? Alejandro, me responda...

Empurro-o, afastando-o do meu caminho.

— Depois eu respondo, agora tenho algo mais importante para fazer. — Apresso meus passos. — Depois eu ligo para você, Lourenço, nossa conversa não acabou.

Deixo-o com os braços estendidos, e tenho certeza que ele está cheio de interrogações. Eu poderei responder todos os seus questionamentos depois. Agora, eu só quero fazer uma coisa: esclarecer as dúvidas da cabecinha de uma pessoa...

Minha Pequena Estrela.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

*E*ntro no quarto e a encontro sentada na cama. Olhos enevoados de lágrimas e lábios trêmulos. Ver essa cena me quebra completamente. Eu a magoei.

Nunca fui de magoar uma mulher.

Mesmo nos meus tempos de conquistador, nunca me prestei a tal papel. Ser verdadeiro era o meu lema, todas as mulheres que saíam comigo sabiam que, no máximo, elas teriam duas noites de muito sexo e atenção, mas era

NACIONAIS - ACHERON

só isso.

Isabelle foi a única que me despertou a vontade de dormir e acordar ao lado dela todos os dias da minha vida. E a Estrela está despertando esse desejo novamente. Não sei como isso foi acontecer, talvez as mulheres da minha vida costumem aparecer como por mágica.

Cá estou novamente, falando da Estrela como se ela fosse meu novo amor. *Talvez ela seja, eu que não quero aceitar isso.*

Olho para a pequena moça, sentada diante de mim. Fico sem coragem de lhe dirigir a palavra.

— Estrela...

— Não — ela corta minha fala — você não precisa se retratar, você não deve explicações da sua vida. Eu... eu só não posso ficar mais

aqui...

Congelo; a frase que ela acaba de pronunciar ecoa em minha cabeça. Depois de alguns segundos, me recupero do torpor e luto para não avançar alguns passos e a puxar para os meus braços.

Nervoso, eu fico ali, parado, tentando reagrupar os meus pensamentos.

— Estrela, você entendeu errado...

— Não, entendi perfeitamente — ela me interrompe outra vez — você quer se matar, quer morrer por ela. Não se importa com ninguém, só com a sua dor.

Ela me olha, a dor em seu olhar chega até mim como uma punhalada em meu peito.

— Estrela... — respiro fundo. Ela baixa os olhos e as lágrimas começam a cair em suas coxas.

— Nem tente me convencer do contrário — ela diz, magoada. — Não o culpo, você não me prometeu nada, como também não tem culpa que eu... tenha me apaixonado por você... A culpa é minha, só não posso fingir que não me importo. Não quero perder você por causa de uma vingança tola.

— Estrela... — chamo seu nome com impaciência.

— Não vou ficar aqui. Não quero competir com a dor do seu coração, eu vou embora...

— Estrela! — grito — Você quer me escutar?
Ela me fita, assustada.

— Você não vai a lugar algum... — vou me aproximando lentamente — você ficará bem aí, é nesse lugar que eu quero que fique — fico de pé diante dela. — Olhe para mim, Estrela! — Ela respira tão profundo que eu escuto o seu

solução — Olhe para mim. — Exijo.

Lentamente, sua cabeça se ergue e os seus olhos encontram os meus. Uma lágrima ainda escorre por sua face.

Minha mão vai até lá, e o meu dedo a limpa. Seguro o seu queixo.

— Você não escutou toda a conversa, não foi? — Ela baixa os cílios. Pressiono meus dedos em seu queixo, exigindo o seu olhar. — Responda a minha pergunta, Estrela.

— Escutei o suficiente. Você quer se vingar e não importa o que possa lhe acontecer. Não quero estar aqui quando isso acontecer. — Diz, com voz chorosa.

A resposta me pega de surpresa, mas o que eu não esperava foi a emoção que veio através da voz dela. Seus olhos ficam enevoados, e as lágrimas logo rolam através deles.

Sento ao seu lado. Ela tenta se levantar, então a puxo para mim, abraçando-a com força. Ela soluça.

— Estrela... — digo, alisando os lindos cabelos loiros dela. — Não haverá vingança, os assassinos da Isa e do meu pai já tiveram o que merecem. Estou livre, meu coração está livre. — Duas pequenas mãos empurram o meu peito, para que ela possa me olhar de frente. Estrela fixa os olhos marejados em meu rosto e sorri.

— Vo-você, não tentará mais nenhuma besteira?

Ia começar a responder, mas fico em silêncio; prefiro agir: minha boca se junta a dela. O beijo lento e quente desperta o meu desejo. Sentir a língua dela tocando a minha e o seu corpo trêmulo de encontro ao meu

atçam o animal enjaulado dentro de mim.
Estrela, minha linda Estrela, a menor de todas as estrelas do céu.

O beijo começa a ficar mais ousado, línguas se enroscando, lábios sendo mordidos, mãos sedentas, as minhas por ela, e as dela por mim.

Meu coração acelera quando dedos alisam o meu peito por dentro da camisa. Eles descem e sobem, em uma lentidão preguiçosa.

Enquanto a mão dela me provoca arrepios, a minha desliza para cima da sua coxa, esgueirando-se por baixo da abertura do tecido de seda, a minha cueca que ela veste. Encosto o dedo em seu sexo, e ela para o beijo e sua respiração se torna irregular.

Sorrio quando sinto o seu arfar. Deslizo o dedo para cima e para baixo, entre a abertura dos seus lábios vaginais. Não a penetro, só faço

cócegas. Isso causa um gemido longo, o que me deixa muito animado. Meu dedo entra em suas dobras e procura seu clitóris. Ela abre os olhos quando o toco e o belisco, puxando-o um pouco.

Sua boca na minha, seus olhos nos meus e o meu dedo trabalhando sofregamente em seu carocinho apetitoso. Fico mais ousado, meu outro dedo procura sua abertura.

— Afaste as coxas um pouco mais. —
Sussurro. Ela obedece.

Encontro uma abertura muito molhada e apertada, onde empurro o meu dedo médio. Ela se encolhe e tenta fechar as pernas. Separo suas pernas com as mãos e tento empurrar dois dedos.

Estrela me abraça, escondendo o rosto em meu pescoço. Percebo o seu nervosismo, então

retiro os meus dedos de dentro dela. Minhas mãos fazem um caminho acima, uma acaricia sua nuca e a outra circula o seu seio por baixo da camiseta. Quando percebo que está mais relaxada, tento mais uma vez. A essa altura já não tenho juízo, só tesão.

— Pare... — ela diz, empurrando minha mão do meio das suas coxas. Estou tonto de desejo, e ela também, então não entendo por que ela pede para parar. — Pare, eu preciso te contar uma coisa.

O que um homem pensaria em uma hora dessas? Não sei quanto aos outros, mas eu penso uma porção de bobagens, e uma delas é que fiz besteira.

— Você não quer... quer esperar um pouco mais, é isso?

A pergunta é quase um lamento. Ela se

afasta.

— Eu preciso te contar uma pequena história sobre mim. Lembra que disse que havia algo que eu precisava te contar?

Só então me lembro.

— Lembro. — Ela se ajeita no colchão e cruza as pernas, uma dentro da outra. Viro-me para ela e espero.

Ela limpa a garganta.

— Eu nunca namorei. Não porque eu não quis, é... é... — Baixa os cílios — Nenhum rapaz que eu conhecia se interessava por mim.

Quase me engasgo.

— Como assim? — Digo, surpreso — Olhe para você! Você é linda! O que há com os rapazes de Rio Alto, por acaso eles são cegos?

Estrela levanta os cílios, e nos encaramos.

— Não, a cega era eu... literalmente cega. Os rapazes não queriam namorar a pobre ceguinha da cidade.

Paro de respirar. Fico uma bagunça. Meus olhos varrem o rosto dela, eu tento a todo custo imaginar a Estrela cega. Aqueles olhos lindos, aquela luz brilha tão intensamente... não, não... Será que algum dia havia se apagado? O susto é tão grande que nem a escuto me chamar.

— Alejandro! — Os olhos dela estão fixos nos meus. — Você escutou o que eu disse?

Expulso os meus pensamentos confusos.

— Você era cega? Como cega, quer dizer, você nasceu cega e depois voltou a enxergar... é isso? — Já não estou falando coisa com coisa.

— Não, eu nasci com a visão perfeita, mas aos 14 anos descobri que tinha uma doença

degenerativa chamada ceratocone. É uma doença progressiva da córnea, e em questão de meses eu já não enxergava quase nada, e foi piorando com o passar dos anos. Quando completei 20 anos, os médicos me disseram que eu só podia reverter minha cegueira com um transplante de córnea, e teria que ser rápido, pois eu só tinha mais 4 anos, ou ficaria cega permanentemente. Por causa da urgência, meu nome foi para o topo da lista, e toda vez que o telefone tocava e era do hospital, eu ficava feliz e triste...

A olho, sem entender.

— Triste?! Por quê?

— Por que eu sabia que alguém havia morrido para que eu pudesse receber suas córneas, era como se eu estivesse rezando fervorosamente para alguém morrer, isso é

muito ruim, por isso ficava triste — ela quase sussurra ao falar: — Mas, um belo dia, o telefone tocou, avisando-me que havia um doador, e para minha surpresa, o doador era compatível, e aqui estou, olhando para o homem mais lindo do mundo.

Ela sorri, e o meu mundo se ilumina. Agora eu entendo o que o meu sogro quis dizer no dia em que eu perdi a Isa, quando ele me disse que os órgãos da Isa seriam doados e eu fiquei revoltado, porque não queria que dividissem minha Isa. Eu a queria inteira, contudo, agora entendi a importância da doação. Em algum lugar, há alguém feliz, alguém que conseguiu voltar a sorrir, pois a Isa proporcionou isso. Me enchi de orgulho da minha linda flor de alfazema.

Seja quem foi que partiu, fez uma doação de

amor e assim permitiu que a minha Pequena Estrela pudesse enxergar outra vez. Devia ser uma pessoa com o coração igual ao da minha Isa.

Eu gostaria de saber quem foi essa pessoa, e assim poder agradecer e apresentar à família da pessoa a Estrela, mostrar para eles que um pedacinho do seu ente querido está vivo em alguém.

— Você entendeu por que eu nunca namorei? — Ela me chama de volta à realidade — Os rapazes não se aproximavam de mim, e quando isso acontecia, eles achavam que estavam prestando um favor à ceguinha. Descobri isso na época do ginásio, quando um garoto me pediu em namoro, mas ele só queria se aproximar de mim em minha casa, no colégio ele ficava com os amigos dele, e eu com

os meus. Um dia, ele tentou pegar nos meus seios — quando ela diz isso, algo em mim muda e sinto uma ponta de ciúme.

Ela percebe minha inquietação, faz uma pausa, e segundos depois continua:

— Afastei a mão dele do meu corpo — Boa menina, penso — e lhe disse que se ele queria uma intimidade maior, era necessário compromisso maior, pois já estava na hora de todos saberem que estávamos namorando. Ele me pediu um tempo para tomar coragem, pois ele seria motivo de chacota no colégio. Namorar a ceguinha da escola era constrangedor para ele. Terminei o nosso namoro naquele dia e nunca mais quis me envolver com outros rapazes, mesmo depois que voltei a enxergar, pois os rapazes eram os mesmos que não me queriam por ser cega, então eles não serviam para mim. Eu sabia que um dia iria conhecer alguém, e eu me apaixonaria assim que o visse e esse homem é... esse homem é você.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

Eu devo ser a porra do homem mais sortudo da face da terra — e o mais imbecil também. Escuto uma declaração de amor tão intensa e fico parado, sem reação.

Reaja, homem, ela está bem diante de você, faça alguma coisa!

Meus pensamentos estão mais bagunçados do que caixa de bijuteria de mulher.

— Estrela — engulo o bolo que se formou

em minha garganta. — Eu não sei se posso retribuir o seu amor na mesma intensidade.

Cara, você passou de imbecil para sem noção por completo. Como ousou dizer-lhe tais palavras...

Estraguei tudo.

Duas estrelas reluzentes me fitam.

— Senhor idiota — *tome, bem feito.* —, não estou lhe pedindo nada em troca, não precisa nem gostar de mim, se quiser. Eu só lhe disse que eu amo você, aceite isso que dói menos.

Ela tenta se levantar. A pego pelo braço e a trago de volta, sentada em meu colo. Uma mão tenta me bater, eu a pego e fito aquele rosto lindo e bravo.

— Senhorita Malcriada, eu estou sendo sincero. Aceite isso que dói menos, contudo, não estou dizendo que nunca poderei amá-la.

Talvez eu até possa, e até muito mais do que você me ama.

Ela fica quieta e baixa os cílios.

— Eu queria muito acreditar nisso — murmura —, mas o seu amor por ela é maior que qualquer outro sentimento que você possa sentir. — Ela levanta os cílios e me encara. — Não me faça promessas, Alejandro. Promessas as quais talvez você não possa cumprir. Aceito o que o seu coração puder me dar, desde que seja só meu, unicamente meu.

Sou beijado. Uma boca macia encosta à minha, e uma língua quente circula os meus lábios. Ela sabe bagunçar ainda mais minha cabeça.

O beijo é tão lento quanto o arrepio da minha pele, quando os seus dedos tocam o meu rosto. Ela se afasta, olhando-me com

calor inquietante.

— Eu não terminei de contar tudo. —
Ficamos nos olhando.

— Ainda tem mais? — Beijo a ponta do seu
nariz. Ela assente com a cabeça.

— Falta lhe contar sobre a minha primeira
vez. Eu sei que você pensa que eu já...

— Estrela — a interrompo —, não me
interessa saber quem foi o primeiro, não
precisa me explicar nada, eu só quero fazer
você feliz e...

— Não teve a primeira vez... — Ela me
interrompe. Começo a tossir de nervoso. — Eu
nunca namorei literalmente, só dei uns
beijinhos com esse garoto do colégio. Eu... eu
sou...

— Virgem — digo, olhando para ela
seriamente. Tudo está vindo em flashbacks.

Com a Isabelle, eu só descobri depois do ato. Mas a história é a mesma, com uma diferença: a Isabelle teve uma vida amorosa, e a Estrela é completamente inocente, e, com isso, muito mais delicada. Eu não posso magoá-la, não posso usá-la como minha tábua de salvação.

Não, Alejandro, não está certo. Você não a ama, a primeira vez de uma mulher tem que ser com amor.

Pego a Estrela e a coloco sentada na cama. Levanto-me, olhando para ela.

— Eu não mereço você, eu não posso estragar a sua primeira vez, acho melhor pararmos por aqui. Eu sinto muito, Estrela, não a amo. Gosto muito de você, mas não é o suficiente para ser o primeiro homem da sua vida.

Viro as costas e saio do quarto, tão depressa quanto posso. Só não esperava que ela viesse atrás de mim.

Entro em meu escritório, jogando tudo que eu encontro à frente no chão. Estou com raiva – raiva de mim – *Imbecil, idiota...*

— Como ousa pensar o que é melhor para mim?!

Ela está bem atrás de mim, apontando aquele dedinho em minha direção. Viro-me.

— Porque eu sou mais velho e mais experiente, isso faz com que eu saiba o que é melhor para você, e, no momento, sou a pior escolha para sua vida.

— Nem minha avó, se estivesse viva, poderia fazer escolhas por mim, quanto mais você! Você é burro ou o quê?

Ela quer me tirar do sério. Ela está me

NACIONAIS - ACHERON

testando.

— Baixe o tom de voz, Estrela, me respeite...

— Respeito! — Ela levanta a voz ainda mais, e o dedo vem em direção ao meu rosto. — Respeito se conquista, seu idiota! Eu escolho quem eu quiser para ser o primeiro homem da minha vida, e se escolhi você é porque eu o amo. Mas pelo o que estou vendo, isso não é o bastante. Acho que feri o seu instinto de caçador, na certa você não queria ser escolhido, e sim escolher...

— Cale-se! — Mas que merda ela está falando? — Que porra é essa aqui, do que estamos falando mesmo? Escute aqui, sua moleca petulante do caralho, eu não quero transar com você, não quero ser o caralho do seu primeiro homem, porra! Sua idiota, eu estou lhe fazendo um favor! Eu não a amo,

entendeu, imbecil?

Recebo um tapa no rosto. Ele é tão forte que o meu rosto vira para o lado contrário. Passo a mão no rosto e a fito com raiva. Ela aponta aquele dedo novamente em direção ao meu rosto, dos seus olhos descem lágrimas suficientes para encher um copo. Meu coração fica pequeno, minha vontade é abraçá-la, mostrar para ela o quanto eu a desejo, o quanto a quero, mas o meu instinto protetor fala mais alto. Eu preciso mantê-la a salvo de mim.

Meu medo é não a amar o suficiente, não a fazer feliz. O fantasma de Isabelle ainda está tão presente em minha vida. Eu quero amar essa moça, quero muito. Será que eu conseguiria algum dia? Não, era melhor nem tentar, prefiro sofrer ao fazê-la sofrer.

Ela me olha, e o seu dedo balança na frente do meu rosto.

— Você mudou de aparência, mas continua o mesmo idiota, grosso e estúpido! — Estrela soluça a cada palavra. — Você, além de retardado, é surdo. Eu não lhe pedi nada em troca, eu só queria que aceitasse o meu amor, nada mais! E não pedi para me amar, mas tudo bem, eu entendi o recado. Não vou me rastejar, eu nunca precisei implorar por nada nesse mundo, se você não me quer... morra sozinho!

Ela vira as costas e sai correndo.

E agora, e agora, Alejandro, você vai deixar o amor lhe escapar por entre os dedos?

Não sei o que fazer, bate um desespero. E se ela resolver ir embora? É o correto a fazer. Eu, no lugar dela, iria embora e nunca mais na vida olharia para minha cara.

Inferno! O que faço?

Vamos, Alejandro, vá atrás dessa pequena petulante dos infernos.

Vou. A passos largos, chego ao meu quarto. Ela não está lá. Vou ao quarto de hóspedes; ela também não está. *Onde diabos você se meteu?*

Saio pelos fundos da casa e vou até o alojamento dos empregados. Escuto um soluço vindo do segundo quarto.

A porta está trancada.

— Abra a porta, Estrela. — Agito a maçaneta. — Estrela, abra essa bendita porta!

— Vá para o inferno, seu... seu monstro!

— Estrela, não vou pedir mais uma vez, abra o caralho desta porta! — Grito e esmurro a porta.

— Já dissemos tudo o que tínhamos para

dizer. Não se preocupe, estou indo embora da sua casa.

Enfio o pé na porta. Meu medo é que ela esteja próxima a ela e eu a machuque.

A porta voa longe. Estrela está do outro lado, com duas peças de roupa nas mãos, coladas ao peito, os olhos arregalados de susto. Olho para a cama, e avisto uma bolsa. Ela está mesmo pensando em ir embora.

— Você não vai para a porra de lugar algum!

Avanço em sua direção, tomo as roupas de suas mãos e as jogo de qualquer jeito dentro da sacola. Eu a pego pela mão e saio puxando-a.

— Solte-me, solte-me! Eu vou embora, não fico nem mais um minuto aqui!

Viro-me para ela. Eu também estou furioso comigo mesmo, pois acabo de descobrir que ficar sem a luz daquele olhar é uma
NACIONAIS - ACHERON

condenação perpétua à escuridão, e eu não quero viver mais no escuro, não mais. Eu a quero em minha vida, eu quero aquela Pequena Estrela petulante do caralho.

— Você vem comigo, por bem ou por mal! — Eu a fito desafiadoramente. Ela puxa a mão da minha, conseguindo se soltar.

Pego-a pelas pernas e a coloco em meus ombros.

— Solte-me, Alejandro, solte-me! — Pego sua bolsa e saio do quarto. — Para onde você está me levando?

— Para um lugar de onde você só sairá quando a fizer minha. Para a minha cama!



Alejandro

Estrela começa a se espedir, batendo em minhas costas com os punhos cerrados. Está difícil manter o equilíbrio, ela está brava. Não tiro a sua razão, eu no lugar dela me mandaria à merda.

— Solte-me, Alejandro! Eu odeio você, odeio com toda a força do meu coração.

— Eu sei, sei o quanto você me odeia, Estrela. Eu também a odeio, e vou mostrar a

você a força desse ódio assim que chegarmos ao quarto.

Entro no quarto, tranco a porta à chave e a retiro da fechadura, colocando-a no bolso da calça, assim ela não terá para onde ir quando a soltar. Quando a coloco no chão, recebo um chute na perna.

— Inferno! — digo, com a voz alterada. Ela corre em direção à porta e tenta abri-la.

— Dê-me a chave, Alejandro. Não fico aqui nem mais um minuto. — Ela me fuzila com o olhar.

Fico olhando para ela. Apoio minhas mãos nos quadris.

— Estrela — a chamo calmamente.

— Vá para o inferno, eu quero ir embora! — Ela se vira para a porta e começa a balançar a maçaneta. — Alfonso, Alfonso! — Começa a
NACIONAIS - ACHERON

gritar.

— Estrela — a chamo novamente. Desta vez com um pouco de impaciência.

— Deixe-me ir embora — Encosta a testa na porta e murmura.

Dou alguns passos e fico bem atrás do seu corpo.

— Estrela, eu não quero que se vá — Toco em seu ombro, ela afasta minha mão para longe. — Estrela, eu... quero que fique. — Baixo o tom da minha voz. Toco em seu ombro outra vez, e desta vez ela deixa.

— Por quê? — Sinto sua respiração abafada.

— Porque eu preciso de você, porque você me faz sentir vivo.

Ela se vira, seus olhos se fixam aos meus. A luz dos seus olhos esquenta o meu corpo.

Ficamos presos em nosso olhar. Estrela avalia o meu rosto, procurando algo, talvez algum indício de algum sentimento.

Nem eu mesmo sei o que estou sentindo. Minha vontade é tomá-la nos braços e beijá-la sem parar. Fazer juras de amor e dizer que a amo...

Amor! É isso mesmo; amor. Será que, após tanto tempo, eu consegui amar outra vez?

Sim, essa merda que está pressionando o meu peito e me fazendo ficar igual a um idiota, só pode ser o bendito amor.

Vá com calma, Alejandro, não se precipite.

— Você não vai me escorraçar da sua vida novamente? — Sua voz doce me traz de volta à realidade.

Coloco a mão no peito, no lado do coração. Eu sei que ela vai me achar ridículo, mas,
NACIONAIS - ACHERON

naquele momento, é o que eu devo fazer e dizer.

— Eu, Alejandro Ortega Martinez, não te prometo nada, mas farei o possível para fazê-la feliz. Darei o meu melhor sorriso a você todos os dias, serei um companheiro dedicado, amoroso, gentil e protetor, não importa quanto tempo nós — aponto para ela e depois para mim — fiquemos juntos, mas que esse tempo seja só nosso. O que sinto por você, eu não sei se é paixão, carinho ou amor, talvez seja a mistura dos três sentimentos, pois só de pensar que amanhã não verei o seu sorriso e nem a luz dos seus olhos, perco o ar. Eu te quero, Estrela... — faço uma pausa — Estrela de quê? — pergunto.

— Estrela Cavalcante de Oliveira — Ela responde.

— Eu — continuo — te quero, Estrela Cavalcante de Oliveira, a quero aqui... — aperto a mão em meu peito, sobre o coração — e aqui... — aponto o dedo em direção à minha cabeça. — É só isso que eu posso te dar... por enquanto.

As mãos dela cobrem o rosto, e ela começa a chorar compulsivamente.

— Inferno! Foi tão ruim assim? — Pergunto, indo até ela e a abraçando.

— Não. — Soluça, escondendo o rosto em meu pescoço — foi muito romântico, foi lindo. Eu te amo, Alejandro Ortega, te amo mais que qualquer coisa nesse mundo.

Ela ergue a cabeça, e seu olhar penetra no meu. Ficamos assim por alguns segundos, presos no olhar um do outro, respirando lentamente, como que hipnotizados um pelo

outro.

— Um dia eu te direi o mesmo, eu sei que direi...

— Não precisa — ela me interrompe — Só precisa me dar tudo aquilo que você acabou de falar, já é o bastante.

Ela me beija. Suas mãos pousam em meu rosto, uma de cada lado, seus polegares alisando o meu queixo. Roça os lábios nos meus, tão suavemente que eu gemo baixinho. E quando a ponta da sua língua percorre os meus lábios, minha pulsação acelera e eu fecho os olhos, tentando manter o meu controle. Essa Pequena Estrela sabe o que quer, tudo nela diz isso.

Por um momento, sou transportado para o paraíso, onde só existiam duas pessoas: ela e eu. Se eu pudesse não voltaria, ficaria ali, com

aquela boca colada à minha e mãos quentes me tocando com tanto carinho.

Com apenas um toque, a Estrela acende uma fomalha. A única que conseguiu isso de mim foi *ela* – Isabelle – a única que me derrubava só com o olhar. Agora, uma linda moça com cabelos dourados e olhos azuis da cor do mar está fazendo o mesmo.

Seguro o seu rosto do mesmo jeito – com minhas duas mãos, uma de cada lado – e aprofundo o beijo. Lambo seus lábios e invado sua boca com minha língua faminta. *Faminta por ela.*

Meu beijo não é tão suave quanto o dela. Meu beijo é cruel, possessivo, dominador. Minha boca envolvendo a dela, comendo literalmente os seus lábios e sua língua.

Estrela é pega de surpresa e fica ofegante

com o rompante do meu beijo. Sinto o seu desespero por ar.

Afasto-me, mas não largo o seu rosto, minhas mãos permanecem lá. Fito aquele rosto lindo, com tanta intensidade que a minha vontade é só uma: *ela*.

— Eu. Quero. Você — digo pausadamente.

Ela baixa e ergue os cílios, engolindo a saliva.

— Vem cá. — pego em sua mão e a levo até próximo à cama.

Ela olha em direção à grande cama King size, depois olha para mim. Sinto sua insegurança, é compreensível, hoje ela virará uma mulher... Inferno! Ela será minha mulher.

Vem aquela sensação de posse. A Pequena Estrela seria minha a partir de hoje, e ai daquele que ousasse olhar para ela.

É, acho que algo está mudando dentro de mim.

— Estrela — minha voz soa baixa e carinhosa. —, a partir de hoje as coisas entre nós dois vão mudar, você sabe disso, não sabe? — Ela assente com a cabeça — Você será minha, e tenha certeza, eu também serei seu — eu só não sei como será o meu comportamento depois. — Não tenha medo, não vou machucá-la, e tem mais, será a minha primeira vez também — ela sorri, acho que não acredita no que eu disse — É sério, minha pequena, não tenho relações sexuais com uma mulher há dois anos, o máximo que consegui chegar foi a uns boquetes. Meu pênis não subia, não tinha tesão por nenhuma mulher. Você será a primeira, depois de dois anos.

Não menti. Desde que a Isabelle se foi, me

isolei do mundo, não saía do meu apartamento e não queria nenhum envolvimento, mesmo sexual. Quando vim para Rio Alto e me tranquei em meu mundo, não sentia vontade de fazer sexo, só vinha a vontade quando eu pensava em meus momento com a Isa. Então procurava os serviços de acompanhantes, o próprio Alfonso buscava as moças. Entretanto, eu não conseguia, por mais gostosas que elas fossem – não conseguia nem encostar em suas vaginas. Algumas eram insistentes e conseguiam arrancar de mim um sexo oral. *Elas em mim.* Era o máximo que eu me permitia. Comecei a me satisfazer com minhas próprias mãos. E depois de tanto tempo, estou sentindo desejo novamente, desejo por uma pequena estrela, linda de viver.

Ela me olha com curiosidade, na certa se perguntando no que eu tanto penso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Então somos virgens? — Surpreendo-me com sua pergunta. Gargalho.

— De certa forma — digo, ainda rindo. Seguro em seu queixo. — Vou despir você, quero eu mesmo fazer isso, e sem pressa.

— Você vai desembulhar o seu presente, não é?

A fito com surpresa. Bem, ela não deixa de estar certa. Ela é um presente para mim, e um maravilhoso presente.

— Vou — replico — meu valioso presente, por isso não terei pressa.

A coloco de frente para mim e de costas para a cama.

— Levante os braços — ela levanta, um pouco reticente, posso afirmar que está nervosa.

NACIONAIS - ACHERON

Pego a bainha da blusa e vou puxando o tecido para cima. Aos poucos, posso ver a pele alva da sua barriga, não demora muito e os seus lindos e redondos seios são descobertos. Eu já os tinha visto e tocado neles, mas não como agora.

Eles eram perfeitos, e pensar que um moleque safado melequento tentou pôr as mãos neles, a raiva percorre cada célula do meu corpo. A blusa é retirada por completo e jogo-a em qualquer canto do quarto.

Meus olhos passeiam por ela. Estrela olha para o meu rosto. Toco nos bicos dos seus seios com a ponta dos meus dedos, um a um, bem lento, minha vontade é mordê-los. Ela arfa quando sente o meu toque, morde o lábio e fecha os olhos.

— Olhe para mim — exijo. Ela olha. Meus

dedos escorregam por sua barriga e param no cós da cueca de seda. Deslizo o dedo indicador por dentro do elástico.

Ela arfa novamente. Agacho-me, ficando de joelhos. Minhas mãos seguram o elástico da cueca e vai descendo, e a cada deslize da peça de roupa, um pedaço do seu corpo é revelado, até que sua vulva rechonchuda fica à mostra. Salivo quando a vejo. Uma penugem dourada, bem ralinha, forma um pequeno V, fico hipnotizado por tamanha lindeza. Desço a cueca por suas coxas, e os meus dedos roçam em sua pele até chegarem aos seus pés.

Jogo a cueca na mesma direção que joguei a camiseta.

— Você é linda, Pequena Estrela, tão perfeita em suas formas, em suas curvas. — Devo estar parecendo um lobo faminto, pois

minha boca saliva.

Inclino minha cabeça e beijo lá, bem no V rechonchudo. Estrela se encolhe quando sente minha boca em sua vulva. Meus dedos deslizam entre suas coxas, correndo todo o caminho até bem lá no meio, entre seus lábios vaginais. Ela deixa escapar um gemido, e o seu corpo estremece.

Retiro meus dedos e lambo sua vulva, mordendo segundos depois, matando minha vontade. Ela grita de susto.

— Você é tão quente. — murmuro. Minha mão volta para suas dobras e meus dedos pressionam a carne macia; ela estremece outra vez. — Abra as pernas um pouco mais — digo, minha boca colada em sua vulva, lambendo aquela pelugem de vênus.

Estrela é obediente, ela afasta as pernas e

PERIGOSAS

minha boca desce e minha língua lambe o seu mel. Minha outra mão passeia em suas costas até encontrar sua bunda, e eu a aperto. Estrela não consegue se conter, pressiona meu rosto em seu sexo, e num movimento rápido joga o seu corpo na cama. Meu rosto enfiado no meio das suas coxas, provando-a, deixando-a completamente zonga de prazer

Escuto o grito dela, e minha cabeça é pressionada outra vez em suas dobras. Ela se contorce e arqueia os quadris. É tão delicioso sentir os seus espasmos de tesão. Eu que estou proporcionando tudo aquilo, eu sou o primeiro.

Lambo o seu prazer com vontade aguçada e espero sua respiração voltar ao normal.

Ergo o corpo e olho para o seu rosto ruborizado. Ela ainda está ofegante e linda!

NACIONAIS - ACHERON

— Fique aí, quietinha — Fico de pé. Estou muito excitado, tão duro quanto uma barra de ferro. Preciso de muito controle para não gozar junto com ela.

Começo a me despir. Quando me livro da cueca, meu membro dá um pulo de felicidade.

— Deus do céu! — Ela olha para ele com os olhos arregalados. Engatinha de costas até os travesseiros, sustentando o corpo nos cotovelos. — É maior p... que eu já vi! Isso é imenso!

Ela fala com admiração. Tomo um susto com a observação dela.

— Estrela — chamo sua atenção — a senhorita já viu outro pau antes? — Pergunto. Ponho a mão em meu membro e começo a massageá-lo.

— Eu fui cega, não sou mais, e eu sou

NACIONAIS - ACHERON

virgem, não uma tapada. Depois que voltei a enxergar, comecei a ler aqueles romances. Aqueles...

— Estrela! — chamo seu nome, arrastando a sílaba “tre” por alguns segundos.

— Aqueles romances adultos — ela se corrige — Literatura erótica. Eles ensinam muita coisa, você nem imagina, e comecei a ver revista de homem pelado. Eu precisava conhecer a anatomia masculina para não ser pega de surpresa, mas nada me preparou para isso — aponta para meu pênis — isso não é um p... pinto, isso é um pintão, santo Deus!

Eu não sei se fico bravo ou se dou risada.

— Depois eu quero todos os seus livros eróticos em minhas mãos e principalmente as revistas de homens pelados, darei um fim em todos eles. De hoje em diante, o único homem

pelado que a senhorita verá, sou eu.

Jogo-me na cama por cima do seu corpo. Minha mão alisa o seu rosto, e os braços dela circulam o meu pescoço. Nossas bocas se encontram, e o beijo é suave, e aos poucos o calor dos nossos corpos juntos abrasa o beijo, e ele se torna ousado, desavergonhado. Línguas se engalfinhando, lábios sendo mordidos e gemidos roucos — os meus e os dela. Minhas mãos passeiam por seu corpo, esmagam os seus seios, beliscam os seus mamilos, até descenderem por suas curvas e finalmente encontrar o que mais quero no momento, o seu sexo.

Estrela me abraça, trêmula, e aperta o seu corpo ao meu quando meus dedos tentam penetrá-la. Ela solta um leve grito.

— Shh! Não vou machucá-la, só quero

PERIGOSAS

prepará-la, você precisa ficar bem excitada para me receber. Eu sou grande para um lugar tão apertado como esse. — Cutuco o dedo em sua abertura e sorrio para ela. Estrela continua tensa. — Minha pequena, serei paciente — olho fixamente em seus olhos enquanto minha mão acaricia os seus cabelos. — Relaxe, não tenha medo.

Ela fecha os olhos. Meus dedos finalmente se movem e a penetram, deslizando com dificuldade entre suas dobras molhadas. Estrela abafa um grito — Relaxe — digo, enquanto meus lábios encostam em seu pescoço e eu o mordo. Ela treme de desejo. — Em breve, você será todinha minha — rosno, com voz profunda. Ela se arqueia quando um dos meus dedos abre caminho em sua abertura apertada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Dóóói! — Geme baixinho e prende minha mão entre suas coxas.

— Afaste as pernas, Estrela — olho para ela. Sei que eu estou com uma aparência assustadora, pois estou louco de desejo.

Ela as afasta, e fico entre elas. Meu membro cutuca sua barriga.

— Ale-Alejandro — Ela sibila — eu... eu estou com medo. — Murmura.

— Confie em mim, só isso. — Distribuo beijos por todo o seu rosto, acariciando sua face com a minha. Cheiro e beijo seus cabelos, e minhas mãos passeiam por todo seu corpo, lentamente. — Eu te quero, Pequena Estrela.

Posiciono meu membro em sua entrada.

— Estrela, eu não vou usar preservativo, estou saudável e sei que você também está. Amanhã providencio a pílula do dia seguinte e

NACIONAIS - ACHERON

depois chamo uma ginecologista para prescrever um contraceptivo para você. — Fito o seu rosto enquanto falo — Eu não quero nada entre mim e você, só se você quiser. Eu tenho preservativo na gaveta da cômoda, você quer que eu use?

— Não, eu quero senti-lo também. — Sua boca cola na minha, aqueles lábios quentes roçam nos meus.

Meu membro pulsa, e a vontade de torná-la minha vai a pico.

— Minha Pequena Estrela, eu quero você, quero muito. — a beijo com mais força, e ela se prende em meu corpo, dedos entrelaçam os fios dos meus cabelos, e a outra mão alisa minha nuca.

Meu membro encontra o caminho desejado, e aos poucos, lentamente, ele vai sendo levado

pelos fluidos da sua vagina. Estrela se encolhe quando a glândula entra em sua abertura. Ela solta um pequeno grito. Com a boca ainda na sua, eu digo com paciência:

— Shh, fique calma, não vai demorar. —
Beijo-a outra vez.

Forço um pouco mais. Estou muito excitado, e sei que gozaria assim que estivesse dentro dela. São anos sem saber e sentir o que é felicidade, e agora ela está aqui, bem debaixo de mim, se entregando sem esperar nada em troca.

Pequena Estrela, você acabou de me ganhar, e para sempre.

Vou mais fundo. Ela grita outra vez; paro. Movo o quadril para frente e rebolo. Ela geme, para de me beijar e me fita. Ela gostou.

Rebolo outra vez; ela sorri. Aproveito e
NACIONAIS - ACHERON

forço mais um pouco. Ela está tão linda, as maçãs do rosto ruborizadas e os cabelos úmidos, sua testa continha gotas de suor, e os olhos... nossa! Os olhos emitem uma luz maravilhosa.

Ela move o quadril para cima, e o meu membro invade sua abertura um pouco mais.

— Alejandro, me foda logo... — meus olhos se arregalam de surpresa com o tom da sua voz.

— Não, não vou foder você, vou amar você. Depois, amanhã, foderei você com amor.

A penetro com força. Ela grita e prende-se a mim. Esconde o rosto em meu pescoço e o morde, acho que me marcou.

— Deus do céu! Não se mova.... — Eu já escutei essa mesma frase.

Inferno! Isso não é hora de voltar ao
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

passado. É hora de esquecer e viver o presente.

Beijo todo o seu rosto.

— Você agora é minha. Minha mulher, entendeu?

Ela sorri.

— Gostei disso. E você agora é meu. Meu homem, entendeu?

Rimos juntos.

Movo meus quadris, e ela me ajuda. Aos poucos vai relaxando, e os nossos movimentos vão ficando intensos. Nossas bocas estão famintas uma pela outra, assim como os nossos corpos. Nossos corações acelerados batem ritmado no mesmo compasso.

O corpo de Estrela estremece toda vez que minhas fortes estocadas a invadem. Meu prazer cresce quando o dela vem, alucinado.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ela me morde, me bate, me chama, seus gemidos quentes enchem meus ouvidos de felicidade.

— Estrela, vamos fazer isso juntos. Olhe para mim, eu quero gozar olhando para você.

— Ela me olha.

Meu clímax vem a pico, e o dela também. Nossos corpos febris, nosso ápice queimando a pele, nos fazendo alucinar. Grunho alto, fazendo meu corpo estremecer todo, enterrado dentro dela. Ela se prende a mim e chama o meu nome.

— Alejandro, eu te amo... te amo... Meu amor.

Nos beijamos com paixão.

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

*E*strela adormece em meus braços. Não consigo fechar meus olhos, fico com medo de, quando acordar, tudo aquilo não tenha passado de um sonho, e assim eu volte para minha triste realidade.

Não sei o que aconteceu. Não consigo explicar esse sentimento que cresce dentro de mim. Pensei que nunca mais em minha vida iria sentir “*amor*” novamente. Pensei que tinha morrido junto com a Isabelle.

NACIONAIS - ACHERON

Isabelle, minha doce Isabelle. Eu não quero esquecê-la, mas não quero viver amando um fantasma, eu preciso me libertar, preciso deixar o amor entrar em minha vida novamente.

Olho para baixo, meus olhos avistam uma vasta cabeleira loira em meu peito.

Minha pequena – minha mão escova os fios dourados dos seus cabelos – quando isso aconteceu, hein?! Quando foi que eu me apaixonei por você?

Beijo o alto da sua cabeça, depois encosto o meu rosto lá.

Depois de um tempo, afasto o corpo quente dela do meu e a coloco confortavelmente sobre os travesseiros. Demoro um pouco antes de finalmente tomar coragem e me levantar da cama. Ainda tento tomar consciência de todo

PERIGOSAS

esse turbilhão de sentimentos que invadem o meu coração.

Respiro fundo.

Muitas coisas vão mudar a partir de agora, Alejandro Ortega.

E, para começar, preciso de um banho.

Saio do chuveiro revigorado, pronto para o meu novo eu, tudo está diferente agora.

Ainda tentando conciliar os meus pensamentos, viro minha cabeça e passo a contemplá-la adormecida, agarrada ao meu travesseiro.

A expressão do seu rosto é serena, angelical. Estrela dorme tranquilamente, e vê-la assim enche meu coração de felicidade, como há tempos eu não sentia.

Saio sorrateiramente do quarto e vou direto

NACIONAIS - ACHERON

para o escritório. Quando entro, lembro do meu passado, da vida que eu vivia, a minha empresa, a minha sala, as reuniões longas, as viagens pelo mundo, meus ternos caros, meus carros. Ficou tudo tão distante, deixei tudo para trás.

É, Alejandro, está na hora de retomar a sua vida, voltar a cuidar do que é seu.

Ligo para o José, ele parece preocupado quando nos falamos logo cedo.

— Senhor Martinez, já ia ligar para o senhor, preciso de uns conselhos.

Sinto uma certa apreensão em sua voz.

— Você nunca me pediu conselhos, José. O que está acontecendo?

— Um dos nossos contratantes quer desfazer o negócio de Paris, alega não se sentir seguro, eu acho que é devido ao seu
NACIONAIS - ACHERON

afastamento. Desde que o senhor deixou de assumir as reuniões do exterior, ele anda reticente. Fiz o que pude para mantê-lo, mas agora ele está irredutível, não sei o que faço, ele pediu uma reunião para amanhã.

É, parece que vou retornar à vida muito antes do que eu pensei.

— Pode marcar, e providencie o meu voo, eu mesmo irei à essa reunião.

José começa a tossir. Fico preocupado, pois parece que ele está engasgado.

— Desculpe-me, senhor Martinez, é que fui pego de surpresa. Posso mesmo marcar a reunião e o voo para amanhã? — Sua voz soa com euforia, ele está feliz com a minha volta, e eu também.

— Claro que sim, providencie inclusive minha bagagem, aqui na casa de campo não

tenho ternos.

Ele me põe a par de todos os problemas com esse cliente, inclusive sobre o meu concorrente, que está tentando roubá-lo de mim. Após todas as pautas estarem em ordem, me despeço de José.

Agora tenho que arrumar um jeito de explicar a Estrela que preciso me ausentar por alguns dias. Bem, eu acho que ela acabará entendendo.

Meu estômago faz um burburinho. Lembro que não almocei – nem eu, nem ela – então resolvo providenciar algo para comermos. Encontro uma lasanha pré-cozida na geladeira, é o suficiente para nós dois.

Coloco-a no micro-ondas.

Estou procurando frutas para fazer um suco, quando sinto uma mão em meu cotovelo,

me girando com suavidade.

— Por que você não me acordou? Fazer o almoço é a minha função, seu sogro me paga para isso.

Ela parece zangada.

— Olá, Pequena Estrela. — Estou com duas mangas na mão, me inclino e beijo a ponta do seu nariz.

Ela toma as mangas e vai para a pia.

— Você só pode estar de sacanagem comigo.
— Digo, quem está zangado agora sou eu. —
Você ficou de bronca só porque resolvi fazer algo para comermos?

Uma gaveta é aberta, ela pega uma faca e começa a cortar a manga e colocar os pedaços no liquidificador.

— Eu sou paga para cuidar da casa e de

você. Esqueceu disso?

Inferno! Pego o celular, vou resolver isso agora mesmo.

— Alô! Lourenço... sim está tudo bem... Lourenço, me ouça, ouça, homem! A partir de hoje, a Estrela não trabalha mais para mim, ela deixou de ser funcionária. Agora ela é a patroa... entendeu? — Desligo.

Ela me olha embasbacada, seus olhos parados em meu rosto, a faca ainda na mão, apontando para mim.

Abro os braços para cima e sorrio, zombeteiro.

— Ficou doido?! — Ela diz, gesticulando com a faca em minha direção — O que o senhor Lourenço vai pensar de mim? Endoidou... você... você... — ela chega bem próximo — Você me enlouquece, Senhor

Arrogante!

Pego em seu braço – o que está com a faca – a puxo para mim, tomo a faca e a jogo longe. Beijo sua boca com uma vontade louca de fazer outras coisas.

— Sim, sim, sim, senhorita Petulante do caralho. Eu sou louco, louco por você. E que se dane o que o meu sogro irá pensar, você é minha e pronto! Agora vamos comer, que eu estou morto de fome e de sede. — Olho para ela com segundas intenções.

Estrela retribui o olhar como se dissesse: *estou muito ferrada*. Sorrio em pensamento.

Volto ao trabalho, e ela vai para o jardim, cuidar das rosas e das mudas de alfazema.

Lembro de Isabelle, foi ela quem plantou as mudas, dizia que o nosso jardim seria colorido, com nuances em lilás das alfazemas. Eu

PERIGOSAS

sempre ria muito quando a encontrava toda suja de terra, realmente a Isa não levava nenhum jeito para jardinagem.

Já a Estrela tem mãos de fadas, as rosas floresceram como por magia depois que ela começou a cuidar delas, e as alfazemas acordaram do seu adormecer.

Ainda é difícil acreditar que um dia a Estrela foi cega, às vezes me pego a observando e tentando imaginar como era a vida dela antes de mim.

Às dezenove horas jantamos, ajudei-a com a louça e com a arrumação da cozinha. Volto para o escritório e ela vai junto, e fica sentada no sofá lendo um livro, enquanto eu trabalho. Preciso deixar tudo em ordem para levar para Paris no dia seguinte. E por falar nisso, não havia falado com a Estrela sobre a viagem, só

NACIONAIS - ACHERON

espero que ela compreenda.

Quando termino, já é mais de meia-noite. Olho para o sofá, onde Estrela dorme tranquilamente. Desligo o notebook e vou pegar o que é meu. *Ela*.

A coloco nos braços, e ela resmunga.

— Shh! Continue dormindo, minha pequena.

A coloco na cama e vou tomar um banho rápido.

Saio nu do banheiro. Ela continua em um sono sereno. Fico de joelhos no colchão e começo a despi-la. A visão do seu corpo é uma coisa divina de se olhar, eu poderia passar o resto dos meus dias só vislumbrando aquele corpo nu. Puxo o edredom e fico de conchinha, agarrado a ela.

Não foi uma boa ideia fazer isso, pois logo o

NACIONAIS - ACHERON

meu membro dá sinal de vida e cutuca a bunda dela. Ela se mexe, empinando seu traseiro com mais força contra ele. Sibilo só com o contato. Minhas mãos tocam os seus seios, encontrando dois mamilos eretos e bem duros.

Começo a girá-los em meus dedos. Ela roça o traseiro outra vez em minha virilha.

— Pequena, se fizer isso outra vez não responderei por mim, nem por ele — me refiro ao meu membro. Ela faz de novo.

Inferno! Tomo seus seios com as mãos e os massajeio com vontade contida, enquanto minha boca morde sua nuca e minha virilha roça em sua bunda.

— Cacete! Não vou resistir a você por muito tempo. — Enfio meu sexo entre suas coxas e começo a mover os meus quadris para frente e para trás. Minha garganta solta sons guturais,

está difícil conter o meu desejo. — Inferno! Preciso sentir você, minha pequena.

Ela move os quadris também. A filha da mãe estava esse tempo todo fingindo que dormia. Dou-lhe um tapa na bunda.

— Espertinha, agora você vai ver! Quer brincar, quer, pequena petulante?

Ela geme e fecha as coxas contra o meu membro.

— Cacete! Estrela, desse jeito eu gozo logo...
— dedos tocam a cabeça do meu membro, e toda vez que meu quadril vai para a frente seus dedinhos brincam com ela. — Humm! Que dedinhos ousados. — dou outro tapa em sua bunda. Ela se arqueia para mim, oferecendo-se com volúpia.

— Ale-Alejandro... eu quero você dentro de mim, preciso gozar, amor... — Ela fala as

palavras mágicas.

— Você só precisa liberá-lo, minha pequena, afaste suas coxas um pouco. — Minha voz soa com decadência, lúbrica e faminta.

Ela o libera, e eu o coloco em sua entrada. Sua vagina está tão molhada, deliciosamente encharcada. Seguro os seus seios e começo a girar os seus mamilos com os dedos.

— Rebole, minha pequena, rebole quando eu estiver dentro de você.

Ela solta sons deliciosos de se escutar, gemidos ofegantes, e o seu corpo se contorce contra o meu.

Meu membro duro procura o seu lugar, e com destreza ele vai penetrando sua abertura apertada. Ela está tão entregue, tão minha, dançando sensualmente. O rebolar dos seus quadris me deixa insano.

— Isso, meu tesão. Rebola gostoso. Assim, minha delícia. — Vou penetrando-a lentamente, a glândula já está quase dentro da sua vagina, quando ela se encolhe e fica tensa, soltando um grito de dor.

Sim, dor; aquele grito não foi de tesão, foi de dor. Retiro meu membro rapidamente de dentro dela.

— Não, não, meu amor, eu aguento. Continue, eu quero gozar. — Suplica, quase chorando.

— Não, você está muito sensível, não quero que sinta dor, quero que sinta prazer. — Beijo seus cabelos e continuo massageando os seus seios e mamilos. — Afaste as coxas — Ela afasta, e meu membro volta para o meio delas, ficando entre os seus lábios vaginais.

Começo a me mover lentamente, a glândula

PERIGOSAS

roçando em seu clitóris, fazendo-a gemer de tesão, e eu enlouquecendo. Minhas investidas vão ficando mais intensas, e logo não suporto mais; nós dois nos movemos juntos até gozarmos. Ela vira a cabeça em minha direção e nossas bocas se unem, e elas são fodidas também – por nossas línguas.

Ainda respirávamos com dificuldade quando a levo para o banho. Ela fica muito mais linda depois de fodida, seus olhos ganham um brilho especial, fico os admirando fixamente.

— O que foi? — Ela pergunta, curiosa. — Há algo errado com o meu rosto?

— Não, pelo contrário, ele é lindo, e a luz do seu olhar é tão intensa, tão esmagadora. A Isa tinha duas estrelas nos olhos, igual a você, e o brilho dos olhos dela eram assim, radiante.

NACIONAIS - ACHERON

Ela baixa os cílios. Noto que ficou triste. Fiz merda, ou melhor, disse merda.

— Eu não sou a Isa, Alejandro. Eu sou a Estrela. — Ela diz, tristemente.

Inferno! Eu e minha boca.

— Eu sei, minha pequena, vocês são completamente diferentes. A única semelhança são as estrelas e a luz do olhar. Não estou comparando você com ela. A Isa está morta, e você está aqui, comigo.

Seguro em seu queixo e a beijo com todo o amor que tenho no coração. Percebo que falar sobre a Isabelle não dói mais, só ficou uma lembrança gostosa de sentir.

Ela retribui o meu beijo. A pego nos braços e voltamos para a cama. Visto o seu corpo com uma camiseta de algodão minha e visto uma cueca.

— Estrela, tenho algo para lhe contar — digo, enquanto toco o curativo da testa dela. Ela vira os olhos para o meu rosto — Amanhã estou embarcando para Paris, tenho uma reunião muito importante e não posso faltar.

Ela segura minhas mãos, e os seus olhos piscam uma porção de vezes. Pronto, lá vem briga. Preparo-me para receber uma enxurrada de palavras nada agradáveis.

— Eu escutei isso mesmo? — Bem, pelo tom da voz, não receberia reclamação — Você disse que vai embarcar para Paris, foi isso? — Assinto com a cabeça, mas estou meio confuso com o tom da voz dela — Isso quer dizer que você vai sair do seu casulo, vai ver gente, vai se socializar novamente... — Ela me olha com admiração — vai assumir sua empresa! — Dois braços circulam o meu pescoço e recebo beijos

por todo o rosto.

Confesso, não era por isso que eu esperava, mas adoro a compreensão dela e o seu entusiasmo.

— Sim, minha pequena, e isso tudo eu devo a você, você me trouxe de volta à vida. — Ela segura meu rosto com as duas mãos e me beija apaixonadamente. Fico sem fôlego com o seu arrebatamento.

— A que horas você embarca? Quer que eu faça a sua mala? Posso levar você no aeroporto? Diz que eu posso, diz! Eu nunca fui a um aeroporto.

Fico zozinho com a felicidade dela.

— Sim, você pode. Embarco amanhã pela manhã, e não precisa fazer minha mala, o José, meu assessor, já providenciou tudo.

Depois de se acalmar com as novidades,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Estrela dorme bem agarradinha a mim. O coração dela bate tão rápido, só não sei dizer se é de alegria ou de saudade.



Alejandro

11 de setembro de 2016

Quando acordo, levo o maior susto — Estrela não está ao meu lado. Levanto-me de supetão, e antes mesmo de pôr os pés no chão, ela surge com uma enorme bandeja nas mãos.

— Bom dia, grande executivo! Café da manhã reforçado para o meu homem de negócios.

PERIGOSAS

Ela sorri lindamente, vestida em minha camiseta e descalça, parecendo uma moleca, uma menina travessa.

Faço menção de levantar, mas ela chama minha atenção.

— Parado aí, nem pense em se levantar. — Sou obrigado a me encostar na cabeceira da cama.

Estrela sobe na cama e coloca o guardanapo em meu pescoço. Sou alimentado por suas mãos. Tento reagir a tamanha arbitrariedade, mas toda vez que tento fazer ou falar qualquer coisa, recebo um tapa no ombro.

O jeito é aceitar a ser tratado feito uma criança de um ano de idade.

Após toda a comilança – ela não parou por aí – faz a minha barba e... me dá banho. Quer dizer, tomamos banho juntos. Dessa parte eu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

gostei, só não fizemos amor porque minha pequena ainda está muito sensível.

No caminho para o aeroporto, Estrela não para de tagarelar e me beijar – ela adora fazer isso – e eu adoro receber os seus beijos.

— Alejandro, não esqueça de se alimentar, viu? Você precisa de, no mínimo, três refeições por dia, e se puder faça um lanche no período da tarde e à noite.

E como se eu fosse uma criança:

— Não esquece de escovar os dentes e... — a interrompo, sorrindo:

— E fazer as minhas orações. Sim, mamãe, eu juro que não vou esquecer.

Recebo um murro no braço, e o Alfonso solta uma sonora gargalhada, pedindo desculpas depois.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você vai ver, Alfonso, quando chegarmos em casa, vai ficar a pão e água. — Ela solta o cinto e se inclina para perto do banco do motorista, aplicando um cascudo na cabeça do Alfonso.

— Sente-se, pequena petulante — puxo-a de volta para o banco e recoloco o seu cinto. — Não faça mais isso, não solte o cinto com o carro em movimento, entendeu? — Ela baixa os cílios — Entendeu, Estrela? — Agito o seu braço.

— Entendi, mas foi só por um minuto.

— Esse minuto poderia custar a sua vida, e se algo lhe acontecer não sobreviverei a isso... Merda, Estrela! — Bato com o punho fechado em minha coxa.

Viro o meu rosto para a janela do veículo. Passa um filme em minha cabeça, um filme de NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

terror. Não posso viver isso novamente, não quero perdê-la também.

— Amor, não fica assim, desculpa... — sua mão toca o meu queixo, e o meu rosto é virado em sua direção. — Eu prometo não fazer mais isso, juro. — Ela beija os dedinhos cruzados.

— Ok. — Varro o seu rosto com os olhos — Você nem imagina o quanto é importante para mim, não tem noção do quanto.

A puxo para os meus braços e a beijo.

Só de pensar que eu ficaria alguns dias longe dela já me deixa com taquicardia, quanto mais ficar sem ela para sempre. Era morte súbita. Só não a levo comigo porque ela precisaria de um passaporte, mas assim que chegar a Paris, pedirei ao José para providenciar um, e outro documento também, esse é o mais importante de todos.

NACIONAIS - ACHERON

Chegamos ao aeroporto às nove e quarenta, meu voo sairia às dez e quinze. Estou me sentindo sufocado, com uma pressão no peito. E minha angústia só aumenta toda vez que eu olho para ela.

Não sabia o quanto seria difícil me separar dela. Quase ligo para o José e peço para cancelar a bendita viagem.

Quando chega a hora do embarque, é que piora tudo. Ela olha para mim com os olhos marejados. Aquilo é o mesmo que cravar uma faca em meu coração.

— Sentirei saudades... — Ela murmura, chorosa — Você promete que vai me ligar sempre que puder?

— De dois em dois minutos serve? — Fixo os meus olhos nos dela. — Minha pequena, não chore, não faça isso porque eu posso cancelar

essa porra de viagem agora!

— Não! Não vou estragar o seu retorno ao mundo dos negócios, você precisa disso, precisa se sentir vivo novamente.

— Sinto-me vivo quando estou ao seu lado, Pequena Estrela — interrompo — Você é a responsável por tudo isso, lembre-se disso.

Chamam o meu voo.

— Alfonso, venha cá. — Chamo meu amigo, e sem tirar os olhos dos dela, eu digo: — Ela é sua responsabilidade a partir de agora, não tire os olhos dela nem por um minuto. À noite, verifique todas as trancas da casa e nada de deixá-la subir em árvores, montar a cavalo ou ir para a cachoeira sozinha. Entendeu, Alfonso?

— Entendi, senhor Martinez.

— E você, senhorita Pirralha Petulante,
NACIONAIS - ACHERON

entendeu? — Sorri para ela.

— Entendi, senhor Déspota Arrogante. —
Ela me beija.

Sigo para o portão de embarque, mas deixo o meu coração ali — com ela. Carrego comigo só uma imensa saudade e a vontade de girar nos calcanhares e correr para os braços dela.



— O que é isso? — ela pergunta, enquanto prendo uma risada e os seus olhinhos se mexem para cima e para baixo na pequena tela do celular.

— Isso é o meu pensamento em você, não percebeu ainda o que é?

Ela arregala os olhos.

— Não diga... — afasto a câmera do celular.

— Caramba! Pela câmera ele é maior, o seu p... quer dizer, o pintão está acordado.

Caio na gargalhada. Estrela olha para o meu membro com os olhos saltados, ela nem os pisca. Fico nu na frente da câmera.

— E agora, dá para ver direitinho? Ele fica assim toda vez que eu penso em você, já estou imaginando quando estiver na sala de reuniões amanhã.

— Amarre-o, é o único jeito.

Ela diz isso com uma simplicidade, parecia a coisa mais normal no mundo amarrar um pênis.

— Obrigado, dona Estrela, pela sua sugestão. — Não me contenho e começo a gargalhar.

— Então, o que você vai fazer? Vai ficar sentado o tempo todo, ou então vai parar de
NACIONAIS - ACHERON

pensar em mim.

— Acho que ficarei sentado o tempo todo.

Ela fica pensativa.

— Estrela... Pequena! — Ela volta os olhos para câmera.

— Estou com muita saudade de você. Hoje eu arrumei e desarrumei a casa toda e depois arrumei tudo novamente, só para ficar bem cansada e desmaiar de sono. — Não gosto do que ouço, ela parece muito triste, e isso me deixa preocupado.

— Pequena, quarta pela manhã estarei de volta, são só alguns dias, e vamos nos ver e nos falar sempre que eu tiver uma folga. — Ela balança a cabeça — Hoje não nos falamos umas seis vezes? E agora estamos conversando há mais de uma hora, hein!

— Eu sei. Mas esse negócio de virtual é
NACIONAIS - ACHERON

muito chato! Eu quero tocar em você, mas vai ficar tudo bem, não se preocupe, eu vou suportar a saudade como uma heroína dos filmes de guerra, quando os seus maridos iam lutar e passavam meses longe delas. A vantagem é que ficarei só alguns dias longe de você. Eu sou forte, você vai ver.

Quem fica com vontade de chorar sou eu. Vê-la assim, tão determinada, me enche de orgulho. Essa era minha pirralha encrenqueira e petulante.

— Alejandro, antes que eu esqueça de perguntar, você viu o meu anel de moranguinho?

— Aquele que você vive deixando cair na pia?

— Sim, ele mesmo. Eu o tiro do dedo porque não é de ouro, eu acho que o perdi, não

o encontro em lugar algum.

— Não, pequena, eu não vi. Procure direito, deve estar jogado em algum canto da casa... ou na tubulação da pia do banheiro.

— Nem diga uma coisa dessas, aquele anel tem valor sentimental, foi minha avó quem me deu!

— Quando eu voltar ajudo a procurar.

Ela boceja.

— Alejandro, canta para mim a música que eu gosto, canta até eu dormir.

— “I’m a Mess”? Essa?

— Sim, essa mesma, a música do Ed. — boceja outra vez.

— Ok, eu canto, deite-se — ela se deita e abraça o meu travesseiro.

— Alejandro...

PERIGOSAS

— Oi, minha pequena.

— Amo você — seus dedos tocam a tela do celular, e eu faço o mesmo.

— Eu sei, eu sei. Agora feche os olhos.

Ela fecha, e começo a cantar a música.

*“Ooh I'm a mess right now. Inside out
Searching for a sweet surrender, but this is
not the end*

*I can't work it out, how? Going through the
motions, Going through us.*

*And though I've known it for the longest
time. And all of my hopes*

*All of my words are all over written on the
signs, But you're my road walking me home*

Home, home...”

NACIONAIS - ACHERON

Em questão de minutos, ela adormece. Fico mais um tempo admirando aquele lindo rostinho. Dá-me uma vontade de ligar para o aeroporto e comprar uma passagem para o Brasil.

Que diabo eu estou fazendo aqui? Quando, na verdade, minha vontade é estar lá. Perto dela, abraçado ao corpo dela, cheirando os seus cabelos, sentindo sua respiração. Desligo o celular e vou dormir também.

12 de setembro de 2016

Acordo com o toque do meu celular. Olho para a tela; é ela.

— Bom dia, meu lindo senhor empresário!
— Olho para o relógio da mesinha de cabeceira, são oito e trinta, então lá no Brasil são quatro e trinta da manhã.

— Estrela, você acordou com as galinhas? Volte a dormir.

— Poxa! Não ficou feliz por eu ter te acordado? Eu fiz as contas, e a diferença é de quatro horas, coloquei o despertador do celular para me acordar.

Ela fica triste. *Você é um idiota, Alejandro.*

— Claro que estou feliz, só que é muito cedo para você estar acordada, não quero que perca o seu sono. Não se preocupe, eu ligarei para NACIONAIS - ACHERON

você todos os dias quando eu chegar no escritório, ok?

— Eu quero acordar você, Alejandro, posso fazer isso? É como se você estivesse ao meu lado.

Eu sou uma besta quadrada.

— Desculpa, eu não pensei nisso, só pensei no seu bem-estar. Ok, você pode me acordar todos os dias.

Depois de todas as recomendações, como tomar um café reforçado, vestir roupas quentes e ligar para ela assim que eu chegar no escritório, ela aceita minhas ordens de voltar para a cama e dormir novamente.

Passo a manhã toda em reuniões, mas sempre pedindo uns minutos de pausa para ligar para ela, ao menos para dizer “estou com saudades”. Só consigo um pouco de folga às

quinze horas, mas esse descanso é para analisar dez contratos novos.

Quando saiu a nota nos tabloides parisienses sobre a minha volta ao mundo dos negócios, as coisas começaram a ferver.

Estou distraído, quando escuto alguém bater na porta. Com os olhos focados em um contrato, mando a pessoa entrar.

— Santo Deus! — Reconheço a voz e olho para a pessoa imediatamente. — Quando vi isso aqui, custei a acreditar. — Meu sogro joga um tabloide em minha mesa, e nele está escrito em letras garrafais, junto com uma foto minha: “O maior empresário de todos os tempos volta à ativa. Os concorrentes que se cuidem, O Lobo está de volta”.

Levanto-me e vou até ele de braços abertos.

— Meu sogro querido, por que você não me

ligou, avisando que viria? Eu mandaria um motorista ir lhe buscar.

— Alejandro! Esqueceu que eu também sou um homem de negócios? Tenho motoristas em todos os cantos.

Ele me abraça apertado, depois beija o meu rosto. Nos sentamos.

— Eu não esqueci e, por sinal, o senhor está fazendo um excelente trabalho, estou muito feliz e satisfeito.

Ele sorri.

— Isso tudo, essa mudança toda, é por causa da Estrela?

Ele é direto, nem preciso tocar no assunto.

— Está tão na cara assim? — Recosto-me no sofá. — Você já sabia que isso iria acontecer, não sabia? Eu te conheço, Lourenço, você não

dá ponto sem nó.

Ele fica sério por alguns minutos.

— Quando eu vi você se enterrando vivo naquela casa, fiquei assustado. Eu já tinha perdido minha filha, não suportaria perder você, então precisei tomar decisões drásticas. Pensei por muito tempo e cheguei à conclusão que só um amor para curar a dor de outro amor, e tinha que ser uma moça muito especial. Fiz minhas pesquisas e descobri a Estrela, ela é perfeita para você.

— Mais que perfeita; ela está sendo a minha luz, o meu despertar. Fico louco com ela algumas vezes, mas quando ela me olha com aqueles olhos azuis tão brilhantes e sorri com tanta inocência, me põe de joelhos literalmente.

Lourenço sorri, inclina o corpo e toca em

minhas mãos.

— Filho, você está amando, meu Deus! Não pensei que isso poderia acontecer. Eu pensei que uma paixão desvairada o fizesse despertar para a vida, mas estou vendo que consegui... quer dizer, ela conseguiu muito mais do que isso, ela o fez amar.

Até então, não sabia o que realmente eu sinto por ela. Para mim era só gostar muito, querer estar perto, mas “amor”, não. Não, eu pensei que iria demorar um pouco para chegar lá. Contudo, agora tenho certeza: eu a amo, amo com toda a força do meu coração.

— Cacete! Uffa! Você tem razão, eu amo aquela pirralha petulante dos infernos... Inferno! Porra, eu a amo...

Não consigo parar de pensar nisso. Como não fui perceber isso antes? Eu a amo!

— Sim, meu filho, você a ama, e tenha a certeza que a Isa, onde estiver, está muito feliz em vê-lo assim. Ela deve estar muito orgulhosa de você.

Levanto-me, ele também, e nos abraçamos. Choramos feito duas crianças.

— Sogro, eu não deixei de amar a Isa, ela foi o meu primeiro amor, mas...

— Eu não duvido disso — ele me interrompe — Eu sei que a minha Isa foi muito amada por você, mas a vida continua, meu filho, e o amor está aí para todos... até para mim.

Arregalo os olhos ao final da frase dele. Como assim? O Lourenço está querendo dizer que está amando?

— Como assim, Lourenço, explica isso direito.

Ele sorri e me puxa pelo braço. Abre a porta
NACIONAIS - ACHERON

e me mostra uma linda senhora sentada na sala de espera da recepção.

— O nome dela é Lorena, ela é colombiana. Nos conhecemos no aeroporto e, depois disso, começamos a sair e hoje vamos nos casar. Estou aqui para levá-lo até um oficial, você será a nossa testemunha e padrinho.

Fico boquiaberto. Já ia argumentar, quando ele me interrompe:

— Você sabe, não gosto da Colômbia, e como vivo mais em Paris do que lá, ela aceitou vir morar aqui. O que acha dessa minha loucura, você abençoa ou não abençoa?

Cacete, quase explodo de felicidade.

— Abençoo quantas vezes for preciso, caralho! Estou muito feliz, muito feliz! Então vamos lá, vamos oficializar essa união?

— Vamos, sim, meu filho.

— Sim, pai, vamos embora.

Ele me olha emocionado, eu também estou. Lourenço é o meu pai desde aquele fatídico dia. Nos abraçamos novamente e sou levado para conhecer a futura mulher do meu pai do coração.



Alejandro

15 de setembro de 2016

Seguro firmemente o celular entre o meu ombro e o meu rosto, estou terminando de assinar alguns contratos. Aperto meu rosto para não deixar o celular cair.

— Estrela, eu disse não...

— *Qual é o problema com você, Alejandro, não confia em mim?*

— Não estamos falando de confiança, e sim de segurança. Não! A resposta é não.

— *Idiota! Grosso, déspota...*

— Estrela... Estrela! Passe o celular para o Alfonso.

— *Não! O problema é nosso, Alejandro, não do Alfonso.*

— A-go-ra! Passe esse bendito celular para o

Alfonso, Estrela.

Escuto-a dizer um palavrão, e minutos depois, estou com o Alfonso ao celular.

— Escute com bastante atenção — o celular escorregou do meu rosto, paro de escrever e o seguro com a mão. — Em hipótese alguma você vai permitir que a Estrela monte em algum cavalo, entendeu, Alfonso? Você me entendeu?

— *Entendi, senhor Martinez, nem sobre o meu cadáver. Mas...* — ele faz uma pausa. — *depois eu preciso falar com o senhor sobre outro assunto, é urgente.*

Noto preocupação em sua voz. O Alfonso quer falar algo, mas não na presença de Estrela, então o assunto é *ela*.

— Daqui a dez minutos ligo para o seu celular, agora deixe-me falar com ela.

Escuto-a me mandar para o inferno ao
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

longe. Se eu não estivesse tão puto com ela, acharia engraçado.

— *Ela não quer falar com o senhor.* —
Alfonso diz, rindo.

— Eu escutei — Digo, voltando minha atenção aos contratos — Ok, Alfonso, deixe-a quieta por algum tempo, depois eu volto a ligar. Só peço cinco minutos para terminar um trabalho e eu ligo para você.

Desligo.

Estrela às vezes me tira do sério, essa mania louca de querer fazer coisas perigosas, como subir em árvores e montar a cavalos... só se estivesse fora do meu juízo. Onde e quando iria concordar com uma sandice dessas?

Cinco minutos depois, ligo para o Alfonso.

— O que aconteceu com a Estrela, Alfonso?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sou direto, já sei que o assunto será minha Pequena Estrela.

— *Como o senhor sabe que o assunto é sobre ela?*

— Percebi assim que abriu a boca para dizer que tinha algo importante para conversar e não quis contar na frente dela. Anda, desembucha.

Ele limpa a garganta.

— *Senhor, a senhorita Estrela anda impossível, está ficando difícil conseguir mantê-la quieta. Esse final de semana foi o inferno, ela... ela...* — Ele respira fundo.

— Ela o quê, Alfonso? — inquiri.

— *Ela acordou cedo e foi para a cachoeira, os seguranças que me avisaram. O senhor sabe como aquelas águas são perigosas...*

NACIONAIS - ACHERON

— Você foi atrás dela? — Interrompo, quase gritando. — Você a tirou de lá? — Ele não responde — Alfonso, você a tirou ou não?

— *Não... não deu, senhor. Ela... ela... poxa, senhor, eu juro que não vi nadinha... ela... ela estava pelada.*

Solto o maior palavrão em francês. Se havia alguém na outra sala, com certeza escutou em alto e bom tom.

— Alfonso, você só pode estar de sacanagem comigo. Que porra você fez então, deixou-a na água, foi isso?

Já estou perto de quebrar todos os objetos da mesa.

— *Fiquei de costas, senhor, e disse-lhe que se ela não saísse da água, iria avisá-lo. Ela saiu brava da água, xingando o senhor e a mim, mas o problema não é esse, senhor*

Martinez. Estou preocupado com ela, a senhorita Estrela anda inquieta mais do que o normal, às vezes ela pula, canta, fica eufórica, depois fica quieta e pelos cantos, por isso vou pedir uma coisa para o senhor. Não fique zangado, eu prometo que não sairei do lado dela. Deixe a Estrela montar a cavalo, vou escolher o mais mansinho e cavalgo junto com ela. Pense nisso, senhor Martinez, eu acho que ela está triste.

Alfonso mexe na ferida. Eu já havia percebido isso no final de semana, nas vezes que liguei para ela, notei momentos de humor diferentes, ora ela atendia eufórica e outras vezes com desânimo. E quando estávamos nos vendo através do Skype, ficava olhando-a pacientemente, e sua expressão às vezes era indiferente, tristonha ou alegre demais. Essa lembrança acende um alerta e faz o meu peito

NACIONAIS - ACHERON

doer. Alfonso está certo, ela precisa de um pouco de distração, pelo menos até a minha volta.

— Está bem, Alfonso, mas não a perca de vista. E aconteça o que acontecer, ligue-me imediatamente.



17 de setembro de 2016

Às três e vinte da manhã de terça-feira, horário de Paris, meu celular toca. São quatro horas a mais do que no Brasil. Abro meus olhos rapidamente, ainda está escuro. Sinto uma sensação de mal-estar, coloco a mão no peito. Mesmo antes de atender, já pressinto que é do Brasil, e não é notícia boa.

— Alfonso, o que aconteceu? — atendo, o coração batendo apressadamente. Fecho os olhos e espero a resposta.

— *Eu sei que é madrugada aí em Paris, mas eu não podia esperar. O senhor precisa voltar imediatamente. Eu menti quando lhe disse que a senhorita Estrela estava bem. Desde domingo que ela não está nada bem. Ela não se alimenta direito e o humor dela*

varia muito, ela só fica bem quando está conversando com o senhor, depois começa a chorar. Precisei buscar um médico hoje à noite, ela estava com febre alta. O médico disse que ela está com princípio de depressão. Eu acho que é tristeza, ela sente a sua falta, não lhe contei porque ela me implorou, disse que se o senhor soubesse, voltaria para o Brasil no primeiro voo. Ela sabe ser convincente, o senhor sabe muito bem disso, só que... agora piorou. A febre aumentou, o médico já está vindo...

— Já estou a caminho — interrompo — Vou fretar um avião, assim chegarei mais rápido.

Desligo. Deixo minha raiva guardada, quando tudo estiver bem, me entenderei com Alfonso. No momento, minha única preocupação é com Estrela. São 10 horas de

voo até o Brasil, mas espero que, com um avião fretado, esse tempo diminua. O avião fretado saiu às cinco horas da manhã de Paris.

Chego no aeroporto às dez horas – horário de Brasília - e vou direto para o heliporto, onde um helicóptero já me aguarda. Chego em Rio alto um pouco antes das onze horas. Não falo com ninguém, sigo direto para o quarto.

Com o coração na mão e a cabeça a mil, não sei qual será a minha reação ao reencontrá-la.

O quarto está escuro e com uma temperatura bem fria. Isso não é um bom sinal. Coloco minhas coisas na poltrona, dobro as mangas da camisa até os cotovelos, desabotoo dois botões e retiro o cinto da calça. Aproximo-me lentamente da cama.

Estrela está abraçada ao meu travesseiro, dormindo serenamente. Não sei se é impressão

minha, mas a acho mais magra.

Deito-me ao seu lado. A vontade que tenho é de puxá-la para os meus braços e encher de beijos o seu rosto lindo. Quanta saudade... Deus! Parecia uma eternidade o tempo que fiquei longe dela.

Toco levemente em seu rosto, só as pontas dos dedos.

— Nossa! — Ela está quente como o inferno.

Levanto-me e vou até a sala. Alfonso já está lá me esperando. Ele sabe que receberá o que merece, mas aquela não é a hora.

— Vá buscar o médico — Ele me fita com impotência — Ande, homem! Estrela está queimando de febre.

Alfonso vem até mim e segura em meus ombros. Os olhos marejados.

— Senhor Martinez, o senhor sabe que eu daria a minha vida por ela, não sabe? Eu não permitiria que nada acontecesse a essa moça, não falharia com o senhor outra vez, se eu não contei foi porque ela me implorou para não contar. Perdoe-me, por favor.

— Depois conversamos, Alfonso. Agora, eu preciso do médico — digo calmamente, olhando no fundo dos olhos dele.

— O médico saiu daqui faz uma hora, ele já deixou a medicação, está na mesinha de cabeceira. Ela precisa tomar o antitérmico de três em três horas, portanto, ela só irá tomá-lo às treze horas. Fique tranquilo, pois assim que ela o vir vai melhorar. Precisa de mais alguma coisa, senhor Martinez?

Olho para o meu amigo. Ele está abatido, parece que não dorme há dias.

Puxo-o para um abraço e beijo a sua face. Ele fica surpreso com o meu gesto, e logo as lágrimas desabam.

— Eu pensei que falharia com ela também, senhor... fiquei com tanto medo que algo de muito ruim acontecesse com a sua Pequena Estrela. Perdoe-me, por favor, perdoe-me — Ele me abraça desta vez, e sua voz chorosa comove o meu coração.

— Obrigado! Muito obrigado por cuidar tão bem dela, Alfonso. — Bato levemente em suas costas.

Nos afastamos. Ele limpa as lágrimas e vai embora.

Volto para o quarto e me deito ao lado dela.

Aproximo o rosto do seu e o beijo. Está tão febril, gotas de suor brilham em sua testa. Limpo-as com as pontas dos dedos.

PERIGOSAS

— Eu te amo — murmuro, enquanto beijo e acaricio o seu rosto com a minha boca.

Ela se mexe. Resmunga algo. E lentamente vai abrindo aqueles lindos olhos azuis.

— É um sonho — sussurra. Balanço a cabeça, negando — Então eu dormi tanto assim e hoje já é quarta? — Nego outra vez com a cabeça. — Você está mesmo aqui? — Ela me presenteia com um lindo sorriso. Em seguida, começa a chorar.

Não resisto. Sento-me na cama e a coloco em meus braços. Ela se encolhe em meu peito, soluçando e fugando. Beijo seus cabelos, seu rosto e, por último, os seus lábios quentes.

Nossa! Quando a minha boca encontra a sua, é uma sensação de completo prazer e o preenchimento do resto que me faltava na alma... ela.

NACIONAIS - ACHERON

Nossas línguas se encontram, e uma mata a saudade da outra. Aquela boca quente como o inferno e aquele corpo febril são tudo que eu quero na vida. Beijá-la é como saciar anos de sede e fome. Estrela é a minha parte mais importante. Ela é o meu céu, o lugar no qual eu gostaria de nunca mais sair.

Minha mão segura o seu queixo, e duas mãozinhas quentes circulam os dois lados do meu rosto.

— Eu te amo tanto, Alejandro Ortega — ela diz, com a boca colada à minha.

— Eu também te amo tanto, minha Pequena Estrela.

Ela para de me beijar, abre os olhos, e eu os meus. Ficamos presos em nosso olhar por uma fração de segundos.

— O que foi que você disse? — Seus olhos

NACIONAIS - ACHERON

varrem o meu rosto enquanto balbucia.

Beijo-a diversas vezes, e enquanto faço isso, respondo:

— Eu te amo, eu te amo, te amo e te amo, Pequena Estrela. — Ela sorri para mim.

Lágrimas descem por sua face e pela minha. Eu pensei que nunca mais diria estas palavras, e ela certamente pensou que jamais as escutaria de mim.

Roubo sua boca. O beijo é suave, terno, agora ela sabe que eu a amo, e eu sei que posso amá-la, que poderia fazê-la feliz. O desejo entre nós vai crescendo, e quando percebo, minhas mãos já percorrem as curvas do seu corpo, dominando cada centímetro dele, sem nenhum pudor. Ela pertence a mim, irei cuidar dela como se fosse o meu bem mais valioso, a minha joia rara, a minha vida.

Mãozinhas quentes também fazem o mesmo que as minhas, meu corpo vai ficando febril, e a posse daquelas mãos e boca dominam a minha mente. Já não consigo pensar em mais nada. Só quero uma coisa: *ela*.

Mas, felizmente, ainda me resta um pouco de juízo, e o meu membro precisa manter a sua euforia dentro das minhas calças. Tomo consciência que a minha Pequena Estrela está doente. Então seguro em suas mãos e a afasto do meu corpo – para ser mais preciso, do meu membro. Ela tenta puxar as minhas mãos das dela, mas as mantenho presas.

— Tenho certeza de que a minha saudade e a minha vontade por você são maiores do que a sua, mas preciso cuidar de você antes de qualquer outro carinho. — Beijo-a novamente.



Alejandro

*E*strela ainda precisa de atenciosos cuidados. Descubro que, desde que fui para Paris, ela não se alimenta direito, e hoje ela não quer jantar. Preciso usar de ameaças e chantagem emocional para convencê-la a tomar uma sopa de ervilhas.

A febre baixou, mas seu corpo ainda está quente. E para diminuir a temperatura, preparo um banho de banheira.

Tomamos banho juntos. Preciso de muita
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

concentração e força de vontade para não cair na tentação e fazer amor com ela. E a pirralha não facilita a minha vida. Aquelas mãozinhas sabem atíçar o meu juízo. Quando eu menos espero, lá está ela, em volta do meu membro, o massageando. Vou ao inferno e volto, quase gozo com os apertos e puxões daquelas mãos travessas.

Sem contar que ela pega as minhas mãos e as coloca ora em seus duros e pontudos seios, ora no meio das suas coxas, fazendo meus dedos tocarem em seu sexo rechonchudo. Inferno!

Meu membro quase fura as costas dela, de tão duro que fica. E fica pior: ela se recusa a vestir a camiseta e a calcinha, a pequena pirralha petulante está querendo roubar o meu sono. Se eu não tivesse a certeza de que ela

NACIONAIS - ACHERON

ainda está frágil, juro que mostraria para aquela pirralha que uma mulher em sã consciência não atíça o pau de Alejandro Ortega.

— Vamos brincar só um pouquinho, assim, ó — ela mostra os dedos indicador e polegar, medindo a proporção da safadeza. Afasto a mão dela para longe do meu membro. — Deixa de ser chato, Alejandro, eu quero muito, preciso muito dele e de você!

— Chega, Estrela, já disse que não! — Fito-a seriamente — Inferno! Você acha que eu não quero fazer amor com você, hein?! Merda, são sete dias hoje, estou vazando de desejo, mas não quero acordar amanhã e me arrepender por ter sucumbido aos meus desejos e, por conta disso, você piorar.

— Mas..., mas... — ela tenta argumentar.

— “Mas” nada; é não e não! Agora vamos dormir, e não me obrigue a pôr um travesseiro entre nós dois.

Levanto-me e vou até o banheiro pegar um copo com água. Entrego o copo e o remédio para ela. Eu sei que ela está decepcionada, mas prefiro que ela se zangue comigo do que a ver doente outra vez.

O meu eu protetor está certo: Estrela passou mal durante toda a madrugada. Sua temperatura chegou a 39° graus, quase enlouqueço e chamo o médico, passei as horas abraçado ao seu corpo quente, tentando acalmar os tremores febris.

Quando consegui fechar os olhos já era dia. Acordo às oito e trinta. Ela dorme agarrada ao meu corpo, a cabeleira loira espalhada em meu peito, e aquele cheiro gostoso impregnando o

meu nariz. Beijo os fios dourados, depois a tiro com cuidado de cima do meu corpo.

Ela resmunga quando a afasto de mim, e antes que acorde, coloco o travesseiro entre o seu braço. Ela o puxa e o agarra. Parece uma pintura, de tão linda que está.

Após o banho, vou para a cozinha preparar um café e algo para comer. Quando ela acordar, providenciarei algo bem leve para a sua refeição.

Estou distraído, olhando para a cafeteira, quando escuto passos vindo em direção à cozinha. Viro-me.

— Bom dia, senhor Martinez!

Despejo o café na xícara e dou um gole no líquido fumegante, soprando na borda da xícara.

— Bom dia, Alfonso! — Ele sorri para mim e

NACIONAIS - ACHERON

se senta no banco da bancada. — Quer um pouco de café? Fiz agora.

— Aceito — ele dedilha no mármore escuro.
— O dia está tão lindo! — Alfonso quer me perguntar alguma coisa, eu o conheço perfeitamente.

— Desembucha, Alfonso! Anda, fala logo, o que você quer?

Ele limpa a garganta e se ajeita no banco.

— Como ela está? Ela dormiu bem, está sem febre?

Sorrio torto, e ele fica sem jeito.

— Agora ela está melhor, porém passou a madrugada com muita febre, mas já liguei para o médico, ele está a caminho para reavaliá-la.

Alfonso levanta apressadamente.

— Quer que eu vá buscá-lo? Assim não

perdemos tempo.

— Não há necessidade, Alfonso. Ela está dormindo, não quero acordá-la.

Pego o café e vou para a mesa, já havia feito as torradas e o suco.

— Venha, homem, sente-se aqui comigo e me acompanhe no café da manhã. — Alfonso se senta e se serve.

Levo a xícara à boca e olho para ele. — Alfonso, assim que puder, ligue para a empresa dos helicópteros e providencie um. Peça para virem me buscar amanhã cedo. Eu e a Estrela vamos para Lagoas, você vai de carro e me aguarda no heliporto.

— Quer que eu faça isso agora? — Já está pronto para se levantar, mas seguro em seu braço e o mando se sentar.

— Depois você faz isso, termine o seu café.

Ficamos à mesa, conversando. O Alfonso sempre foi muito reservado, mas tem uma conversa agradável. Percebo que não há marcas de anel em seu dedo, chego à conclusão de que ele nunca foi casado. Se foi, soube esconder perfeitamente, pois nunca conversamos sobre isso. Respeito o seu silêncio, apesar de o considerar um grande amigo, não tenho o direito de me meter em sua vida íntima.

— Alfonso, há quanto tempo você trabalha para mim? — Pergunto, com curiosidade na voz.

— Há cinco anos, senhor. — Responde, sem me olhar.

— Não existe uma senhora ou uma futura senhora Santiago por aí?

Ele sorri, um sorriso tímido. Não sou de

admirar homens, mas o Alfonso é um homem que deve atrair muitos olhares femininos, principalmente com esse terno preto e uma arma escondida no coldre.

Além de meu motorista, ele é o chefe dos meus seguranças.

Ele é bem alto, porte atlético, pele morena e olhos claros, às vezes são uma mistura de mel com cinza. Tem lábios grossos, parece um grego arrogante. Sorrio com minha comparação.

— E então, tem ou não tem uma senhora Santiago?

— Não, não tem. — a resposta soa triste e saudosa. — Não sou o tipo de homem que as mulheres gostam. Elas até tentam, mas quando me conhecem correm de mim.

— Por que diabos elas correriam de você,
NACIONAIS - ACHERON

homem? Por acaso você é daquele tipo de homem que gosta de dar umas porradas na hora do sexo, esses homens que estão na moda agora, por causa dos livros de sacanagens?

Ele solta uma sonora gargalhada.

— Uns tapinhas de vez em quando até que é bom, esquentam a relação.

Me espanto com a resposta. Deixo a xícara na mesa e ponho a mão no queixo. O papo está ficando bom. Ele percebe.

— Mas, respondendo à sua pergunta, não, eu não sou do tipo de homem que fode com força, e já assisti a porra do filme do qual as mulheres tanto falam, só queria saber o que aquele cara tem que as fazem suspirar tanto.

Fico curioso com a explanação dele.

— E ele tem o quê? Só falta me dizer que ele tem um pau de ouro. — Quem gargalha agora

NACIONAIS - ACHERON

sou eu.

— Não, ele só tem problemas. O cara é difícil, tem medo de se apaixonar e é superprotetor. É o tipo de cara que, quando ama, o mundo pode acabar e ele não está nem aí, o homem que a maioria das mulheres procura. O resto da história é só ficção, só detalhes para preencher as fantasias femininas. Todo mundo sabe que mulher nenhuma iria suportar aquelas coisas que o homem faz com a pobre da moça, só se a mulher for masoquista. É só fantasia mesmo.

— Então, o que você tem, que as mulheres quando o conhecem fogem de você?

Minha curiosidade foi de quatro a dez rapidinho.

— Sou um homem muito exigente. — Ele respira fundo — O tipo de homem que muitas

mulheres chamariam de... machista. É isso, comigo ou é 8 ou 80.

— Tipo eu. — Gargalhamos juntos.

— Só que pior — Ele completa.

— Eu sei que às vezes exagero, sou grudento demais, ciumento, possessivo e superprotetor, mas esses sentimentos só tive com duas mulheres: a Isabelle e agora com a Estrela. E nenhuma delas reclamou, pelo menos até agora. Eu sei que você vai encontrar a sua, cedo ou tarde ela vai aparecer, vá por mim, eu sei o que estou dizendo.

— Eu também sei. — Ele diz, sorrindo.

Nos servimos de café novamente e continuamos a conversa. Estávamos começando a falar sobre futebol, quando escutamos o barulho do motor de um carro.

Alfonso vai ver quem é, voltando
NACIONAIS - ACHERON

acompanhado pelo médico, Doutor Ronaldo. Deixo o médico na companhia de Alfonso e vou acordar a Estrela.

Entro no quarto sem fazer muito barulho. Congelo ao vê-la dormir tão tranquilamente, dá até dó de acordá-la.

Com passos leves, sigo em direção à cama e me sento, procurando não colocar muita força no colchão. Ela dorme de bruços, seus cabelos longos e loiros cobrem o seu rosto. Inclino um pouco o corpo e retiro algumas mechas, deixando à mostra seu lindo rosto.

Bochechas levemente rosadas e os lábios em forma de coração, avermelhados. Pareciam que tinham acabado de serem beijados por mim. Só esse simples pensamento faz o meu desejo crescer. Aliso o seu rosto com as pontas dos dedos, um simples roçar, uma leve carícia

naquela pele macia e aveludada.

— Hei! Pequena Estrela, acorde, temos visitas...

Inclino o corpo sobre o seu rosto e o beijo, roçando os lábios suavemente. O cheiro dela é delicioso, desperta em mim muitas vontades e muitos sentimentos.

— Minha pequena, acorde. O médico veio te ver. Estrela... — Sussurro seu nome ao ouvido.

Ela resmunga, se mexendo entre os lençóis, abre os olhos azuis preguiçosamente e os pisca algumas vezes. Quando me vê, me oferece um lindo sorriso, esticando os braços para o alto da cabeça, bocejando.

— Por que você está vestido? — Diz, enquanto me puxa para cima do seu corpo. — Isso não é justo — sorri, com a boca encostada à minha — você devia estar pelado e por baixo

deste cobertor.

Sua mãozinha ousada alcança a frente das minhas calças. Dedos ágeis enlaçam meu membro, e eu rosno baixo quando sinto o aperto. Ela quer brincar, e eu também, mas não é a hora. Só faria a vontade dela, a minha e a do meu membro, quando o médico dissesse que está tudo bem.

— Nada de ousadia, pequena safada — retiro sua mãozinha de cima do meu membro pulsante. — Você ainda está febril. — Minha mão em seu rosto percebe o calor exagerado da sua temperatura.

— Alejandro Ortega, você é um chato e desmancha-prazeres! Eu quero que me foda e você....

— Hei! — Ponho dois dedos em seus lábios, calando-a — Onde aprendeu esse vocabulário?

Sabe o que faço com moças de boca suja? — Ela baixa os cílios timidamente e balança a cabeça, negando — Uso suas línguas afiadas para coisas mais úteis. — Beijo-a, puxando sua língua para minha boca.

Deixo-a sem fôlego. Só solto a sua boca quando o ar fica difícil de entrar em seus pulmões.

— Quer me sufocar? — Está ofegante, e os lábios estão muito mais vermelhos. Vê-la assim me faz pensar em coisas para fazer com aquela boca linda.

— Isso é para você domar a sua língua — beijo-a outra vez, depois mordo o seu lábio inferior. — Agora vamos para o banho e vestir algo decente.

Apesar de todas as tentativas de sedução da minha Pequena Estrela, eu resisto, sou forte, embora o meu membro pulse, de tão duro que

NACIONAIS - ACHERON

está. Estrela é impossível quando quer alguma coisa – e ela me quer. Consigo perceber isso no brilho dos olhos dela, o desejo crescendo toda vez que ela me fita. Não sei se conseguiria resistir à luz daquele olhar por muito tempo.



Alejandro

Avalio o rosto do médico enquanto ele a examina. Não deixo escapar um só movimento. Enfim, depois de quase trinta minutos, ele termina.

— Então, doutor? — Olho para o médico, cheio de interrogações. — Ela está bem? O que ela tem?

Ele sequer olha para mim, senta ao lado de Estrela, avalia o seu rosto, sorri e depois

pergunta:

— Quando eu vim vê-la a primeira vez, você me disse que estava se sentindo cansada e sem apetite, não foi? — Ela afirma com a cabeça, e eu fico ali, de pé, feito um bobo, morto de preocupação — E quando foi que você começou a sentir isso?

— Logo que cheguei do aeroporto. Ele foi para Paris — ela aponta para mim — Assim que cheguei em casa comecei a me sentir mal.

O Doutor Ronaldo me olha.

— Bem, quando a examinei no primeiro dia, eu pensei que você estava com alguma virose — pronto, meu coração deu um pulo, quase grito para o médico dizer logo o que ela tem — Mas agora, acredito que não seja virose — olha-me outra vez — Vocês são casados? Desculpe a pergunta, eu sou novo na cidade e

estou conhecendo a população agora.

— Não...

— Somos noivos — a interrompo imediatamente. Estrela me olha incrédula, eu sinto sua emoção.

— Então está explicado, sua noiva estava com sintomas de saudades. — Ele sorri, depois olha para ela — E não pense que é bobagem, já está comprovado que saudade pode matar uma pessoa, ou por depressão, ou por debilitação do corpo, pois a pessoa perde a vontade de viver e se entrega à tristeza. E foi o caso da sua noiva. Ela, sem querer, deixou o coração comandar as vontades do corpo.

Preciso me sentar. Quer dizer que se eu não tivesse dado atenção para o que o Alfonso me disse e não voltasse no mesmo dia de Paris, a minha Pequena Estrela talvez não estivesse

aqui hoje, comigo...

Acho que perdi a cor quando esse pensamento passou por minha cabeça.

— Alejandro, amor! Eu estou bem, não faz essa cara... Amor!

— Senhor Martinez! Hei!

— Ela está bem? — Consigo sair do torpor —
Pelo amor de Deus, só me diga, ela está bem?

— Agora está — respiro aliviado — Mas vamos com calma — volto a ficar tenso — Ela precisa descansar, o senhor deve ter percebido que ela perdeu peso e está pálida, e a febre vai e volta. Febre é sinal de que o corpo não está bem, então sua noiva precisa de muito descanso, principalmente dormir bastante. Acho que o dia de hoje é o suficiente para ela descansar, se ela acordar amanhã sem febre, pode respirar sossegado. Se não, leve-a ao meu

consultório a tarde.

Estrela me olha com aquela carinha de quem não está nada satisfeita com o que acabou de ouvir.

O médico, percebendo o seu aborrecimento, segura sua mão e a acaricia.

— Estrela, é só por hoje. Amanhã, se estiver sem febre, poderá voltar às suas atividades normais. — Eu sei o que ela quer, pois eu quero a mesma coisa, mas se dependesse de mim, ficaríamos no zero a zero.

Doutor Ronaldo se levanta.

— Bem, já estou indo — olha para mim e diz: — Se a febre voltar, administre a mesma medicação e siga os horários, se mesmo assim os sintomas persistirem, ligue-me imediatamente.

Ele estende a mão para me cumprimentar.

NACIONAIS - ACHERON

Seguro-a.

— Obrigado, Dr. Ronaldo! — Apertamos as mãos, e o acompanho até a porta. — Você fique aí, já volto — viro o rosto para Estrela e ordeno.

Acompanho o médico até o seu veículo, e ficamos conversando por uns cinco minutos. Ele frisa bem a palavra *repouso absoluto*. Entendo o recado.

Antes de voltar para o quarto, vou preparar uma bandeja de café para minha pequena. Seguiria à risca as recomendações do médico. Não economizo nas guloseimas: torradas, queijo branco, geleia, leite, café, suco, bolo e iogurte. Eu sei que ela vai reclamar, mas vai comer pelo menos um pouco de cada coisa.

Bandeja nas mãos, uma flor de alfazema no vasinho e lá vou eu para o quarto.

PERIGOSAS

— Pequena Estrela, olha o que eu trouxe para... — Engasgo com o que vejo, quase derrubo a bandeja das mãos. — Mas que inferno! — Rosno.

— Eu quero outro tipo de café da manhã. — Ela diz, cheia de malícia na voz.

Engulo em seco. Não esperava por isso.

Estrela está nua, bem diante dos meus olhos.

Ver aquele corpo lindo, nu, e se oferecendo todo para mim, faz o meu membro pulsar em minha calça. Aqueles seios com aréolas rosadas e mamilos retesados deixam-me com água na boca. É necessário muito controle para não avançar em uma pequena mulher endiabrada que adora me tirar de órbita.

— O que pensa que está fazendo, Estrela? — Tento disfarçar a voz, deixando-a zangada. —

NACIONAIS - ACHERON

Trate de vestir a roupa, já! — Deixo a bandeja no móvel ao lado da porta e vou em sua direção. — Você não ouviu o que o médico disse? Repouso absoluto! — Procuro o roupão.

Tento ficar indiferente àquela tentação que está bem diante do meu rosto. Por outro lado, ela quer mesmo era ver o meu membro furar minha calça.

— Vem cá, Alejandro. Vem, amor, olha... olha para mim? — É, realmente ela está disposta a me deixar louco de tesão. Pego o roupão, desvio-me das suas mãos e a cubro.

— Não, nem tente, Estrela... — ela tenta me beijar — Não. — Encosta os seios em meu peito — Eu disse não! — Seguro por seus ombros e a fito seriamente — Chega! — Esbravejo, fechando o roupão.

Estrela se afasta de mim, cabisbaixa. Senta-

se na cama, respira fundo e me fita com olhos tristes.

Passo os dedos entre os fios dos meus cabelos, afastando-me um pouco do seu corpo.

— Vo-você não me deseja mais, não é? Acho que encontrou alguém mais interessante em Paris... — seus olhos marejam, e ela baixa os cílios quando uma lágrima escorrega silenciosa por seu rosto.

Fodeu! Merda! Corro até ela e me ajoelho, segurando suas mãos.

— Hei! — Tento olhar em seus olhos, mas sua cabeça continua abaixada. A palma da minha mão circula o seu queixo e a faço olhar para mim. — Minha pequena, nunca mais pense dessa forma. Olhe para mim! — Exijo — Amo você, desejo você mais que qualquer coisa nesse mundo. — Ela tenta desviar o olhar do

meu, mas seguro firme o seu queixo — Estrela...

Fico de pé. Pego sua mão e a levo para a frente das minha calça, em seguida faço os seus dedos circularem em torno do meu membro. Ele, ao sentir o calor da sua mão, pulsa, desesperado.

— Sinta o tamanho do meu desejo, quer maior prova do que essa?

Estrela segura meu membro, e sinto a pressão dos seus dedos, ela o aperta e solta. Inferno! Preciso morder o meu lábio inferior para não grunhir. Sibilo quando ela aperta forte e geme baixinho.

— Humm! Ele está tão duuuro... — Aqueles olhinhos azuis me fitam com tanta força, que eu preciso segurar o meu desejo para não a jogar na cama e entrar com força em seu sexo.

— Estrela, pare... — grunho outra vez — Inferno! Como posso resistir a isso? Porra! Pequena, não faz isso, eu estou querendo seguir o que o médico recomendou, mas você não está ajudando!

Junto toda força mental que existe em mim e afasto aquela pequena mão do meu membro, segurando-a firme para ela não tentar novamente. Se isso acontecesse, não responderia mais por mim.

— Eu já estou bem. — Ela murmura — Eu só quero você, estou morrendo de saudade, poxa! Alejandro, você me mostra as coisas boas, me ensina a fazer amor, depois me deixa chupando o dedo, assim não vale!

Ela cruza os braços no peito e enche as bochechas de ar. Fito-a com um olhar incrédulo. Eu não sei se gargalho ou fico bravo.

Estrela está parecendo aquelas meninas malcriadas, que quando querem algo fazem caretas.

— Merda! Eu criei um mostro! — Seguro seu rosto com as duas mãos e a beijo. — Pequena Estrela, eu também estou com saudade, mas hoje a senhorita vai ter que se contentar só com os meus beijos, meus carinhos e cuidados. Ok?

Beijo-a outra vez, e outra vez, e outra vez...

Ela tenta resistir ao meu charme, mas não consegue por muito tempo. Minutos depois está jogada na cama, tentando se livrar das minhas cócegas.

— Para, amor... para...! — Paro, ela já está ficando sem fôlego.

Ficamos um pouco mais na cama, abraçados. Quando ela recupera o fôlego,

ajudo-a a se vestir, e com muita insistência ela come. Fico aliviado, estou preocupado com a falta de apetite dela, é evidente sua perda de peso, e vê-la assim só aumenta o meu medo. *Medo de perdê-la.*

Fomos para a cozinha, ela até tenta me ajudar a arrumá-la, mas não permito. Reclama, me xinga, contudo, aceita.

Almoçamos e jantamos em meu escritório, na pequena mesa que tem lá. Foi divertido sair um pouco da rotina, e para ela não se sentir entediada, transformei-a em minha assistente: pedi para organizar minha pasta e enumerar os meus relatórios. Ela sentou na poltrona, bem em frente à minha mesa, cruzou as pernas uma dentro da outra e ficou lá, quietinha.

De vez em quando paro de trabalhar para observá-la. Está tão concentrada em uma

simples tarefa, levou a sério mesmo o que a mandei fazer.

Como eu precisei vir um dia antes para o Brasil, fiquei cheio de pendências para resolver, e a minha reunião de terça-feira, que seria em Paris, foi remarcada para quinta-feira, na matriz da minha empresa. Por isso preciso ficar até mais tarde estudando os contratos que seriam discutidos na reunião de amanhã.

Olho para o relógio: já passa das vinte e três horas.

Arrumo minhas coisas e a chamo.

— Vamos dormir, Pequena Estrela.

Ela fecha a pasta e a coloca no assento do estofado. Seus olhos brilham quando encontram os meus.

— Eu disse dormir. Entendeu?

Ela me oferece um riso lúbrico.

— Sim, senhor Ortega.

Quando ela termina a frase e vejo a luz do seu olhar, sou remetido para o passado. Lembro-me dela, Isabelle, ela sempre me chamava assim quando estava zangada ou queria algo de mim, mesmo sabendo que eu não daria.

Sinto um vazio no peito, e a saudade bate forte. Então me lembro que Isabelle se foi, não vai mais voltar. Quem está aqui é a minha Estrela. Expulso minha tristeza para bem longe e sorrio para a linda moça que está vindo em minha direção.

Beijo-a com fervor, embrenhando meus dedos nos fios sedosos dos seus cabelos loiros. A coloco em meus braços e a levo para o nosso quarto.

Já estávamos deitados, ela com a cabeça em meu peito e sua mão quente alisando o meu peito nu, quando comunico:

— Estrela. — Chamo-a, enquanto minha boca roça em seus cabelos. Ela aninha-se mais a mim. — Amanhã cedo iremos para Lagoas, tenho uma reunião às onze horas, e não quero deixá-la aqui sozinha.

Estrela se afasta um pouco e me encara, sorrindo.

— Jura?! Eu vou mesmo com você? — Assinto com a cabeça — E você só me fala isso agora? Ai meu Deus!

— Hei! Acalme-se, não precisa ficar nervosa.

— Como não, você vai me levar para conhecer a sua empresa! Eu... eu vou vestir o quê?

Começo a rir. Pela primeira vez, vejo Estrela se preocupar com o que iria vestir.

— Não se preocupe, você é linda até vestida em trapos. Mas depois que terminar minha reunião, e se você quiser, podemos fazer umas compras, o que acha?

— Humm! Acho que não vai dar, eu não tenho dinheiro para comprar roupas nas lojas que você costuma frequentar.

— Mas eu tenho, e agora a senhorita é minha noiva, e eu adoro mimar a quem eu amo. Está decidido, amanhã vamos às compras!

Pego em seu queixo com a palma da mão e a beijo, antes que resolva discutir comigo.



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

18 de setembro de 2016

O helicóptero chega às sete e trinta. Estrela fica boquiaberta quando o vê de perto.

— Nossa mãe de Jesus! Ele é enorme — fita-me com uma carinha de alarme — Isso é seguro, não é? — Aponta com o dedo para o helicóptero — Porque o que tem caído de avião... Deus é mais! — Faz o sinal da cruz.

— É seguro, sim... — pego em sua mão e a levo comigo. Entramos, e o piloto coloca todos os nossos acessórios.

Estrela agarra-se a mim. Seus olhos brilham mais que diamantes, ela parece com uma criança em um grande parque de diversão, atenta a tudo. Para onde olha, aponta o dedo e pergunta algo. Quer saber sobre tudo.

O mais impressionante é quando
NACIONAIS - ACHERON

sobrevoamos a grande cachoeira que fica próximo à casa de campo. Estrela solta um grito ao vê-la, que até o piloto se assusta.

— ALEJANDRO! — Grita — Ela é linda! Olha, amor, a queda da água, parece um véu de noiva. Nossa!

Eu acho que ela nunca mais vai esquecer esse passeio. Ficará para sempre registrado em suas memórias. Fico feliz por ter sido eu a proporcionar tudo isso. Ela nem imagina que sua aventura está apenas começando. Se soubesse o que irá acontecer assim que chegarmos a Lagoas, enlouqueceria.

Alfonso já nos espera no heliporto quando chegamos.

— Bom dia, senhor Martinez! Bom dia, senhorita Estrela! — Ele nos olha através do retrovisor do carro. — Direto para a empresa,

senhor?

— Não, preciso resolver um assunto antes.
— olho para ela — Vamos ao fórum.

É quase nove horas quando chegamos em frente ao fórum. Alfonso nos deixa e vai estacionar o carro. Entramos, sem Estrela ter ideia do que aconteceria nos momentos seguintes. Ela olha com admiração para todos os lados.

A expressão feliz do seu rosto me diz o que se passa em sua cabeça. Estrela era cega, só voltou a enxergar dois anos atrás, e quando vinha a Lagoas só podia imaginar como a cidade era bonita. As ruas arborizadas, com canteiros de flores coloridas, prédios altos, muitas lojas, bondinhos passando pelas ruas de paralelepípedos. Muitas praças com parquinhos para as crianças brincarem. E

quando ainda estávamos no alto, ela pôde ver as três lagoas que passavam por dentro da cidade, se fundindo em uma só.

Ela me abraça, sorrindo, e eu a beijo rapidamente. Avisto o Alfonso e aceno, ele caminha rapidamente em nossa direção.

— Desculpe a demora. — Ele diz, ajeitando a gravata.

— Venha, vou precisar de você. — Seguro a mão de Estrela, e entramos por uma porta de vidro, seguindo por um imenso corredor.

Caminhamos por alguns minutos até chegar a uma porta de madeira, onde havia uma placa, onde está escrito: *Juiz Fernando Castilho*.

Bato na porta, e uma voz bastante conhecida por mim responde, dizendo:

— Pode entrar, está aberta.

Entramos. À minha frente um homem alto, moreno, olhos castanhos e cabelos negros, abre um vasto sorriso ao me ver.

Ele tem quase a minha idade, uns dois anos mais velho, talvez.

— Meu grande amigo Alejandro...

Vem até mim, puxando-me para um abraço. Solto a mão de Estrela e o abraço fortemente.

— Nossa! Você não mudou nada, continua com essa cara séria. — Rimos.

— Pois é, mas você mudou. — Ele estica o pescoço para o lado e olha para Estrela. — É ela?

— É, essa é a moça que mudou a minha vida, a responsável por me tirar da escuridão.

Ele vai até ela e pega uma de suas mãos, a leva aos lábios e a beija.

PERIGOSAS

— Seu nome é muito bonito, sabia? E combina muito com você. — Estrela não está entendendo nada. Mas logo ela irá entender. — Podemos começar? — Fernando olha para mim e indaga:

— Sim, podemos. — Ele volta para sua mesa e se senta na cadeira. Eu vou até Estrela, seguro suas mãos e a olho em seus olhos. — Estrela, eu sei que toda mulher sonha com um vestido de noiva, véu, igreja, festa e um enorme bolo — Ela me olha, perplexa — Depois podemos fazer tudo isso, mas agora eu quero fazer as coisas do meu jeito. — limpo a garganta, e minhas mãos começam a tremer. — Estrela, você quer se casar comigo?

Ela puxa as mãos das minhas rapidamente, olhando-me assombrada. Pronto, fodeu, agora vou receber um não.

NACIONAIS - ACHERON

— A-agora? Já? Aqui, assim? — Seguro suas mãos outra vez e assinto com a cabeça. Tremo mais que vara verde. — Você está falando sério mesmo... Deus do céu! Você é maluco!

— Por você, sou maluco por você, e não quero correr o risco de perdê-la, por isso fiz tudo isso. Depois eu te conto como foi, mas agora só me responde. Quer casar comigo, quer ser minha esposa, na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, na tristeza e na alegria até que nada nos separe?

Ela fica me olhando com os olhos marejados, logo vejo uma lágrima escorrer por seu rosto, depois várias outras fazem o mesmo caminho. Minha mão vai até lá e carinhosamente começo a secar uma a uma.

— Shhh! Essas lágrimas são de alegria ou de...

— Sim. — Ela me interrompe — Eu aceito, e não me importo com o vestido de noiva, igreja, bolo ou festa, você me deu o casamento mais lindo e emocionante que uma mulher poderia sonhar em querer na vida! É por isso que eu o amo, Alejandro Ortega Martinez!

Ela me beija. É um beijo entre lágrimas — as minhas e as dela.

Fernando diz algumas palavras, eu assino o documento, ela assina também, e o Alfonso é nossa testemunha, junto com a assistente de Fernando.

— Espera. — Digo, sem desviar o meu olhar do dela. — Pode faltar o bolo em um casamento, menos isso — retiro do bolso do paletó duas caixinhas. Abro uma e mostro para ela.

— Nossa mãe de Jesus! Elas são lindas!

São as alianças, em ouro branco e dourado, a dela era rodeada de pequenos diamantes. Coloco a dela em seu dedo anelar, e ela põe a minha no meu. Beijo-a.

— Como você sabia a medida do meu dedo?

— Pergunta, curiosa.

— Talvez por isso! — Mostro a outra caixinha.

Ela pega da minha mão e a abre.

— Meu anel de moranguinho! — Fita-me com desaprovação — Você mentiu para mim, disse que não tinha o visto, isso não se faz.

— Você vivia largando-o em todo o canto. Agora não precisa mais retirá-lo do dedo, pode molhar à vontade, mandei banhar em ouro, e a pintura do moranguinho é especial, olha as pintinhas pretas, são diamantes negros.

— Alejandro, você não existe, não precisava
NACIONAIS - ACHERON

caprichar tanto. — Ela me abraça e beija o meu rosto por diversas vezes. — Eu te amo, senhor Fera.

A assistente de Fernando entra na sala, interrompendo o rompante da minha linda esposa — agora ela é a senhora Ortega — entrega um papel a Fernando e ele, por sua vez, entrega a mim.

— Aqui está, Pequena Estrela, o documento que nos torna casados diante da lei dos homens. Você é minha e eu sou seu pela lei civil. — Ela pega o documento e o lê.

— Como você conseguiu fazer isso tão rapidamente?

— Ele foi providenciado quando eu estava em Paris, liguei para o Fernando e pedi esse favor.

Fernando providencia uma garrafa de
NACIONAIS - ACHERON

champanhe. Somos felicitados e brindamos.

Estrela sorri, seus olhos brilham de felicidade. Acredito que os meus também. Agora sou um homem casado, a grossa aliança que reluz em meu dedo não me deixa mentir. Estou feliz, realizado. Ela, minha Estrela, é tudo o que eu quero e preciso em minha vida, e ninguém irá me tirar isso.



Alejandro

*E*stou completamente anestesiado de emoção. Eu me lembro perfeitamente de como me senti quando pedi a Isabelle em casamento; lembro do brilho dos seus olhos, lembro do seu sorriso, dos beijos que ela me deu – ainda os sinto em meus lábios. Eu sei que fiz cara de bobo, sei que disse algumas besteiras. E todos esses sentimentos ainda estão vivos dentro de mim. Talvez eles nunca desapareçam, eu me lembrarei da Isa enquanto estiver vivo, ou quem sabe depois da morte, mas...

Nada no mundo se compara ao que estou sentindo nesse exato momento. Não posso medir em números o tamanho da minha felicidade e do que sinto por essa moça; ela mudou o meu mundo, mudou a minha vida.

Sim, amei a Isabelle, a amei muito.

Só que agora, em meu coração, há um outro sentimento muito maior, não sabia que isso seria possível. Quando perdi a Isabelle, pensei que nunca mais amaria uma outra pessoa. Hoje eu sei que é possível, pois amo a minha Estrela, a amo com tamanha força que eu serei capaz de abraçar o mundo com o tamanho do meu amor.

E agora ela está ali, bem diante de mim, sorrindo. Sou um homem de sorte, um homem de grande sorte.

É... eu acho que Deus existe. Ele não

desistiu de mim, mesmo quando eu lhe virei as costas, Ele me mandou uma estrela para me tirar da escuridão.

Obrigado! Agradei em pensamento.

— Hei, Senhor Fera Casado! Está no planeta Terra?

Uma voz doce e suave desperta meus sentidos. Olho para ela. Eu sei, estou parecendo um imbecil, mas era o imbecil mais feliz do mundo.

— Oi, senhora Petulante Casada! Estava visitando o seu universo, fui agradecer ao seu pai por tê-la enviado para mim. — Aponto para o céu — Acabei de agradecer a Deus o presente que ele me deu.

Ela joga os braços em volta do meu pescoço e me beija. Adoro isso nela. Mesmo sabendo que estávamos em público, no meio de uma

multidão, Estrela me beija sem medo, sem vergonha, sem regras. Simplesmente me beija e depois esconde o rosto na curva do meu pescoço, cheirando-o.

— Amo você, minha linda Estrela. — Digo, olhando em seus olhos e segurando na ponta do seu queixo.

Nos despedimos de Fernando e seguimos para o carro, havia esquecido completamente do meu compromisso.

Estou tão absorto, que nem percebo a multidão de paparazzi nas escadas do fórum. Assim que colocamos os pés fora da porta, os flashes das câmeras e alguns repórteres começam a cercar a mim e a Estrela.

“Senhor Martinez, essa é a sua esposa, qual o nome dela?”

“Pelo jeito, a sua outra noiva foi logo

substituída”

“Vocês vão passar a lua de mel em Paris?”

“É verdade que você era cega, Estrela...?”

Estrela não escuta o que o repórter pergunta, ela está atordoada demais com tantos microfones e câmeras fotográficas, mas eu escuto perfeitamente. Não tem como esse repórter saber o nome e o passado da Estrela. Meu sensor de perigo acende. Procuro o repórter, mas ele havia desaparecido. Olho para o Alfonso, ele também escutou, e assim que dou o sinal, sai à procura do homem.

Abraço a Estrela, a escondo entre os meus braços e a levo de volta para dentro do fórum.

— Você está bem, meu amor? Eles machucaram você?

— O que foi aquilo!? Eu pensei que seria devorada viva. — Eu também quero saber.

NACIONAIS - ACHERON

Estrela está visivelmente abalada, treme, e o seu rosto está muito vermelho.

— São urubus em busca de carne fresca, mas não se preocupe, vou mantê-los longe de você, só preciso saber se você está bem.

— Estou, mas eu quero ir embora daqui.

— Nós iremos. Nós iremos.

Abraço meu precioso tesouro, beijando o alto da sua cabeça. Rezo para que o Alfonso me traga alguma notícia, preciso saber quem é aquele repórter.

Alfonso retorna dez minutos depois. Ele balança a cabeça, é o sinal que não havia encontrado o tal repórter. Bem, se ele for inofensivo, a reportagem sairá em algum jornal sensacionalista, se não for, ficarei maluco de tanta preocupação.

— Senhor, não se preocupe. Tudo ficará
NACIONAIS - ACHERON

bem, eu garanto isso. — Alfonso lê os meus pensamentos. Sorrio torto e puxo Estrela para mim, abraçando-a pelos ombros — Esperem-me nos fundos do fórum, vou buscar o carro.



A confusão e a agitação continuam a atormentar minha cabeça enquanto seguimos para a minha empresa. Não consigo esquecer a voz do repórter dizendo: *“É verdade que você era cega, Estrela?”* A cautela é uma virtude, e assim que chegar à minha sala tomarei certas providências.

O carro para. Desço do veículo e ajudo a Estrela a descer. Olho para o Alfonso e digo-lhe:

— Comece com as pesquisas. — Ele entende o recado.

Entramos no elevador, Estrela está quieta, não sei se nervosa pelo incidente do fórum ou nervosa porque vai conhecer o meu outro mundo.

Não estou preocupado com isso, ela é minha esposa e agora vai viver dentro desse mundo mais tempo do que imagina, pois não pretendo deixá-la sozinha nem por um minuto.

As portas do elevador se abrem. Seguro-a pela mão e seguimos, bem em frente havia uma enorme porta de vidro com um nome escrito em letras garrafais em prata “*Empreendimentos Martinez*”. Estrela para por alguns segundos e a admira. Passamos pelo longo corredor com paredes em azul cobalto, ornamentadas com alguns quadros de artistas locais.

Ela olha tudo com admiração. Minha

empresa fica no último andar do prédio. Entramos na grande recepção, é aberta e muito aconchegante. Há quatro portas de escritórios, uma defronte da outra, e uma grande sala de reuniões envidraçadas, as paredes de vidro dão uma luminosidade moderna.

— Isso é música? — Ela olha para mim e pergunta.

— Sim, é, gosto de som ambiente.

A primeira porta à direita é a minha sala, e nela está escrito “*Alejandro Martinez*”; a segunda “*José Domingues*”, a terceira “*Financeiro*” e a quarta “*Executivo*”.

Minha secretária olha em direção à porta de vidro, avistando-me, e abre um vasto sorriso.

Ela é uma mulher muito bonita. Morena, olhos castanhos, cabelos negros muito bem penteados e muito alta, devia ter um metro e

oitenta.

— Bom dia, senhor Martinez! — Seus olhos vão direto para Estrela e para sua mão esquerda. Depois olha para mim e para a minha mão esquerda. Seus olhos se fixam lá.

Estrela parece dispersa, ela olha para todos os lados, não presta atenção no que está acontecendo à sua frente.

— Patrícia, essa é Estrela, minha esposa.

Ela fica pálida, penso que vai desmaiar.

— Você está bem? — Estrela vai até ela e a segura pelo braço. — Sente-se aqui. Amor, vá buscar um copo com água. — Fico olhando para ela com cara de paisagem — Anda, Alejandro, ela está gelada.

Deixo as duas lá e vou até a copa. Quando retorno, a Estrela está com uma folha de papel a abanando.

— Patrícia, quer que eu chame um médico?
— Pergunto, preocupado, ela está pálida e trêmula.

— Não, não precisa. Já estou melhorando, foi só o susto, pois até ontem o senhor era solteiro e hoje... Meu Deus! Desculpe-me, não quero parecer intrometida, eu só me assustei.

— Ela olha para Estrela demoradamente. — Ela é muito bonita. Parabéns, senhor!

— Obrigada! Você também é muito bonita.
— Estrela alisa os cabelos dela, olhando-a com carinho.

— Obrigado, Patrícia! — Agradeço. Pego a Estrela pela mão e vou andando para minha sala — O pessoal já chegou para a reunião? — Viro para ela e pergunto.

— Já, eles estão com o senhor José.

— Avise-os que em dez minutos estarei

indo.

Fecho a porta atrás de mim.

— Venha cá. — A puxo para os meus braços. Beijo sua boca com amor, minha vontade é outra, mas guardarei para quando chegarmos em nosso apartamento. — Eu prometo que não vou demorar, fique à vontade, tudo isso aqui, a partir de hoje, é seu também. Pode mexer no que quiser, só não saia do prédio, pelo amor de Deus, não saia desse prédio nem se a sirene de aviso de incêndio apitar. Espere por mim, ok?

— Você só não é mais bobo porque é um só. Vá para sua reunião, eu ficarei bem, e quietinha.

Ela me puxa pela gravata e me beija, daquele jeito que só ela sabe me beijar.

Deixo-a sentada à minha mesa, mexendo em meu notebook. Aviso à minha secretária

para me avisar se ela colocar o pé fora da minha sala.

Antes de entrar na sala de reuniões, vou à sala de José. Preciso resolver um assunto.

Pego o telefone e disco um número.

— Pedro, sou eu, o Alejandro, como vai?

— *Senhor Martinez, nossa! Quanto tempo não nos falamos! Como o senhor está? Soube que voltou à ativa, fico feliz pelo senhor...*

— Pedro — o interrompo. Se eu deixasse, ele ficaria com aquela rasgação de seda até o dia seguinte. — Preciso que publique uma nota na primeira página de todos os jornais e revistas e passe a notícia para os principais tabloides mundiais, entendeu? — Ele assente — A notícia é sobre o meu casamento — Pedro começa a tossir desesperadamente. Dou um tempo para ele se recompor — O nome da minha esposa é

Estrela Oliveira Ortega...

Passo todos os dados pessoais da Estrela e como foi realizado o nosso casamento. Por fim, mando uma foto minha e dela juntos. Tenho várias em meu celular.

Pedro quer mais detalhes, mas o interrompo, dizendo-lhe ser o bastante o que acabei de passar para ele. Ele limpa a garganta, calando-se.

Após finalizar a ligação, sigo para a sala de reuniões, onde todos já me aguardam. Às treze horas, minha reunião acaba. Entro em minha sala, mas não a encontro onde a havia deixado. Meu coração dá um pulo.

— Estrela. — Nervoso e já vasculhando a sala com os olhos, eu a chamo — Pequena — *Inferno! Onde ela se meteu?* — Pequena Petulante, cadê você?

NACIONAIS - ACHERON

Escuto barulho de água vindo do banheiro. Dou dois passos nessa direção, então vejo uma cabeleira loira se agitar através da porta entreaberta. Estrela olha em minha direção e acena.

— Já terminou a reunião ou veio me espionar? — Diz suavemente, colocando charme na expressão.

— Quer me matar de susto? — Disparo — Inferno! Pensei que havia saído.

— Desculpe-me, senhor Carcereiro. Não foi a minha intenção sentir vontade de ir ao banheiro, na próxima vez faço xixi na sua cadeira.

Tenho a impressão de que já escutei essa frase. Pisco, obviamente surpreso. Lembro-me da Isa quando nos conhecemos, ela disse a mesma coisa.

Desfaço a carranca.

Sorrindo, vem até mim, abraçando-me, seus lábios se juntam aos meus e sua mão acaricia o meu rosto.

— Pois faça, é melhor do que perdê-la de vista. — Falo suavemente, e os olhos dela se estreitam. — E não me olhe assim. — Ela me olha enviesada, mas não desfaz o sorriso de moleca. — Venha, vamos embora daqui antes que inventem outra reunião.

Pego-a pela mão e saímos.

— Até amanhã, Patrícia! — Minha secretária balbucia algo incompreensível. Entro no elevador, puxando minha esposa pela mão. — Pronta para conhecer o seu novo lar? — Estrela apenas sorri.

Assim que entramos no carro, ele sai da garagem. Estrela se vira para a janela e fica

com os olhos fixos na paisagem. Ela não solta a minha mão, mas não olha para mim em nenhum minuto, está completamente hipnotizada.

— Para onde estamos indo? — Pergunta, sem desviar os olhos da rua.

— Nosso apartamento, eu lhe disse. — Aliso a sua mão, colocando-a em minha coxa.

— Eu sei, mas fica longe da sua empresa? — Ela me puxa para mais perto dela.

Estrela recosta as costas em meu braço, deitando a cabeça em meu ombro. Ela adora fazer isso. Quando estamos na cama e fico trabalhando em meus relatórios, ela sempre faz isso, pega uma revista e fica com a cabeça descansando em meu ombro ou em meu colo, folheando a revista até adormecer.

Passamos pela lagoa, e quando ela a vê,
NACIONAIS - ACHERON

encosta a testa no vidro da janela. — Olha, Alejandro, são cisnes! — Aponta com o dedo, segurando meu queixo para que os meus olhos os vejam. — São lindos!

Sorrio com a observação dela.

— São patos gigantes de fibra de carbono que servem para os turistas passearem na lagoa.

— Desmancha-prazeres! Dava para pelo menos me deixar sonhar.

Lembro-me da Isa, ela me disse a mesma coisa. Elas são tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidas. Não sei se isso é bom ou ruim.

Alfonso entra com o carro no edifício. Olho para trás, para me certificar sobre a possibilidade de quaisquer paparazzi ter nos seguido.

Ajudo Estrela a descer do automóvel. Pego nossa bagagem e dispenso o Alfonso. Entramos no elevador, coloco minha chave no local indicado e aperto o botão da cobertura. Ela me olha, curiosa. Digo-lhe:

— Elevador privativo. Este prédio possui um apartamento por andar, e a cobertura tem suas regalias.

— Você não tem medo de dormir em um lugar tão alto?

— Não, sinto-me seguro, é como a sua estrela lá do céu. — Ela não tira os olhos de mim — Fico acima de todos, só observando. — o sorriso dela aumenta.

Saímos do elevador. Estrela está atenta a tudo, cada detalhe é observado por seus olhos. Abro a grande porta de madeira. Deixo-a entrar primeiro, e as luzes se acendem.

Está tudo arrumado como eu mandei: flores espalhadas por todos os cantos, as persianas fechadas e alguns móveis foram trocados – havia quebrado a grande maioria deles. Após o sepultamento da Isa, enlouqueci e destruí quase todo o apartamento.

— Uau! — Estrela dá dois passos, põe as mãos na boca e os olhos saltam de deslumbre. — Isso aqui é coisa de cinema. É tudo seu mesmo?

— É seu também, agora esse apartamento e tudo o que me pertence também é seu, inclusive eu.

Ela vira para mim.

— Não! Isso e tudo mais que você tiver é só seu, cheguei em sua vida agora, não é justo me apossar do que não coloquei uma gota de suor. Não tenho direito sobre nada disso, mas aceito

PERIGOSAS

você. Você é meu.

Sou abraçado com força e beijado com amor.

— Você é minha herdeira, você e os filhos que teremos...

— Filhos! — Sou interrompido, aqueles olhos azuis me fitam com curiosidade. — O senhor quer filhos?

— Uhum! Uma porção deles.

— Deus do céu! Eu nem cresci ainda, e já vou ter que fazer bebês!

— Sim, não se preocupe, eu crio você também.

Puxo-a para mim, ela sorri quando os seus olhos encontram os meus. Beijo a ponta do seu nariz.

Ela ainda não tinha visto a surpresa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Passamos do hall de entrada, chegamos na sala. Ela olha para a mesa posta requintadamente, vai até lá e toca em tudo. Nos pratos, nos talheres, nas taças, nos guardanapos ricamente bordados, as rosas lilás... depois vai até a janela. Aperto o botão e as persianas se abrem.

— Caramba! É muito lindo! Olha, nem consigo enxergar as pessoas direito lá embaixo. Nossa! — Suspira, olhando para mim.

Entro na cozinha, abro a geladeira e pego um balde de gelo com uma garrafa de champanhe dentro.

— Vamos brindar ao nosso casamento? — Estrela continua admirando a vista abaixo. Ela gira o corpo, entrando na cozinha.

— Eu moraria aqui, nesta cozinha. — Gargalho com a observação dela.

NACIONAIS - ACHERON

Levo o balde para a sala e o deixo na mesa. Puxo-a pela mão e a levo para conhecer a cobertura. Subimos a grande escada retorcida de ferro.

— Aqui é a sala de TV, ali é o salão de jogos, ao lado é o banheiro e lá fora. — Fomos para a parte externa — a piscina e o ofurô. Vamos fazer amor ali dentro — encosto minha boca próximo à sua orelha e sussurro, apontando para a proteção de madeira escura, coberta com flores do campo. Os olhos dela brilham quando digo isso. — Mas antes, vou mostrar o restante do apartamento.

Pego-a pela mão, ela tenta me puxar de volta. Gargalho.

— São duas suítes e um quarto. Um deles uso como escritório, o outro é de hóspedes e este é o nosso. — Abro a porta. Havia trocado a

cama e as cortinas, agora elas são brancas.

— Nossa! Ela é maior que a nossa, cabem umas cinco pessoas aí. — Senta na beira, alisando a colcha de veludo estampada. O quarto continua o mesmo, só havia mudado a cama.

Sento-me ao seu lado.

— Pequena — seguro sua mão, encostando-a em meus lábios, acaricio minha boca em sua pele por alguns instantes. — Preste atenção, eu sei que você gosta de Rio Alto, mas agora que reassumi a empresa, não tem como continuar morando lá, são três horas para vir e ir. Não vou deixá-la sozinha naquela casa, por isso vamos ter que vir morar aqui. — Espero-a dizer alguma coisa, ela só ficou me olhando. — Você está entendendo o que estou dizendo? Já contratei um arquiteto e ele virá aqui amanhã

PERIGOSAS

conversar com você, pode mudar o que quiser; se quiser derrubar paredes, derrube-as. Mas se não quiser sair de Rio Alto, dou um jeito, só não quero vê-la infeliz, ok?

Duas mãos cercam o meu rosto, e duas estrelas brilhantes me fitam.

— Estarei onde você estiver, o meu lugar é ao seu lado, não me importo se será aqui ou em Rio Alto.

Ela me beija. É um beijo tão quente, muito mais quente do que a luz do seu olhar.



Alejandro

*E*rgo os olhos para ela. Os dela estão fechados. Afasto minha boca lentamente, como em um filme em câmera lenta. Fico a observando. Ela deve ter sentido o meu olhar, porque abre os olhos para me ver. Seus lábios se abrem em um lindo sorriso.

Inferno! Como ela é linda! Levanto a minha mão para acariciar seu rosto, Estrela a comprime com o seu ombro, acariciando-a. Sem entender a força do sentimento que se

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apossa de mim, a puxo para o meu peito e beijo o alto da sua cabeça. Meus lábios ficam ali por uma porção de segundos.

Sem sombra de dúvida, eu a amo mais que tudo nessa minha vida louca. Faria tudo por ela, morreria por ela se preciso fosse. A emoção explode através do meu corpo, deixando-me tonto de amor. Minha pequena petulante conseguiu derrubar as muralhas de ferro que eu havia construído em torno de mim. Ela me libertou.

Seu braço cobre meus ombros, sou beijado ternamente enquanto minha nuca é acariciada do jeito que só ela sabe fazer. Respiro fundo, fechando os olhos, mas não por muito tempo, pois eles a fitam rapidamente. E os meus lábios se abrem em um sorriso.

Acaricio seu rosto com as pontas dos dedos.

NACIONAIS - ACHERON

Não consigo parar de sorrir, de repente sinto uma lágrima escorrer por meu rosto.

Inferno! Virei um molenga.

Não sei o que me dá naquele momento, mas uma emoção tão forte toma posse do meu coração. Olhar para ela, ver o seu lindo sorriso e ficar tão perto do brilho dos seus olhos balançam minhas estruturas. Estou perto do céu, então lembro de algo, algo que marcou minha infância.

Meus pais.

Seguro por seu queixo, meus olhos fixam-se aos dela. Eu sei que o que vou dizer nesse exato momento emocionará a mim e a ela. Engulo a saliva, e sua mão lentamente limpa a lágrima do meu rosto. Emocionado, falo:

— Uma vez, há algum tempo, devia ter uns 16 ou 17 anos, escutei o meu pai cantando uma

NACIONAIS - ACHERON

música em inglês para minha mãe. Na época, achei a letra ridícula, mas fiquei feliz ao perceber que a emoção sentida por ele ao cantar para ela era verdadeira, pois a cada frase dita, os olhos dele brilhavam. E foi ali, naquele momento tão íntimo dos meus pais, que eu decidi e tive a certeza que, no dia em que encontrasse a mulher da minha vida, olharia para ela todos os dias da mesma maneira que meu pai olhava para minha mãe: com uma luz no olhar, maior do que a luz do sol, e a amaria com a mesma força, como o meu pai amou a minha mãe.

Beijo sua testa. Pego o meu celular, e antes de reproduzir a música, completo:

— Ainda lembro da música, não sou nenhum cantor, mas cantarei um trecho para você, quer escutar? — Ela responde que sim,

então começo a cantar.

*“Like a river flows, surely to the sea
Darling, so it goes somethings are meant to
be*

*Take my hand, take my whole life too
For I can't help, Falling in love with you”*

Assim que termino, traduzo o trecho:

*“Como um rio que corre certamente para o
mar, querida, assim algumas coisas estão
destinadas a acontecer. Pegue minha mão,
pegue minha vida inteira também, pois eu
não consigo evitar de me apaixonar por você.”*

— O nome da música é, *“Can't Help Falling
In Love*, de Elvis Presley. — Aperto o play para
reproduzir a canção. A música começa a tocar,
e eu a traduzo. Estrela começa a chorar,
emocionada.

— Estrela — chamo-a, enquanto suspendo o seu queixo com os dedos, para avaliar o seu rosto — Amo você, amo muito. Eu pensei que nunca mais pudesse sentir isso outra vez, mas não sei por que, ganhei você de presente, e agora nunca mais a deixarei sozinha, pois nunca mais deixarei você sentir saudades. Não quero correr o risco de deixá-la doente.

Lembro-me do que o médico me disse, que saudade pode matar. Se dependesse de mim, ela nunca mais sentiria saudades.

Meus lábios cobrem os dela com tanta força, que tudo o que ela pode fazer é aceitar minha língua e deixar sua boca ser possuída por ela. Pego-a no colo e a levo para a cama. Não iria esperar após o jantar, já havia esperado muito tempo, seria nossa primeira noite de amor, casados.

Deito-a sobre os travesseiros.

— Fique aí, quieta, só me observe.

Ela sorri, e a cada movimento que eu faço, seus lindos olhos azuis brilham muito mais.

Livro-me do paletó, da gravata e da camisa. Ela lambe os lábios quando vê o meu peito nu. Retiro o cinto, depois a calça, com um só movimento minha cueca é arrancada do meu corpo; as meias e os sapatos somem em um piscar de olhos. Fico nu em sua frente. Meu pênis ereto, gotejante de desejo por *ela*.

Ele está curvado para cima, soberbo, com a cabeça brilhando e inchada, minhas bolas duras e doloridas. Não estou me aguentando de tanto tesão, há dias não faço amor com a Estrela, e hoje será especial, será como se fosse nossa primeira vez.

Minha pequena petulante está impaciente,
NACIONAIS - ACHERON

olhando para mim com fome, esfregando as coxas uma na outra. Tenho certeza que, quando estiver dentro dela, gozarei como um maldito adolescente.

Ela tenta se levantar.

— O que eu disse, hein? — ela volta a colocar a cabeça nos travesseiros. — Hoje será tudo do meu jeito.

Rastejo sobre o colchão e começo a despi-la. Desabotoo todo o seu vestido e, aos poucos, sua pele branca vai ficando descoberta, as rendas do sutiã e da calcinha preta ficam à mostra. Não tenho pressa, eu tenha todo o tempo do mundo. Estrela olha admirada cada movimento das minhas mãos. Jogo o pequeno vestido no chão do quarto, baixo uma alça do sutiã, depois a outra, e com delicadeza o retiro.

Seus dois seios rosados ficam ao alcance das

minhas mãos. Os acaricio com sutileza, só com as pontas dos dedos. Estrela, ao sentir o meu toque ao redor dos bicos retesados, ofega baixinho.

— A-Alejandro, quer me matar? — Seus lábios se apertam quando sussurra.

— Shhh! Quieta, pequena petulante.

Inclino-me sobre ela. Minha boca encosta levemente em um seio, toco a ponta da língua no mamilo duro, o lambo e depois o mordo com os dentes.

— Cristo! — Ela grita, ofegante.

Minha boca vai para o outro seio e faz o mesmo. Ergo o corpo, nossos olhares se fixam. Ela está com o rosto ruborizado.

Inferno! Ela exala tesão.

Minhas mãos deslizam sobre sua barriga até

chegarem aos seus quadris. Retiro sua calcinha, escorregando-a preguiçosamente por suas coxas, até os seus tornozelos.

— Estrela, você é tão linda e tão gostosa, eu preciso tanto provar você — digo, enquanto afasto suas pernas. Suas coxas estão meladas por sua excitação. Começo a acariciá-la com os meus dedos, espalhando o seu mel por cima do pequeno botão.

— Oh! Alejandro, por favor... humm! — Sem fôlego, ela tenta fugir das minhas carícias. O desejo dela é igual ou maior do que o meu.

Enquanto ela geme e contorce o corpo que queima de tesão, eu travo uma batalha para me controlar.

— Eu quero tudo, Estrela. Quero tudo de você, hoje levarei você ao céu e ao inferno.

Ela levanta a cabeça, olhando-me com o

NACIONAIS - ACHERON

olhar afogueado, e murmura lascivamente:

— Leve-me para onde você quiser, desde que vá comigo. Eu não me importo, eu só quero gozar com você, junto com você.

Inclino-me para bem perto do seu sexo e aspiro o seu cheiro, meus dedos acariciando-a como se fosse o meu pênis. Ela está tão próxima do clímax, e eu também.

— Nossa! Tão molhadinha! Tudo isso é para mim, essa linda bocetinha apertada é toda minha, esse grelinho inchado é meu. Meu amor, quando eu o colocar na boca vou fazê-la gozar com uma chupada só. — a cada palavra sacana que eu digo, sinto a luxúria no corpo de Estrela crescer. Ela gosta de ouvir sacanagens, e eu adoro falar.

Seu corpo se contorce, mexendo a cabeça de um lado para o outro, a ponto de enlouquecer

de prazer. Minha boca alcança o seu clitóris, dou uma lambida, depois uma mordida.

— A-Alejan... — não consegue dizer o meu nome, engasga quando sente o meu chupão. Sou gentil no início, carinhoso, mas segundos depois, mergulho de boca, literalmente, naquelas carnes suculentas.

— Porra! Você... é... deliciosa — balbucio enquanto a chupo.

— Alejandro. Pare de me atormentar, foda-me logo...

Ela está pronta para mim.

O gosto dela é algo imaginário. Fico louco, desesperado. Estrela começa a bater em minhas costas com os pés, depois ela começa a se contorcer. Ergo um pouco a cabeça e posso ver que está beliscando os bicos dos seios com os dedos. É a coisa mais foda que eu já assisti;

ela fricciona os mamilos com o polegar e o dedo indicador, mordendo os lábios enquanto arqueia o corpo.

Volto a boca para o seu sexo, e os meus dedos começam a fodê-la.

— Estrela, eu quero mais de você, quero explorar mais do seu corpo. — Seus olhos me olham com um tesão cru, aquele brilho tarado que eu tanto amo. Ela assente com a cabeça.

Inferno, o cheiro dela se misturando com o meu, o fogo do sexo devorando nossos corpos, o desejo crescendo e nos devorando, eu iria ficar louco de tanto tesão. Tiro os dedos de dentro dela e deslizo para o seu buraco traseiro, roço suavemente em suas pequenas pregas. Ela é virgem lá. Esse pensamento atíça o bicho faminto dentro de mim.

Ela fica tensa ao sentir o meu dedo em um

local tão íntimo, sinto o tremor dos seus músculos. Chupo o clitóris com mais força, e minha língua a penetra. Seu grito de prazer me incentiva, então enfio o dedo dentro dela e a encaro. Seus olhos arregalam, sua boca entreabre e ela solta um gemido. Enlouqueço quando ela revira os olhos e inclina o quadril. É um convite para ir mais fundo; enfio todo o dedo.

— Oh, humm! Alejan... — Engasga, seus dedos apertam a colcha da cama e a puxa com força.

O quarto pega fogo nesse momento. Perco o controle do meu corpo, eu preciso possuí-la, preciso estar dentro dela.

Viro-a de bruços, meus lábios viajam pela sua espinha, meus dentes aranhando sua pele enquanto me movo sobre suas costas. Afasto

PERIGOSAS

suas pernas e fico entre elas, minhas mãos descem para sua bunda magnífica e ela é acariciada. Pego meu pênis com uma das mãos e deslizo entre suas coxas, esfregando-o em sua boceta encharcada, empapando-o do seu mel. Faço isso várias vezes e sempre provocando o seu clitóris.

Estrela está a ponto de gozar, e eu a ponto de explodir.

Beijo sua nuca, suas costas. Minha outra mão alcança o seu clitóris e eu o acaricio. Pego o meu pênis e o guio até a sua abertura.

— Inferno! — Grunho. Suas carnes estão quentes e tão molhadas. Eu sei que o meu membro será devorado por aquela boceta assim que entrar nela.

E foi. Assim que a cabeça encontra o caminho, ela é completamente engolida.

NACIONAIS - ACHERON

Quando dou por mim, estou todo dentro dela.

— Oh, meu Deus! — Escuto o grito dela. Seu quadril arqueia e sua bunda fica para cima. — Mais rápido, Alejandro, ou vou perder os sentidos!

Fico de joelhos e a coloco de quatro. Meu membro está todo dentro, sentindo o aperto da dona dele. Estrela rebola e empurra a bunda para trás. Escuto o meu próprio grito quando enterro outra vez nela, e outra vez, e outra vez. O som dos nossos corpos batendo, os gemidos e meus grunhidos ecoam no quarto.

Ela grita o meu nome e eu o dela, quando finalmente o êxtase se completa. A minha liberação é intensa, meus espasmos e o som gutural de alívio é implacável.

Caio sobre ela, beijando os seus cabelos molhados de suor. Nossos corpos estão febris e

PERIGOSAS

suados. Acaricio seus cabelos, e quando recupero um pouco do meu fôlego, a viro para mim. Nossas bocas são possuídas por uma fúria louca. Pele com pele se roçando, ela está extasiada, suas bochechas ruborizadas, a pele macia queimando. É o desejo dela por mim. Olho para ela com toda a força do amor que sinto por ela e digo:

— Eu amo você, minha Estrela.

— Amo você, Alejandro, meu príncipe.

Sorrio e a beijo novamente.

Após uma longa pausa, a levo para tomar um banho no ofurô, e como eu havia prometido, faço amor com ela nas águas perfumadas por pétalas de rosas. É um amor lento, suave, quase uma desintoxicação do amor que fizemos na cama. *É um sexo terapêutico.*

NACIONAIS - ACHERON

Ficamos lá por quase uma hora, depois fomos para a ducha. Estrela está cansada, então decido ficar na sala de TV. Escolho um filme romântico – não gosto –, mas ela adora. Após dez minutos de filme, Estrela adormece. A pego nos braços e a levo para o quarto. Cansado, me envolvo em seu corpo e adormeço.

O sol brilha naquela manhã de sexta-feira. Acordo sobressaltado, pois já nas primeiras horas da madrugada tive um sonho não muito bom. O que me fez acordar por diversas vezes, só consegui relaxar quando vi que ela está segura e em meus braços. Nesse sonho, escutava o choro desesperado de Estrela. Não conseguia encontrá-la, só escutava o seu choro e sua voz chamando por mim.

Foi desesperador, meu coração ficou tão

ritmado que eu precisei de uma dose de uísque para acalmar os nervos.

Olho para o meu peito. Uma pequena e delicada mão está sobre ele, bem em cima do meu coração. Cabelos loiros espalhados por todo o travesseiro e uma linda perna por cima das minhas. É assim que ela dorme, e eu adoro isso.

Meu travesseiro toma o meu lugar. Após o banho, vou providenciar o café e fazer algumas ligações. Hoje o meu dia será só dela.

Às nove horas, escuto um grito. Da última vez que alguém que eu amo gritou, eu a perdi. Corro para o quarto.

Ela se debate e suas mãos procuram algo. Aproximo-me o mais rápido que posso, e quando a sua mão toca o meu rosto, ela me puxa para os seus braços.

PERIGOSAS

— Meu amor, meu amor! — duas Mãos cercam o meu rosto. — Alejandro, não me deixe... — ela ainda está presa ao sono. — Eu o amo tanto... não me deixe ir... não quero ir...

— Estrela, acorde! É só um sonho, minha pequena. Estou aqui, meu amor, abra os olhos.

Duas estrelas brilham para mim. Aqueles olhos azuis lindos estão marejados. Quando ela me vê, joga-se em meus braços e começa a chorar. Seu corpo convulsiona pelos soluços. Suas mãos apertam minhas costas, e ela treme.

— Estrela, se acalme. Você estava sonhando, foi só um sonho.

Eu quero acreditar nisso, quero ter o dom da premonição. Algo não está certo. Primeiro o repórter, depois o meu sonho e agora ela.

Quem fica com medo sou eu. Está na hora de me precaver.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu.. eu... — soluça — foi o sonho mais horrível da minha vida. Eu sonhei que você ia embora e não se despedia. Você não vai fazer isso, vai?

Ao mesmo tempo que tento acalmá-la, tento me acalmar também.

— Claro que não! Só se for um louco ou ficar demente — coloco uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha e a beijo na testa. — Foi um sonho ruim, só isso. — Olho para ela com carinho — Vem cá. — Suas pernas se entrelaçam em minhas costas e ela monta em mim.

A levo para a sala e a deixo sentada em uma das cadeiras da mesa de jantar.

Tomamos o nosso café da manhã alegremente, aos poucos ela se esquece do sonho e volta a sorrir. Às onze horas, o

NACIONAIS - ACHERON

arquiteto chega. Conversamos por quase duas horas. Estrela, no início, fica um pouco reticente em dar sua opinião, mas depois começa a apontar tudo o que gostaria de mudar na casa. Ela muda praticamente tudo, e pelo o que vejo no tablet, o nosso novo apartamento ficará a carinha dela: lindo, divertido, jovial e brilhante. O prazo estipulado para a entrega é de quarenta e cinco dias, no máximo dois meses, mas se comesçassem imediatamente poderia ser bem antes.

Então, fica decidido que eles começariam no dia seguinte.

Assim que o arquiteto vai embora, levo Estrela para conhecer Lagoas. Almoçamos em um maravilhoso restaurante à beira da Lagoa central, e fomos passear nos patos – os que ela insistia em chamar de cisnes. Nossa fotografia

PERIGOSAS

já está estampada em todos os jornais e revistas principais do país, a esta altura o mundo inteiro já sabe que Alejandro Ortega Martinez havia se casado com uma linda moça chamada Estrela Oliveira Ortega. Voltamos para Rio Alto no final da tarde.

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

19 de outubro de 2016

Acordo com o toque do meu celular. Procuro desesperado pelo aparelho. Olho para o meu peito, e lá está ela – a pequena mão espalmada bem em cima do meu coração, pernas entrelaçadas nas minhas, e uma cabeleira loira espalhada nos travesseiros, bem próximo ao meu rosto.

Como o toque está baixo, o deixo tocar. O sono é maior que minha curiosidade, fui dormir quase às duas da manhã, fazendo amor com ela.

Já estamos casados há mais de um mês, continuamos em lua de mel. Como ainda estou trabalhando em home-office, não consigo manter minhas mãos longe dela, meu desejo por essa pequena petulante é enlouquecedor, e às vezes vamos dormir após as duas horas da

NACIONAIS - ACHERON

manhã.

O celular para de tocar. Viro-me um pouco para o lado dela e a abraço.

Já estou quase voltando a dormir, quando o celular volta a tocar. Ainda está escuro, então ainda é de madrugada. Seja quem for é importante, ninguém liga para alguém na madrugada se não for urgente. Atendo.

— Alô! — Minha voz soa sonolenta.

— Senhor Alejandro? — Confirmo com um sim — Aqui é do hospital central de Lagoas. Houve um grave acidente com o senhor Alfonso, precisamos da sua presença imediatamente....

— Ele está bem? — Nem deixo a pessoa terminar de falar, sento-me na cama imediatamente, ligo o abajur já me levantando.

— Responda-me, o Alfonso está bem?

— Ele está inconsciente, os médicos estão fazendo o possível para estabilizá-lo...

— Estou a caminho. — Desligo.

Alfonso não é só o meu motorista e segurança, ele é o meu melhor amigo, posso dizer até meu irmão mais velho. Nos conhecemos na Inglaterra, ele era sócio de uma empresa de segurança muito bem-conceituada, nos tornamos amigos e começamos a sair. Quando resolvi voltar para o Brasil, nossa amizade ficou a base de e-mails e telefonemas. Um belo dia, ele me ligou perguntando se eu não estava precisando de um segurança.

Não entendi a pergunta na época, mas não quis entrar em detalhes, se ele não queria me dizer os motivos que o fizeram deixar a Inglaterra e desfazer uma sociedade tão

PERIGOSAS

promissora. Não seria eu a perguntar, e a bem da verdade, estava precisando de um motorista.

Dois meses depois, o Alfonso chegou a Lagoas com apenas uma mala de mão e o silêncio. Nunca me contou o porquê de ter largado tudo e resolvido vir para o Brasil trabalhar para outra pessoa e viver tão modestamente.

Não me importei em perguntar. Ele é meu amigo, e assim como ele cuida de mim, eu cuido dele e não deixarei que nada lhe falte.

— Estrela, acorde. — Beijo o rosto lindo dela
— Estrela, meu amor, acorde. Precisamos sair.

— Para onde, a essa hora? — Ela se vira para o outro lado, cobrindo a cabeça com a coberta.

— O Alfonso sofreu um acidente, ele está no hospital.

NACIONAIS - ACHERON

Estrela levanta, ficando sentada na cama. Pisca os olhos rapidamente e me fita.

— Ele está bem, não está? — Fita-me com olhar preocupado.

— Não sei, só sei que ele está inconsciente.
— Não quero preocupá-la, mas meu coração bate tão rápido que tenho medo de ter uma síncope.

Meu amigo ficaria bem, sim, ele vai aguentar firme.

— Vamos, amor. Vá se trocando enquanto eu mando um dos seguranças preparar o outro carro.

Chegamos no hospital três horas depois. Puxo a Estrela para mais perto, abraçando-a com força. Ela parece muito preocupada, não quero vê-la passar por isso, se eu pudesse a protegeria de todas as tristezas existentes no

mundo.

— Bom dia! — Olho para a recepcionista, ela parece nem prestar atenção no que eu digo. — Bom dia! Você pode pelo menos olhar para mim? — Ela ergue a cabeça e me fita, e assim que seus olhos encontram o meu rosto, sorri.

— Ai, meu Deus! Senhor Alejandro, há quanto tempo. — Não sei de onde ela me conhece, só sei que eu nunca a vi antes. — Em que posso ajudá-lo?

Ela olha para Estrela, depois para mim.

— Você é a recepcionista que me ligou logo cedo?

— Sinto muito, eu não sou recepcionista, sou a enfermeira chefe do setor de transplante, só estou aqui fazendo um favor para a Carmem, a recepcionista, ela foi ao toalete. — Ela não tira os olhos de Estrela. — Oi, tudo

bem, Estrela, lembra-se da minha voz?

Estrela olha para ela e sorri, leva as mãos ao rosto da moça e o tateia.

— Tamires, nossa! Você é tão bonita.

A moça sai de trás do balcão e vem até a Estrela, ela me afasta e a abraça.

— A última vez que nos vimos foi quando você veio fazer o transplante. Faz tanto tempo!

— Ela me olha por longos segundos. — Isso aqui estava um inferno. Como a vida é engraçada, não é? Tristeza para uns, alegria para outros. E quem diria, hein, você dois estão juntos! O destino realmente existe.

Agora não entendo nada.

— Como assim? — Estrela olha para mim, surpresa.

— O senhor não lembra? — Ela me olha —

Quase passa por cima dela, bem ali — Aponta para a entrada do hospital —, no dia do acidente do seu pai e da sua noi.... — engole a última sílaba. — E agora vocês estão juntos, é ou não é o destino?

Faço uma retrospectiva e volto a alguns anos atrás. Estava furioso, indignado com meu sogro, pois ele tinha autorizado a remoção dos órgãos da Isabelle para serem doados. Eu não fui a favor disso, e meu desespero foi tanto que discuti com ele, fiquei tão cego de raiva que nem via as pessoas à minha frente. Lembro de ter me chocado com alguém no caminho, só não me lembro do rosto da pessoa.

— Foi você, foi em você que eu esbarrei naquele dia? Inferno! Meu amor, me perdoe. Não lembro o que eu disse, nem se você se machucou — Viro-a para mim e a fito com

amor — Eu machuquei você?

Estava tão perdido, tão desorientado naquele maldito dia, que nem percebia um palmo diante do meu nariz... e justamente esbarrei com a minha Estrela, sem saber que anos depois ela seria a minha razão de viver.

— Estrela, você está bem? — Sacudo os seus ombros, minha pequena está apática.

— Estou — Ela me abraça e começa a chorar. Acaricio os seus cabelos. — Isso é coisa de Deus, Alejandro, como você não pode acreditar nele, como?

— E quem lhe disse que eu não acredito? Eu só estava com raiva dele, mas agora não estou mais.

A aperto contra o meu corpo, fechando os olhos e agradecendo mentalmente.

Obrigado, Cara! Eu sei que não sou uma
NACIONAIS - ACHERON

grande pessoa, mas você foi legal comigo... agora. Porque antes você judiou de mim.

A recepcionista retorna e me faz lembrar o verdadeiro motivo pelo qual eu estou ali.

Deixo a Estrela conversando com a Tamires enquanto me dirijo para a recepcionista.

— Carmem... é o seu nome, não é? — Olho em sua identificação, ela me encara e sorrio — Meu amigo Alfonso sofreu um acidente. Por favor, você poderia me dizer em que andar ele está?

Volto meus olhos em direção à Estrela, ela e a amiga conversam. A Carmem baixa os olhos para o teclado do computador.

— Alfonso de quê? — Pergunta.

— Alfonso Santiago. Ligaram para mim, acho que às três da manhã.

Inclino o corpo para ver se a ajudo a encontrar o nome com mais rapidez.

— Achei, ele está no terceiro andar, na unidade de terapia intensiva, é só pegar o elevador no final do corredor, aqui estão suas identificações.

Agradeço. Pego a Estrela pela mão e vamos para o elevador.

Vamos direto para a recepção do andar. Peço mentalmente para que o Alfonso esteja bem.

Por sorte, encontro um médico no balcão de enfermagem do andar, ele está anotando algo em uma prancheta. Dou o nome do Alfonso e peço informações sobre o estado de saúde dele.

— Senhor Alejandro, é isso? — o homem me encara, fecha a prancheta e estende a mão. — Meu nome é Luiz, doutor Luiz Soares.

Aperto sua mão, após o cumprimento, ele põe a mão em meu ombro e me encaminha até a sala de espera.

— Como o Alfonso está, o que aconteceu?

— Segundo a polícia, o carro do seu amigo capotou várias vezes até cair no desfiladeiro e explodir, por sorte ele conseguiu sair do carro antes.

Foi como se eu estivesse vendo a cena toda bem diante dos meus olhos. Custa a acreditar em cada palavra que o médico diz, pois o Alfonso é um excelente motorista, conhece a rodovia como a palma da mão e de olhos fechados.

— Ele ficará com alguma sequela? Vai precisar ser transferido para outro hospital? — Esforço-me para não demonstrar aflição, pois a Estrela me observa atentamente.

PERIGOSAS

— Ele conseguiu se salvar por milagre, mas sofreu um trauma durante a queda, já chegou desacordado, só saberemos o seu real estado clínico quando acordar.

Deixo escapar um suspiro de alívio, pelo menos ele está fora de perigo.

— Posso vê-lo? — Olho com apreensão para o médico.

— Claro que sim, mas não poderá demorar.

Pego a mão de Estrela e a puxo. O médico segura meu braço.

— Só pode entrar um de cada vez. — Ele diz, olhando para mim e para Estrela.

Ela se vira para mim e diz, olhando em meus olhos:

— Vá você, meu amor. Vá ver o seu amigo, eu fico aqui o esperando.

NACIONAIS - ACHERON

Olho de volta para o médico e peço licença. Afasto-me um pouco, guiando a Estela pelo cotovelo, até ficarmos bem perto das poltronas da sala de espera.

— OK, eu vou, mas você vai ficar aqui, bem quietinha — aponto para a poltrona atrás dela — e vai me esperar. Não se levante daí, nem se o hospital pegar fogo, entendeu? — Ela me olha contrariada. — Estrela, você entendeu? Eu não estou para brincadeiras.

Ela respira fundo e fecha a cara.

— Alejandro, não me trate feito criança, não sou nenhuma imbecil, o médico está nos olhando.

— Que se foda! Eu estou falando sério, não saia daqui, entendeu?

— Tá, tá, eu entendi. — Senta-se e cruza os braços.

— Tome — pego uma porção de revistas que está ao lado da poltrona e entrego para ela — Terá alguma diversão até quando eu voltar.

Seguro o seu queixo e a forço a olhar para mim. Beijo-a com amor e vou ver o Alfonso.

Foram apenas dez minutos dentro da unidade de terapia intensiva; bastou só esse tempo para minha vida se transformar em uma profunda escuridão.



Quando saio da UTI, vou correndo para a sala de espera. Quando olho para a poltrona onde havia deixado a Estrela, meu sangue gela. Ela não está lá. Fico todo arrepiado, minha boca fica seca, meu coração acelera.

Volto para o corredor e faço um longo estudo no ambiente, procurando vestígios de Estrela. Ela não está em nenhum local. Corro

NACIONAIS - ACHERON

para o balcão do posto de enfermagem.

— Ei — puxo o jaleco de uma moça loira, ela se vira e sorri — você viu uma moça loirinha, mais ou menos um metro e sessenta e cinco de altura, olhos azuis, vestida com um vestido azul, com botões na frente?

— Não, senhor, cheguei aqui agora. — Responde, e se vira para entrar na sala. A puxo de volta.

— Você poderia perguntar aos seus colegas?

— Não tinha ninguém aqui, surgiu uma emergência no quarto 305, um paciente desligou a máquina de oxigênio e todos correram para lá, para reanimá-lo. Pelo menos, nos treze minutos anteriores não havia ninguém aqui. — Ela me fita. — A moça não está no banheiro?

Fico olhando para a porta que foi apontada.

PERIGOSAS

— Você poderia ir até lá, já que é um banheiro feminino?

— Sinto muito, mas não posso sair do meu posto. De toda forma, se estiver lá, vai ter que sair.

— Ok, se você não vai, eu irei, se tiver alguém lá a responsabilidade é sua. — Deixo-a me olhando e dou dois passos em direção ao banheiro feminino.

— Espere, eu vou. — paro.

Ela entra no banheiro e fica uns dois minutos.

— Não tem ninguém, está vazio. O senhor já tentou no outro banheiro? Na certa ela foi no de lá.

Deixo-a falando sozinha e vou até o final do corredor. Desta vez eu entro. Não há ninguém.

NACIONAIS - ACHERON

Começo a ficar desesperado. A procuro em todos os lugares no andar, mas nem sinal de Estrela. Averiguo todos os oito andares do hospital, inclusive o térreo, a lanchonete, o restaurante, o jardim, a capela, o estacionamento, vou até atrás de Tamires, e nada de Estrela.

Passo do desespero para aterrorizado. Vou até a sala de segurança, já entro bradando com todos.

— Quem é o chefe de segurança daqui? — Olho para todos os lados à procura de alguém que se destaque. Um rapaz alto, moreno, aparentando uns 35 anos, se apresenta. — Minha esposa desapareceu, eu preciso que façam uma busca em todo hospital.

Ele fica me olhando – não gosto do olhar dele – minha vontade é de agarrá-lo pelo

colarinho da camisa e enfiar um soco em sua cara.

— Como assim, sua esposa desapareceu? —
Fecha o cenho e me encara — O que o faz
pensar que ela desapareceu?

— Escute aqui, senhor... — esbravejo,
olhando para a sua identificação — senhor
Thomas, se estou dizendo que minha esposa
desapareceu, ela desapareceu. Eu a conheço, a
deixei na sala de espera, sentada na poltrona,
pedi para que me esperasse lá. Ela não sairia
dali nem se o prédio estivesse pegando fogo.

Quase o soco na cara. Ele pede para me
acalmar, puxa uma cadeira e a aponta para que
eu me sente. Sento-me.

— Já ligou para o celular dela?

— Já, e ela não atende, é o que me deixa
mais assustado. Minha esposa atende no

primeiro toque, por isso estou afirmando, ela desapareceu!

— Qual o seu nome, senhor? — Aquela aparente calma dele está me deixando com raiva.

— Alejandro Ortega, minha esposa se chama Estrela Ortega, moro... — Dou a ficha completa. — Ligue agora para o delegado Murilo, ele é meu amigo, já que você não resolve nada, mas tenha uma certeza: vou arrancar todos os centavos desse hospital se acontecer alguma coisa com minha esposa!

O homem se levanta imediatamente e começa a olhar as câmeras de segurança.

— Sua esposa não saiu do hospital, pelo menos andando, não. Veja o senhor mesmo — Ele me mostra todos os detalhes. — Ela entrando com o senhor, veja o horário.

Realmente ela não saiu.

Todas as câmeras estão ligadas, e no horário em que eu entrei e saí da UTI não havia nem sinal de Estrela saindo do hospital.

— E onde ela está? Ela tem que estar em algum lugar desse bendito hospital!

Passo as mãos pelos cabelos, depois soco a mesa com força. Todos se assustam. Thomas me pede calma.

— O celular tem localizador? — Assinto — Ótimo, então temos como rastreá-lo.

Minutos depois, já estávamos rastreando o celular de Estrela. Por que eles — principalmente eu — não pensaram nisso antes? Não estaria sofrendo tanto.

— Encontramos. Ela está na lavanderia.

Na lavanderia? Mas que diabos a Estrela foi

fazer na lavanderia? Seguimos até lá. Só que não havia ninguém, só as máquinas trabalhando. Thomas olha para o aparelho e começa a andar em direção a um contêiner.

Ele abre a tampa e, para meu espanto, a bolsa dela está dentro, mas nem sinal da Estrela. Minha visão escurece e eu não vejo mais nada.

Acordo em um quarto todo branco, em uma cama muito desconfortável, com algo enfiado em meu braço. Olho para ele. Estou sendo medicado com algo na veia. Puxo o esparadrapo, sentando-me na cama, minha cabeça gira e o meu estômago revira.

Escuto uma voz, e logo reconheço a pessoa: meu amigo Murilo.

Ele dá um passo em minha direção e senta ao meu lado. Olho para o meu relógio e depois

viro meus olhos para a janela; está tudo escuro.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Muitas horas. — Murilo responde.

— Encontraram minha esposa? — Sinto uma dor no peito ao perceber sua expressão.

— Não, já faz mais de doze horas. Eu sinto muito, Alejandro. Já mandei todos os meus homens à procura dela, nós vamos encontrá-la. Eu prometo.

Ele começa a me perguntar se existe alguém que quisesse me fazer algum mal. Não me passa ninguém por minha cabeça, eu conheço algumas pessoas as quais não gostam de mim, mas sequestrar a Estrela para me atingir é demais, eles não fariam isso.

— Murilo, desconheço se tenho algum inimigo que poderia fazer tamanha maldade.

Será que fiz algum inimigo nesses últimos anos?

— É isso que estamos tentando descobrir.

Está tudo tão confuso, é como se estivesse dentro de um pesadelo, onde sou levado para um lugar sombrio e frio, onde mãos tentassem me agarrar.

Consigo me levantar e ligo para o Lourenço. Quando é informado sobre a situação, nem me deixa terminar, desliga o telefone. Eu já sabia que ele viria.

Entro no banheiro para lavar o rosto, quando escuto a voz do médico do Alfonso, ele parece nervoso.

— Senhor Alejandro, o Alfonso acordou e quer lhe falar com urgência, ele está muito agitado, se o senhor não for até lá, temo que algo muito ruim vá acontecer a ele.

Não espero pelo médico, saio apressado pelo corredor. Mesmo vivendo a dor do sumiço de Estrela, continuo preocupado com o meu amigo.

Quando a Isabelle morreu, ele tomou para si a culpa pela morte dela. Alfonso ficou muito ferido, o automóvel no qual ele estava capotou na perseguição com os bandidos, e mesmo após receber alta médica, ficou meses afastado de mim, e quando nos encontramos, ajoelhou-se aos meus pés, pedindo-me perdão. Chorava muito, eu sabia que a culpa não era dele, mas mesmo assim, ele se culpava, e eu acredito que ele ainda pensa ser o culpado.

Duas enfermeiras tentam mantê-lo quieto na cama, ele balbucia o meu nome, e quando me vê, estende a mão.

— Senhor... Senhor... o... o acidente, o

acidente não foi um acidente... o senhor tem que chamar a polícia, a polícia...

Ele fala tudo pausadamente, mal consegue completar uma palavra. Tento acalmá-lo, mas ele me pega pelo colarinho, olhando-me nos olhos.

— Meu irmão, ouça-me — engole a saliva e respira fundo — o carro tinha acabado de sair da revisão, eu o retirei da oficina no final da tarde, e como sempre faço, fui até a empresa pegar os documentos. Quando já estava na rodovia, escutei um barulho estranho no motor do carro, mas não deu tempo de parar, estava na descida, e os freios falharam, a direção travou e só ia para o lado do precipício... eu... eu precisei pular do carro em alta velocidade... — sua voz torna-se mais fraca, e ele me puxa para perto. — Eu descobri que aquele repórter

PERIGOSAS

que chamou o nome da Estrela não é repórter, Alejandro, ele... ele trabalha para o Frank Mendonza, é o chefe da segurança dele... eu sabia que já tinha o visto antes... Alejandro, ele quer vingança... A Estrela, onde está a Estrela, você... você... não... pode... deixá-la... deixá-la... sozinha... — Ele desmaia.

A enfermeira me empurra. E eu corro para falar com o Murilo.

Ele está com alguém ao telefone. Puxo o celular da mão dele, chamando toda a sua atenção para mim.

— O nome dele é Frank Mendonza, ele é o filho do dono do maior cartel da Colômbia, Alencar Mendonza. O Frank está preso, mas é óbvio que continua comandando o Cartel mesmo assim. Eu fui o responsável por sua prisão, ele deve estar por trás de tudo isso.

NACIONAIS - ACHERON

Murilo me puxa e vamos nos sentar. Conto-lhe tudo: desde a morte do meu pai e a da Isabelle, até a prisão dos Mendonza.

Ainda estou contando minha versão, quando Murilo pega o celular e disca para alguém. Pede licença e sai. Quando volta, me diz que a polícia Federal está entrando em contato com a polícia da Colômbia e já estavam caminho.

A partir desse dia, minha vida transformou-se em um pandemônio. Os dias se passaram e nenhuma notícia da Estrela. Já faz cinco dias que ela está desaparecida. A polícia especial da Colômbia já está em Lagoas, e todos os dias eles me dizem que estão prestes a pegar o Frank, era só questão de um vacilo.

Fui informando que o Frank já planejava essa fuga há algum tempo. Ele subornou

alguns policias da prisão, fingindo que estava doente, até o médico foi comprado, foi ele quem atestou que ele estava com algo grave que só poderia ser tratado em um hospital, e assim assinou a transferência do Frank para um hospital da capital. Só que no caminho, os homens sob seu comando armaram uma emboscada e renderam os policiais que o acompanhavam, libertando-o. A polícia da Colômbia só não imaginou que ele viria para o Brasil atrás de mim, eles achavam que ele estaria planejando ir para a Europa ou algum país africano. Essa informação só me fez sentir pior do que eu já estava.

Eu virei um morto-vivo. Desta vez não me enclausurei em minha casa de campo. Pelo contrário, o trabalho foi a minha válvula de escape, só conseguia me manter de pé por causa dele. Lourenço, sempre ao meu lado, não

NACIONAIS - ACHERON

saiu de perto de mim por nenhum momento. Estávamos dormindo em sua antiga casa. Já o meu amigo Alfonso, está bem melhor, mas continua internado.

No dia 25 de outubro, estou no escritório de Murilo, quando o delegado da polícia especial da Colômbia entra na sala, eufórico.

— Acabamos de achar a localização do Frank. — Quase derrubo a cadeira quando me levanto. — Não quis contar antes, porque era confidencial, mas o Frank recebeu um chip de localização, foi implantado sem ele saber, é um novo teste que estamos fazendo para prisioneiros de alta periculosidade. Ele está em uma casa no alto das montanhas, a vegetação densa e as montanhas prejudicaram a localização. Como eu disse, o chip de rastreamento ainda está em fase de teste, mas

felizmente conseguimos o sinal e o encontramos, estamos indo para lá agora.

— Eu vou também — Digo, já tomando a dianteira.

— Não, senhor Alejandro, se o senhor for e o Frank o vir, ele certamente vai matar a sua esposa. É melhor o senhor ficar aqui, não se preocupe, sua esposa sairá ilesa, ela será resgatada sem nenhum arranhão.

Murilo me diz a mesma coisa. Mesmo morrendo de medo de que algo acontecesse a Estrela, tinha que dar razão ao delegado, seria melhor para a segurança dela eu ficar na cidade a esperando.

PERIGOSAS

40



Estrela

NACIONAIS - ACHERON

Dias sombrios

Alejandro é assim. Estúpido quando quer ser, principalmente quando o assunto é minha segurança. Ainda estou tentando me acostumar a isso, e confesso, às vezes, é difícil aceitar o autoritarismo dele.

Principalmente hoje.

— Alejandro, não me trate feito criança, não sou nenhuma imbecil, o médico está nos olhando.

Olho para o médico que o espera impaciente e certamente está se perguntando como eu aguento um homem tão mandão assim.

Alejandro desvia o olhar para longe, para onde exatamente o médico está.

— Que se foda! Você é a minha prioridade, preciso ter a certeza que ficará bem e

NACIONAIS - ACHERON

protegida. Entendeu?

— *Tá, tá*, eu entendi! — Olho para ele, furiosa, sento e cruzo os braços. — Tome — ele me entrega uma porção de revistas que está ao lado da poltrona— Tenha alguma diversão até quando eu voltar.

Depois de me beijar, ele respira fundo, em seguida sai em direção à UTI. Antes de entrar na sala, vira e ficamos nos olhando por uma porção de segundos. Ele sorri... e se vai.

Estou folheando uma revista, quando um homem senta em uma poltrona bem próximo da minha.

— Está frio aqui. — Ele esfrega as pernas com as mãos. Levanto rapidamente os meus olhos em sua direção e assinto. — É seu familiar, a pessoa que está na UTI?

— O que disse? — Olho para ele

NACIONAIS - ACHERON

interrogativamente.

— Desculpe-me, é que meu irmão sofreu um AVC, então eu estou supondo que você está aqui porque espera notícia de alguém.

— Sim, claro. — Me desarmo — Um amigo, ele sofreu um acidente e o meu marido está lá dentro com ele.

O homem passa para outra poltrona, ao meu lado.

— Então... — ele limpa a garganta e esfrega as mãos novamente nas pernas. — Eu suponho que a senhora ama muito o seu marido, não ama?

— Como? — Tento me levantar, mas ele segura minha mão.

— Sente-se, e não faça escândalo. Daqui a três minutos uma sirene vai disparar, e você irá se levantar e sairá caminhando ao meu

NACIONAIS - ACHERON

lado, bem calminha — tento me soltar da força da mão dele, mas o homem pressiona os dedos mais forte em torno do meu pulso. — Se ama o seu marido e não quer vê-lo morto, virá comigo. Você já viu o que podemos fazer, afinal, o Alfonso está vivo porque permitimos, mas podemos mudar de ideia. Quer arriscar?

Uma sirene soa, enfermeiros e médicos saem correndo em direção ao final do corredor.

O homem levanta e me puxa pela mão. Reticente, caminho cambaleando. Saímos pela porta de incêndio. Ninguém nos vê, ninguém surge para que assim eu possa gritar por socorro.

As lágrimas nublam os meus olhos, meu corpo treme, em meu pensamento só uma pessoa. *Alejandro*.

Sou puxada por corredores. Eu não ando, sou arrastada. Minha bolsa é arrancada de mim e jogada em um contêiner. Quero gritar nessa hora, mas uma mão pesada cerca o meu rosto, pressionando um pano molhado sobre a minha boca. Tento lutar, mas ao invés disso respiro um cheiro adocicado. Tudo começa a girar a ficar confuso, escuto o homem dizer “*respire e feche os olhos*”. Minhas pernas cedem, e em poucos segundos não vejo mais nada.

Quando acordo, já estou em um quarto enorme sob qualquer ponto de vista. A cama é tão grande que eu me sinto um dos anões da Branca de Neve. Levanto-me, e ao ficar de pé me sinto tonta, preciso de equilíbrio para permanecer de pé. Vejo à minha direita uma porta, vou até lá. É o banheiro, ele é completo, não posso deixar de notar a enorme banheira

NACIONAIS - ACHERON

e, ao lado dela, um pequeno canteiro de flores. Vou até a pia e lavo o meu rosto.

Saio do banheiro e dou uma rápida olhada em volta de todo o ambiente. O sol está brilhando, seus raios entram através do vidro da janela mais próxima. Pelo o calor, já é bem tarde. E isso quer dizer que, a esta altura, o Alejandro está a ponto de ficar louco – se já não estiver. Creio que assim que ele percebeu que eu não estava onde me deixou, se desesperou.

Olho novamente em direção à cama, e em cima dela, no cantinho esquerdo, há um conjunto de toalhas, um vestido dobrado cuidadosamente e um embrulho pequeno, que eu presumo ser roupas íntimas.

Meu estômago embrulha, sinto-me enjoada. Volto para o banheiro e ponho minha comida

do jantar toda para fora.

É melhor eu voltar para a cama, pois não me sinto bem. Mas eu sei o motivo por estar passando mal. Deito-me e me encolho em concha, rezando para que o Alejandro me encontre logo. Eu sei que ele me encontrará.

A porta se abre.

— Bom dia.

Um homem moreno, alto, cabelos muito bem cortados, barba aparada perfeitamente e muito bem vestido se aproxima da cama.

— Bom dia, Estrela. Não lhe ensinaram bons modos?

— Bom dia — respondo cautelosamente.

Eu não sei direito o que devo fazer, estou na dúvida se o encaro ou se baixo os meus olhos.

Ele olha para o relógio no pulso.

— Você dormiu bastante, pensei que o meu homem de confiança havia exagerado na quantidade de clorofórmio. — Senta na cama e me encara. — Você está bem?

— Quem é você, e por que me sequestrou? O que pretende fazer comigo? O Alejandro está bem?

Ele faz sinal de silêncio com o dedo.

— Calma, uma pergunta de cada vez. — Aquele riso morno faz meus pelos se eriçarem. — O seu marido Alejandro vai ficar bem, enquanto você fizer tudo o que eu mandar. Bem, quanto às outras perguntas... antes de respondê-las, vou contar uma história para você.

Fico com vontade de o mandar à merda, de gritar.

Quem é ele? E por que está me mantendo

prisioneira?

— Pronta para escutar a minha história?

Baixo meus cílios. Se dissesse não, acho que não adiantaria muito.

— Não sou brasileiro, fui criado no Brasil, mas nasci em outro país. Meu pai era um homem muito poderoso no meu país de origem, ele, juntamente com o seu sócio e melhor amigo, comandavam um império — faz uma pausa, mas seus olhos permanecem em mim — Um dia, o seu sócio se apaixonou, e assim resolveu desfazer a sociedade, deixando o meu pai na mão. O tal sócio, não se dando por satisfeito, começou a sabotar os nossos negócios, e foi assim que se tornou nosso inimigo. Os anos se passaram, eu nasci, o ex-sócio do meu pai casou-se, dois anos depois ele também se tornou pai.

Ele parece perturbado ao lembrar esses fatos. Levanta-se, vai até uma mesa, pega uma das cadeiras e a traz consigo, colocando-a ao lado da cama e sentando nela. Aqueles olhos escuros me avaliam com atenção, seu riso perigoso de canto de boca me lembra o Alejandro. Ele sorria assim. *Torto*.

— Cresci — continua — sabendo que meu pai tinha um ardiloso inimigo, e eu sabia que um dia ele seria meu inimigo também. O tempo passou, virei um homem e comecei a comandar, juntamente com meu pai, todos os negócios da família, mas o nosso velho inimigo não nos deixava em paz, então resolvemos mandar-lhe um aviso. Fizemos com que soubesse que estávamos de olho nele e no filho dele, e se ele não nos deixasse em paz, um dos dois sofreria as consequências.

— Desculpe, senhor — o interrompo — Será que o senhor pode logo me responder às minhas perguntas, pois eu não sei o que essa história tem a ver comigo.

Ele sorri, inclina o corpo para frente e me encara com um olhar que gela a minha alma.

— Se você tiver paciência, chegarei lá. — Responde, estreitando os olhos. — Bem, o ex-sócio do meu pai não deu ouvidos ao nosso aviso, e continuou nos perseguindo, então não restou outra alternativa senão cortar o mal pela raiz: fechamos o cerco ao redor dele, e um belo dia, ele nos deu a oportunidade de tangê-lo para um lugar de onde ele não voltaria nunca mais. Emboscamos o carro dele e tudo foi resolvido.

Ele se levanta, vem até próximo à cama, põe as mãos nos bolsos e fica me fitando.

— Infelizmente, ele não estava sozinho, a noiva do filho dele estava no carro, e ela não sobreviveu. Descobrimos, horas depois, que o filho dele iria se casar no dia seguinte. Alejandro Ortega Martinez...

Paro meu olhar em seu rosto de expressão fria, ele está se divertindo com a minha surpresa. Não, eu não posso acreditar que este homem foi o causador da dor de Alejandro. Escondo o meu medo, ele não precisa saber que eu estou apavorada.

— Agora você está começando a entender, não é? Sabe, Estrela, o Alejandro é um homem de muito bom gosto, porque as duas mulheres que ele escolheu para compartilhar a vida são de uma beleza extraordinária. Primeiro a bela Isabelle, morena, olhos azuis, parecia uma boneca húngara de porcelana; e agora você,

loira, olhos azuis... devo parabenizá-lo, pena que ele irá perdê-la também.

— Você vai me matar! — Não sei como encontro coragem, mas me levanto da cama e vou até ele. — Nem eu nem o Alejandro temos nada a ver com as brigas do seu pai com o pai dele! Você já tem algumas mortes nas mãos, vai querer mais uma?

Sua risada medonha faz meu coração palpitar.

— Se acalme, linda Estrela. Não pretendo matar você, mas posso mandar matar o seu marido, se você não fizer o que eu mando. — Sua mão se levanta e vem em direção ao meu rosto. Ele me toca, e sinto uma vontade louca de correr, mas me mantenho parada. — Você agora é minha. Ele me tirou meu pai, minha mãe, minha noiva e meu filho... — Afasto a

mão dele do meu rosto e corro para o outro lado da cama.

— Eu já sou casada, nunca serei sua, seu idiota. Eu prefiro morrer a ceder à sua chantagem.

A gargalhada que ele solta ecoa em todo o quarto.

— Bobinha, se você atentar contra a própria vida, o Alejandro sofrerá as consequências. Você não tem alternativa, será minha por bem ou por mal, a vida do seu marido está em suas mãos. Perdi os meus pais, minha noiva me deixou e perdeu o nosso filho. Foi culpa dele, ele resolveu bancar o detetive, o policial, fazendo investigações em busca dos assassinos da sua noivinha e do seu pai. Se ele não tivesse feito isso, hoje estaria tudo bem, eu estaria casado e feliz. Portanto, agora você é minha.

— Nunca! O Alejandro não vai desistir de mim. Ele irá me encontrar, ele me ama e nunca vai me abandonar.

Aquele homem terrível dá meia-volta e sai do quarto, penso que ele não voltará mais, mas volta com uma pasta na mão e a joga sobre a cama.

— Você acha mesmo que o Alejandro a ama, acredita mesmo nisso? Em tão pouco tempo, um homem como ele iria se apaixonar por uma moça como você? Não é por você, é pelo o que você representa que ele está apaixonado. Abra a pasta — Ele aponta para a pasta branca em cima da cama — Quando ele olha para você, é ela quem ele vê, o grande amor da vida dele.

Reticente, me inclino sobre o colchão, meus dedos indecisos dedilham na colcha até encontrarem o documento; eu o pego. Sento-

me e o abro. Meus olhos examinam letra por letra, e a cada palavra lida, fico com vontade de morrer. As lágrimas descem soltas por minha face, meu cérebro não quer acreditar no que estou lendo. Deixo o documento cair ao chão e cubro o meu rosto com as mãos.

— Você é só a substituta, você carrega um pedacinho da mulher que ele mais amou na vida. Agora entende o amor repentino dele por você? Sua tola, ele jamais se envolveria com uma mulher se não investigasse a vida dela antes, e é claro que ele descobriu que você recebeu as córneas da Isabelle. Ele não a ama, ele ama o que você representa.

Jogo-me na cama soluçando, enterro meu rosto no travesseiro para abafar os meus soluços.

— A propósito, meu nome é Frank

PERIGOSAS

Mendonza. A partir de hoje você é minha mulher, e assim que chegarmos à Colômbia providencio um novo nome para você.

Escuto a porta se fechar, e logo depois ouço o som da fechadura.

Fico ali deitada, aos prantos. Acabo de descobrir que o homem que eu amo não está comigo por mim mesma, está porque quando ele me olha, vê outra mulher. Nesse exato momento, desejo ardentemente voltar a ser cega.



Depois de dois dias presa dentro desse quarto, começo a ficar doente. Perco a vontade de comer, só consigo dormir.

Frank, o meu sequestrador, sempre está ao
NACIONAIS - ACHERON

meu lado, e eu finjo dormir todas as vezes. No dia seguinte, após o meu rapto, escuto o barulho de um helicóptero. Nossa! O meu coração dispara. Levanto-me apressadamente e corro em direção à janela. Minha mente diz que é o Alejandro vindo me resgatar, mesmo eu sabendo que não é a mim que ele está resgatando, é a ela, *Isabelle*.

Contudo, eu me alegro só com a hipótese de sentir o seu abraço e os seus beijos.

Mas, para meu desespero, não é o Alejandro, é um homem de cabelos brancos, e, minutos depois, eu descubro o que ele está fazendo aqui.

— Doutor, ela não come e só faz dormir. Já percebi que perdeu peso, estou preocupado, não quero que ela fique doente.

Frank conversa com o homem sobre mim,

ele mal me olha, é como se eu não existisse. O senhor de cabelos brancos vem até mim. Abre os meus olhos, manda que eu abra a boca, ausculta o meu peito e minhas costas.

— Ela está anêmica, precisa comer alimentos ricos em ferro. E — Ele olha para mim — se ela recusar a se alimentar, posso prescrever alimentação através de sonda.

Meu coração palpita. Olho desesperada para Frank, e ele vê o pavor em meus olhos.

— Eu acho que não será preciso. Tenho certeza disso, não é mesmo, meu amor?

— Sim — *Cínico, cretino*. Fico com vontade de avançar sobre ele com minhas unhas, mas me contenho.

A partir daí tento me manter ocupada o máximo que me permitem. Eu sei, tenho consciência de todas as coisas que estão

acontecendo, e conhecendo o Alejandro como conheço, ele logo irá descobrir onde estou e encontraria um jeito de me resgatar. Por todos os lados que eu olho, vejo seguranças armados até os dentes. Quando comecei a ir para fora da casa, não deu para ver muito bem onde começa e termina o muro alto e eletrificado da propriedade, mas escutei latidos de cães, então eu tive a certeza que jamais poderia escapar dali sem antes levar um tiro ou ser comida por um dos cães.

Meu quarto dia de cativo foi uma mistura de terror e esperança, sempre mantendo a fé que a qualquer hora o Alejandro entraria por alguma daquelas portas que existiam na mansão.

Estou passando por uma porta imensa e grossa de madeira, quando escuto vozes

alteradas. Determinada a saber o que está acontecendo, olho à minha volta para me certificar de que não há nenhum dos capangas do Frank me vigiando, aproximo-me da porta e encosto o meu ouvido.

— Quem é a porra do delegado?

A voz de Frank é cortante, autoritária, ele não está satisfeito com a notícia.

— Não sei o nome, senhor Frank. Só sei que eles estão investigando o desaparecimento da moça.

Então a polícia está me procurando. Será que eles conseguiriam me encontrar a tempo, antes que esse louco me levasse para a Colômbia?

— Trate de descobrir o quanto eles sabem. Estou cercado de idiotas, a polícia especial da Colômbia aqui e só agora vocês sabem disso. —

Eles ficam em silêncio, escuto o som de algo se quebrando. — Preparem o jatinho para daqui a dois dias, não podemos ficar aqui por muito tempo, e reforcem a segurança.

Escuto passos em direção à porta. Corro para um canto e me escondo atrás das cortinas pesadas de veludo vinho. São cinco homens com o Frank. Deixo-os sumirem pela porta dos fundos, depois subo as escadas e corro para o meu quarto, trancando-me nele, e termino adormecendo.

Quando acordo, já estou me sentindo mal. O café da manhã quando chegou ao meu estômago, voltou pelo mesmo caminho e foi parar no vaso sanitário. Já estou me sentindo assim há alguns dias, e se já estava desconfiada, agora tenho certeza: estou grávida. Não sei ao certo se isso é uma notícia

PERIGOSAS

boa ou ruim, acho que é boa, pelo menos para mim, pois terei um pedacinho do homem que eu amo dentro de mim por nove meses, depois veremos o que vai acontecer. Espero que o Alejandro não queira pedir a guarda da criança.

Nesses dias, em que fiquei em prisão domiciliar, pude pensar sobre o que eu poderia fazer com a minha vida. E mesmo não querendo deixar o Alejandro, seria o certo a fazer. Hoje, eu sei que ele não está comigo porque sente alguma atração ou amor por mim, ele está comigo porque carrego em meus olhos um pedaço da mulher que ele tanto amou, e eu não posso concorrer com isso, não posso rivalizar com a lembrança de uma mulher morta, isso está além da minha compreensão.

NACIONAIS - ACHERON

Estou me sentindo frustrada, e isso me incomoda. Eu o amo e poderia aceitar o fato de que ele não me ama na mesma proporção, desde que ele fosse só meu, sem precisar dividi-lo em pensamentos com outra mulher. A raiva é dominadora e constituía não só o fato de me sentir excluída, mas tudo o que vivi com ele nesses meses ter sido uma ilusão, um sonho.

Estou tão presa em meus devaneios que nem percebo o que está acontecendo. Escuto estalos, como se fossem fogos de artifício. Vou até a janela e vejo os homens de Frank correndo de um lado a outro, atiravam e gritavam. A polícia está vindo ao meu resgate.

Corro para fora do quarto, desço as escadas com tanta pressa que nem percebo uma sombra atrás de mim. Já estou perto da porta

PERIGOSAS

de saída quando sou pega, agarrada pela cintura e carregada para os fundos da casa.

— Você vem comigo. Não vou deixá-la ir, você é minha.

Frank tenta beijar o meu pescoço. Chuto suas pernas, contorcendo o meu corpo.

Os tiros começam a ser disparados com mais rapidez e cada vez mais perto. Escuto um estalo bem próximo a mim. Sou jogada ao chão e pressionada por um corpo pesado. Algo assobia passando perto da minha cabeça, em seguida um estalo, e logo percebo o que foi: um vaso de barro foi estilhaçado com a bala que o atingiu. Não consigo esconder o grito de susto.

— Socorro, eu estou aqui, aqui nos fundos...

Uma mão se fecha em minha boca, apertando-a sobre os meus lábios, fico sem conseguir respirar.

NACIONAIS - ACHERON

— Quieta, ou você pensa que não tenho homens vigiando o seu marido?

Oh, Deus! Meu corpo treme. Frank se levanta e me arrasta junto com ele. Saio cambaleando, um dos seguranças fica bem atrás de nós dois, servindo de escudo, ele caminha de costas com a arma em punho, gritando para os outros o cobrir. Escuto um estalo e um assobio, o segurança gira, desabando pesadamente de costas no chão. Olho para trás e fico estática com os olhos dele, parados, perdendo o brilho da vida.

— Meu Deus, ele está morto, ele está morto.
— Grito assustada, o pânico crescendo dentro de mim. Olho para aquele homem estirado no chão sem vida. Fico em choque, completamente paralisada.

— Vamos, vamos... — Frank me puxa, mas

PERIGOSAS

minhas pernas não me obedecem — Estrela, respire...

Os tiros se tornam fortes, são como bombas. Duas balas estouram os vidros das janelas perto de mim. Consigo gritar. Frank me põe nos ombros e sai correndo.

— Parado, Frank Mendonza, nem mais um passo ou eu atiro!

Escuto uma voz grave. Engulo em seco; finalmente estou sendo resgatada.

— Devagar, coloque a moça no chão e deite com as mãos na cabeça.

— Eu não voltarei para a prisão, meus homens vão acabar com vocês!

— Seus homens estão mortos e os que sobraram estão sendo levados presos. Vamos, Frank, não me faça desperdiçar uma bala.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sou colocada lentamente no chão, quando sinto os meus pés sobre ele, corro para bem longe de Frank.

Uma policial feminina me abraça, depois cobre os meus ombros com um cobertor. Minutos depois, estou sendo levada de carro para o hospital.

PERIGOSAS

41



Estrela

NACIONAIS - ACHERON

O medo é o pior dos conselheiros.

A primeira pessoa que vejo, ao entrar de maca no corredor branco do hospital, é um Alejandro barbudo e com olheiras profundas, mas a luz do seu olhar é maravilhosa de se ver.

Assim que ele me vê, corre em minha direção, para a maca, e me puxa para os seus braços.

— Você está bem, meu amor? Ele a machucou, aquele crápula tocou em você?

Seus olhos avaliam o meu rosto com extrema preocupação. E o meu coração acelera a cada beijo espalhado em meu rosto. Como eu quero acreditar que todo aquele amor e preocupação são para mim. Minha alma grita em desespero, pois ela sabe que em breve ficarei longe desses beijos, abraços, atenção.

Minha vontade é gritar, gritar para que ele me ame tanto quanto ele ama a Isabelle, contudo, esses meus pensamentos não podem se concretizar. Alejandro não pertence a mim, pertence a ela, a *Isabelle*.

— Pequena Estrela — sua voz cálida me tira dos meus devaneios. O fito, e não posso controlar minhas lágrimas. — Estrela, não chore, estou aqui e nunca mais a deixarei sozinha, eu juro! Juro que onde você estiver, eu estarei também.

Nossas bocas se encontram. Sinto sua língua tocar a minha. Deus! Não irei suportar ficar longe dele, *eu não quero ir embora*.

Os enfermeiros o afastam de mim, mas ele segura minha mão e vamos juntos para o quarto.

Sou examinada por um médico, e após

algumas perguntas constrangedoras, dentre elas se fui abusada sexualmente, o médico constata que estou bem e já posso ir embora, mas aconselha Alejandro a contratar um psicólogo para me acompanhar por um tempo. Ele concorda na hora.

Fico olhando o Alejandro conversar com o médico enquanto minha cabeça pensa em uma forma bem simples de lhe dizer adeus.

Voltamos para Rio Alto no mesmo dia. No caminho fico sabendo de tudo, através de Alejandro, sobre o acidente de Alfonso. Ele me diz que o Frank planejou tudo, o que ele queria mesmo era se vingar dele. Pergunto sobre o Alfonso.

— O Alfonso está bem, vai precisar fazer fisioterapia por algum tempo, mas ficará bom completamente e logo poderá retornar às suas

atividades. Irá receber alta médica daqui a oito dias.

— Fico feliz com a notícia. — É a única frase que consigo dizer. Recosto minha cabeça no banco do automóvel e tento dormir.

Acordo gritando, desesperada. Sou desperta de um terrível pesadelo. Quando dou por mim, estou em nosso quarto e sendo embalada nos braços do Alejandro.

Em meu pesadelo, eu estava sendo arrancada dos braços dele. Alguém me puxava com tanta violência, que ao acordar ainda sinto dores em meu corpo. A sensação real que alguém estava realmente tentando me levar à força é terrível.

— Está tudo bem, meu amor, eu estou aqui. Não sairei de perto de você, tente dormir

agora, o médico disse que precisa descansar.

A dor volta com força. Não, eu não posso continuar fingindo que está tudo bem. Não vou continuar vivendo uma ilusão, chega!

Se é para dar um basta nessa mentira, é melhor que seja o quanto antes.

Afasto-me do seu corpo.

— O que foi, Estrela?

Ele me olha com tanto carinho, tanto amor. Entretanto, aquele olhar não é para mim, é para quem eu represento.

— Eu preciso me levantar — balbucio, minha voz sai arrastada.

Alejandro se afasta um pouco, mas não muito, só o suficiente para me ajudar a sair da cama.

— Quer tomar um banho? Eu posso

preparar a banheira...

— Pare.

Meus olhos fixam-se nos seus. Por um momento quase vacilo e me jogo em seus braços, mas não posso fazer isso, está na hora de dizer adeus.

— Pare, não precisa mais fingir, chega! Chega de fingimentos, eu já sei de tudo!

— Tudo? Tudo o quê? Estrela, o que está acontecendo?

Seus olhos se arregalam quando escuta a minha voz. Olho para ele, mas quase baixo os olhos.

Será que você terá coragem de ir em frente, Estrela?

— Já sei sobre a Isabelle e eu. Por que você mentiu para mim? Por que não me contou a

verdade quando descobriu sobre nós duas, por quê?

— Do que você está falando, Estrela? Não estou entendendo nada! O que a Isabelle tem a ver com você?

— Chega! Não vai conseguir mentir mais para mim. Chega!

Corro do quarto e vou direto para a sala. Preciso ir embora, pois se continuar olhando para ele, não conseguirei dizer adeus.

— Estrela! — Sua voz furiosa me acompanha — Não fuja, agora você vai me explicar o que está acontecendo!

Meu coração começa a bater acelerado. Com o peito apertado, mordo meu lábio e, antes que ele tente me impedir de ir embora, grito:

— Eu sei que você sabe que as córneas que recebi foram doadas pela Isabelle e é por isso

NACIONAIS - ACHERON

que você se casou comigo.

— O quê?! — Seus olhos marejam imediatamente — Que sandice é essa, ficou doida? Quem contou essa barbaridade para você?

— O Frank, ele me mostrou a papelada do hospital. Não sei e nem me interessa saber como ele conseguiu isso, mas estava tudo lá. Eu li cada letrinha.

Minha alma gela. Eu quero correr, quero ficar bem longe do Alejandro, se eu ficasse ali, vendo sua palidez com a surpresa da minha descoberta, terminaria jogando-me em seus braços e pedindo para que ele me amasse e esquecesse completamente a Isabelle.

— Você acreditou naquele cretino?

— A questão não é essa, ele só me mostrou a documentação, e agora eu percebi porque você

disse tão rapidamente que me amava. Agora eu sei que esse amor repentino não é meu, é dela. A Isabelle continua viva dentro de você, e eu sinto muito, mas não posso disputar você com uma morta. Acabou, Alejandro, e, por favor não vá atrás de mim!

Corro em direção à saída, escuto os gritos de Alejandro vindo em minha direção. No caminho, me choco com o senhor Lourenço.

Ele me segura pelos ombros. Olho para ele em desespero, as lágrimas jorram por meu rosto. Soluçando, suplico:

— Não permita que ele venha atrás de mim, por favor. Mantenho-o longe do meu caminho, pelo menos agora.

— O que aconteceu, minha filha, por que você está indo embora?

— Pergunte para ele! Eu só quero ficar longe

dele, pelo menos por algum tempo, diga-lhe que depois virei assinar o nosso divórcio.

Deixo o senhor Lourenço sobressaltado. Saio andando apressadamente em direção à cidade. Eu só preciso pensar no que eu farei de agora em diante.



Chego à cidade meia hora depois. Alejandro não veio atrás de mim, não sei se fico feliz ou morro de chorar, pois a dúvida paira em minha cabeça: ele não me seguiu porque quer encontrar uma maneira de me convencer a voltar ou realmente aceitou o fato de que eu não sou ela e desistiu de nós dois?

Entro em minha casa. Ela está com cheiro de mofo, não é de se espantar, tanto tempo fechada é claro que a umidade e a poeira se

apossariam do local. Vou direto ao quarto e junto algumas roupas, não posso ficar ali, pois se o Alejandro vir atrás de mim, aqui será o primeiro local onde virá me procurar.

Junto o necessário: algumas roupas, lingerie e produtos de higiene pessoal. Na pressa de sair da casa do Alejandro, eu não peguei nada, deixei meus documentos e o meu celular, mas lembrei que eu sempre guardava dinheiro na mesinha de cabeceira. Vou até lá. Há alguns trocados, o suficiente para passar na farmácia e comprar um teste de gravidez, e o restante daria para me virar até conseguir um emprego.

Mas para onde eu irei? Preciso de um lugar para passar alguns dias até encontrar coragem e encarar o Alejandro para pedir o divórcio. Lembro-me de dona Mariana, a proprietária

da floricultura, ela sempre me disse que se precisasse de ajuda era para procurá-la, e hoje eu estou precisando.

Caminho em direção à floricultura, a essa hora ainda está aberta. A rua está calma, não há movimentação de carros, e poucas pessoas estão na praça. Já tinha passado na farmácia e comprado o teste de gravidez, mesmo sabendo qual será o resultado, só comprei por desencargo de consciência.

Dona Mariana está atendendo um cliente. O espero sair com o seu buquê de rosas amarelas.

— Estrela! — Quando ela levanta os olhos e me vê, chama por meu nome com entusiasmo.

Ela sai de trás do balcão e vem até mim, abraçando-me com carinho.

— Como é bom vê-la novamente! — Seus olhos avaliam meu rosto. — Soube do seu

casamento com o senhor Ortega, nossa! Ele parece estar muito apaixonado por você.

Não suporto escutar isso; caio no choro. Dona Mariana me puxa para um abraço, ela me guia até uma porta onde pudemos nos sentar.

— Minha filha, o que aconteceu? Por que está tão inconsolável?

Paro de respirar por alguns segundos, depois respiro fundo. Meus olhos encontram o olhar curioso de dona Mariana, e então ela acaricia o meu rosto com as pontas dos dedos.

— Seja o que for, meu amor, e eu puder ajudar, estou aqui e farei tudo o que estiver ao meu alcance.

— Eu... eu me separei. — Digo, soluçando.

Talvez fosse melhor me calar e não contar nada, poderia ser superficial, nunca gostei de
NACIONAIS - ACHERON

me abrir para ninguém. Embora eu nunca tenha tido amigos para compartilhar alegrias e tristezas.

— Vocês brigaram? — Assinto com a cabeça
— Oh, meu bem! Isso é normal, casais sempre brigam. Logo, logo vai passar, você vai ver, daqui a pouco ele vem procurá-la.

Se ela soubesse a verdade não diria isso.

— Eu posso ficar em sua casa por uns dias?
Eu não estou pronta para conversar com ele, preciso de um tempo sozinha, a senhora me entende?

Ela me fita com olhos curiosos.

— Foi traição? Ele a traiu, foi isso? Minha filha, os homens são todos iguais, só mudam a cara e o endereço, desde que o mundo é mundo eles são assim e não vão mudar nunca. Não termine seu casamento por causa de uma

vagabunda...

— Não! — A interrompo — Ele não me traiu, mas não dá mais, eu não posso continuar com esse casamento, só isso. Por favor, a senhora me recebe em sua casa? Eu não tenho para onde ir, se ficar em minha casa ele vai me encontrar.

— Você tem certeza de que é isso que quer? Quer deixar escapar entre os dedos um homem como o senhor Ortega?

— Não tenho certeza de nada, dona Mariana, é por isso que eu preciso ficar longe dele por um tempo, preciso pensar no que eu vou fazer da minha vida.

Ela respira fundo.

— Está bem, pode ficar quanto tempo quiser em minha casa, será maravilhoso tê-la como hóspede, afinal eu moro sozinha e não é

sempre que tenho alguém para conversar.

Ela me abraça apertado.

— Obrigada! Eu juro que é só por alguns dias.

— Quantos dias você precisar. — Ela tem um riso sincero. Meu rosto é beijado. — Vou fechar a loja e poderemos ir em 10 minutos.

Dona Mariana me acomoda em seu quarto. Tento recusar, mas ela insiste tanto que me sinto constrangida em não aceitar.

Na noite seguinte, quando ela chega em casa, me diz que dois homens estiveram na loja perguntando por mim. Diz que mentiu descaradamente, só não sabe se eles acreditaram nela, mas mesmo assim pediram para ela ligar para eles se por acaso me visse. Eles deixaram um cartão com vários números de telefone. Segundo dona Mariana, eles eram

investigadores.

No terceiro dia passo muito mal, não consigo levantar da cama, toda vez que eu tento, tenho a sensação que irei desmaiar. Os enjoos começaram, e a primeira coisa que enjoiei foi o cheiro do café, só em escutar a palavra café corro para o banheiro. Minha protetora fica me olhando desconfiada, mas não me pergunta nada sobre o mal-estar, apenas passa a manhã inteira ao meu lado, só se permite ir trabalhar porque ameacei ir no seu lugar.

Na manhã seguinte, não consigo comer quase nada, meu estômago só aceita suco de uva e biscoito Cream Cracker. Foi o meu café da manhã e o meu almoço. À noite, dona Mariana me oferece uma sopa de legumes, assim que sinto o cheiro a náusea vem forte,

não dá nem tempo de chegar ao banheiro, é no chão da cozinha mesmo. Fico muito envergonhada, pois além de estar de favor em sua casa, ainda estou dando trabalho para ela.

— Estrela... — ela olha rapidamente para mim enquanto limpa o chão com um pano seco. — Você sabe com quantos meses de gravidez está?

Como ela sabe que eu estou grávida?

Tento fingir que não escuto a pergunta. No entanto, ela termina de limpar o chão, fica de pé e me encara.

— Responda minha pergunta.

A voz firme e exigente me assusta.

— Segundo o teste de gravidez, estou com 5 semanas.

Ela puxa uma cadeira e senta ao meu lado.

— O senhor Ortega sabe que vai ser pai? — Nego com a cabeça e baixo os olhos, os mantenho fixos em minhas mãos nervosas. — Minha filha, você não fez essa criança sozinha, ele precisa saber sobre sua gravidez, e pelo que eu estou vendo, ela não será nada fácil, você está sentindo os sintomas muito cedo — uma mão segura o meu queixo e ele é erguido, meus olhos se levantam e encaram um rosto preocupado — É hora de deixar o orgulho de lado, você vai precisar do seu marido. Agora não é mais você, nem ele, agora são vocês — sua mão vem até o meu ventre e o acaricia. — Pense nisso, meu anjo, seu filho vai precisar dos dois... e juntos. Não faça isso com este ser inocente, seja o que for que tenha acontecido não deve ser mais importante do que uma nova vida, você precisa contar para o senhor Ortega.

Ela levanta, anda alguns passos, para diante da porta da cozinha e fala sem se virar para mim:

— Não quis contar a você, mas o senhor Ortega já foi de casa em casa à sua procura, ele está desesperado. Quando entrou em minha floricultura, me implorou para ajudá-lo a encontrá-la, ele sabe que você trabalhou para mim. Estrela, ele a ama desesperadamente, o homem vai terminar morrendo de tristeza. Se ele fez algo a você, esqueça, acho que ele já pagou o erro dele, está na hora de perdoar.

— Não! — Levanto, aos prantos — Ele não me ama, não é a mim que ele está procurando, é a outra, é a ex-noiva dele. Ele só me quer porque carrego um pedaço dela comigo! A senhora não entende, as córneas que foram doadas para o meu transplante eram da

PERIGOSAS

Isabelle — Dona Mariana olha para mim, espantada — Sim, eram dela, a noiva morta, ele só me quer por isso! Não serei uma substituta, eu o amo muito para aceitar isso.

Corro para o quarto e me tranco. Dona Mariana bate na porta, chamando-me várias vezes, mas não respondo, só consigo chorar.

Acordo no dia seguinte me sentindo muito mal, com uma dor aguda no baixo ventre e uma tremenda dor de cabeça. Não consigo nem abrir meus olhos direito. Mesmo assim, me esforço e vou tomar um banho. De banho tomado e com um pouco de coragem, vou procurar dona Mariana, preciso conversar com ela, já está na hora de voltar para casa e procurar o Alejandro.

Ela tinha razão em uma coisa: não fiz esse filho sozinha, eu preciso de ajuda... e muita.

NACIONAIS - ACHERON

Arrumo minhas coisas e vou até a floricultura.

Dona Mariana, assim que me vê, sorri. Vou até ela e a chamo para termos uma conversa. Vamos para a estufa, onde peço desculpas pelo modo como a tratei e digo-lhe que ela tem razão, o Alejandro precisa saber sobre o bebê, eu não tenho condições de seguir com essa gravidez sozinha. Agradeço o seu carinho e sua ajuda, e garanto que na segunda-feira vou procurá-lo e contar sobre o bebê.

Ela sorri e me abraça.

— Você não vai perdoá-lo, só vai contar sobre a sua gravidez?

— Ele não me ama, se pelo menos eu estivesse enganada, mas não estou, ele... — começo a chorar, minha saudade do Alejandro e os hormônios da gestação estão me deixando

sensível demais.

— Estrela, ontem o homem que esteve aqui estava à procura da Pequena Estrela dele. — Olho para ela, surpresa. Ela ri — Sim, foi assim que ele a chamou, e as lágrimas que teimavam em sair dos seus olhos quando ele me implorou ajuda não eram por uma mulher morta, era por uma mulher muito viva e amada. Aquele homem a ama desesperadamente, não deixe a dúvida acabar com um amor tão lindo, meu bem. Corra atrás da sua felicidade, ele a ama, e ama muito.

— Se a senhora soubesse como eu gostaria de acreditar nisso.

Sim, eu quero muito acreditar que a luz daquele olhar quando me encara é para mim, e não para uma mulher que já havia morrido.

— Pois acredite. — Sou abraçada com

carinho.

Dona Mariana me dá uma quantia em dinheiro para que possa comprar algumas coisas, já que eu estou decidida a voltar para a casa da minha avó. Aceito; não era hora de ter orgulho, eu preciso de dinheiro.

Despeço-me dela e vou embora, mas antes de ir para casa, passo no supermercado para comprar alguns mantimentos. Durante o final de semana eu teria que encontrar as palavras certas, para acabar de vez com o meu casamento e contar ao Alejandro sobre a minha gravidez.

Passo a tarde inteira me sentindo mal, começo a achar que não foi uma boa ideia ter saído da casa de dona Mariana, eu não posso ficar sozinha.

As dores no meu baixo ventre aumentam.

Só então me lembro que estou totalmente incomunicável, não tenho telefone fixo e o meu celular ficou na casa do Alejandro.

E agora, sua besta quadrada, se você passar mal o que vai fazer?

No início da noite já me sinto melhor, a dor foi embora e o enjoo aliviou, então resolvo me deitar no sofá – só nele eu consigo um pouco de conforto. Acho que cochilei, pois, acordo com batidas na porta.

Deve ser dona Mariana, com certeza ela veio se certificar que estou bem.

Nem pergunto quem é, pois eu tenho certeza de que é ela, mais ninguém sabe que estou aqui. Sem olhar pelo olho mágico, abro a porta.

Não é dona Mariana.

No lugar dela, está um homem alto, loiro,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

olhos verdes, com a barba grande e com um olhar triste. Aquele riso torto vem direto para mim.

NACIONAIS - ACHERON



Estrela

Ele está ali. O homem mais lindo do mundo e o mais amado também. Meus olhos se fixam naquele rosto tristonho.

Como eu o amo, Alejandro, acho que não tem noção do tamanho do meu amor...

A dor do meu coração é imensa. Embora eu dissera a ele para não me procurar e que eu iria pedir o divórcio, estou feliz em vê-lo em minha porta.

Agora a minha única vontade é me jogar em seus braços.

De repente me sinto mal, meu estômago revira. Preciso de muita concentração para não deixar transparecer o meu mal-estar.

— Podemos conversar, Estrela? — É transparente a sua consternação. Alejandro está muito abatido, posso dizer que está pior do que quando o vi pela primeira vez.

Afasto-me da porta e lhe dou espaço para passar. Ele entra, cabisbaixo, não diz mais nada, apenas se senta no sofá da sala e continua olhando para o chão.

Ficamos silenciosos por alguns segundos, acho que um esperando o outro tomar coragem para expressar as primeiras frases.

Eu quero só escutar uma frase: *Eu a amo, Estrela*. Mas além de escutá-la, quero ver em

seus olhos sinceridade.

Fecho a porta atrás de mim, respiro fundo e aproximo-me dele. Ele levanta a cabeça, erguendo a sobrancelha.

— Será que podemos conversar sem brigas? Será que você pode me escutar sem me interromper? Será que você pode simplesmente acreditar em tudo o que vou dizer? Acho que, no mínimo, mereço isso.

— Sim, eu posso. — Sussurro. Já está na hora de acabar com isso tudo.

— Você pode se sentar aqui, ao meu lado? — Ele bate levemente no assento do sofá.

Eu não quero ficar tão próxima, mas sua voz suplicante corta o meu coração. Amo esse homem desesperadamente, e vê-lo tão derrotado me quebra.

Sento-me e cruzo uma mão sobre a outra,
NACIONAIS - ACHERON

apertando fortemente o dedo polegar. Evito olhar para ele, pois eu sei que se fizer isso todo o meu controle irá por água abaixo.

Limpo a garganta e me recosto no sofá. Alejandro vira a cabeça em minha direção. Seus olhos estão marejados.

Não faz isso, meu amor, não me olhe assim.

— Estrela, eu não sabia sobre o transplante, e se eu tivesse descoberto sobre ele — sua mão cobre a minha. Olho para os seus olhos e posso ver sinceridade. — não estaríamos tendo esta conversa.

Ele se levanta, caminha até a mesa, põe as mãos fechadas em punhos sobre o tampo e apoia o corpo, inclinando-se um pouco. Respira fundo, lentamente, então ele se vira e me encara.

— Estrela, não vou repetir esta conversa, só espero que acredite em mim. Não vou forçá-la a nada, se após tudo isso que eu te contar você continuar com a ideia de pedir o divórcio, aceitarei sua decisão, certo?

— Certo — Alejandro volta a se sentar ao meu lado.

— Como eu disse, se soubesse a verdade sobre o seu transplante nem estaríamos tendo esta conversa porque, com certeza, eu a teria expulsado da minha casa. — Desta vez, sou eu a fitá-lo com surpresa. Ele ri torto. — Na época fui completamente contra a doação dos órgãos da Isabelle, foi por isso que a joguei no chão quando nos esbarramos no hospital em nosso primeiro encontro. Briguei com o meu sogro quando descobri que ele havia autorizado. Fiquei cego de raiva, eu só queria sair daquele

hospital e me esconder do mundo e de todos. Só aceitei e entendi esse ato de doar quando a conheci, e assim mudei de ideia. Hoje, eu sei o quanto a doação de órgãos é importante na vida de outra pessoa; para mim não é simplesmente doar órgãos, é doar amor.

Alejandro segura minha mão, sinto o seu polegar acariciá-la lentamente. Nossos olhares se cruzam e fixam-se um no outro.

— Eu não sabia, fui pego de surpresa tanto quanto você. Não vou negar que fiquei feliz por saber que um pedaço da Isabelle está em você, ela foi o primeiro amor da minha vida. Com ela, eu descobri o que é amar de verdade, ela... ela me preparou para você. Eu a amei muito, mas hoje o meu amor é só seu, meu coração, meu corpo, minha vida, são seus... Pequena Estrela, eu a amo, amo como nunca amei outra

mulher. Você não é e nunca será substituta. Você é única, acredite em mim.

Sentir aquela carícia quente no dorso da minha mão e aquelas brandas palavras fazem as lágrimas jorrarem por minha face. E agora? Acredito ou não acredito nele?

Puxo minha mão da mão dele. Levanto-me apressadamente, afastando-me o mais longe possível do seu corpo.

Você não é uma covarde e tampouco uma egoísta orgulhosa.

Em lágrimas, o fito.

— Per-perdoe-me, eu fiquei tão decepcionada, tão triste, pensei que eu era apenas uma substituta...

Alejandro não me deixa completar a frase. Em segundos, seus braços cercam o meu corpo e a sua boca faminta devora a minha. Fico sem

NACIONAIS - ACHERON

fôlego; o beijo é muito, muito possessivo, suas mãos passeiam por meu corpo tomando posse de cada pedaço meu. Elas demarcam o território como se estivessem falando “*tudo isso aqui é meu*”, e eu gosto de cada toque, de cada aperto dos seus dedos sobre minha pele.

— Que saudade de você, meu amor! — Ele murmura, com a boca colada à minha. — Não conseguia parar de pensar em você por um segundo, esses últimos dias foram como viver no inferno com o capeta me cutucando a bunda com o tridente — sua testa encosta na minha, e ficamos nos olhando, ofegantes — Estrela, eu pensei que iria morrer. Fiquei louco à sua procura, revirei essa cidade de ponta-cabeça, até que a dona da floricultura me ligou contando onde você estava.

Então foi dona Mariana, ela o avisou.

— Perdoe-me, eu fiquei...

Mais uma vez, ele me cala com um beijo. Sou colocada em seus braços, e quando percebo estamos deitados no sofá, seu corpo sobre o meu e uma de suas mãos bem no meio das minhas coxas, explorando a umidade que já escorre do meu sexo saudoso. Seu polegar contra a minha virilha, acariciando-a por cima da minha calcinha molhada.

— Eu preciso de você, minha pequena. Eu preciso me perder em seu corpo, em seus gemidos, em sua boceta quente.

Meu Alejandro safado está de volta, aquela boca sedutora e sem medir palavras está direcionada a mim. Seu braço me puxa para mais perto do seu corpo, o aperto faz minha respiração diminuir.

— Eu o quero tanto, Alejandro, tanto que às

vezes me esqueço de mim mesma.

— Nunca mais fuja de mim, e nunca mais duvide do amor que eu sinto por você.

Uma boca quente se choca com a minha. Recebo um chupão na língua e uma mordida. Sua mão circula em meus seios e os meus mamilos são acariciados. Enquanto eles são acarinhados, ficamos nos olhando durante alguns segundos. Deixamos o nosso desejo cru crescer entre nós, até que sua linda boca se une à minha outra vez.

A cada beijo dele, meu coração dispara. Alejandro tem o dom de me levar ao céu e à terra em milésimos de segundos. Suas mãos passeiam em meu corpo com uma desenvoltura gritante. Seria capaz de gozar só com suas carícias.

Respiro tão profundamente que só sinto

meu vestido sendo puxado para cima e minha calcinha sendo arrancada sem nenhuma delicadeza.

— Cristo! — Respiro fundo mais uma vez, minhas pernas são separadas. — Alejan...

Minha mão desliza sobre o seu cinto, meus dedos um pouco desajeitados soltam a fivela, e uma boca pressiona contra o meu pescoço, mordendo-o.

Uma língua quente e molhada escorrega em minha pele, e enquanto seus lábios soltam leves beijos, ele sussurra:

— Senti falta do calor da sua boceta, minha mulher.

— Eu... eu senti falta do seu pin-pintão dentro mim, meu marido. — Ri. Aquele pinto enorme não deveria ser chamado de pau.

Minha respiração acelera quando sinto suas
NACIONAIS - ACHERON

mãos tão próximas ao meu sexo. Meu queixo é mordido duramente e sua respiração quente arrepia minha pele. Quase engasgo quando sinto dois dedos deslizando dentro da minha vagina, socando dentro e fora lentamente.

— Inferno! Você é deliciosamente quente.

Ele empurra mais profundamente, gemo baixinho quando sinto o tremor dentro de mim. Involuntariamente arqueio minhas costas enquanto meu clitóris é acariciado por seu polegar.

Já estou quase gozando quando, de repente, ele tira os dedos de dentro de mim.

— Deliciosa, é tão doce quanto um favo de mel. — Ele lambe os dedos lentamente.

Sinto o seu sexo esfregar contra as minhas coxas, sua outra mão envolve minhas pernas em volta de sua cintura.

— Estrela, eu preciso estar dentro de você.
Meu corpo está em fogo.

Meu rosto é seguro por sua mão, e os seus lábios encontram os meus. Sinto a mordida fina em meu lábio inferior.

— Tenho fome de você, necessito, preciso dos seus gemidos...

Gemo em sua boca quando ele me beija novamente. Abrimos os olhos ao mesmo tempo e os mantivemos fixados. Ele olha para mim com uma expressão apaixonada, com um vislumbre que me aquece a alma.

Sua mão mergulha por baixo do meu corpo e encontra a minha bunda, elevando o meu quadril. Seu corpo vai para frente, deslizando seu sexo em mim, minhas pernas pressionam o seu corpo ao meu.

Meus dedos envolvem o seu pescoço e o
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

agarram quando sinto o impacto do seu quadril contra meu sexo. Ele entra em mim com força, uma vez, e de novo... de novo...

Arqueio o corpo, e assim que faço isso, sua boca circula o meu mamilo, sua língua o saboreia com precisão, um a um são chupados e mordidos.

Sinto-me no céu, cada chupão, cada mordida me deixa em transe. Nossas bocas se encontram outra vez e ganho beijos possessivos enquanto sou fodida duramente. Estou a ponto de perder o controle.

— Alejandro, eu o amo... — digo, entre gemidos.

— Eu sei, eu sei, mas garanto que não ama mais do que eu. — Ele me olha fixamente, seu sexo afunda todo dentro da minha vagina — Quero você mais que qualquer coisa em minha

NACIONAIS - ACHERON

vida.

Meu corpo treme, meu coração acelera; sinto um arrepio percorrer toda a minha espinha. Aperto-o com mais força contra o meu corpo, minha vagina sente o pulsar do seu sexo.

Minha boca é dominada pela sua, seus lábios apertam os meus e sua língua se encontra com a minha. Meus gemidos são abafados, o beijo é implacável. Perco o ar. Nossos olhares se encontram outra vez. Suplico com o olhar, e ele entende e afrouxa o beijo.

Tanto eu como ele estamos enlouquecidos pelo desejo desvairado.

Alejandro solta um grunhindo de libertação, e os seus espasmos ferozes fazem o meu corpo inteiro tremer. Ele junta sua boca à minha

enquanto jorra o seu prazer dentro de mim, e eu grito o seu nome em meu último suspiro alucinante.

Ficamos longos minutos atrelados um ao outro, seu sexo ainda pulsando dentro da minha vagina. Minutos depois, sinto dedos escovarem os meus cabelos e o meu rosto é beijado com carinho. Alejandro já respira com tranquilidade, e eu também. Com cuidado, ele sai de mim, mas não nos levantamos, ele só troca de lugar. Logo estou deitada sobre ele, com minha cabeça apoiada em seu peito.

— Você está bem? — Suas mãos alisam os meus cabelos e seus lábios beijam o alto da minha cabeça.

— Nunca estive tão bem quanto estou agora.
— Respiro fundo.

Ele faz barulho ao rir. Levanto a cabeça e o

encaro. Meu nariz é beijado.

— Nosso apartamento já está pronto, podemos nos mudar hoje mesmo, se quisermos.

Apoio minha mão em seu peito e me sento entre suas pernas, com as costas apoiadas em seu peito.

— Eu acho que vamos ter que fazer uma nova reforma, não vai dar para mudar agora.

Bem, chegou a hora de lhe contar sobre a gravidez. Não tenho a mínima ideia da reação dele, mas acho uma ótima oportunidade.

Alejandro me vira em sua direção e me olha com desconfiança, aquelas sobrancelhas arqueadas e o seu olhar intrigante avaliam cada traço do meu rosto.

— Como é que é?! Qual o problema com o nosso apartamento, afinal foi você mesma

NACIONAIS - ACHERON

quem escolheu tudo! Senhora Estrela Ortega, desembucha logo, por acaso não quer mudar para Lagoas? Se for isso, eu...

O calo com dois dedos em seus lábios e sorrio para ele. Pego uma de suas mãos e a levo até a minha barriga, a firmo lá enquanto digo:

— Amor, só teremos que reformar um dos quartos, ou o quarto de hóspedes, ou o seu escritório, pois em breve teremos companhia.

Deslizo a sua mão em minha barriga e fixo os meus olhos aos seus, sorrindo.

Enquanto ele alisa a minha barriga, seu olhar fica enevoado e o seu maxilar treme. Em segundos, uma lágrima escorrega por sua face e logo outra rola em seguida.

— Aqui... aqui tem uma pessoinha? — Segura delicadamente minha barriga, olho para ela e para mim. — Tem uma pessoinha

aqui? — Assinto com a cabeça. Estou tentando não chorar, mas quando o vejo em lágrimas, o acompanho.

— Inferno! — Olha para mim, espantado — Desculpa, preciso começar a medir minhas palavras... Céus! Eu vou ser pai... caral... — ele se cala — Desculpa, filho, merd... ai, meu Deus! O que faço agora?

Gargalho. Ele está completamente desorientado.

— Calma, amor. Eu também não sei o que fazer, estamos no mesmo barco, acho que vamos ter que aprender juntos.

Alejandro se senta e passa a perna por cima de mim. Ficamos lado a lado, ele não larga minha barriga. Seus olhos brilham ao me encarar, e o seu riso é o sorriso mais lindo do mundo. Sua cabeça se inclina em direção ao

meu ventre e sua boca fica bem próxima a ele.

— Meu filho ou filha — sussurra — você vai nos ensinar a sermos bons pais, não vai?

Em seguida, ele beija minha barriga e se agarra a mim com força, chorando compulsivamente. Seus soluços sonoros me assustam, pois não esperava essa reação. Minha atitude é segurar em sua cabeça e alisar os seus cabelos até os seus soluços cessarem.

Ele suspira e se vira para mim.

— Família, somos uma família agora, eu, você e ele. Há alguns meses, eu pensava que tinha perdido tudo na vida, e agora eu tenho vocês. Obrigado, Estrela, obrigado por me fazer tão feliz. — Minha barriga é beijada por diversas vezes.

Meia hora depois, já tinha sido banhada e estava dentro do carro sendo levada de volta

para casa.



Chegamos à casa de campo em quinze minutos. Alejandro não me deixou pisar no chão. E assim que sou colocada na cama, ele liga para o hospital.

— Vou marcar nossa primeira consulta pré-natal — é o que ele diz.

A consulta é marcada para às dez horas da manhã da semana seguinte. Quando desliga o celular, corre para fora do quarto, sou proibida de me levantar. Bem, ele está demorando, então resolvo verificar o que meu marido está aprontando.

Quando ponho os meus pés no corredor, sinto o cheiro de comida. Meu estômago embrulha e fica pior quando vejo o que ele está

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

preparando para o jantar: sopa de ervilhas. Foi tudo muito rápido, em segundos vomitei todo o meu almoço.

Alejandro é rápido; corre ao meu socorro, levando-me imediatamente para o banheiro mais próximo. Demora uma porção de tempo para o enjoo passar, pois é só pensar na sopa de ervilha – aquele troço verde – a ânsia de vômito volta quase de imediato.

No fim das contas, meu jantar foi chá com biscoitos salgados.

Chego à conclusão que minha gravidez não será nada fácil, não por causa dos enjoos e incômodos consequenciais de uma gestação, mas por ter um marido protetor, mandão e extremamente apaixonado, e de quebra ganho um sogro que não deixa nada a desejar em relação ao seu filho do coração.

NACIONAIS - ACHERON

Três dias após a primeira consulta com o obstetra, Alejandro liga para o Lourenço e lhe conta a novidade, dois dias depois meu sogro e sogra, estão em nossa casa de malas e cuias. Enquanto o Alejandro está no trabalho, é o meu amado sogro quem cuida de mim.

Mal consigo pôr o pé no chão, e lá está ele com uma tigela de sorvete, biscoitos salgados ou salgadinhos de milho. Recomendações médicas, para aliviar os meus enjoos terríveis.

Mas o que fazer quando uma grávida tem desejos loucos e os dois homens da sua vida não dizem não?

A bem da verdade até gosto, pois não fico sozinha e tenho uma mulher para me ensinar tudo sobre bebês. Alejandro cogitou a ideia de chamar a Maria, uma antiga empregada da família, mas quando ele ligou para ela, nossas

esperanças foram jogadas ao vento: ela estava cuidando de uma irmã muito doente e não poderia deixá-la sozinha em hipótese alguma. Portanto, quando o Lourenço chegou cheio de sorrisos e de mudança, fiquei feliz, mas às vezes, ele me tira do sério. Não, ele não, os dois, tanto o pai como o filho.

Às vezes, fico com vontade de gritar com ele, mas quando o Lourenço me olha com aquela cara de felicidade, eu me lembro das suas palavras emocionadas no primeiro dia em que ficamos cara a cara, assim que voltei para casa.

Foram exatamente essas:

— *Estrela, posso roubar o seu tempo só um pouquinho?*

— *Lourenço, você pode roubar o tempo que quiser de mim — sorri para ele e o abracei.*

Não fazia ideia do que escutaria a partir daí.

— Bom saber disso — ele riu e passou a mão em meu cabelo, bagunçando-o. — Filha... eu posso chamá-la assim, posso?

— Sim, e eu posso chamá-lo de pai?

Com o olhar emocionado, ele me fitou. Seus olhos permaneceram em meu rosto por longos minutos.

— Não imagina o quanto isso me faria feliz. — Pigarreou, tentando disfarçar a emoção — Pois é... Uhum! Estrela, quando o Alejandro me contou sobre... — pigarreou novamente — sobre o... o transplante... as córneas... você sabe, as...

— As córneas da Isabelle. — o interrompi, pois se não fizesse isso ficaríamos por longas horas com essa conversa.

— Sim, é isso... bem, você não imagina a
NACIONAIS - ACHERON

minha emoção por saber que um pedaço da minha filha estava tão perto de mim, era... era como um presente de Deus, uma segunda chance para poder amá-la novamente. Por isso agora eu entendo, porque quando a conheci tive a certeza que você seria a garota certa para ajudar o Alejandro, e sei que a minha insistência em a manter ao lado dele foi por razões maiores do que o amor que eu sinto por ele. Não se assuste com o meu amor e meus cuidados, para mim você é como se fosse minha filha querida. Eu sei que não é, mas de alguma forma ela está com você e isso me deixa feliz, pois minha Isabelle doou todo o amor que existia dentro dela, e hoje, um pouco desse amor está aqui diante dos seus olhos e prestes a me dar um neto...

Depois de uma pausa cheia de emoção, ele continuou:

NACIONAIS - ACHERON

— *Amo você, Estrela. Amo como se fosse minha filha Isabelle, você entende isso? Entende esse meu sentimento por você? Ele não surgiu quando eu descobri que você recebeu as córneas dela, surgiu no dia em que a conheci.*

Meus hormônios já estavam uma bagunça, e ao escutar tamanha declaração, desmoronei.

— *Eu entendo, entendo, senhor Louren... Papai. Também o amo, e já chega de me fazer chorar.*

Fui abraçada com carinho, meus cabelos foram bagunçados novamente.

— *É melhor mesmo, ou corro o risco de ser mandado de volta para Paris, pois se o Alejandro a encontrar soluçando desse jeito, é o mínimo que ele fará comigo.*

PERIGOSAS

Dois homens superprotetores, uma sogra zelosa e extremamente amável, mas quando os três implicavam com os meus desejos, só recorrendo às minhas armas secretas: os seguranças!

Sempre recorro ao Alfonso quando preciso, ele já está de volta ao lar, e o meu fiel escudeiro nunca me nega ajuda.

No terceiro mês de gestação, comecei a sentir desejos de comer manga verde com sal, caju com sal, e comer pétalas de rosas vermelhas...

Alejandro e companhia, só em escutar tais palavras, só faltaram mandar cortar todas as mangueiras, cajueiros e roseiras de Rio Alto, portanto, fiquei quieta, e quando o desejo vinha forte, o tio Alfonso estava lá para ajudar o sobrinho ou sobrinha. Como ele não podia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

subir nas árvores, deu ordens aos seguranças para fazerem isso por mim.

E foi assim até o dia em que o Alejandro me pegou com a boca na botija. Foi briga para uma semana, quase ele despede o coitado do segurança. Com muito charme e denego, eu consegui convencê-lo a não fazer isso, jogando toda a culpa em mim – menti vergonhosamente. Disse que ameacei despedi-lo se não fizesse o que estava pedindo.

Não sei se o Alejandro acreditou, mas o segurança continuou no emprego. Por causa das minhas travessuras, nos mudamos para Lagoas antes da data prevista, o quarto do bebê ainda estava sendo reformado.

Despedi-me de dona Mariana, e ela prometeu me visitar assim que o bebê nascesse.

NACIONAIS - ACHERON

Alejandro comprou um apartamento para o Alfonso no mesmo prédio que o nosso, um andar abaixo. Após o acidente, a amizade entre os dois ficou muito mais fortalecida.

O Lourenço e a Lorena, depois de insistirmos muito, aceitaram o nosso convite em vir morar conosco, pelo menos até o bebê nascer.

Estava gostando de viver em Lagoas, pensei que não iria gostar de viver presa em um apartamento, mas me enganei. Com o marido atencioso que eu tenho, é impossível me sentir entediada; ele é surpreendente a cada segundo. Fico imaginando quando ele souber o sexo do bebê. Amanhã será mais uma tentativa, todas as vezes que vamos a uma consulta com o obstetra e ele tenta ver o sexo, o bebê não permite e saímos frustrados do consultório, talvez amanhã ele nos deixe saber.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Alejandro

O céu de Alejandro Ortega.

Estar em um consultório médico, onde sou o único homem completamente transtornado e visivelmente apavorado, não é nada tranquilo. Para onde eu olho só vejo mulheres com suas barrigas enormes. Não nego, fico apreensivo. Como minha Pequena Estrela se sentiria quando estivesse tão redonda e pesada como aquelas mulheres? *Putá merda!* Elas pareciam tão felizes e confortáveis, então deve ser só impressão de principiante, eu e ela vamos passar por isso numa boa... *Será?*

Minha pequena está serena, nem de longe se parece com aquela menina com cara de sapeca e petulante, agora ela tem carinha de mãe – acho que todas as mulheres mudam quando se tornam mães. Dá até inveja da sua

autoconfiança, ela bem que poderia passar um pouquinho para mim.

A recepcionista nos chama. Vacilante e trêmulo, lá vou eu arrastado pelas mãos seguras da minha supermulher.

A Dra. Giovana é uma jovem senhora que aparenta ter uns 40 anos.

Será que não é jovem demais para colocar meu filho ou filha no mundo?

Bate a insegurança. Quando liguei para cá, pedi uma médica experiente, e não uma estudante de obstetrícia, e agora? Dou meia-volta e marco outra consulta ou pago para ver?

A ajudante da médica leva as duas pessoas mais importantes da minha vida para outra sala. Três minutos depois, estavam de volta, minha pequena já havia mudado a roupa, agora veste um camisolão branco.

Dra. Giovana pede para que a Estrela suba na balança, anota o seu peso e faz algumas perguntas, tudo é anotado em seu tablet. Minutos depois, afere sua pressão e em seguida manda que se deite na maca.

A médica confirma que minha Estrela está grávida de seis semanas, e a data prevista do parto será na primeira semana do mês de junho de 2017, entre as datas seis e dez. Por que ela foi estipular uma data? Agora sim que a minha vida, a partir de agora, será controlada por segundos até junho chegar.

Fazendo meus cálculos, pelo o que a médica explica sobre a concepção, cheguei à conclusão que sou foda demais, acertei no primeiro tiro, mirei certeiraamente, e logo na nossa primeira relação sexual eu a engravidei. Não nego, fico orgulhoso pra *caralho* de mim.

No entanto, saber a data prevista do parto não é o fator emoção. A adrenalina sobe quando o ultrassom identifica o sonoro tum-tum-tum-tum... *Putá merda!* É algo indescritível, fico com tanta vontade de chorar! Isso só não acontece porque estou diante de duas mulheres e seria esquisito um homem do meu tamanho chorar feito um bebê.

Nós vimos nosso filho ou filha. Bem, eu confesso que não consigo distinguir nada do que me é mostrado, o que vejo é uma mancha branca e algo se movendo e fazendo barulho, mas a Dra. Giovana afirma que aquele pontinho branquinho é o nosso bebê.

Lá está ele, eu o fiz junto com ela, uma pessoinha feita por nós dois. Em breve vou escutá-lo me chamar de papai... Paipai... puta merda! Eu sou pai, caralho!

Eu não sei como os outros homens se sentem em uma hora dessa, posso falar por mim: era a porra mais louca do mundo. Agora minha ficha cai e a responsabilidade pesa. Minha família está se formando, eu, ela e ele... Inferno!

É, senhor Jeremiah, o que o senhor diria a mim se estivesse aqui?

Certamente diria isso: *Não tenha medo, filho, enfrente esse desafio com coragem e divirta-se.*

A consulta termina, e assim que chegamos à recepção, marcamos a próxima para o próximo mês.

— Alejandro — estou ligando o carro quando uma vizinha melosa me chama.

— Oi, amor — olho para ela ligeiramente, enquanto faço a curva para seguir em frente

com o carro.

— Como consegue ficar tão calmo? Você já entendeu o que está acontecendo conosco? Seremos responsáveis por outra pessoa, você sabe o que isso significa?

Continuo dirigindo.

— Quem lhe disse que estou calmo? Eu não estou. — Sou sincero — Estrela, estou apavorado, mas juntos conseguiremos, com você ao meu lado eu posso tudo, até ser pai.

— E eu... — sua voz soa insegura — será que serei uma boa mãe? Bebês não são bonecos, eles são de verdade, não sei se serei capaz de fazer isso.

Paro o carro no acostamento, solto o meu cinto e o dela. A trago para o meu colo, seguro em seu queixo, beija-a primeiro, depois firmo meus olhos nos dela, que parecem inseguros.

— Você será a melhor mãe do mundo e a mais linda também e a mais amada, desejada, a supermãe, e se alguma coisa der errado no meio do caminho, eu — aponto para mim —, o seu marido, desvairadamente louco por você, estarei ao seu lado, pronto para colocá-la nos braços e mimá-la — pisco um olho e sorrio — Tudo certo agora?

Seu rosto se ilumina com um lindo sorriso. Ela ri e me beija uma vez, depois outra vez, outra vez e outra vez. Passo os braços em volta dela e a puxo para mais perto, e sou beijado do jeito que só ela sabe me beijar. Estávamos bem, estávamos felizes.

— Obrigada, senhor meu marido sincero. Eu te amo. — Ela cochicha as palavras finais.

Eu sou a porra do homem mais sortudo da face da terra.



Desde o terceiro mês de gestação, tentamos descobrir o sexo do nosso bebê. Estamos no consultório da médica, esperando sermos chamados. Estrela em seu oitavo mês de gestação. Sua barriga está enorme, e como sempre, em todas as consultas pergunto a médica se há só um bebê ali dentro, e ela sempre ri e confirma:

— Alejandro, eu tenho certeza absoluta que só há um bebê aí dentro. Não se preocupe.

Minha Pequena Estrela está uma grávida muito linda, o seu barrigão não lhe tirou os contornos, ao contrário; a gravidez, após o quinto mês, quando passou os enjoos, dores e todo o desconforto, deixaram-na muito mais corada e com uma disposição que me derrubava. Ela ficou com um apetite sexual

que, às vezes, eu precisava pedir uma pausa. Havia dias – quase sempre – em que eu era acordado na madrugada, com mãos e boca percorrendo todo o meu corpo. Fazíamos amor mais de quatro vezes ao dia. Ela ligava para a empresa, chamando-me urgentemente, e quando eu chegava em casa sempre tinha uma surpresa em nosso quarto. Pronto, lá se foi a minha manhã ou minha tarde de trabalho.

Saio dos devaneios ao ouvir o nome dela ser chamado pela atendente.

Ela me olha apreensiva, e a ajudo a se levantar. Estrela precisa de ajuda para sentar, deitar e se levantar – sinceramente, eu adoro isso. Ela é minha razão de ser, e só por saber que ela precisa de mim, tanto quanto eu preciso dela, é maravilhoso.

Dra. Giovana nos recebe com um sorriso no

rosto.

Lá vamos nós para todos os exames de rotina, e como sempre, tudo está em perfeita harmonia. Ela manda a Estrela deitar-se na maca. Estamos nervosos, pois a expectativa de ver o sexo do nosso bebê é enorme. Ele não para quieto, se move dentro de Estrela feito um peixinho no mar.

Lembro-me que quando encosto na barriga dela, seja minhas costas ou minhas mãos, sempre recebo chutes. Amo essa sensação de sentir o meu filho ou filha reagindo ao meu toque, meu coração palpitava de felicidade.

Dra. Giovana faz de tudo para que possamos ver o sexo dele, mas não adianta; nosso bebê não se parece em nada com o pai nem com a mãe, ele é tímido *pra caralho*.

— É, papai e mamãe, eu fiz de tudo para

vocês verem o sexo do seu filhote, mas pelo visto, o príncipe ou princesa não quer nos mostrar suas partes íntimas, acho que quer deixar para o *gran finale*.

Ela nos diz que a gestação está perfeita, Estrela está exatamente com 32 semanas, a segunda semana do oitavo mês, e o bebê tem 30 semanas de idade. Ele mede cerca de 42 cm e pesa aproximadamente 1700g. Os cinco sentidos do nosso bebê estão funcionando perfeitamente.

Só de escutar isso fico feliz, pois isso quer dizer que ele está perfeitamente bem. Agora é se preparar para a última consulta, que seria em duas semanas, fazer os últimos exames necessários e a terceira ecografia.

Ela explica que, quando a gestação completar 36 semanas, o nosso filho poderá

nascer a qualquer hora, portanto, é para já estarmos com tudo pronto caso precise correr para a maternidade. Nos ensina a acompanhar o passo a passo de cada semana e os sinais de um possível nascimento prematuro.

Sáímos do consultório felizes e preparados para tudo o que vier dali por diante. Eu sei que minha Estrela está pronta para me ensinar a ser o marido, companheiro e pai necessariamente só para eles. Olhando para ela, qualquer um dirá “*frágil como uma porcelana*”, mas não é; minha Estrela é uma rocha, muito mais forte do que eu ou qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Essa moça de traços delicados e voz doce é a mulher que, com um jeitinho todo especial, soube me tirar da escuridão, reacendeu a chama do amor em meu coração e me mostrou que podemos ser felizes, mesmo quando todo o nosso

NACIONAIS - ACHERON

interior está completamente destruído ou completamente destruído. Ela me resgatou e me deu muito mais do que eu merecia.

Passamos uma tarde deliciosa juntos. Ela me convenceu a fazer compras, queria me presentear, já que no natal não ganhei presente, pois ela estava com um terrível resfriado e não pôde sair para fazer as compras de natal.

Aquele resfriado maldito derrubou minha pequena, ela mal conseguia se levantar da cama. Mas eu a levei para a casa de campo, eu e o Alfonso armamos uma enorme árvore de natal no meio da nossa sala e fizemos uma linda surpresa para Estrela. Infelizmente, o Lourenço foi para a Colômbia, passar as festas de final de ano com os filhos da Lorena. Foi um natal a quatro: eu, ela, Alfonso e o nosso

bebê.

Retornamos ao nosso apartamento já à noite. Encontro um bilhete do Lourenço, avisando-nos que passariam o final de semana fora. Eu sei bem o porquê dos dois sumirem todos os finais de semanas.

Meu pai quer nos deixar a sós, já que minha fogosa mulher grávida não é nada discreta.

Deixo Estrela na cobertura, ela me diz que quer ver o céu. Aproveito a sua tranquilidade e vou verificar alguns e-mails.

Estou subindo as escadas em caracol, que dá acesso à cobertura, quando escuto uma música.

Paro.

Ela está cantando baixinho, com um inglês perfeito. Estrela está fazendo um curso de NACIONAIS - ACHERON

língua inglesa. Sorrio, pois conheço perfeitamente aquela música. "*I'm a Mess*", de Ed Sheeran.

Orgulho da minha pequena, ela é dedicada ao extremo. Sempre que pergunto como está o curso, ela sempre entorta a boca e me diz que nunca iria aprender a falar inglês, pois mal sabia falar o português, quanto mais uma língua embolada e doida. Eu ria, e sempre a incentivava dizendo que ela logo estaria falando fluentemente o inglês. E não é que a pequena petulante conseguiu?

Subo as escadas sem pressa, pois não quero perder o show que ela está dando. Atravesso a grande sala como se estivesse pisando em ovos.

Inferno! Por isso eu não esperava.

Estrela está nua, deitada na

espreguiçadeira.

Quase engasgo e derrubo os dois copos com limonada que carrego nas mãos.

— O que está fazendo, pequena petulante?
— Inquiro. Coloco os copos na bancada que fica próximo ao bar.

— Tomando banho de lua, senhor meu marido arrogante... — Responde e continua cantarolando, balançando uma das pernas para lá e para cá. — Eu li em algum lugar que o banho de lua faz bem ao bebê, e como a lua está tão linda e tão próxima, resolvi experimentar. — Aponta para o céu — Por que o senhor meu marido boquiaberto não fecha a boca e vem aqui fazer o mesmo? Ah! Antes fique nu, é bem melhor.

Ela ri ao dizer a última frase. Começa a cantarolar o refrão da música.

*“See the flames inside my eyes
It burns so bright I wanna feel your love
Easy baby maybe I'm a liar
But for tonight I wanna fall in love
Put your faith in my stomach”*

Desta vez ela olha por cima do ombro, e a luz do seu olhar encontra os meus olhos.

Ah! Pequena petulante, você quer me provocar.

O brilho da lua se reflete na água da piscina. Olho para cima enquanto me aproximo da minha linda mulher pelada. Ela combina perfeitamente com aquela paisagem, a lua e as estrelas.

Retiro toda a minha roupa. Fico de frente

para ela. Estou literalmente de *cacete* armado.

— Jesus! Homem de Deus, o seu pintão cresce na mesma proporção que minha barriga, isso não é de Deus — sorriso torto, ela olha para o meu pau, admirada e boquiaberta.

— Pintão! — Gargalho. Adoro quando ela se refere ao meu pau como *pintão*. — Ok, esse *pintão* pode crescer mais, quer ver? — Minha mão circula em volta dele e começa a movê-la para cima e para baixo, friccionando a cabeça melada com as pontas dos dedos. — Hummm! — Sibilo enquanto mordo o meu lábio inferior.

— Isso é muito foda, amor. Faz novamente, assovia assim para mim, deixa ele bem durinho, amor... assim, olha — ela segura os seus mamilos duros e os fricciona, girando-os vagorosamente. — Hummm! Você gosta do que está vendo, meu marido safado?

PERIGOSAS

Adoro isso nela, aquele jeito inocente com uma malícia tentadora.

Chamo-a com o dedo indicador. Ela rasteja a bunda nua até a beirada da espreguiçadeira.

— Chupe-me, me foda com sua boquinha gostosa. — Eu sou um sacana, adoro sacanagens na cama, e a minha pequena sabe disso.

Ela lambe os lábios, segura meu membro com a mão e o acaricia, torcendo de leve. Quase empurro sua cabeça em direção a ele. Sem esperar minha ordem, ela o devora de uma vez, chupando-o profundamente, sua mãozinha trabalhando em minhas bolas e no períneo. — Caralho! Humm! — Silvo alto. Ela segura minhas bolas e as leva à boca, sugando tudo. — Porra! Estrela, você... você... está me matando.

NACIONAIS - ACHERON

Ela sabe me derrubar. Volta a boca para meu comprimento, mas não o engole completamente. Seus lábios cercam a cabeça inchada e a morde, chupa, lambe, sem desviar os olhos dos meus — Tesão! — Digo, rindo para ela. Suas mãos trabalham em minhas bolas. Fecho meus olhos quando ela me engole até o talo e suga tudo. — Inferno!

Abro os olhos rapidamente quando percebo o vai e vem da sua cabeça. Ela está me fodendo com a boca. Sou levado ao clímax mais prazeroso que o sexo pode nos dar, impossível de descrever a sensação. Acho que os espasmos do meu membro em sua boca podem expressar um pouco do poder que ela tem sobre mim e o meu corpo.

— Minha Estrela... você... ainda vai me matar de tanto tesão, caralho! Você faz muito

gostoso, muito gostoso... — Entre gemidos ofegantes, retiro-me de dentro da sua boca e me ajoelho. — Deite-se, agora é minha vez de fazê-la sentir prazer.

Levanto suas pernas e coloco cada uma em meus ombros. Beijo os lados internos das suas coxas, quando escuto um pequeno gemido mordo levemente. Adoro provocá-la, e eu sei como e onde tocá-la. Ela é minha melhor comida. Enterro meu rosto entre seus grandes lábios, saboreando cada pedacinho dela. Ela grita desesperada. Chupo o seu sexo com vontade destruidora. Eu a como literalmente. Estrela grita o meu nome quando o seu clímax explode. Minha cabeça é empurrada com força por suas pernas trêmulas.

Goze, minha mulher, goze gostoso na boca do seu marido.

— Eu... te... amo — Diz ela, em êxtase quase enlouquecido.

Levanto-me e vou até ela. A ajudo a subir um pouco mais na espreguiçadeira, ajeitando-me ao seu lado. Me encaixo ao seu corpo. Encontramos outras posições para fazermos amor, a barriga de quase nove meses não nos permite peraltices. E a melhor posição para fazermos amor, é quando ela fica de costas para mim.

Meu membro encosta em sua bunda, enquanto minha mão acaricia a sua barriga. Deixo-o entre as bandas da sua bunda.

— Eu te amo, pequena, te amo muito — digo, com a boca colada em seu pescoço.

Seguro os seus quadris e esfrego-me nela, fazendo o descarado do meu membro escorregar até a sua boceta. Ele é devorado por

um calor enlouquecedor. Foder minha Estrela grávida é a oitava maravilha do mundo.

— Pequena gostosa... — Ela é uma amante maravilhosa, e sabe me enlouquecer.

Ela grita e rebola quando me sente latejando dentro dela. Seus gemidos roucos só me incentivam a ir e vir dentro dela com rapidez.

— Está me sentindo todo dentro de você, meu tesão, está sentindo o meu pau pulsando, com fome de você? — Mordo sua orelha com os lábios. Ela rebola, empinando a bunda.

— Mais rápido... enfia esse pintão todo em mim mais rápido, amor...

Esfrego meu dedo em seu clitóris enquanto o meu membro entra e sai do seu sexo; ele lateja de tesão.

Sua mão alcança o meu cabelo, e sou
NACIONAIS - ACHERON

puxado para mais perto. Ela vira o rosto para mim, exigindo minha boca. Sou beijado com força quando nossas bocas se encontram, minha língua é sugada, igualmente como meu sexo é sugado pelo o seu. Enfio forte dentro dela. Estrela grita; ela está tão próxima do prazer quanto eu. Fazer amor com ela sempre é diferente, sempre é uma descoberta, ela sabe arrancar de mim prazeres desconhecidos.

— Alejan... Alejan.... Eu... eu vou... goozaar!
— Caralho! Escutar isso é como música para os meus ouvidos.

Nossas bocas se encontram novamente, e os seus lindos olhos azuis encontram os meus.

Putá merda! A luz do seu olhar me cega, as duas estrelas estão radiantes, elas estão refletindo a luz do meu olhar, revelando a força do meu amor por ela.

A explosão do nosso prazer é imediata, nossos tremores são conectados, sinto o aperto dos músculos internos da sua boceta em torno do meu membro. O meu prazer jorra dentro dela em jatos de amor. Continuo metendo com força dentro dela, e ela aceitando toda a minha brutalidade. Quando não aguento mais, quando minhas pernas começam a ficar com câibra, desacelero. Aos poucos, a respiração dela vai acalmando e a minha também. Beijo seu pescoço e suas costas, enquanto minhas mãos acariciam sua linda barriga.

— Você está bem? — Pergunto, depois de puxar a respiração para dentro dos meus pulmões.

— Uhum! Estou uma bagunça, mas estou muito bem. — Pega uma das minhas mãos e a leva aos lábios, beijando-a.

— E o bebê, ele está bem? — Aliso sua barriga.

— Nosso bebê está se acalmando, ele não entendeu nada, deve achar que estamos brincando de niná-lo. Acho que quando ele nascer vai sentir falta das brincadeiras repentinas de chacoalhá-lo várias vezes ao dia e à noite.

Estrela solta uma gargalhada sonora. Rio também. Concordo com ela, o coitado do bebê não tinha sossego, sempre estávamos fazendo amor e bagunçando o cantinho dele.

Ajeito-a em meu peito, ponho um dos braços embaixo da minha cabeça e a outra mão vai direto à sua cabeleira loira. Começo a escovar os seus cabelos com os dedos. Ficamos alguns segundos admirando o céu estrelado, até ela cortar o silêncio.

— Está vendo minha estrela lá em cima? —
Ela aponta com o dedo para o céu.

Fico quieto por um momento.

— Humm! Aquela bem longe, ao lado de
uma estrelinha menorzinha?

— Sim... — Faz um muxoxo — Alejandro,
você me disse que sua estrela havia explodido
em mil pedaços, será que há alguma chance de
ela ter renascido?

Sorrio em silêncio, beijo sua cabeça e digo:

— Está vendo aquela estrela maiorzinha,
bem atrás da sua? — Aponto, segurando a mão
dela com firmeza. — Aquela estrela é a minha,
ela está cuidando da sua estrela e do nosso
bebê. A estrelinha que está ao lado da sua...
está vendo?

— Alejan... — engasga — amo tanto você,
sabia?

PERIGOSAS

— Não mais que eu, meu amor. — Cruzamos os dedos.

— Você viu? — Ela grita, apontando para o céu — Uma estrela cadente, faz um pedido, amor, anda!

— Não foi uma estrela cadente, meu amor.

— Claro que foi.

— Não foi. — Afirmo.

— Então foi um cometa, um meteoro...?

— Não. — Sorrio e a puxo para mais perto.

— Foi a Isabelle, despedindo-se de mim. — Estrela fica quieta. — Ela me disse, um dia, que sempre que sentisse a falta dela era só olhar para o céu, e a estrela mais brilhante seria ela. Ela estaria lá para cuidar de mim até quando eu encontrasse outra estrela. E eu já encontrei.

— Viro-me de lado e a encaro. — Eu preciso mostrar uma coisa para você, espera aí, eu já

NACIONAIS - ACHERON

volto.

Levanto-me, a cubro com um robe, procuro minhas roupas. Visto minha cueca, depois pego minhas calças e me sento ao seu lado outra vez. Continuo segurando minha calça nas mãos. Baixo minha cabeça, não iria conseguir olhar para ela.

Estrela se senta ao meu lado e me abraça.

— Você quer me falar sobre a Isabelle, não é? — Assinto com a cabeça — Estou pronta para ouvir, eu sei que você ainda a ama.

Olho para ela rapidamente, meus olhos estão marejados. O que eu tenho a falar é algo muito dolorido, mas que agora está em meu passado.

— Estrela, por favor, só me escute, eu preciso muito pôr para fora o que está preso dentro de mim há muito tempo. Eu sei que

depois que eu desabafar você vai entender. Você pode me escutar sem me interromper?

— Sim, eu posso. — Ela murmura tristemente.

— Meu amor, eu guardei esse objeto comigo desde o dia do acidente da Isabelle, ele se tornou uma parte de mim durante dois anos, foi o único objeto com o qual eu fiquei — enfio a mão no bolso da calça e de lá retiro o celular de Isabelle.

— Deus, Alejandro! Esse celular é... da...

— Sim, é o celular da Isabelle, ela estava com ele no dia do acidente... — minha garganta fecha. Me sinto tonto, lembrar tudo aquilo me faz muito mal, mas eu preciso continuar — A Isabelle sofreu muito antes de morrer, ela ficou me esperando, ela queria se despedir, mas... — engulo em seco, e uma lágrima desce por

minha face — Como eu não cheguei, ela resolveu gravar a sua despedida. Durante esses dois anos, eu escutei a sua mensagem duas vezes ao dia, antes de dormir e ao acordar, às vezes ouvia mais de duas vezes. Mas agora eu não preciso mais ouvir, e antes de destruir esse celular, eu...

— Não. — Ela me interrompe — Não, não, meu amor, essa é a única lembrança que você tem dela, eu não vou ficar com ciúmes se você quiser...

— Escute-me, Estrela. — Eu a interrompo — Meu amor, eu amei muito a Isabelle, ela foi meu primeiro amor, você nem imagina o trabalho que a Isa me deu para conquistá-la. Eu me imaginava velhinho ao lado dela, cheio de netos e, quem sabe, bisnetos. Construí um futuro, sonhos, ela era minha felicidade, mas...

ela se foi... — faço uma pausa — Estrela... eu pensei que minha vida tinha se acabado quando ela se foi, eu só queria achar os culpados pela morte dela para dar um fim na vida miserável deles e depois acabar com a minha própria vida.

Apoio os cotovelos nos joelhos e abaixo a cabeça, segurando a testa com as mãos. Fico ali, só respirando. Sinto uma mão alisar minhas costas.

— Meu amor, isso já passou. Nós estamos aqui e vamos cuidar de você, eu e o seu filho.

Olho para aquele rosto lindo e sorrio, mesmo entre lágrimas, eu sorrio.

— Minha Pequena Estrela, deixei de querer morrer no dia em que a conheci. Mesmo não querendo acreditar, mesmo fugindo de você, eu não queria mais morrer, e em um piscar de

olhos você se tornou o meu mundo, o meu melhor. Eu descobri que sempre há uma linda luz no fim do túnel; você é minha luz, você me salvou com o seu amor, é com você que eu quero ficar velhinho e ver os nossos filhos, netos e bisnetos crescerem felizes e cheios de amor, o nosso amor. Eu te amo com toda a força do meu coração. — Pego o celular e o ligo. — Esta será a última vez que escutarei essa mensagem, e vou escutar ao seu lado, vou guardar a lembrança da Isabelle aqui dentro — aponto para o meu coração — Ela foi o meu primeiro amor, mas você é o último e o mais maravilhoso amor. Você está aqui, e aqui para toda eternidade. — Aponto para minha cabeça e o meu coração, depois aperto o play da gravação.

“Alejandro...Oi, meu amor... Não sei se estarei aqui quando você chegar, eu sei que
NACIONAIS - ACHERON

você virá, e prometo que farei o impossível para esperá-lo, mas... mas... Deus! É tão difícil dizer adeus... Estou partindo, eu sinto isso. Não, amor, não sofra, não sinto dor, só frio, muito frio... Estou indo, não porque quero, porque foi preciso, mas... preciso que me prometa, você seguirá o seu caminho, será feliz por mim e por você. Meu amor, por favor, chore o quanto quiser, só não brigue com Deus, ele não teve culpa, isso tinha que acontecer. E se não quiser chorar, não tem problema, não chore, só não sofra por muito tempo, eu preciso sentir sua felicidade, meu... Meu amor, pre-preste atenção, sem- sempre que olhar para... para o alto, me encontrará entre as estrelas, estarei lá protegendo você. Alejandro, eu te amo, você me fez feliz, você me ensinou a amar e a confiar... vo-você me deu você, e se por acaso não nos falarmos

NACIONAIS - ACHERON

mais, eu... eu estou te devolvendo, te devolvendo para ser feliz. Eu sei que você encontrará outra luz em outro olhar, e quando encontrar, por favor, não a deixe ir, agarre-a e seja feliz por nós dois... Alejan... Alejan... eu... eu... amo voc...”

As lágrimas descem por meus olhos, e a minha Pequena Estrela soluça. Ela me abraça com tanta força, que eu sinto o seu amor transcendendo a minha alma. Não sei explicar, mas é algo tão acolhedor, como se minha alma flutuasse. Ficamos abraçados, chorando. Após alguns minutos, ela junta sua testa à minha e começa a beijar o meu rosto, limpando as minhas lágrimas com os seus lábios.

— Eu te amo tanto, Alejandro Ortega. O amo tanto, que sou capaz de oferecer a minha vida por sua felicidade. Não sofra, meu amor,

pois vê-lo sofrer me mata aos poucos...

— Shhh! — A silencio com dois dedos em seus lábios — Eu a amo muito mais, você é minha outra parte que estava adormecida, você é meu presente abençoado por Deus, você e ele — ponho a mão em sua barriga — Já encontrei o meu caminho, encontrei você, por isso estou me despedido da Isabelle. Ela sabe que estou feliz, ela sabe que me reencontrei, ela se foi para me dar você.

Estrela me cala com um beijo carregado de amor, sua boca devora a minha, suas mãos seguram o meu rosto com tanta posse que meu peito explode de felicidade. Naquele momento, ali, embaixo de um céu coberto de estrelas e uma lua cheia prateada, me sinto o homem mais amado e sortudo do mundo.

Em uma maldita tarde eu perdi tudo, perdi

até a vontade de viver. Meu mundo colorido ficou cinza, minha vida se transformou em um lamaçal. Pensei que nada mais importava, pensei que nunca mais sentiria amor. Como somos pequenos, como somos mesquinhos, como somos egoístas.

A vida não acaba, ela apenas recomeça no mesmo ponto de partida. Numa bela manhã ensolarada, eu reencontrei um novo amor, um amor muito maior, um amor capaz de derrubar muralhas, um amor capaz de me devolver à vida e me mostrar que tudo é possível, mesmo que nos provem o contrário.

Pego minha Estrela, a coloco nos braços e a levo para o nosso quarto. Fazemos amor novamente, e quando confirmamos o poder desse amor, dormimos abraçados, tendo a certeza de que esse amor é maior que tudo em

nossa vida. Ela é minha estrutura e eu sou a sua rocha.

“Tu és minha fortaleza

Minha rocha, meu tudo.

*Meu mundo, meu céu de uma única
estrela.”*

Epílogo



Estrela

“Quando olhei na luz do seu olhar, eu soube que você veio só para me amar. E quando a luz do meu olhar encontrou o seu olhar, ela expressou todo o amor que um dia sentiria por mim.”

Junho de 2017

Hoje, eu acordei com uma vontade louca de comer jaca. Sim; jaca. Alejandro quase tem uma síncope, pois ligou para todos os

NACIONAIS - ACHERON

armazéns, supermercados, quitandas existentes em Lagoas e não encontrou a bendita fruta. Por sorte, o Lourenço conhece uma pessoa que tem um sítio nos arredores do subúrbio, ele ligou para o tal amigo, e ele confirmou que há uma jaqueira carregada de jaca.

Lá se vão o meu marido apressado e o nosso pai quase sendo arrastado por ele. Fico aos cuidados do Alfonso e da Lorena. Ambos tentam me alimentar com salada de frutas e cereal.

— Eu não quero, já disse. Eu quero jaca, estou salivando só em pensar na fruta.

— Filha, você precisa comer alguma coisa até a bendita jaca chegar, bebe ao menos o suco de laranja.

Lorena insiste. No entanto, só em pensar

em comer outra coisa fico com vontade de vomitar.

Dra. Giovana nos disse que esses desejos repentinos são normais no final da gravidez, e como eu não posso ficar estressada, o Alejandro faz todas as minhas vontades.

Na noite passada, fiquei com vontade de comer doce de tamarindo. Para sorte do bebê, ele encontrou com facilidade em uma doceria perto do nosso prédio. Quando ele me entregou o doce, só comi uma colher de chá do doce, não quis mais, até o cheiro do doce me enjoava. Era sempre assim, meu desejo desaparecia na mesma proporção que surgia.

— Alfonso, liga para eles, pergunte se já estão voltando.

A vontade está me matando, estou ansiosa, nervosa e com uma vontade louca de chorar.

— Já liguei, Estrela, eles estão na metade do caminho. Se acalme, logo a sua jaca chegará.

Alfonso é a paciência em pessoa, ele sempre segura o nervosismo do Alejandro, pois tem horas que ele fica tão fulo da vida com os meus desejos que sai de casa xingando Deus e o mundo, pois eu me recuso a comer qualquer outra coisa enquanto não matar a minha vontade.

— Filha, eu fiz um suco de manga, beba um pouco.

— Lore, eu não quero, eu quero jaca...

— Ok, mas pelo menos beberique um pouco, só um pouco...

Ela insiste, insiste tanto que eu resolvo acatar, pois se não fizer isso, ela trará todos os sucos que estão na geladeira. Assim que o líquido desce por minha garganta, vem a ânsia

de vômito.

Corro para o banheiro, coloco tudo o que eu tenho e não tenho no estômago para fora. Volto do banheiro com uma falta de ânimo e uma pequena dor nas costas e no baixo ventre.

— Alfonso, corre, vá pegar o carro — Lorena fala para o Alfonso e vem correndo em minha direção — Estrela, respire lentamente e nada de pânico, vai ficar tudo bem.

Olho para ela sem entender nada. Ela me pega com cuidado pelo cotovelo e por minha mão.

— Lorena, foi só um enjoo. Eu disse que não queria o suco, não vou parir por causa disso.

Ela continua a me guiar para fora do quarto, já com a malinha da maternidade e minha bolsa atravessada no seu corpo.

— Filha, chegou a hora, se acalme, ok,
NACIONAIS - ACHERON

respire, respire.

Ela fala pausadamente, e aquilo me irrita.

— Quer parar, Lorena, pare de me tratar como uma imbecil! Eu não vou parir, não sinto nada, posso até dar pulinhos se quiser — tento me soltar das suas mãos, mas ela não deixa.

— Ok, já estamos próximos ao elevador, a essa altura o Alfonso já ligou para o seu marido e o seu pai. Se acalme.

É o bastante para me deixar louca.

— Lorena — grito — Eu não vou... — Sinto uma dor muito fina no baixo ventre, como uma cólica menstrual. Aperto os olhos com força e respiro fundo.

— Filha, você não percebeu? Sua bolsa estourou, sua calça está toda molhada.

Paro de andar e olho para as minhas pernas.

Ela tem razão, como não percebi?

— Ai, meu Deus! — Entro em desespero, a empurro e me apresso para o elevador — Anda, Lorena, não quero que o meu bebê nasça em um elevador — Ela fica parada diante da porta, me olhando boquiaberta. — Mãe! Anda... vai querer fazer o parto do seu neto?

Ela pisca os olhos rapidamente quando me escuta, entra no elevador e aperta o botão da garagem.

Alfonso já está com o carro ligado, e assim que nos vê corre em nossa direção.

— O senhor Ortega já está a caminho do hospital. Fique tranquila, meu sobrinho não nascerá no carro. — Ele diz, ajudando-me a entrar no carro.

— Aaaai, meu pai! Que dor dos infernos! — Grito, quando sinto uma dor fina bem no baixo

ventre — Desculpa, filho, mas precisei xingar...
— Aperto a mão de Lorena e fecho os olhos com força quando outra contração vem —
Aaaii! Depressa, Alfonso, antes que o bebê resolva nascer aqui!

Chegamos ao hospital em quinze minutos. Antes de descer do carro, já escuto a voz do Alejandro.

— Cadê a maca, mas que merda, a minha mulher vai ter um bebê!

Ele grita com todo mundo, do segurança ao funcionário de limpeza.

— Quer se acalmar, meu irmão!? Ela já está no hospital, agora é só esperar.

Alfonso grita com ele.

— Vou te dizer a mesma coisa quando você for pai, ok?

— Senhores, vamos nos acalmar. Estrela precisa de tranquilidade e não de homens querendo um engolir o outro.

Dra. Giovana chega para botar ordem na casa, enquanto eu sou tomada por uma dor miserável. Só depois da chegada da médica que o Alejandro vem até mim e pega em minha mão.

— Eu estou aqui, amor, não sairei do seu lado. — Minha vontade é de bater nele, mas a dor vem de minutos em minutos, e eu mal consigo respirar.

— Ainda bem, pois eu pensei que o senhor ia ficar discutindo com todo mundo! — Ele ri torto, entende o que eu quis dizer.

— Bem, Alejandro, o senhor vai ficar com os outros na sala de espera.

Dra. Giovana diz, já empurrando a maca.

— Alejandro! — Grito, levantando a cabeça e o procurando. Ele corre até mim — Você vem comigo, ou não entro naquela sala.

Seguro o braço dele com força e o puxo para perto, sinto o meu coração explodir.

— Estrela, ele não pode entrar com você na sala de parto, são as regras do hospital.

— Regras! — Alejandro esbraveja — Eu vou entrar nessa porra de sala e eu quero ver quem vai me tirar de lá.

— Ele vai e pronto, ou não vou parir. Eu quero que ele seja o primeiro a ver o nosso bebê nascer... aaii! — Grito de dor — Vai nascer, amor, nosso bebê vai nascer...

Alejandro fita a médica com fogo nos olhos, e ela entende o recado.

— Ok, você vem. — Ela respira fundo e manda a enfermeira levar o Alejandro para se

NACIONAIS - ACHERON

preparar.

Não sei quanto tempo durou entre me prepararem para o parto e ver o Alejandro entrar todo vestido com roupas de médico – ele ficou muito sexy vestido daquele jeito.

Como eu posso ficar pensando em sacanagens com a dor que estou sentindo?

— Aaaii! Meu Deus! Eu nunca mais quero parir novamente. Isso dói muuiito!

Em instantes, o Alejandro está ao meu lado, segurando em minha mão e dizendo que me ama e que estávamos juntos nessa.

— Alejan... — Eu o chamo. Não, eu grito o nome dele.

Aperto os meus olhos com toda força, tentando fazer tudo ao mesmo tempo: fechar os olhos e respirar fundo. Acho que devo ter quebrado dois dedos do Alejandro, pois a

NACIONAIS - ACHERON

próxima contração é a pior de todas.

— Eu estou aqui, amor. Vai dar tudo certo, nosso bebê já está vindo, ele está vindo... Estrela... eu te amo.

Ele se inclina e me beija.

— Venha, Alejandro. Venha ver o seu bebê nascer. Ele está coroando, e com mais uma contração ele vem ao mundo.

A médica o chama. Solto a mão dele e ele sai, inseguro, em direção à médica.

Assim que o Alejandro solta a minha mão, vem outra contração e eu sinto um alívio. Toda dor e todo o desconforto vão embora, e segundos depois, eu escuto um choro...

— Corte o cordão, Alejandro. — Não consigo ver nem sentir nada, só aquela emoção explosiva dentro de mim. Agora é tudo real, agora eu e ele éramos pais.

Em lágrimas, Alejandro vem até mim com um embrulho nas mãos. Só consigo ver duas mãozinhas se movendo, não há choro, só um barulhinho como um resmungo.

— É menino ou menina? Com quem se parece, comigo ou com você? — Olho apreensiva para ele. Meu marido bobão não consegue parar de chorar, tampouco consegue falar. — Alejandro! — Chamo a atenção dele.

Ele me olha e diz, movendo os lábios: *“Eu a amo tanto, Pequena Estrela, obrigado”*

Ele me mostra o pequeno boneco embrulhado em um lençol branco. Olho para aquele pequeno ser nos braços do pai e fico o admirando.

— Ele se parece com um bebê, como assim? Pensei que iria se parecer com você... Alejandro?

Meu marido está abobalhado com o nosso bebê nos braços, as lágrimas descem dos seus olhos feito cascata. *Será que os homens se comportam assim mesmo?*

— Amor! — Ele nem pisca, fica olhando estagnado para o bebê. — Alejandro, eu vou morrer se você não olhar para mim. — Preciso fazer drama para ter um pouco da sua atenção.

Finalmente, ele me olha. Com o olhar preocupado, coloca nosso filho perto de mim e beija meus lábios.

— Ela é linda, meu amor. Ela é uma princesa igualzinha a mamãe dela. Agora eu vou ter que comprar uma arma, essa será minha prioridade a partir de hoje, pois não vou deixar nenhum moleque chegar perto da nossa princesa.

Eu o beijo. Fico olhando aquele homem

lindo, todo sorridente, com os olhos vermelhos e os lábios trêmulos. Ele será um pai perfeito, minha linda princesa será tão mimada e protegida quanto eu sou. O beijo novamente.

— Ela é linda, amor. Nós a fizemos, somos os responsáveis por esta perfeição, nossa menininha, Alejandro, nossa adorável menininha...

A enfermeira vem até mim e a toma dos meus braços. Alejandro olha para a moça com um olhar de bravo.

— Desculpe, papai, mas precisamos pesar e medir sua princesa, e depois ela vai passar por uma avaliação, mas não se preocupe, logo, logo ela estará no quarto com vocês.

Ela se vai, e sinto um vazio e uma vontade de chorar, mas assim que sinto o toque dos dedos de Alejandro em minha pele, me

acalmo. Ele está ali, e eu sei que ninguém, em
sã consciência, ousaria chegar perto nem de
mim e nem de nossa filha.

Dra. Giovana pede para o Alejandro sair e
me esperar no quarto. Ele reluta, mas é
convencido a ver nossa filha no berçário, só
assim ele vai.

Uma hora depois, entro em um quarto cor-
de-rosa, com flores espalhadas e bichinhos de
pelúcia antialérgicos por toda a mobília.
Alfonso, Lourenço e Lorena sorridentes e o
meu marido lindo ao meu lado, ele não solta
minha mão.

— Nossa neta é a menininha mais linda do
berçário, e a mais comportada também.
Enquanto os outros choram sem parar, ela
permanece caladinha, só mexendo os
bracinhos e as perninhas.

— Já mandei a roupinha dela — Alejandro fala, emburrado — Você sabia que nossa filha é a única menina do berçário? Ela estava lá, pelada, no meio de sete meninos. Não, não concordei com isso, já ia reclamar com a enfermeira, só fiquei quieto porque ela me disse que nossa filha já estava vindo para o quarto. Onde já se viu isso, deixar minha filha no meio de sete marmanjos.

— Alejandro! — Ralho com ele — São bebês, eles não vão seduzir nossa filha. Nossa mãe de Jesus! Pare com isso!

Ele entorta a boca, depois ri torto.

— Depois de você, ela é meu bem mais precioso. São bebês, mas são meninos, e não quero nem saber, todo cuidado é pouco.

— Concordo, irmão — Completa Alfonso — Tem todo o meu apoio, nenhum menino vai

chegar perto da minha sobrinha.

— Assino embaixo — Concorde Lourenço — Ora, onde já se viu, deixar nossa princesa cercada por marmanjos, mesmo que sejam bebês, eles são meninos.

— O machismo reina nesse quarto. — Lorena se aproxima — Esperem ela crescer, só quero ver quando ela passar a perna nos três, vão se iludindo.

Rimos ao mesmo tempo.

Meia hora depois, uma enfermeira traz a nossa filha.

— Boa tarde! Olha quem veio ficar com a mamãe e o papai. — Ela a colocou em meus braços — Sua filhinha é super saudável, nasceu com 2,950kg e 56cm. Ela é muito quietinha, uma verdadeira princesa. — A enfermeira se afasta e entrega um papel para o Alejandro. —

Aqui é o documento para o senhor registrar sua filha. Qual o nome da linda princesa?

Todos olham para mim.

— Então, minha Pequena Estrela, já sabe qual será o nome da nossa menina? Ficou acertado que se fosse menino eu escolheria o nome, e você o da menina.

Sim, eu já sei qual seria o nome. Olho para o Alejandro e para o Lourenço.

— Essa linda princesa se chamará Isabelle.

— Estrela, você não...

Alejandro engasga, e eu vejo os seus olhos marejarem. Olho para o Lourenço, e ele já está em prantos.

— Nada mais justo do que eu dar o nome da Isabelle à minha filha — eu também fico emocionada, aliás, todos naquele quarto ficam

emocionados, até a enfermeira, que não sabia de nada, fica emocionada. Fito meu marido com amor — Alejandro, a Isabelle me devolveu a visão, ela me deu você, me deu um pai, um irmão e uma mãe, e o resultado de toda essa doação está aqui em meus braços, então é justo que nossa filha receba o nome de Isabelle Oliveira Ortega...

Não consigo continuar falando, pois, a emoção toma conta de mim, e o choro vem. Sou abraçada por meu marido, e sinto o seu amor explodindo através das lágrimas do seu rosto. Em seguida, o Lourenço vem e me beija a testa.

— Obrigado, minha filha, você não imagina a minha alegria. Obrigado, minha filha querida.

A emoção se estampa no rosto de todos. O

ciclo se completa; Alfonso ainda carrega a culpa por não ter protegido a Isabelle no dia do acidente, agora está feliz, finalmente a dor da culpa foi embora quando segura a pequena Isabelle nos braços, a luz do olhar dele é linda de se ver. Lourenço, quando olha a neta, o rosto se ilumina, e se ainda existia alguma dor em seu coração, ela foi curada com a chegada da pequena Isabelle. E o meu lindo e maravilhoso marido está vivo, feliz, amando e sendo muito amado.

Enfim, a dor passou, o desespero se perdeu no meio do caminho e novas flores nasceram, dando um ar alegre à vida dos que ficaram. A vida não acaba, ela não morre.

O renascer vem para quem quer continuar a sorrir. Mesmo quando tudo parece estar perdido, mesmo quando todas as portas se

PERIGOSAS

fecham, há sempre uma brecha onde um raio de luz passa e consegue iluminar um pedaço do seu caminho; ele está ali, basta você olhar em direção a ele.

Isabelle Oliveira Ortega nasceu no dia 09 de junho de 2017, às onze horas e quarenta e cinco minutos. Uma menina loirinha, de olhos verdes. Se parecia com o pai, não nos dava trabalho algum, ela só chora para mamar e quando está molhada. Adorava tomar banho e escutar o pai cantar e dançar com ela nos braços.

Alejandro fica quase o tempo todo com ela nos braços, ele a levava para tomar banho de sol, a colocava para arrotar, trocava as fraldas dela, até banho ele dava. Quando era preciso, ela dormia em seu peito, escutando as batidas do seu coração.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Eu... eu estou feliz, pois sou muito amada pelo melhor homem do mundo. E agora o melhor pai do mundo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Próxima História

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sensibilidade

NACIONAIS - ACHERON

Apresentação

Amor, palavra pura, doce e complicada.

Um amor que nasceu na infância, amor puro, sensato, protetor, amigo. Duas crianças se apaixonaram, mesmo sem saber o significado daquele sentimento, elas se comprometeram, prometeram se amar até que não existisse mais vida nelas. Elas tinham a certeza de que isso aconteceria, pensavam que nada no mundo poderia separá-los. No entanto, a vida, em seus caminhos misteriosos, um dia resolveu afastá-los, e o amor dos dois inocentes foi interrompido, mas não conseguiu ser esquecido.

Tanto Bianca como Anthony não conseguiram esquecer esse sentimento que os acompanhou durante a adolescência e

continuou presente em suas vidas adultas. Mesmo sutilmente, mesmo sem rosto, eles não se esqueceram do calor do sentimento inexplicável que invadiam suas almas aflitas. Almas sedentas por respostas, almas necessitadas uma da outra.

Bianca foi levada para longe de Anthony quando ainda tinha cinco anos, e ele, oito; uma fatalidade os afastou. Aquele amor inocente foi impedido de crescer. Hoje os dois jovens vivem suas vidas sem saber um do outro. Desde o dia da separação, eles nunca mais se viram ou tiveram notícias um do outro, cada um seguiu o seu caminho, mas os vestígios daquele sentimento impregnaram-se neles de um jeito que ambos sentem que algo está faltando em suas vidas. Eles não sabem o que pode ser, pois ambos são saudáveis, têm uma vida boa, são independentes, estabilizados financeiramente,

NACIONAIS - ACHERON

realizados profissionalmente, mas falta-lhes algo, eles sentem esse vazio gritante dentro deles.

Como tudo na vida que vai, volta, mais uma vez a vida resolve mudar a rota dos dois jovens: Bianca e Anthony terão a chance de se reencontrar após vinte e quatro anos.

Eles não se reconhecerão, mas as suas almas, sim.

Será que o amor irá reflorescer no coração dos dois jovens? Será possível um amor de infância sobreviver a tanto tempo? Será que a sensibilidade dos sentimentos de Bianca e Anthony virá à tona?

Dizem que o amor verdadeiro nunca morre... Será isso verdade?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Prólogo

NACIONAIS - ACHERON

Brasil - 1991

O Brasil pegava fogo na política. Os escândalos do atual presidente deixaram o país a bancarrotas e os brasileiros sofreram as consequências de uma política mal administrada.

Mas não foi um ano tão ruim assim, em outras áreas: nosso Ayrton Senna conquistou o tricampeonato mundial de fórmula 1, no Japão.

Também foi o ano especial para duas pessoas se conhecerem e fazerem sua história.

— Filha, você ajuda o papai com essa caixa?

— Sim, o senhor quer que eu a coloque onde?

— Ali, na varanda, minha princesa.

A garotinha saiu toda serelepe com a pequena caixa nas mãos, sentia-se a pessoa mais feliz do mundo por estar ajudando o pai na mudança. A pequena Bianca, ou Bibi, como era chamada carinhosamente pelo pai, só tinha 3 anos de idade, e para ela sempre era uma festa quando mudavam para outra casa.

O pai de Bianca se chamava Luiz Alberto e vivia mudando de endereço quase sempre, de acordo com o humor da sua esposa. Tatiana Cristine, uma mulher jovem e muito bonita, mas com sérios problemas de saúde, tem transtorno bipolar. Dois anos após o casamento, Tatiana começou a apresentar uma mudança de humor repentina; ela começava o dia alegre e, do nada, ficava triste, desanimada, se isolando de todos. Com o tempo, ela passou a ficar agressiva e piorou quando ela ficou grávida de Bianca, pois precisou parar com a

NACIONAIS - ACHERON

medicação. Desde o nascimento da filha, esta é a terceira casa para a qual eles se mudam. Tatiana tendia a implicar com os vizinhos, chegando até a partir para a agressão verbal e, ultimamente, física. Luiz é major da polícia militar, e isso facilita a sua vida, pois ele podia pedir transferência sempre que precisar.

No entanto, essas mudanças não são boas para Bibi, ela já está na escolinha e isso vai prejudicar muito o seu rendimento no aprendizado. Ele já tentou de tudo para ajudar a esposa, inclusive já a internou por um tempo em uma clínica especializada, melhorou bastante, mas vez ou outra ela tem crises fortes e tudo desanda. Luiz já não sabe o que fazer. Ele amava a esposa, mas amava muito mais a filha, e ela se tornou o centro das suas atenções e cuidados, e ultimamente ele andava preocupado, pois Tatiana andava muito

NACIONAIS - ACHERON

agressiva com a filha, já flagrara a esposa gritando com a menina várias vezes.

Os médicos disseram que, com esse novo tratamento, haveria uma grande melhora e a Tatiana irá poder levar uma vida normal, e tudo ficará bem, o importante era mantê-la protegida e amada.

Ele estava tentando fazer com que ela se sentisse amada, o que não era muito fácil, pois Tatiana vivia tendo crises de ciúmes constantes e eles brigavam muito.

Luiz parou diante da grande casa que acabara de alugar: ela era de dois andares, com um jardim enorme e espaço suficiente para a filha brincar, localizada em um condomínio fechado perto da praia. Ao lado da casa dele, ficava a casa mais bonita e luxuosa do condomínio, pertencia a um usineiro. Luiz

pouco sabia sobre o seu vizinho, mas o pouco que descobriu foi que o velho tinha perdido o filho e a nora em um acidente de avião e ele e a esposa ficaram com a guarda do único neto, um menino de 6 anos, que estudava na escola que ele tinha acabado de matricular a sua filha.

— Papai, papai... — Bianca puxava impientemente a calça do pai. — Papai... Papai!

Ele largou a caixa de qualquer jeito no chão para dar atenção a filha.

— Sim, minha princesa, o que foi?

— Eu posso brincar no quintal, lá tem um balanço, posso papai?

Luiz olhou para Tatiana, ela tinha acabado de chegar na porta da frente da casa, querendo saber os motivos dos gritos da filha.

— O que você acha, amor, ela pode brincar

NACIONAIS - ACHERON

lá no fundo?

Tatiana sorriu, estendeu a mão e chamou a filha.

— Venha, Bibi, vamos ver se esse balanço é seguro.

A menininha de cachos dourados e olhos claros saiu correndo ao encontro da mãe, segurou em sua mão, e as duas foram para o quintal.

O fundo da casa era espaçoso. Estava com grama alta e um pouco de sujeira, mas após uma boa capinada e limpeza, seria um bom lugar para Bibi brincar. A cerca ao lado precisava de concerto, ela dava para o quintal do vizinho, e se eles tivessem algum animal, certamente viriam para o quintal da Tatiana.

Ela logo se arrepiou com esta hipótese, pois detestava bichos.

— Venha, Bibi, vamos ver o seu balanço.

O balanço ficava preso entre duas estacas de ferro, elas sustentavam uma plataforma de onde desciam duas correntes presas a uma cadeira também de ferro, com um assento emborrachado.

Tatiana se sentou no balanço e se balançou por alguns segundos.

— Pronto, Bibi, mamãe se certificou que é seguro, venha, vou sentar você.

Ela pegou a filha e a colocou no balanço, começando a empurrá-lo. Bibi começou a sorrir de alegria.

— Mais alto, mamãe, é muito bom... — Tatiana empurrou mais alto, ela ria junto com a filha. — Mais, mamãe.

— Eu posso brincar também? — perguntou uma vozinha atrás de Tatiana. Uma voz

NACIONAIS - ACHERON

branda.

Tatiana parou de balançar a Bibi e olhou para trás.

Era um garotinho, que aparentava ser mais velho do que sua filha. Ele tinha os cabelos loiros e lindos olhos azuis.

— Olá! — Tatiana cumprimentou o menino com alegria. — Quem é você? De onde você veio?

Ele sorriu e olhou para trás, apontando o dedo. — Eu moro ali, meu nome é Tito, sou o seu vizinho, moro com minha avó Maria e o meu avô Leonel. — Ele sorriu — Posso brincar também?

Tatiana devolveu o riso, virou para Bibi e perguntou:

— Bibi, ele pode brincar com você?

Bibi tentou descer do balanço, mas como ela era pequenina, não estava conseguindo. Tito correu até ela e a ajudou a descer.

— Oi, Bibi, meu nome é Tito, você quer ser minha amiga? Posso balançar você sempre que quiser, quando a sua mãe não puder eu cuido de você.

Tatiana achou tão lindo o que aquele garotinho disse, que ficou com vontade de abraçá-lo.

— Então, filha, estamos diante de um pequeno cavalheiro, meninos assim, quando crescem, se tornam homens maravilhosos...

— Como o papai? — Bibi olhou expressivamente para a mãe e perguntou.

Tatiana se surpreendeu com a afirmação e respondeu, sorrindo:

— Sim, Bibi, como o seu papai...

— Então eu quero brincar com ele.

— Então está bem. Venha, Tito, sente-se no balanço que vou empurrá-lo.

Tito olhou para Tatiana e disse:

— Não, me deixe brincando com Bibi, quando ela se cansar eu brinco, eu posso ficar empurrando ela, prometo que empurro devagar.

Tatiana se emocionou com a maneira que o menino se portava, ele parecia tão esperto, tão dono de si.

— Tito, quantos anos você tem? — Ela perguntou, queria saber se a idade dele era compatível com tanta determinação.

— Eu tenho seis anos, senhora.

— Parabéns, você é muito esperto e muito inteligente. — Elogiou o pequeno, esfregando a

mão no cabelo loiro dele.

— Vovô diz que eu serei um grande empresário, ele vai me preparar para isso.

Tatiana se admirou com a perspicácia do menino.

— Que bom, Tito. Então tá, você cuida dela para mim? Qualquer coisa é só me chamar.

— Cuidarei dela, sim, pode confiar em mim.

A partir daí, Tito e Bibi não se desgrudaram, nasceu uma grande amizade entre os dois. Pareciam unha e carne.

Bibi foi estudar na mesma escola que o Tito, e lá eles também não se separavam.



Brasil - 1993

Em 1993, o Brasil tentava se equilibrar das pernas. Após o impeachment de Fernando Collor, perdemos dois zeros em nossa moeda e ela passou a se chamar cruzeiro real, e o Brasil foi classificado para a copa nos Estados Unidos.

Tito e Bibi estavam mais unidos do que nunca. Tito protegia sua amiga de tudo e de todos, inclusive da sua mãe. Tatiana, quando estava em suas crises, queria descontar suas dores na filha, ela gritava e batia na menina, só não fazia isso quando o Tito estava presente, por isso ele ficava o tempo todo com sua amiguinha, e quando ele não podia ficar na casa dela, ele a arrastava para a casa dele.

Bianca criou um verdadeiro pavor da mãe, e

ela só não contava para o pai porque Tatiana a ameaçou, dizendo que se isso acontecesse, o pai iria se separar dela e assim as duas ficariam sozinhas, pois os filhos sempre ficam com as mães quando o pai vai embora de casa. Com o Tito a ameaça foi pior, ela disse que se ele contasse para quem quer que fosse, a Bibi seria mandada para um orfanato e ele nunca mais a veria.

Luiz desconfiava das atitudes da esposa, pois ela demonstrava impaciência com a filha, só era amorosa com ela quando estava bem, mas já não adiantava mais, para Bibi a mãe era uma ameaça.

Mesmo o pai contando a verdade sobre o estado de saúde da mãe, Bibi não confiava em Tatiana e tinha verdadeiro pavor de ficar sozinha com ela, por isso ela passava a maior

parte do tempo com o Tito.

Tatiana não se importava, achava até melhor ficar longe da filha, ela tinha a Bibi como uma rival, pois a culpava pelo afastamento do marido, pensava que a filha estava roubando a atenção dele.

Quando Bibi e Tito não estavam na escola, eles estavam ou na praia, ou na casa dele, ou na casa do vizinho. O senhor Manuel era um criador de coelhos e a Bibi adorava bichinhos, mas sua mãe não permitia bichos em casa.

No início de 1992, nasceu uma coelhinha albina, e o senhor Manuel presenteou Bibi com o animalzinho. Como ela não podia levar para casa, ficou com o senhor Manuel. Ele pediu para a Bibi batizá-la, e a menina deu o nome para o seu bichinho de coelhinha...

Tito achou tão engraçado, que apelidou Bibi

de coelhinha, e toda vez que ela estava triste, ele só a chamava assim.

— Coelhinha, fica assim não, eu não vou deixar sua mãe bater em você, se for preciso eu apanho em seu lugar, mas eu juro que ela não encosta um dedo em você, tá bom?

Bibi estava soluçando de tanto chorar. A mãe estava com raiva do pai, porque ele ligou para avisar que chegaria mais tarde em casa. Luiz agora era o comandante do batalhão da cidade, e com isso ele não tinha horários, mas a Tatiana não entendia isso e sempre achava que ele tinha uma amante na rua. Como não podia jogar sua raiva no marido, ela jogava na filha. E hoje ela prometeu dar uma surra na Bibi só porque a menina não quis comer o almoço que ela preparou.

— Tito, a comida estava horrível, ela queria

que eu comesse tudo, eu juro que tentei, mas não deu, estava com o gosto muito ruim. Ela vai me bater quando eu chegar em casa, eu sei que vai.

Tito a abraçou e beijou seus cabelos cacheados.

—Coelhinha, não vou deixar, ninguém nesse mundo vai magoar você, eu prometo. Vou proteger você por todo sempre, viu, você é minha coelhinha de olho vermelho a mais linda de todas...

— Você promete, promete que nunca vai me deixar?

A inocência é linda, o amor entra no coração de todos, até nos mais inocentes. Tito sentia um grande amor por sua amiguinha, era tão grande aquele sentimento que ele chegou a suplicar à avó para pedir ao pai da Bibi para

deixá-la morar com eles. Seus avós quiseram saber o motivo daquele pedido apelativo, mas Tito ficou com medo de contar a verdade e a mãe de Bibi separá-los. Ele só disse que gostaria muito que a Bibi ficasse mais tempo com ele.

O senhor Leonel achava lindo a preocupação do neto, ele só tinha oito anos e já era um menino superprotetor com os seus amigos.

Tito abraçou bem apertado sua coelhinha, e com o rosto escondido em seus cachinhos loiros, disse:

— Nunca a deixarei, e quando eu crescer vou comprar uma casa grandona e branca, vou me casar com você e teremos um montão de filhos, cuidarei de você e deles e nunca deixarei você chorar ou sentir dor nem tristeza. Eu juro,

coelhinha, pode acreditar, serei o seu príncipe para sempre. — Tito fitou seus lindos olhinhos azuis, e como por encanto encostou os lábios nos dela. Não havia maldade naquele beijo, era como um pacto da promessa que ele acabara de fazer.

Os dois ficaram se olhando por alguns minutos e depois sorriram.

Bibi envolveu os braços no pescoço dele, e ficou ali agarradinha ao seu amigo príncipe. Ao lado dele ela se sentia protegida e amada, sabia que o seu amigo nunca a magoaria, ele era o seu protetor e sempre poderia contar com ele.

— Tito, eu tenho um presente para você. — Ela suspendeu os cachinhos dourados e puxou o fecho da correntinha que estava em volta do seu pequeno pescoço. — Ajuda aqui, Tito. — Tito abriu o fecho da pequena gargantilha, a

retirou do pescoço de Bibi e a entregou. — Eu quero que você fique com ela, papai me disse que esse homem protege todo mundo, ele vai proteger você, fique com ela sempre perto, certo?

— Bibi, ela é sua, seu pai deu para você, não posso aceitar.

— É minha e eu posso dar a quem eu quiser. Aceite, por favor, ela é sua. — Tito não conseguiu dizer não para sua pequena amiga, e daquele dia em diante, a medalha de São Jorge virou o seu amuleto da sorte.

Eles passaram a tarde inteira brincando, já estava escurecendo quando Tito foi levar a Bibi para casa. Quando eles entraram na sala, a Tatiana estava enfurecida, brigando com alguém ao telefone. Quando ela viu a Bibi, desligou o telefone e partiu para cima da filha.

— A culpa é sua, sua ordinária, seu pai não liga mais para mim por sua culpa. Eu posso estar morrendo, ele não está nem aí, mas quando se trata de você é só atenção. Eu odeio você, odeio você, entendeu? Como eu queria que estivesse morta, sua nojenta, insuportável.

Tatiana enlouqueceu, ela gritava com a Bibi, nem se importava com o Tito. Segurou a menina pelos pequenos braços e começou a sacolejá-la. Quando Tito viu aquilo, ele foi para cima da Tatiana e a empurrou.

— Não toque nela, uma mãe não machuca um filho, uma mãe protege o filho, saia de perto dela, não vou deixar você machucá-la, saia... — Bibi chorava de soluçar, seu corpo trêmulo ficou débil. Tatiana ficou entorpecida com a fúria do menino de oito anos, ela olhava estarecida para ele. — Venha, Bibi, vamos

esperar o seu pai lá em casa.

Quando ouviu Tito dizer isso e o viu puxando a Bibi pela mãozinha, Tatiana puxou a filha pelos cabelos violentamente da mão do Tito. O menino se assustou e foi em defesa da amiga. Ele grudou em Tatiana, chutava as pernas dela e tentava mordê-la.

Tatiana o empurrou, ele caiu no chão, mas não se deu por vencido: se levantou e foi com tudo para cima dela.

Bibi gritava e pedia para a mãe soltá-la, pois estava a machucando. Tatiana continuava a segurando pelos cabelos. Tito foi para cima dela, mas quando Tatiana percebeu a intenção dele, levantou a mão e o estapeou. A mão dela foi direto no rosto dele, e assim que ele recebeu a tapa, gritou e caiu no chão.

— Tito, Tito — Bibi gritava, desesperada —

Corra daqui, vá embora, fuja, por favor, vá embora...

Tito se levantou com o rosto coberto de sangue. O anel que estava na mão direita da Tatiana cortou o rosto do menino, bem no maxilar.

— Meu Deus! O que eu fiz? — Ela gritou, soltou a filha e correu em direção ao menino — Tito, meu menino, me perdoe, eu não sei o que me deu... Tito, você me perdoa...

O menino olhou para ela, assustado e com raiva. Ele se livrou das mãos dela, e aproveitando que ela estava atordoada, puxou a Bibi pela mão e os dois saíram correndo da casa.

Naquela noite, a polícia foi chamada. Os avós do Tito iriam dar queixa de agressão contra a Tatiana. O pai da Bibi foi avisado e já

estava a caminho. Ele já não suportava aquela situação e havia avisado à Tatiana que, mais uma crise violenta dela, ele a internaria.

Tito e Bibi foram para o hospital, Luiz ficou de encontrá-los lá, antes ele iria até em casa ver como ficaria a situação da esposa. Quando a viatura de polícia chegou, encontrou a casa no escuro, não havia sinal de ninguém em casa, chegaram até pensar que Tatiana havia fugido, mas quando chegaram ao quarto, a encontraram no chão do banheiro com os pulsos cortados e uma porção de frascos de remédios controlados boiando na poça de sangue em volta do seu corpo.

Tatiana já estava morta. Depois desse dia, Tito e Bibi não se viram mais.

O corpo de Tatiana foi enviado para sua cidade natal para o sepultamento, um

caminhão de mudança foi mandado para a casa da Bibi, eles empacotaram tudo sem os donos da casa presente. Bibi foi morar em outra cidade. E nunca mais soube notícia do seu amigo protetor. Nem ele soube notícias dela.

Eles cresceram em cidades diferentes, suas vidas transcorreram normalmente, fizeram novas amizades, namoraram, se apaixonaram. Com o tempo, as lembranças foram se estacionando, a saudade foi diminuindo e o que ficou foi o vestígio de um sentimento inocente, mas muito forte, e aquele sentimento os acompanhou até a vida adulta.

Capítulo 1

Dias atuais

Meu pai nunca foi pontual. Mesmo quando eu lhe digo para chegar no horário, ele sempre atrasa. Tentei até incentivá-lo, avisando-lhe que faria a sua comida favorita, *sufê de queijo*, mas mesmo sabendo que comer suflê frio é horrível, nem assim ele consegue ser pontual.

Meu celular tocou e corri para atendê-lo, mas quando vi a foto no visor, desanimei. Desliguei o celular e me sentei no sofá. A campainha tocou, levantei rapidamente e corri até a porta. Olhei pelo olho mágico e sorri.

Abri a porta já dando bronca.

— Poxa, pai, meia hora atrasado, o senhor não muda mesmo.

Meu velho abriu os braços, sorrindo. Ele
NACIONAIS - ACHERON

sabe jogar charme, principalmente para sua filha, que é caidinha por ele.

— Boa noite, minha princesa! Para que a pressa, por acaso vai tirar o pai da força?

— Engraçadinho! — Me joguei em seus braços e o beijei no rosto. — Estava fazendo o quê? Já sei, trabalhando... Pai, o senhor tem que se divertir, viajar, namorar...

Pisquei o olho para ele. Ele me deu o braço e fomos para a mesa.

— A conversa já ficou chata, vamos embora que eu estou com fome, cadê o suflê de queijo e a cervejinha gelada...

Papai fugia do assunto namoro. Ele namora, mas quando eu digo “namoro”, é algo sério, uma mulher para dormir e acordar ao lado dele, alguém para cuidar dele quando eu não estiver presente, principalmente agora, que

estou indo passar alguns meses fora.

— Só o senhor mesmo para comer suflê com cerveja, Deus do céu!

— Filha, gosto e bunda todo mundo tem a sua, portanto, não enrola e manda pra cá a única loira que gosto gelada.

Tivemos um jantar agradável, ele contou-me sobre o seu dia no batalhão, os olhos dele brilhavam enquanto conversávamos. Mesmo não tendo tempo para nada, meu pai estava feliz, agora ele é tenente-coronel e sua vida é uma tremenda bagunça. Quando a mamãe morreu, ele tirou um tempo para cuidar de mim, aceitou uma função administrativa, e assim ficava muito mais tempo ao meu lado, e foi assim até que entrei na faculdade, depois disso ele se entregou de vez à rotina da polícia.

Depois que ele me ajudou com a louça,

fomos para varanda. Moro no terceiro andar de um prédio com vista para o mar, gosto de escutar o som das ondas, elas me trazem uma nostalgia gostosa de sentir. Sentamos em nossas espreguiçadeiras, ele com uma cerveja na mão e eu com uma xícara de café.

— Bibi, o que foi, o que você tem de tão urgente para me contar? Eu te conheço, sei que algo muito sério está a incomodando. É o Leo?

Papai sabia ler minha mente, ele sempre foi assim, não conseguia esconder nada dele. Todas as vezes que estava passando por alguma adversidade, ele me interpelava e pronto, eu contava tudo.

— É, papai. Descobri uma coisa sobre o Leo e não sei como resolver isso, aliás, eu sei, só não sei se é o certo a fazer.

Leonardo é meu noivo, estamos juntos

desde o meu quinto semestre da faculdade. Ele era professor, não meu, fiz fisioterapia, ele é jornalista. Ficamos noivos há quase oito meses, e estamos pretendendo nos casar em dezembro do ano que vem, quer dizer, pretendia, agora não sei mais se quero.

— O que ele aprontou, minha filha? Quer que eu dê um corretivo nele, posso fazer isso, é só pedir...

— Não! Por Deus, pai, que horror, claro que não quero isso. O caso é sério, mas não há necessidade de corretivo, e sim de decisão.

Papai me olhou curioso, na certa já pensou o óbvio... Traição.

— O sacana te chifrou, foi isso? Filho da puta, merece um corretivo bem dado.

— Pai, quer parar? — comecei a me arrepender de chamá-lo para conversar. —

Lembra que o Leo foi fazer aquela reportagem nos Emirados Árabes? Ele passou três meses lá e voltou há uma semana.

— Lembro.

— Pois é, ele foi com a Vanessa, uma das editoras do jornal. E na noite em que ele voltou, enquanto tomava banho, resolvi ver as filmagens e fotos da câmera dele, e um dos vídeos que assisti não era bem sobre o país... — engoli o bolo nervoso que se formou em minha garganta. Bebi o café quente para ajudar. — Era a filmagem dele e da Vanessa, transando no hotel...

— Que porra é essa, filha! Essa Vanessa não é casada? Filha de uma puta rameira... E aí? Você o mandou à merda? Mandou ou não mandou?

— Pai, eu e o Leo estamos juntos há muito

tempo...

— Não, a senhora não vai perdoar esse crápula, ele merece perder o pau, filha.

— Senhor Luiz Alberto, se comporte, eu o chamei aqui para me ajudar, e não colocar fogo na fogueira.

— Bibi, você o ama, você ama o Leonardo?

— Eu não sei mais, o problema é esse, eu pensei que o amava, ele era... Até antes de ele começar a viajar, o meu príncipe, sabe, aquele cara protetor, amigo, companheiro, nunca me deixava sozinha, mas depois que ele começou a viajar, ficou distante, frio, ele mudou muito, ficou igual aos outros meus namorados.

— Filha, príncipes não existem, eu já lhe disse isso, os homens são assim, uns filhos da mãe, alguns são melhores, outros são piores e outros só matando, tipo o seu noivo.

— Pai, quer parar. O Leo nunca me traiu, foi a primeira vez, ele me disse que foi o calor do momento, ele estava sem fazer sexo há três meses, os dois estavam trabalhando até tarde, a câmera estava ligada e eles nem perceberam, e na quinta taça de vinho pintou um clima e os dois transaram. No outro dia ficou estranho, então resolveram vir embora, ele nem sabia que havia filmado a transa, o Leo jurou que foi só tesão de momento, a Vanessa ficou tão constrangida que pediu transferência.

— E você acredita nele? Bibi, se você o ama, dê uma nova chance para o cachorro...

Desculpe-me! Dê uma nova chance para o Leo, mas saiba que sempre haverá a sombra da desconfiança pairando sobre a sua cabeça.

— Eu sei, pai, o problema é esse, eu não sei se quero dar uma nova chance. Sim, ainda

gosto dele, sinto saudades, já chorei tanto, no entanto, não sei se quero continuar com esse relacionamento, por isso resolvi aceitar uma proposta de emprego que a clínica me ofereceu...

— Emprego? — ele me interrompeu — Como assim? Quando você ia me contar sobre isso? Bibi, você enlouqueceu? Filha, você lutou tanto por esse emprego, estudou tanto para ser aceita nessa clínica, e agora vai largar tudo, por causa do Leo?

— Não, pai, foi a própria clínica que me ofereceu essa vaga. No mês, passado fui chamada à sala do diretor e eles me falaram sobre o emprego. É uma oportunidade única. Um rico empresário sofreu um acidente e os seus membros inferiores estão paralisados, como eu sou a mais indicada e especializada

nessa área, a vaga é minha. Pedi um tempo para pensar, eu precisava conversar com o Leo, pois teria que mudar para a cidade do cliente e morar em sua propriedade por alguns meses. Já estava convencida de que não aceitaria o emprego, porque o Leo não iria permitir, mas depois do que aconteceu, eu aceitei e viajo amanhã à noite...

Papai deu um gole longo na cerveja, limpou a boca com o dorso da mão, me fitou por um longo tempo.

— Fugir do problema vai adiantar em quê? Não criei você com tanto amor, para virar uma fujona...

— Não estou fugindo, pai, só quero um tempo longe de tudo para pensar, quero sentir saudades dele, quero ficar com uma vontade louca de voltar para os braços dele. Se isso não

acontecer, saberei que fiz a coisa certa. Preciso fazer isso.

— Onde fica essa cidade?

— No interior do Nordeste, chama-se Rio Doce, o cara é dono da metade da cidade. Meu patrão disse que ele herdou uma usina de cana-de-açúcar e, em três anos, duas outras surgiram nos arredores da cidade, o cara tem o dom para o negócio. Hoje ele o maior produtor da região do Nordeste, ele investiu na clínica, vai abrir uma filial na cidade, e tudo por conta dele. Em troca, ele quer o melhor fisioterapeuta para ajudá-lo a sair da cadeira de rodas. Será um desafio para mim, e o senhor sabe que adoro desafios.

Recebi um sorriso, papai se levantou, estendeu a mão para mim; a aceitei. Fui puxada para cima e recebi um abraço.

— Você é meu orgulho, minha filha. Posso levá-la ao aeroporto?

Beijei o rosto querido do meu pai, eu o amava mais que tudo em minha vida.

— Pensei nisso agora, senhor teimoso... — afastei-me dele, fitando aquele rosto querido — Pai, me prometa que vai se cuidar. Eu vou ligar para o senhor todos os dias, não sei quanto tempo ficarei fora, portanto, prometa-me que irá se cuidar, promete?

— Sim, senhora, eu prometo — cruzou os dedos e os beijou de um lado e do outro — Não se preocupe, princesa, sou velho de guerra, ficarei bem, com saudade, mas ficarei bem, ok?

— Vê lá, pai, quando eu chegar à cidade mando todos os meus contatos novos, e quero que vá me visitar sempre que puder, já que não posso me ausentar do emprego.

Bateu uma tristeza, nunca fiquei longe do meu pai por muito tempo, só quando viajava de férias, mas era, no máximo, de quinze a vinte dias. Ele era o meu porto seguro, minha bússola, papai e eu éramos um só. Cuidávamos um do outro, sempre foi assim, desde o dia em que mamãe morreu. Eu não me lembro da morte dela, mas eu sabia que ela estava muito doente. Tinha apenas cinco anos quando tudo aconteceu, só me lembro de sentir muita saudade de um menino, não lembro mais o nome dele, se perdeu em minha memória com o tempo. Papai me disse que era um amigo muito querido e nós éramos muito unidos, por isso sentia tanta falta dele. Ele me disse o seu nome, mas não lembro mais, faz tanto tempo, acho que ele foi muito especial para minha infância, para ficar tanto tempo em meu coração.

Levei papai até o carro. Combinei com ele que viria uma vez por semana limpar o meu apartamento e ligar o meu carro, e de quinze em quinze dias ele sairia com ele e o levaria para lavar.

Pela manhã liguei para o Leo, não quis vê-lo, pois corria o risco de me arrepender e dar a chance que ele tanto queria, por isso resolvi conversar via chamada de vídeo. contei que estava embarcando hoje à noite para o nordeste e não sabia quanto tempo ficaria por lá. Deixei-o livre, ele não precisava ficar preso a mim, nosso noivado estava em pausa, e o nosso casamento suspenso, ou seja, ele estava livre para ficar com quem quisesse, e eu também estava dando a ele, e a mim, a prova final se realmente nos amávamos o suficiente para ficarmos longe um do outro, sem conseguirmos pensar ou querer ficar com

NACIONAIS - ACHERON

outra pessoa. Pedi para ele não me ligar e nem tentar me encontrar, se quando eu voltasse ainda existisse saudade e paixão entre nós dois, então começaríamos do zero. Ele tentou me convencer que me amava, queria vir me ver, pediu perdão, chorou, suplicou para que eu não desistisse de nós dois, mas fui inflexível, dizendo-lhe não. Por fim, ele aceitou e nos despedimos por telefone, um adeus magoado, frio.

Talvez esse relacionamento não fosse para acontecer mesmo, pois só agora eu me dei conta, o Leonardo não é o homem dos meus sonhos. Não que ele seja feio ou desagradável, ao contrário; o Leo é lindo, extrovertido, tem personalidade marcante, é inteligente e muito divertido, mas não é, o meu príncipe.

Desde adolescente, idealizava o meu

príncipe como sendo alto, cabelos loiros escuros, olhos azuis, rosto com traços fortes e marcantes, carinhoso, atencioso, mandão e muiiito protetor, aquele cara que cuida do que é seu com extremo zelo. Acho que foi por isso que nunca fiquei por muito tempo com um namorado, vivia comparando os coitados com o meu príncipe imaginário.

Eu pensei que havia encontrado no Leo o príncipe dos meus sonhos, mas me enganei terrivelmente. Acho melhor começar a procurar e aceitar os homens normais.



13 de março, Rio Doce, Brasil.

Embarquei para o Nordeste às dezenove e vinte minutos, cheguei em Rio Doce à zero hora e dez minutos. O motorista, que me pegou no aeroporto da capital, disse-me que levaríamos algumas horas para chegar a Rio Doce, pois a rodovia estava muito esburacada. Na verdade, ele foi até modesto quando disse a palavra “muito”: a rodovia parecia uma peneira de tantos buracos, só melhorou quando chegamos à entrada da cidade, a estrada parecia uma passarela de tão lisa que era. Deixou-me em um hotel da cidade, ele viria me pegar na manhã seguinte. Já estava tudo pago, nem precisei passar na recepção, fui direto para o quarto. Só tive ânimo de tomar um banho e cair na cama.

Acordei com o meu celular tocando,
NACIONAIS - ACHERON

desesperado. Estava tão cansada que nem o senti vibrar por baixo do travesseiro. Ainda muito sonolenta e completamente fora do prumo, o atendi.

— Alô! — Bocejei, meus olhos tentando se acostumar com a claridade.

— Bom dia, senhorita Bianca. — Ao reconhecer a voz, dei um pulo da cama, só então percebi onde estava.

— Bom dia, senhor Almir! Des-desculpe-me, eu... eu...

Olhei para o relógio: eram mais de oito horas. Fiquei completamente embaraçada e constrangida. Meu primeiro dia de trabalho e já estava atrasada.

— Fique tranquila, senhorita, só liguei para avisá-la que às dez horas irei pegá-la no hotel, o senhor Anthony estará à sua espera. Tudo

bem para a senhorita?

— Sim... sim, estarei pronta às dez, até lá.

Ele desligou. Corri para o banheiro, eu precisava dar um jeito em minha cara de cansada, não seria nada agradável aparecer na frente do meu mais novo patrão com um aspecto de exausta e toda maltrapilha.

Foi o banho mais prazeroso que já tomei, deixei todo o meu cansaço escorrer pelo ralo. Depois da ducha, vesti uma calça jeans escura, uma blusa de seda bege em gola canoa, com abertura em botões de pérolas nos ombros, calcei sandálias altas vermelhas, brincos discretos, no pescoço um cordão de ouro com um pequeno crucifixo, presente do papai. Dei uma rápida olhada no espelho para ver se não tinha exagerado na roupa.

Bem, para a minha apresentação está

ótima, quando começar as atividades, minhas roupas serão outras.

Não gosto muito de maquiagem, mas resolvi usar rímel e um batom em tom rosa.

Você está ótima, Bibi.

Desci para o restaurante, mas antes passei na recepção e pedi para descer minha bagagem.

Às nove e quinze, o Almir chegou. Minha bagagem foi colocada no carro e partimos rumo à propriedade do meu contratante.

Sáímos da cidade, percorremos alguns quilômetros em uma estrada muito bem cuidada e cercada de girassóis. Ao horizonte, podia ver as plantações de cana-de-açúcar, e um cheiro muito desagradável começou a me enjoar. Pus a palma da mão do nariz, virando o rosto para o lado contrário do Almir.

— Logo a senhorita irá se acostumar ao cheiro. — Ele olhou para mim rapidamente e sorriu.

— Acostumar-me a cheiro de merda? — repliquei com espanto. — Nossa! Esse odor acabou com a beleza desse lugar.

Ele soltou uma gargalhada.

— Todo lugar que tiver uma usina de cana-de-açúcar tem esse odor, ele vem da vinhaça... — olhou para mim novamente. — A vinhaça é um produto derivado da produção do álcool, sendo que a cada 1 litro do combustível produzido, de 13 a 14 litros é extraído vinhaça. O odor é decorrente da produção, mais precisamente da quantidade de levedura que fica no álcool, ou seja, acontece uma levedura no caldo da cana-de-açúcar e ele se transforma em álcool, e às vezes, por algum desvio de

processo, fica um resíduo da vinhaça e, conseqüentemente, se permanecer um resíduo fica o odor. Não faz mal ao ser humano, é desagradável, mas com o tempo você se acostuma.

— Sei não, não sei se irei me acostumar a isso.

O automóvel se afastou dos girassóis, entramos em uma estrada cercada de árvores altas de um lado ao outro. Pude ver alguns pinheiros, coqueiros, mas as demais árvores eram enormes. O odor malcheiroso desapareceu. O carro andou mais uns vinte minutos, até que avistei um grande portão de ferro. Ele se abriu, então o meu queixo caiu.

Assim que o carro entrou pelos portões, pude ver uma enorme casa branca, havia tantas portas e janelas nela que eu não

conseguiria contá-las sem apontar. A casa era em estilo colonial, de dois andares, e estava cercada de um imenso jardim e muitas, muitas árvores. Almir parou o carro em frente à enorme escada.

Alguns empregados vieram em nossa direção.

— Leve as bagagens para a casa de hóspede.
— Ele disse para um rapaz, depois virou-se para mim. — O senhor Anthony achou melhor hospedá-la na casa de hóspede, você terá mais privacidade.

Só sorri para ele, ia dizer o quê?

Entramos na grande casa. Por dentro ela parecia bem maior. Fiz uma avaliação detalhada do local. Em torno da enorme sala ricamente decorada, havia uma grande escada e um pequeno elevador adaptado,

provavelmente foi instalado ali devido ao estado de saúde do dono da casa.

Almir me pediu licença, disse que ia avisar ao senhor Anthony que eu já havia chegado. Ele não demorou nem dois minutos.

— Vamos, o senhor Anthony a espera no gabinete.

O segui até uma grande porta de madeira escura.

Capítulo 2

Ao entrar na sala, corri os olhos ligeiramente em todo ambiente. As cortinas em voal branco dançavam com o vento, um enorme tapete felpudo preto ficava logo na entrada, que se estendia até duas poltronas em couro; muitos quadros decoravam as paredes, vasos de flores estavam espalhados por toda parte, e logo à frente, havia uma enorme mesa em vidro e atrás dela um homem de cabelos loiros escuros, cuja aparência gritava “elegância”. Seu terno escuro era perfeitamente ajustado, como se tivesse sido feito sob medida para o seu peito atlético. Ele estava lendo algo, uma agenda talvez.

— Senhor Anthony, nos dê licença. — Ele levantou os cílios, e nossos olhares se fixaram.

NACIONAIS - ACHERON

Fiquei parada naquele olhar. Ele tinha lindos olhos azuis, nariz bem desenhado, barba bem aparada, e mesmo sentado, percebia-se que ele era alto. O choque em vê-lo fez meu coração quase parar. Meus olhos estavam pregando uma peça... Era ele! O príncipe dos meus sonhos.

Mas não podia ser, pois esse homem só existia em minha imaginação. Bateu uma sensação estranha enquanto o avaliava, tive a impressão de já o conhecer. Veio uma aflição, um aperto no peito, comecei a me sentir sufocada, minhas mãos começaram a ficar suadas, meu coração acelerou ainda mais. Fechei meus olhos e contei até dez antes de abri-los. Não; era ele, igualzinho. Ele me olhava boquiaberto, me avaliava de cima a baixo, e aquele olhar penetrante fez meu sangue ferver. O pânico me invadiu.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Fiquei tonta, tentei me mover e não consegui; tentei falar, mas nenhum som consegui fazer. Um nó se formou em minha garganta, sentimentos estranhos me envolveram, e uma saudade devoradora tomou conta de mim. O ar faltou em meus pulmões, e se não me segurasse no braço do Almir, eu teria caído. Minhas pernas vacilaram, de tão trêmulas que estavam.

— Senhorita Bianca! — Escutei o meu nome ser chamado como se a pessoa estivesse distante. — Senhorita Bianca, meu Deus!

Alguém alterou a voz, chamando o Almir.

— Almir, segure-a, ela vai cair...

Fui amparada, e por alguns segundos perdi os sentidos, a escuridão tomou os meus olhos, senti-me muito zozza.

— Senhorita Bianca, acorde, acorde...

NACIONAIS - ACHERON

— Acho melhor chamarmos um médico — uma voz masculina, grossa e muito marcante, disse com preocupação. — Mercedes, traga-me um copo com água o mais rápido possível. — ele falou com alguém. Eu não conseguia abrir os olhos, nem me concentrar.

— Senhorita Bianca, olhe para mim... — Almir esfregava meus pulsos, sua voz era muito preocupada.

— Des-desculpe-me, já estou melhorando, não... não sei o que me deu... Perdão, senhor Anthony, que vexame... meu Deus!!

Estava muito envergonhada, não sou mulher de ficar desmaiando, sempre fui muito equilibrada, não entendi por que, tão de repente, me senti mal, só lembro que assim que os meus olhos fixaram no homem lindo que estava diante de mim, luzes começaram a

piscar diante dos meus olhos e logo me senti desfalecendo.

— Almir, ajude-a a se sentar. — Agora aquela voz tão grave estava bem próxima a mim.

Consegui me sentar com a ajuda do Almir, ainda me sentia tonta. Respirei fundo, preendi o ar por alguns segundos em meus pulmões, fui soltando-o aos poucos. Meu cérebro foi se oxigenando. Meu olhar foi direto para aqueles olhos azuis, tão expressivos. Meu coração acelerou, o olhar dele varria todo o meu rosto. Senti uma paz dentro de mim, uma sensação de um abraço gostoso...

— Sente-se bem, quer que eu chame um médico? — Escutar a voz dele foi um calmante para os meus nervos. — Bianca, como se sente?

Pisquei os olhos. Olhei para o Almir, depois

PERIGOSAS

fitei o homem de olhos azuis outra vez. Ele estava sentado em sua cadeira de rodas. Vê-lo assim deu-me uma raiva, uma aflição...

Continua...

Outros Romances da Autora

Sr. Estranho

Tão Minha – Livro 3 da série Os Lafaiete

Hands that Heal

The Exchange

50 Tons de Mulher

O Contador

KAEL – nos braços do amor – livro 2

KAEL – renascendo para o amor – Livro 1

Ela é Minha – livro 2 da série Os Lafaiete

Ele é Meu – livro 1 da série Os Lafaiete

Nossa História

Depois de Tudo, Você

PERIGOSAS

Recomeço

A Viúva

Emma

Cold Heart

Incontrolável

Pequenos contos:

Depois de Você, Tudo Mudou

A Despedida

NACIONAIS - ACHERON

Contatos

Fanpage: @autoralarasmithe

Facebook: lara.smithe.14

Site: www.larasmithe1.wix.com/meusite

Instagram: @autora_lara_smithe

Notes

[←1]

Tutano - substância gelatinosa, também conhecida como medula óssea, que se encontra no interior de vários ossos.